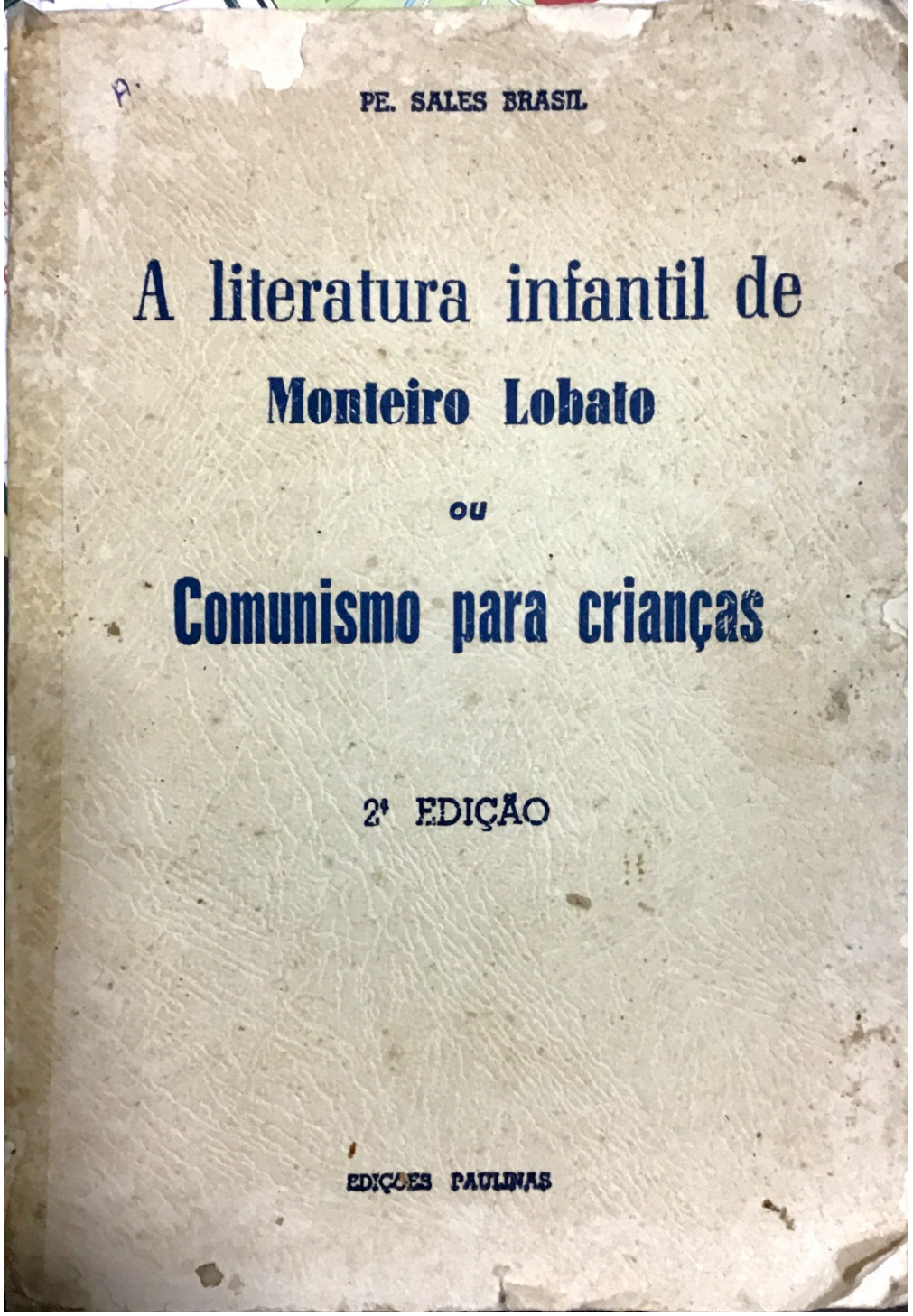

Scanned with CamScanner

PADRE SALES BRASIL

A LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO

OU

Comunismo para crianças

2ª Edição

EDIÇÕES PAULINAS

Scanned with CamScanner

NIHIL OBSTAT
Pe. FRANCISCO PINHEIRO, censor "ad hoc"
Bahia, 9 de Janeiro de 1957

IMPRIMATUR
Bahia, 10 de Janeiro de 1957
† ANTÔNIO, V. G.

Imprima-se e difunda-se
São Paulo, 4-9-1958
Pe. João Reatta P. S. S. P.

À celeste Rainha do Santo Rosário,
que no campo da paz é a TÔRRE DE MARFIM
e, no campo da batalha, a TÔRRE DE DAVI,
esta humilde defesa
do REINO DE DEUS.

Scanned with CamScanner

A estremecida memória de meu Pai e de Minha Mãe.

À memória do Padre Leonel Franca:

o LIDADOR brasileiro da Ciência e da Fé.

Às Famílias e Colégios católicos da Cidade do Salvador, particularmente à Associação de Pais de Família do Colégio das Mercês, que, com as ilustres figuras do Padre Walter Magalhães (na imprensa e no rádio), do Deputado Rubem Nogueira (na Assembléia Legislativa) e do Engenheiro Didier Neto (na presidência daquela Associação), fizeram vitoriosa propaganda das duas conferências ampliadas, agora, neste livro, — a tais e tantos amigos, imorredoura gratidão.

Gratidão, outrossim, à Imprensa e Emissoras locais, notadamente ao "Diário de Notícias" e ao "Estado da Bahia", pelas repetidas propagandas espontâneas e pela publicação da última conferência; à Rádio Cultura e Excelsior da Bahia. Por último, por ser a primeira, à "Semana Católica", intrèpidamente sustentada pela fé e talentos do Mons. Aníbal Matta e do Pe. Heitor Araújo.

Scanned with CamScanner

BÊNÇÃO DO PAPA PIO XII

" Vaticano, 29 de Setembro de 1958

Revmo. Senhor

Foi com a maior complacência que o Santo Padre recebeu a homenagem do livro " A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças ".

Sua Santidade agradece o preito de amor filial e faz votos para que o mesmo livro produza os melhores frutos espirituais.

Como testemunho da Sua benevolência, o Augusto Pontífice concede a V. Revma. a Bênção Apostólica implorada.

Com a maior consideração, sou

de V. Revia.
muito dedicado no Senhor,

(*Ass.*) *A. Dell'Acqua.*
(Secretário substituto do Estado do Vaticano).

Scanned with CamScanner

CARTA DA RÁDIO VATICANO

Cittá del Vaticano, 19 de Agôsto de 1958

Ilmo. e Revmo. Sr.
Pe. FRANCISCO DE SALES BRASIL

Laudetur Iesus Christus!

Recebemos há dias o exemplar do livro da autoria de V. R., "A Literatura Infantil de Monteiro Lobato" enviado como homenagem do Autor a direção da Rádio Vaticano. Juntamente com o livro recebemos vários folhetos que transcreviam numerosos testemunhos do Episcopado brasileiro e de outras personalidades de relêvo na vida católica do País, com referências elogiosas ao interessante trabalho de V. R.

Da nossa parte, agradecemos cordialmente a homenagem dêste livro com o qual o zêlo apostólico quis alertar a consciência dos pais e educadores católicos do Brasil contra a influência perniciosa que pode ter a mentalidade infantil os escritos do falecido escritor paulista. Oxalá em breve apareça no Brasil uma literatura infantil que saiba unir as qualidades literárias que tanto êxito deram aos livros de Monteiro Lobato, um fundo cristão e realmente edificante, construtivo!

O exemplar enviado por V. R. a Rádio Vaticano foi colocado na sala de consulta dos Redatores, como documento de real valor para quem deseja conhecer a obra de Monteiro Lobato, e, em geral, a literatura infantil no Brasil.

Fazendo votos de pleno êxito na atividade apostólica e literária de V. R., aproveito a ocasião para dizer-me,

de V. R., humilde servo in Domino,

(Ass.) Pe. José Carlos de Lima Vaz S. J.

Scanned with CamScanner

PREFÁCIO

DO MONS. ÁLVARO NEGROMONTE

Êste livro devia ter vindo há muitos anos, para evitar os imensos males que anda espalhando a Literatura Infantil de Lobato. Sempre tivemos, aqui e ali, pequenos estudos da obra demolidora de Lobato, desde que começaram a circular os seus livros. Fui um dos primeiros a combater essa influência perniciosa, na tribuna, na imprensa e no rádio. Em 1936, a Associação de Professôres Católicos de Diamantina, denunciando "os grandes males que poderiam advir, para a fé e a educação cristã das crianças, da leitura das últimas obras de Monteiro Lobato", pediu ao seu Arcebispo que as proibisse naquela arquidiocese. A resposta foi que os referidos livros já estavam proibidos pelo próprio Direito, segundo as normas do Cânon 1399 que condena "os livros que defendam heresia ou cisma ou de qualquer maneira procurem destruir os fundamentos da Religião". Passada a sensação do momento, o fato caiu no esquecimento fácil do povo.

Faltava uma análise total, minuciosa, aguda, da Literatura Infantil de Lobato. Ela demandava vagar, inteligência, coragem. Era preciso ler e penetrar tudo, aproximar expressões dispersas, enquadrar frases no contexto, conhecer as doutrinas do autor expressas em outros documentos, familiarizar-se com sua técnica, sentir suas reticências, viver seus personagens, interpretar suas fábulas, anotar seus erros, perceber seus subterfúgios. E ter a coragem de denunciar um escritor consagrado, expondo-se aos ataques dos interessados, às censuras dos admiradores, à leviandade dos que não o leram mas o apreciam, à ridicularia dos cronistas, e até à facilidade de homens de valor.

Esta análise tardou, mas veio. Mons. Sales Brasil basculhou a obra de Lobato em tôda a sua extensão, desceu-lhe às profundezas, percebeu-lhe todo o alcance; depois gritou sua denúncia para o Brasil inteiro.

Recolheu com isto as mais variadas reações: regozijaram-se os que, como eu, sentiam a necessidade dêsse trabalho, sem tempo para fazê-lo; espantaram-se os que só tinham enxergado em Lobato o encanto do estilo; revoltaram-se os que viram revelada uma arma secreta de tão pro-

Scanned with CamScanner

veitosos resultados; agradeceram os de boa vontade, o caridoso alerta do intrépido sacerdote.

Pais e educadores estão advertidos.

O livro é uma tese irrespondível.

De agora em diante, só se enganarão com a ideologia de Monteiro Lobato os que quiserem. Só o entregarão às crianças os que desejarem envenená-las. Só argumentarão com suas galas os que não forem capazes de perceber que quanto mais interessante tanto mais perigoso.

A experiência provou que não basta a condenação *ipso jure*, para que apelava em 1936 o Arcebispo de Diamantina. O livro do Mons. Sales Brasil deixa a solução à sabedoria pastoral do Episcopado brasileiro.

Ao laicato católico cabe, nesses problemas, uma posição da mais decisiva importância. Há alguns anos, uma editôra canadense recuou da reedição das obras completas de Balzac, em virtude do veto da Ação Católica, por se tratar de obra condenada pela Igreja.

É preciso despertarmos também nossos católicos de seu liberalismo e de sua displicência.

Grandes que sejam os cuidados de alimentar e vestir as crianças, maiores devem ser em não permitir que pereçam, envenenadas, suas almas.

Com seu livro, Mons. Sales Brasil estende a todo o país a ação que vem desenvolvendo em prol das crianças de Salvador, e se torna credor da gratidão nacional.

(Ass.) *Mons. Álvaro Negromonte*

Rio de Janeiro, setembro de 1957

TRAÇOS IDEOLÓGICOS DO GRANDE ARTISTA

> "*Em face da tentativa de apresentar como não perniciosas algumas tendências que realmente o são, e tratando-se de questões concernentes aos valores absolutos do homem e da sociedade, não podemos deixar que isto se oculte na névoa dos equívocos.*
>
> *A tal propósito, lamentamos, com profunda tristeza, o apôio dado por alguns católicos, eclesiásticos e leigos, à tática do escurecimento, para obterem um efeito por êles mesmos não desejado*" (Pio XII — Mensagem de Natal — 1956).

Escritor de maravilhosa e raríssima habilidade no emprêgo de reticências e de meias palavras; doutrinador, cujo verdadeiro pensamento se encontra muito mais no que não diz do que no que diz (1), liberta-se, algumas vêzes, Monteiro Lobato dêsse "mimetismo" *que tanto aconselha; desafronta-se da brasilidade com que se fantasia no palco brasileiro, para desafôgo de sua ideologia sufocada que, vez a vez, precisa resfolegar.*

No livro intitulado Zé Brasil, *por exemplo, depois de focalizar o problema realmente brasileiro do aproveitamento das terras em favor do homem desamparado, propõe-lhe a seguinte solução favorável à Rússia e inteiramente desfavorável à subsistência da brasilidade:*

(1) Referimo-nos ao seu pensamento **especificamente** comunista. As outras idéias ou doutrinas que, a tal respeito, são consideradas **genéricas** não requerem tanta prudência nem «mimetismo...»

Scanned with CamScanner

"— Apareceu um homem que pensa em você...

— Quem é êsse homem?

— Luís Carlos Prestes.

— Já ouvi falar nêle. Diz que é um tal comunista que quer desgraçar o mundo.

— Quer acabar com a injustiça do mundo...

— Mas por que então êsse homem é tão guerreado?

— Justamente por isso... Se êle tiver o apôio de vocês todos, quem poderá com êle? Vocês são a maioria. Vocês são os milhões... É que vocês *não sabem!* E o remédio é um só: procurar saber...

— Mas como a gente há de saber, se cada um diz uma coisa? Jornal eu não leio, mas o Chico Vira lê e outro dia me disse que os jornais andam falando horrores do comunismo.

— Os jornais dêles, isto é, dos que não são comunistas, "está claro que dizem horrores. Mas os jornais comunistas, ou do Prestes, êsses dizem as coisas de modo diferente. Em que vocês devem acreditar? No que dizem os Tatuíras e os jornais dos Tatuíras" (os tatuíras são os capitalistas e, de modo geral, os anti-comunistas), "ou no que dizem os homens que querem o bem de vocês, a felicidade de vocês, a segurança de vocês?

— Eu estava me parecendo que era assim, mas não tinha a certeza. Agora estou compreendendo muito bem quem é êsse Prestes. E que quem é contra Prestes e seus companheiros só prova uma coisa: que não quer mudança nenhuma no mundo...

Prestes! Prestes!... Por isso é que há tanta gente que morre por êle. Estou compreendendo agora. É o único homem que quer o nosso bem. O resto, eh! eh! eh! é tudo mais ou menos coronel Tatuíra" (pgs. 7, 21, 23, 24, 25 e 26).

* * *

Tudo isto, afinal de contas, não é mais nem menos do que a implantação das diretrizes que o ex-camarada José Stalin *divulgou para os comunistas do mundo inteiro:*

"Qual deve ser a política do Partido diante dêsse estado de coisas?", pergunta êle. E responde: "Deve ser a de pôr em guarda a classe operária e as massas exploradas do campo, elevar sua capacidade de luta e desenvolver sua agilidade de mobilização para a luta contra os elementos capitalistas da cidade e do campo, para a luta contra os inimigos de classe que oferecem resistência. A teoria marxista-leninista da luta de classe é boa, entre outras coisas, porque facilita a mobilização da classe operária contra os inimigos da ditadura do proletariado" (MOLODTSOV — *Materialismo Dialético,* pgs. 83 e 84).

Êles querem, portanto, "a ditadura do proletariado", não querem a paz do operário, porquanto " o paraíso*" prometido para depois da ditadura tem sido e será sempre uma desilusão.*

* * *

Pouco importa, para a demonstração de nossa tese, que Monteiro Lobato se houvesse fichado ou não no partido comunista. Pouco importa que houvesse aderido a tôdas as idéias de Carlos Marx, ou preferido, no campo econômico, as teorias do "Impôsto único", engendradas por Henry George *que, sendo socialista, era, tècnicamente falando, comunista. O socialismo agrário, em árvore porfiriana, é uma das espécies do comunismo.*

O próprio Lobato, aliás, confessa que

> *"o fim do georgismo é também o mesmo"* (do comunismo. — *Apud Edgard Cavalheiro* — Monteiro Lobato — Vida e Obra, 2º vol. — pg. 650).

Pouco importa que houvesse apresentado razões *por que não se filiou ao* partido *comunista:*

Scanned with CamScanner

"Assim que se entra num partido, diz êle, os manda-chuvas já começam a dar ordens, e logo sinto ganas de fazer exatamente tudo ao contrário do que ordenam" *(Idem, ibidem,* pg. 643).

Mas se o comunismo vencesse no Brasil, conforme o desejo de Lobato, não haveria manda-chuvas nem ordens, *e se os houvesse, o indomável escritor poderia "fazer exatamente* tudo ao contrário do que lhe houvesse sido ordenado"...

Mas não pertence ao nosso "estado da questão" defender *os paralogismos de Monteiro Lobato...*

O que afirmamos é que êle pregou, já disfarçada, já abertamente, o comunismo russo, como salvação para o povo brasileiro:

"Prestes não lutava por. Lutava contra. Contra quê? Contra a nossa ordem social tão conformada com o sistema do mundo dividido em flores e estêrco. E pelo fato de sonhar com a grande mudança foi condenado a trinta anos de prisão, como pelo fato de sonhar um sonho semelhante, Jesus foi condenado a morrer na tortura (1). Os acontecimentos do mundo vieram libertar o nosso homem-símbolo e ei-lo hoje na mais alta posição a que um homem pode erguer-se num País. Ei-lo na posição de fôrça de amanhã. Na posição do homem que fatalmente será elevado ao poder e lá agirá para que o regime de flores e estêrco se transforme em algo mais eqüitativo e humano" *(Idem, ibidem,* pgs. 642 e 643).

(1) Incrível comparação! Tôda a missão de Jesus foi exclusivamente religiosa: dar glória a Deus Pai, salvar os homens e levar-nos para o céu: «O meu reino não é dêste mundo». Mas para Lobato pouca importância têm as palavras e a vida de Jesus. O que importa é iludir os ignorantes: Carlos Prestes, cuja missão tem sido combater o reino do céu — para estabelecer o «paraíso na terra», Carlos Prestes tem sonhado «um sonho semelhante» ao do nosso Salvador!...
Classifiquem os leitores esta comparação, porque nós não a sabemos classificar.

As últimas palavras do livro Mr. Slang e o Brasil *são densas e igualmente insofismáveis:*

"Tomei um bonde e remergulhei-me na cidade dos monumentos e revoltosos, calculando de mim para mim onde iria erguer-se em anos futuros a estátua do Marechal Prestes".

O quadro da política e sociologia lobatianas do petróleo pode ser contemplado nessa miniatura — pincelada com mão de mestre:

"Anistia aos presos políticos. Prestes irá residir no México, e eu vou dar petróleo a essa infame terra. Precisamos de muito petróleo para fazer uma fogueira imensa e assar êsses tribunais de exceção" (Apud *Edgard Cavalheiro, obra citada,* pg. 481).

A chamada filosofia esquerdista não foi um simples episódio na vida de Monteiro Lobato. Constitui o cerne de todo o crescimento literário do disfarçado autor de Urupês. *Tão disfarçado, que, em* 1919, *como adiante veremos, Rui Barbosa preferiu não se responsabilizar pela interpretação da mente do "admirável artista":* "Não sei bem, senhores, se no tracejar dêste quadro, teve o autor só em mente debuxar o piraquara do Paraíba..."

Mas os anos volveram. As grandes guerras estouraram. E o autor de Urupês *precisava* salvar, *mais claramente, a Pátria, tornando-se autor de* Zé-Brasil, *oferecendo planos a Luís Carlos Prestes e dando entrevistas que transcreveremos no capítulo sôbre a* Negação da Independência da Pátria.

O autor de Urupês, *não se contentando com a imensa literatura perniciosa de sua autoria, precisava traduzir obras como a* História da Filosofia, *de Durand, onde a "Metafísica (que encontra tantos embaraços por não ser, como as outras formas da filosofia, uma ten-*

Scanned with CamScanner

tativa para coordenar o real à luz do ideal) é o estudo da "última realidade" de tôdas as coisas: natureza real e final da "matéria"... do "espírito"... e da correlação do "espírito" e da "matéria" nos processos da percepção e do conhecimento"... (pg. 20).

Um golpe de morte!...: "espírito" e "matéria", com aspas, na referência à linguagem metafísica, bem como "a última realidade" *de tôdas as coisas, o próprio Deus, vem coroado com a glorificação das mesmas aspas...*

O autor de Urupês *precisava também glorificar* o Filho *do mesmo Deus, traduzindo* O Nazareno, de Sholem Asch, escritor *que não podia deixar de ser preferido por quem escreveu êste elogio do mesmo Nazareno:*

> *"... homem tão sublimemente bom que até virou Deus" (História do Mundo para as crianças,* pg. 239).

Natural, portanto, a sua preocupação em predispor a criança para a leitura daquele e de outros romances:

> "Num romance de Flaubert, *Salambô,* há um terrível capítulo sôbre uma queima de crianças na cidade de Cartago... E há um ainda mais horrível no romance *O Nazareno* de Sholem Asch. Mas ainda é cedo para a leitura dêsses romances. Você tem que crescer e aparecer"... (*Ibidem,* pg. 47).

E quantos já apareceram!...

O autor de Urupês *precisava arrebanhar autores, mesmo entre os não comunistas, que todos, porém, facilitassem ou não dificultassem tanto o caminho da sua coleante filosofia de aremessos e botes inesperados.*

E fêz 82 *traduções, dentre as quais ainda destacamos* "A Sabedoria e o Destino" de Maeterlink; "O Anti-Cristo" e "O Crepúsculo dos Ídolos", de Frederico Nietzsche; "O Destino da Espécie Humana" e "História do Futuro", de Wells; e, *ainda,* "Os Grandes Pensadores", *também de* Durand, *obra tão* imparcial e justiceira, *que, nela, a arquitetura filosófica de Tomás de Aquino é considerada "uma frágil ponte de racionalismo (sic) sôbre os báratros interpostos entre o conhecimento e a Fé"* (pg. 27).

Ao passo que o cínico Voltaire *é o "grande Emancipador de Ferney". E "no dia em que nos esquecermos de honrá-lo, não seremos mais dignos da liberdade"* (pg. 34)!

Dito e feito...

* * *

Homem de uma erudição verdadeiramente espantosa, conhecedor profundo principalmente da filosofia materialista, não podia ser Monteiro Lobato um dêsses comunistas que apenas querem "pão e terra" e que, sem liberdade, vão repetindo o que lhes mandam repetir.

Não! Para Lobato só existe uma realidade: A MATÉRIA. Esta única realidade *precipita-o nas mesmas contradições de* Carlos Marx *que, filiando-se à teoria de* Feuerbach *e servindo-se da idéia para combater a idéia, só admite a existência da matéria.*

Esta se vem desenvolvendo no "TEMPO INFINITO". É a expressão que lemos em O Poço do Visconde (pg. 8).

Expressão que, examinando-se bem a filosofia lobatiana da Natureza e do Homem, coincide com o pensamento de Engels:

"A Natureza é a prova da dialética. *Uma exata representação do Universo, da sua evolução, do desenvolvimento da humanidade e do reflexo dessa evolução no pensamento humano, só se pode obter com o método dialético"* (Socialismo: utópico e cientifico — N. Y., 1935, pg. 48 — *Apud* Charles J. Mc. Fadden — La Filosofia del Comunismo, pg. 32).

Scanned with CamScanner

• • •

Para Lobato, é lógico, "não existe Criador — com C maiúsculo".

A alma humana não é espiritual.

Cristo não é Deus, porque Deus não existe.

Desígnio, ou Providência,

"é coisa que cai no *Incognoscível* de Spencer".

A Igreja, com êste Incognoscível, é um

"tremendo negócio de terrenos a prestações".

Pátria livre, classes sociais, direito cristão à propriedade particular, civilização cristã, enfim — tudo o que constitui o acervo da sociologia brasileira deve ser destruído, por meio da luta de classes, ou para nos servirmos das mesmas expressões do incensado "nacionalista", por meio da "experiência soviética, feita a princípio com dor, mas finalmente com sucesso pleno" (Apud *Edgard Cavalheiro, obra citada,* pg. 644).

• • •

Dizem alguns dos seus mais entusiasmados defensores e pouquíssimos não defensores, que êle nunca foi comunista — sempre foi marxista!

Mas isto agrava, ainda mais, a enfermidade da própria objeção. O comunista pode não ser marxista, ou instruído, como o católico pode não ser filósofo, nem teólogo, nem mesmo conhecedor do Catecismo. Ao passo que o marxista é o comunista do pensamento, o homem de filosofia, embora contraditório, porque materialista da... idéia.

Lobato nunca foi comunista — sempre foi marxista! De modo que a Academia de Ciências da U. R. S. S., publicando teses sôbre o materialismo dialético e aplicando-o à revolução comunista, "natural desenvolvimento do marxismo", é menos autorizada que os seus discípulos e "simpatizantes", não tendo nenhuma significação, portanto, a homenagem que a mesma Academia prestou, na Capital comunista, mediante o Departamento de Literatura Mundial do Instituto Gork, *ao mesmíssimo escritor brasileiro que se caracteriza pela "brasilidade"...* (1).

• • •

E há também os defensores do vice-versa... ao contrário: *Lobato nunca foi marxista — sempre foi comunista.*

Como se o Programa oficial da Internacional Comunista *não declarasse abertamente — e aí com tôda a razão:*

"A Internacional Comunista, *em sua tarefa* teórica e prática, *se mantém,* absolutamente e sem reservas, *sôbre a base do* Marxismo Revolucionário *e do ulterior desenvolvimento dêste, o Leninismo, que não é senão Marxismo em sua fase imperialista e revolucionária do proletariado. Defendendo e propagando o* Materialismo Dialético de Marx e Engels *e empregando-o como método revolucionário para conhecer a realidade, a Internacional Comunista declara uma guerra ativa a tôdas as formas de filosofia burguesa"* (Apud Charles J. Mc. Fadden, *obra citada,* pg. XXIX).

Lobato nunca foi marxista — sempre foi comunista! Nunca foi comunista — sempre foi marxista!

Como se o MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA não fôsse composto e prefaciado, em 1872, por Carlos Marx *e* Frederico Engels, *havendo êste, no último prefácio, recriminando aos capitalistas e proprietários, lamentado que aquêle* "não pudesse ver, com os seus olhos", *a vitória do comunismo, no congresso de 1889, realizado em Paris.*

Mas Lobato nunca foi marxista — sempre foi comunista! Nem nunca foi comunista — sempre foi marxista!

(1) Vide o clichê que antecede ao 9º capítulo de nossa tese: **Negação da Independência da Pátria.**

Scanned with CamScanner

De modo que qualquer semelhança encontrada no opúsculo Zé Brasil, *em cartas a Luís Carlos Prestres e no conjunto de tôda a sua literatura, não se excetuando a infantil,* qualquer semelhança é mera coincidência...

* * *

Alega-se ainda, como uma das provas arrazadoras *de que o genial escritor nunca foi nem uma coisa nem outra (quando, na realidade, êle nunca foi outra coisa nenhuma), alega-se que o anti-comunista* Rui Barbosa *não regateou elogios ao "admirável artista" de* Urupês.

Mas como foram êstes elogios? Com a seguinte nota de prudência e precaução:

"Não sei bem, senhores, se no tracejar dêste quadro, teve o autor só em mente" (só em mente) *"debuxar o piraquara do Paraíba e a degenerescência inata da sua raça. Mas a impressão do leitor" (impressão não é o mesmo que estudo crítico. Rui confessa que não sabe bem qual a mente do autor) "é que, neste símbolo de preguiça e fatalismo, de sonolência e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviência e hebetamento, o gênio do artista, refletindo alguma coisa do seu meio" (o grande patriota, portanto, reconhece que foi refletida sòmente "alguma coisa"...), "nos pincelou, consciente ou insconscientemente" (outra alternativa de precaução), "a síntese da concepção, que tem", (não disse da concepção que temos) "da nossa nacionalidade pelos homens que a exploram"* (Revista do Brasil, *Vol. X, Abril de 1919).*

Foi muito prudente Rui Barbosa em dizer que não sabia bem se teve o autor só em mente debuxar o piraquara do Paraíba. Estivesse êle vivo, agora, para conhecer a mente do autor de Zé Brasil *e da longa série principalmente dos livros infantis, e o exprobaria com tôda aquela sua indignação de defensor da Pátria:*

"Uma comoção tal, por mais horrenda que haja sido a guerra, vem a ser ainda cem vêzes mais sinistra. Porque (o comunismo) não é a fraternidade: é a inversão do ódio entre as classes. Não é a reconciliação dos homens: é a sua exterminação mútua. Não arvora a bandeira do Evangelho: bane a Deus da alma e das reinvidicações do povo. Não dá tréguas à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extiguiria a religião. Desumanaria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador" (*Ibidem,* vol. X, Março de 1919).

* * *

Como se vê, nenhuma dessas objeções tem valor nem consistência.

A própria razão por que Lobato não se considerava comunista "de adesão perfeita" (anotemos: de adesão perfeita) *foi por êle mesmo inutilizada:*

> "É que sou georgista. Convenci-me de tal forma da verdade das teorias econômicas de Henry George, que por mais que me esforce não consigo substituí-las pelas de Karl Marx" (*Apud* Edgard Cavalheiro, *obra citada,* pg. 647).

Mas escrevendo a Luís Carlos Prestes, propõe-lhe essas teorias como

> "indispensável ponte de transição para futuros avanços ideológicos como os sonham os comunistas" (*Ibidem,* pg. 672).

Se houve sinceridade nessa proposta de Lobato, para consigo mesmo ou para com Luís Carlos Prestes, o seu georgismo foi apenas uma estratégia. Êle o disse: uma "indispensável ponte de transição"...

Scanned with CamScanner

Tanto que o chefe do comunismo — "estrategista" de igual valor — não desanima o seu correligionário: responde-lhe que se houver no govêrno de São Paulo "a implantação das idéias de Henry George, tanto melhor, porque será satisfeito o seu apêlo (de Lobato — *Ibidem*, pg. 736).

Neste caso, o lógico defensor do americano foi comunista "de adesão perfeita", *ao menos no que se refere aos* "futuros avanços"...

Futuros e passados, pois quando lhe observavam, segundo o testemunho de Edgard Cavalheiro, "que a experiência russa custara horrores de sangue, ponderava que apesar de tudo não havia País que"

> "vagamente não quisesse experimentar em sua carne a experiência soviética, feita a princípio com dor, mas finalmente com sucesso pleno" (*Ibidem*, pg. 644).

Sucesso pleno, sem "adesão perfeita", ou plena?
Então Lobato não queria, plenamente, a felicidade do Brasil...

* * *

Entretanto, para esgotamento dessas primeiras objeções, vamos admitir as HIPÓTESES: — Lobato nunca foi comunista — sempre foi marxista; nunca foi marxista — sempre foi comunista; nunca foi nem uma coisa nem outra — sempre foi georgista. Podem descobrir até que êle nunca foi georgista, mas autor de uma literatura apenas literária e pedagógica...

E acaso seria isto boa razão para que a Família e a Escola brasileiras o tomassem por mestre, a êle, que nega tudo quanto afirma o Divino Mestre?

Ou não merecemos o nome de cristãos?!

A LITERATURA INFANTIL

> *"A liberdade de pensar e de publicar os próprios pensamentos, subtraída a tôda regra, não é, em si, uma coisa com que a sociedade possa congratular-se; antes, muito ao contrário, tem sido a fonte e origem de grandes males... Não é permitido trazer a lume e expor aos olhos dos homens o que é contrário à virtude e à verdade, e muito menos ainda colocar essa licença sob a tutela e proteção das leis"* (Leão XIII — Encíclica Immortale Dei — 1-11-1885).

* * *

> *"Um terceiro auxiliar poderoso" (os dois primeiros foram o liberalismo e a propaganda) "para difusão do comunismo é essa verdadeira conjuração do silêncio... Êste silêncio é devido, em grande parte, a razões de uma política pouco previdente"...*
> (Pio XI — Encíclica Divini Redemptoris — 19-3-1937).

Para quem não leu, entretanto, (como Rui Barbosa — que fêz o elogio de *Urupês* em 1919; antes, portanto, de aparecerem outros livros lobatinos que lhe permitissem não apenas uma "impressão", mas o conhecimento crítico baseado na multifária convergência das provas), ou melhor, para quem, posteriormente, não entendeu o conjunto das obras de Monteiro Lobato, êsse rumo comunista, cheio de arcos de triunfo, que êle propõe aos adultos brasileiros, não se encontra assinalado, com letreiro muito legível, nos mimosos vergéis de sua literatura para crianças.

Scanned with CamScanner

Mas é só abrir os olhos. Em todos e em cada um dos seus bem calculados e numerosos livros da série infantil, desenvolve o sutilíssimo escritor, numa dosagem psicológica verdadeiramente assombrosa, todo o programa teórico e prático da revolução comunista, desde a negação da existência de Deus, até os mínimos detalhes do convívio doméstico e social.

Profundo conhecedor da psicologia infantil, ora se contenta com distrair a criança dos naturais afetos para com Deus, ora se aplica, muito jeitosamente, às falsas demonstrações de materialismo dogmático e dialético, segundo esteja a criança na idade dos simples afetos, ou já na idade dos *porquês* (1).

Senão vejamos: — O programa comunista, no mundo inteiro, pode resumir-se nas seguintes negações que Monteiro Lobato esmiúça para os meninos:

NEGAÇÃO DE UMA CAUSA SUPERIOR À MATÉRIA, QUE, A ESTA, LHE TIVESSE DADO ORIGEM. PORTANTO:

• • •

NEGAÇÃO DA DIVINDADE DE CRISTO E DA EXISTÊNCIA DE DEUS.

• • •

NEGAÇÃO DA SUPERIORIDADE DO CRISTIANISMO; OU MELHOR, AFIRMAÇÃO EXPLÍCITA DA SUPERIORIDADE DO PAGANISMO EM FACE DA RELIGIÃO CRISTÃ; E MAIS AINDA, EXPLICAÇÃO (...) DA INFERIORIDADE DA RELIGIÃO CATÓLICA, RELATIVAMENTE AOS RAMOS QUE TRAZEM MENOS SEIVA DE CRISTIANISMO, ETC....

(1) Uma das provas de que Lobato soube **dosar** êsses livros de acôrdo com a idade dos seus pequenos leitores, é aquela ponderação que lemos à página 3 da **História do mundo para as crianças:** — «Dona Benta disse consigo: «Bela idéia! A história do mundo é um verdadeiro romance que pode muito bem ser contado às crianças. Meninos assim da idade de Pedrinho e Narizinho estou certa de que hão de gostar e aproveitar muito».

Ora se...

• • •

NEGAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE DA ALMA E DA EXISTÊNCIA DE OUTROS ESPÍRITOS.

• • •

NEGAÇÃO DA VERDADE LÓGICA, ONTOLÓGICA E DA CERTEZA ABSOLUTA; NEGAÇÃO DA IMORALIDADE DA MENTIRA E DA FÔRÇA DO DIREITO.

• • •

NEGAÇÃO DO VÍNCULO MATRIMONIAL INDISSOLÚVEL.

• • •

NEGAÇÃO DA MORALIDADE DO PUDOR E NEGAÇÃO DO IMPUDOR DAS OBSCENIDADES.

• • •

NEGAÇÃO DA HIERARQUIA SOCIAL.

• • •

NEGAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA PÁTRIA.

• • •

NEGAÇÃO DO DIREITO À PROPRIEDADE PARTICULAR.

Scanned with CamScanner

* * *

NEGAÇÃO DA CULTURA CLÁSSICA, OU INSPIRADA NO CRISTIANISMO; NEGAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ.

* * *

NEGAÇÃO DO RESPEITO DEVIDO AOS PAIS, SUPERIORES E PESSOAS IDOSAS; NEGAÇÃO DA POLIDEZ E BOAS MANEIRAS.

Tudo isto na literatura infantil? Sim, senhores, tudo isto na literatura infantil! É o que vamos provar.

MÉTODO A SEGUIR

A natureza de nossa tese requer o emprêgo de raciocínios em que o "argumento de autoridade" *é mais importante que o testemunho pessoal.*

Nas teses de Filologia, Direito ou Dogma, por exemplo, muito mais do que a palavra do autor vale a apresentação do que dizem os autores.

Para nos servirmos de um exemplo mais concreto: a Réplica *de Rui Barbosa. A partir da* "Análise das Críticas", *quem fala principalmente não é Rui, mas Vieira, Bernardes, Herculano e outras autoridades da língua portuguêsa.*

Não há fugir à lição dos grandes mestres.

Será, então, o próprio Lobato, autoridade no dogma *das negações materialistas e autor dos livros em que afirmamos haver essas negações, quem há de encher o maior espaço de nossa tese.*

Anote-se, igualmente, que o que vamos citar ainda não é tudo. Será apenas o necessário para se garantir a "prova de contexto". Afinal, não temos o direito de reimprimir as "Obras completas" de tão completo negador.

Scanned with CamScanner

CAPÍTULO I

NEGAÇÃO DE UMA CAUSA SUPERIOR À MATÉRIA

"É realmente triste ver os bons negligenciar armas que, manejadas pelos inimigos com encanto enganador, preparam a ruína deplorável da fé e dos costumes. É mister, pois, que os estilos se agucem, que a verve literária se desdobre, a fim de que a mentira ceda lugar à verdade e que a voz da reta razão e da justiça conquiste, pouco a pouco, espíritos desprevenidos". (Leão XIII — Carta Apostólica aos Bispos do Brasil — 18 - 9 - 1899).

Entre as teorias que se defrontam mais irreconciliáveis, na arena sensacional da questão sôbre o Universo, as que mais atraíram a atenção dos pensadores modernos foram as seguintes:

O criacionismo que, por ser eterno, será sempre considerado moderno — vencedor inexausto e invencível, segundo o qual tôdas as coisas são produzidas e conservadas por Deus. Esta é a teoria universalmente admitida pelos povos e constitui a marca principal da verdadeira brasilidade.

O idealismo absoluto que, embora não admita o princípio metafísico de causalidade nem, portanto, a existência de um Deus Criador, admite a existência da idéia, pôsto que negando a objetividade da matéria e resvalando, assim, nos absurdos do ceticismo universal.

Scanned with CamScanner

E o materialismo de Marx, no campo social chamado dialético e histórico, mas já sentenciado pela História; no campo da Filosofia da Natureza, também chamado dogmático, — o qual se opõe, frontalmente, não só às teorias que defendem a existência de um Deus Criador, mas ainda a qualquer filosofia que admita outra realidade que não a matéria.

Entre parêntesis: Um dos naturalistas prediletos dêsse materialismo dialético é o cientificamente malbaratado *Roberto Darwin*, cuja leitura Monteiro Lobato aconselha a Narizinho, com as seguintes palavras textuais:

> " — diante do que sabe um verdadeiro sábio, como aquêle *Darwin* da *Viagem ao redor do mundo*, que eu quero que vocês leiam, minha ciência é igual a zero *(Aventuras de Hans Staden*, pág. 29).

Coincidência... *Carlos Marx* tinha feito a mesma recomendação: — " O volume de *Darwin* é muito importante... E não sòmente um golpe mortal que aqui se descarrega, pela primeira vez, contra a " teologia " nas Ciências Naturais; é também o que explica, empiricamente, o sentido racional destas Ciências ". *(Carta a Lassale*, Correspondência selecta —London 1934, pág. 125 — *Apud Mc. Fadden*, obra citada, pág 66).

Vejamos, agora, o que diz a ciência lobatiana — que, a respeito da formação do mundo, é mesmo " igual a zero ".

No livro *História do mundo para crianças*, Dona Benta *catequiza*, minuciosamente, a Pedrinho e Narizinho:

> " Tudo veio vindo lentamente, passo a passo, uma coisa saindo da outra, através de milhões de milhões de anos, compreenderam? Resuma lá o que eu disse, Pedrinho.
>
> Pedrinho pensou um momento e, tirando do bôlso o lápis, escreveu numa fôlha de papel o seguinte:

ESTRÊLA — SOL
SOL — ESPIRRO DO SOL
ESPIRRO DO SOL — TERRA

TERRA — VAPOR
VAPOR — CHUVARADA
CHUVARADA — OCEANOS

> — Muito bem! exclamou Dona Benta correndo os olhos pelo papel. Está certo. E depois?
>
> Pedrinho pensou de novo e escreveu:

OCEANOS — PLANTAS
PLANTAS — GELÉIAS
GELÉIAS — INSETOS
INSETOS — PEIXES
PEIXES — SAPARIA
SAPARIA — RÉPTEIS

> — Até aí está direito, disse Dona Benta. Vamos ver para diante. Como foi a coisa depois dos répteis?
>
> Pedrinho olhou um instante para o fôrro, com a ponta do lápis na língua; em seguida escreveu:

RÉPTEIS — PÁSSAROS
PÁSSAROS — MAMÍFEROS
MAMÍFEROS — MACACOS
MACACOS — GENTE COMO NÓS

> — Muito bem! repetiu Dona Benta. Está certo. Sabemos o que veio vindo desde o começo do mundo até nós. Mas quem poderá prever o que virá depois de nós?

Scanned with CamScanner

— Eu prevejo! gritou Emília lá do seu cantinho. Depois dos homens virão as bonecas. Eu já sou uma amostra do que está para vir...

— Será a verdade, vovó? perguntou Narizinho impressionada com a idéia (págs. 8 e 9).

• • •

Anotemos que Emília é uma "ex-boneca," isto é, um símbolo do homem evoluído.

É o próprio Lobato quem o diz:

"E Emília foi evoluindo; passou de muda boneca de pano a "gentinha" ultra-falante e destabocada" *(Urupês,* pág. 29 — "Notas biográficas e críticas").

"Gentinha", entre aspas...

Esta evolução, no conjunto da obra de Monteiro Lobato, pode significar tanto a simples evolução mental dentro da atual espécie, quanto a hipótese de uma transformação do homem noutra espécie, ou do seu desaparecimento com a vitória do "mais forte".

Por isso Dona Benta responde à pergunta de Narizinho, ocasionada pela resposta da Emília:

"— Como saber, meus filhos? Emília acaba de apresentar uma *hipótese,* aliás muito interessante. Mas não percamos tempo com isto. Continuemos" *(História do mundo para as crianças,* pág. 9).

Esta *hipótese* é insofismàvelmente explicada na *História das invenções:*

"Assim como no animal homem surgiu essa inteligência que lhe deu domínio da terra, pode surgir outra forma de inteligência, mais apurada, em outro qualquer sêr, numa planta, num peixe, numa formiga, num micróbio — e o homem terá de entregar o cetro de Rei dos Animais, desaparecendo da superfície da terra como tantos outros reis já desapareceram" (pgs. 213 e 214).

Mas o melhor de tudo, ainda não são essas afirmações. É o tom *científico* da prova e probabilidade que, respectivamente, se lhes ajuntam:

"...os antepassados dos lagartos e das cobras que existem hoje, ocuparam tais extensões da Terra (como sabemos pelos fósseis encontrados) que com certeza foram os reis da criação em seu tempo" (*Ibidem*).

Quem havia de dizer que o autor de *A Chave do Tamanho,* por meio da qual todos os homens ficaram pequeninos, pudesse apresentar como documento da realeza dos animais, logo que: o tamanho! Êsse tamanho que é a grande ironia de seus livros infantis!

Que documento!

• • •

Como todo materialista, sempre cioso de que é portador da filosofia mais adiantada e evoluída, espécie de Emília ou ex-boneca, diante da *FILOSOFIA PERENE,* não se apercebe Monteiro Lobato de que, nesta ou naquela página, neste ou naquele livro, incorre em contradições *generosíssimas*:

"Quem estuda os filósofos gregos encontra-se com tôdas as idéias modernas, ainda as que parecem mais adiantadas" (*O Minotauro,* pg. 14).

Scanned with CamScanner

Ainda bem que é êle mesmo quem o diz, provàvelmente distraído de que se desdiz.

Mas isto não é da nossa conta. Da nossa conta é que não devemos ter a ingenuidade de acreditar que Monteiro Lobato está ensinando aos meninos brasileiros o transformismo mitigado, que até os cientistas católicos admitem, há muito tempo. Não! O que êle está ensinando é o materialismo, com tôdas as letras e mais algumas.

• • •

Edgard Cavalheiro, autor ilustre da alegada biografia de Monteiro Lobato, transcreve as seguintes palavras do *tolerante* materialista (que não tolera a intolerância religiosa): (1)

> "Se nada se cria, não houve criação, o Universo sempre existiu. E se não houve criação, não houve Criador com C maiúsculo — puro antropomorfismo. É como penso, e pois tenho mêdo de ler a Backer e ficar na mesma por não poder apoiar-me no que ela se apóia: O Criador. Para mim o único caso de criação que conheço é a que o homem está fazendo de Deus. O homem está há milênios criando a figura ideal de Deus, à sua imagem e semelhança... A teologia preocupou demais os homens e comeu-lhes uma tremenda quantidade de tempo, que se fôsse empregado em outras coisas talvez desse mais resultado" (pgs. 494 e 495).

Êste êrro de Lobato é qualquer coisa de incompreensível... e deve ser refutado com argumentos *a priori* e *a posteriori.*

(1) — Julgamos de muita importância mostrar como na sua obra infantil Monteiro Lobato não se desmente dos livros que escreveu para os adultos. Esta é a razão porque, algumas vêzes, pouquíssimas, aliás, recorremos a testemunhos do autor e do seu principal biógrafo, quando tratam das mesmas negações contidas em outros livros lobatianos que não os infantis. — Além disso, temos que atender ao conselho de certos defensores da obra de Lobato, que, contra a nossa tese, objetaram que não é com um ou outro texto que se faz a crítica **honesta** de um autor. E êles têm tôda a razão...

A priori, não devia ser alegado o nome de Lavoisier (Edgard Cavalheiro afirma que o escritor se refere a Lavoisier — e parece que tem razão, pela forma de silogismo conexo em que se apresenta o argumento). Lavoisier, sendo católico e sábio, sabia que o Universo teve um Criador, com C maiúsculo.

E *a posteriori,* sabemos que a lei do grande químico francês, aperfeiçoada modernamente pelas leis da *entropia,* longe de negar a existência do Criador, supõe que o Universo foi criado.

• • •

Em dose para crianças, Lobato incorre no mesmo êrro, à página 78 dos *Serões de Dona Benta*:

> "— A balança prova que Lavoisier tem razão no seu "nada se cria e nada se destrói" — porque na realidade tudo apenas se transforma".

Esta proposição, em si mesma, está certa. O seu êrro consiste no prender-se a uma lição anterior de transformismo darwinista e spenceriano — que nada tem a ver com o "*tudo se transforma*" da Lei de Lavoisier.

Lei que não afirma senão esta verdade: que o pêso total dos corpos não aumenta nem diminue, quer se lhes faça, quìmicamente, a análise, quer a síntese. *Nada se cria.* Isto significa: o pêso dos corpos não aumenta com a síntese das reações químicas. *Nada se perde*: êste pêso não diminue com a análise das mesmas reações.

Lavoisier, admitindo, como admitia, o princípio metafísico de causalidade, não pôs na balança do seu laboratório químico, mas do laboratório de sua filosofia, a questão de se o Universo foi ou não criado por Deus.

Acresce que a lei do químico francês está aperfeiçoada pela termodinâmica moderna, e a favor da criação do mundo. Segundo esta lei, o que se conserva inalterável é a *quantidade* de energia, e

Scanned with CamScanner

não a *qualidade*. Esta vai sofrendo continuada degradação. De tal modo, que as atividades cósmicas não poderiam voltar ao ponto de partida, com a mesma potencialidade com que vieram impulsionando a máquina do Universo. Esta é a lei da entropia.

Acaloram-se os defensores do perpétuo evolucionismo, dizendo que "a energia mecânica se transforma em calor". Mas esfriam no argumento do calor que, parcialmente, não se transforma em energia mecânica. Se não se transforma, e se êste calor tende a distribuir-se pelos corpos, tempo chegará em que as *"estrêlas, o sol e o espirro do sol"* — de que fala Monteiro Lobato, serão incapazes de qualquer evolução, pelo esgotamento qualitativo da energia. Ora, se a evolução do Universo tende a um fim, aí temos a prova de que teve um comêço. A prova de que é contingente. E se o mesmo Universo começou e é contingente, aí temos a prova de que existe um ser necessário — o CRIADOR.

• • •

Mas para sustentar a sua tese materialista, Monteiro Lobato tem o recurso do "faz-de-conta", que é a grande maravilha de seus livros infantis.

Vamos ao livro das *Fábulas*:

> "— O meio da gente se sair de uma dificuldade é sempre êsse — lutar, lutar..., disse Narizinho.
>
> — Eu sei de outro melhor, disse Emília. Dez vêzes melhor...
>
> A menina admirou-se.
>
> — Qual é, Emília?
>
> — É quando todos estão desesperados e tontos, sem saber o que fazer, voltarem-se para mim e: "Emília, acuda!" e eu vou e aplico o faz-de-conta e resolvo o problema. Aqui nesta casa ninguém luta para resolver as dificuldades; todos apelam para mim...
>
> — E você manda o visconde. Sem o visconde e o faz-de-conta ela não se arranja.
>
> — Mas o caso é que os problemas se resolvem. É ou não?
>
> Narizinho teve que concordar com ela" (pg. 95).

E Lobato "fêz de conta" que ignorava o pensamento de Lavoisier e a lei da entropia, só porque *os habitantes* do sítio de Dona Benta *estão* "desesperados e tontos" com a demonstração científica da existência do Criador!

• • •

Useiro e vezeiro nos paralogismos e contradições, o mesmo Lobato silogiza com os meninos:

> "Inércia é a propriedade que tem a matéria de fazer corpo mole, de só andar quando a empurram, de não se mexer, quando nada mexe com ela" (*Serões de Dona Benta*, pg. 79).

Está aí, aplicado à matéria, o princípio aristotélico de movimento e causalidade, pelo mesmo homem que admite o movimento do Universo, prescindindo de uma causa primeira e de um motor imóvel!

É a êsse tipo de argumentos "que se escondem por detrás da ciência positiva", que Maritain, muito acertadamente, chama *"hipocrisia metafísica (Le Docteur Angélique,* pg. 104).

Scanned with CamScanner

• • •

Ainda nos *Serões de Dona Benta,* Narizinho " adiantou ", como acentua Lobato:

— MATÉRIA É TUDO QUE EXISTE (pg. 65).

E a vovó, já auxiliada por Pedrinho, deu explicações também materialistas:

" — Talvez você tenha razão, minha filha, mas por enquanto a ciência o que diz é que matéria é o que ocupa lugar no espaço e tem pêso... Vocês, por exemplo, os ovos, a flor, aquêle gato morto que vimos ontem na estrada — tudo isso é matéria orgânica, e essa matéria orgânica é sempre composta de carbono, oxigênio e hidrogênio, com mistura de outras substâncias em menores proporções...

— Mas a matéria orgânica é feita da matéria inorgânica, porque o carbono, o oxigênio e o hidrogênio, que são as bases da matéria como a senhora disse, pertencem ao grupo das coisas inorgânicas.

— Perfeitamente, respondeu Dona Benta " (pgs. 65 e 66).

Mais adiante, às páginas 76 e 77 do mesmo livro, encontramos o seguinte diálogo:

" — Mas dêsse modo a química vai acabar resolvendo todos os problemas da vida, disse Pedrinho. Logo que os sábios conheçam perfeitamente o jôgo das moléculas dos tais corpos simples, são bem capazes de fazer tudo quanto queiram.

— Até gente, gritou Emília, porque nós no fundo, que somos? Uma combinação de oxigênio, hidrogênio, carbono, etc... Ora, é só conhecer a receita da combinação dêsses elementos e pronto! Temos gente fabricada em casa, ou nos tais laboratórios, sob medida, assim e assim, igualzinha com a encomenda...

— " Pode ser, Emília, disse Dona Benta. Mas até aqui a química sintética só tem feito coisas mortas. Não me consta que haja produzido vida sintética.

— Isto agora, neste século de cabecinhas muito pequenas. Estou falando dos tempos futuros — do tempo dos cabeçudos "...

• • •

Onde está, nessa filosofia, a intervenção do poder de Deus? Puro materialismo, como o entenderam Carlos Marx, Engels, Lenin e Stalin, tão rigorosamente interpretados na seguinte passagem do comunista *Tchertkov:* — " Ao afirmar que o mundo foi criado por uma fôrça superior, a concepção religiosa do universo não vê a ligação que realmente existe entre os diversos fenômenos da natureza, que se condicionam mùtuamente e dão origem um ao outro " *(Materialismo Dialético,* pg. 14).

Interessante: Monteiro Lobato, como vimos, emprega expressões semelhantes:

" uma coisa saindo da outra ".

Idéia que também se evidencia na própria disposição tipográfica que, fielmente, copiamos (vide *supra:* pg. 35).

E quando se refere ao Deus Criador, é redicularizando a essência da criação:

" — Deus deu vida ao primeiro homem fazendo um boneco de barro e assoprando. Por que não experimenta o assôpro, Pedrinho?...

Scanned with CamScanner

— Boa idéia! exclamou Emília... Também acho que se você assoprar o João Fazdeconta, bem assoprado, êle vive, bem vivinho" (*Reinações de Narizinho*, pg. 201).

O autor desta ironia, que só enxerga "antropomorfismo" na existência do Criador, cita palavras de um livro como o Gênesis, não enxergando nelas a mínima sombra de linguagem antropomórfica!

Exegeta de Lavoisier, não poderia êle quebrar a linha de seriedade científica — interpretando textos de Moisés...

• • •

Poderíamos confirmar, ainda, esta demonstração de nossa tese, com a doutrina de alguns dos seus colaboradores ou discípulos mais entusiasmados.

Jorge Rizzini, por exemplo, no livro *História de Monteiro Lobato (para a infância e juventude)*, imita perfeitamente as insídias ideológicas do mestre, pôsto que sem lograr o mesmo encanto e flexibilidade literária. À pág. 16 desta obra cansativa, lemos o seguinte:

"E como continuassem as crianças a falar mal do tempo, a negra disse...:

— Deus nada tem a ver com a chuva. Chove porque chove, essa é boa!

— Se a culpa não é de Deus, então é de S. Pedro! buliu Julita, piscando o ôlho! (anote-se: *buliu — piscando o ôlho...)* "para Carlito".

E agora, ridicularizando:

"Alguém é responsável pela chuva. É isso mesmo. A culpa é de S. Pedro. É, é e é!"

• • •

É! Esta é a filosofia materialista de Monteiro Lobato, destilada em tantos corações de jovens e crianças, profusamente espalhada em todos os seus livros infantis — que não formam apenas um amontoado de idéias ou histórias sem conseqüência, mas um verdadeiro sistema de formação marxista-leninista.

É do próprio Lobato, aliás, a seguinte decisão a respeito de tais livros:

"Na essência é uma história só em muitos episódios" (*Urupês — "Notas biográficas e críticas"*, pg. 29).

De pleno acôrdo!

E os seus livros estão aí para quem quiser lê-los, podendo nós, agora, demonstrada que foi a primeira parte de nossa tese, passar à segunda parte que, por ser um corolário da primeira, não vai figurar como demonstração, mas como simples ilustração.

Scanned with CamScanner

CAPÍTULO II

NEGAÇÃO DA DIVINDADE DE CRISTO E DA EXISTÊNCIA DE DEUS

> "*A quem escandalizar a algum dêsses meninos que crêem em mim, fôra melhor pendurar-lhe no pescoço uma pedra de moinho e submergi-lo no fundo do mar*" (Palavras de Cristo — Evangelho de São Mateus, cap. 23, v 14).

Com o simples verbo *virar,* Monteiro Lobato virou o sentido teológico da crença católica — e tão entranhadamente brasileira! — na divindade de Cristo.

Em *História do mundo para as crianças,* depois de uma longa descompostura nos conquistadores espanhóis que plantaram na América do Sul a Religião Católica, desfaz-se em louvores a Jesus Cristo, "*o meigo*", é êle quem o diz, "*e infinitamente bom Jesus*". (Raro é o inimigo da Religião que não atribui a Nosso Senhor essa "*meiguice*", não faltando comunistas, entre os quais o mesmo Lobato, que afirmem ter sido Jesus, comunista, sendo, talvez, por isto ser o próprio comunismo tão meigo... Podíamos tomar como exemplo desta meiguice a seguinte frase ainda de Lobato:

> "— Falta uma peninha que dê com pedras do tamanho do Corcovado" (onde *assenta*... a imagem do

Scanned with CamScanner

doce Rabi da Galiléia...) "no focinho do Leão da injustiça"... (*Fábulas*, pg. 93).

Quem será êste Leão da injustiça?

Perguntamos sòmente por perguntar...

Mas voltemos à sua descrição dos espanhóis e da divindade de Cristo:

> "Foram infames até nisso, de esconderem a insaciável cobiça sob o nome do homem tão sublimemente bom que até virou deus" (Deus, com letra pequena! — *História do mundo para as crianças* (pg. 239).

"*Virou Deus*", isto é, passou a ser uma coisa que não era. Pois se Lobato não admite a existência de Deus, como poderia ensinar às crianças a Divindade de Cristo?

Cristo

"Virou Deus",

escreve o autor comunista, como também escreve que José

"Virou favorito... do faraó" (pg. 32),

que Constantino, "como aquêle Paulo",

"virou cristão" (pg. 137),

que doze discípulos

"viraram os apóstolos" (pg. 124)

que Salomão

"virou rei" (pg. 44),

e falando sôbre a religião dos Babilônios, esclarece melhor ainda o sentido blasfemo em que Jesus Cristo "*virou deus*":

> "O Sol, a Lua e as estrêlas viraram os seus deuses (pg. 30).

E em *Memórias da Emília*, ao dizer que o anjinho "de asa quebrada" concluiu que a vaca "é a maravilha das maravilhas", *argumenta*:

> "Em certos países, como no Egito, a vaca era divinizada — virou deusa" (pg. 20).

E para não permitir a menor possibilidade de sofisma, por parte de seus "admiradores" cristãos (...) que o pretendam defender nessa ofensiva doutrinária, deixou consignada, para a infância brasileira, esta blasfêmia carinhosamente engastada num êrro histórico:

> "— Depois que Constantino mudou de crença, tudo mudou para os cristãos, como era natural. Foi como aqui na vila quando o partido oposicionista ganhou a eleição e tomou conta da câmara. Quem iria dar as cartas, mandar dali por diante, seriam êles (os cristãos). Mas surgiram logo brigas, porque um queria que as coisas da religião fôssem de um jeito e outros queriam que fôssem de outro jeito. O ponto mais grave da divergência: resolver se Jesus Cristo era igual a Deus ou não.
>
> Constantino fêz uma coisa. Convidou a todos os que estavam discutindo aquêles assuntos para uma grande reunião, ou concílio, na cidade de Nicéia. "Agora discutam e assentem de uma vez o que é e o que não é. O que a maioria decidir, ficará sendo". O concílio decidiu então que Cristo era igual a Deus" (*História do mundo para as crianças*, pg. 138).

Santo Deus, que maravilha! Se os meninos perguntassem a Lobato por que êle explicou *tão bem explicado* êsse *documento* da His-

Scanned with CamScanner

tória, obteriam, certamente, a mesma resposta *ex-cathedra*, que se deu na *Geografia de Dona Benta:*

> "É que só explico o que sei. Muitas criaturas se metem a explicar o que não sabem" (Pg. 6).

Então Lobato — que gosta muito de grifar êste verbo, devia *saber* que o motivo *jurídico* da condenação de Cristo foi haver êste declarado ser Filho de Deus, não no sentido de filiação adotiva — privilégio que se podia aplicar a todo homem justo, mas no sentido de filiação *por natureza*. De tal modo neste sentido, que os judeus O denunciaram como *blasfemador e réu de morte*:

"Disse-lhes Pilatos:

— Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu não encontro nêle crime algum.

Responderam-lhe os Judeus:

— Nós temos uma lei, e segundo esta lei deve morrer, porque se fêz Filho de Deus" (Evangelho de São João, 19, 6-7).

E mais explícita ou explicativamente:

"Não é por causa de nenhuma boa obra que te apedrejamos, mas pela blasfêmia, e porque tu, sendo homem, te fazes Deus" (João, 10, 33).

Mas Lobato, que "só explica o que sabe", soube explicar a *história* da Divindade de Cristo, omitindo qualquer menção dos inúmeros documentos que estão nos *Evangelhos, Epístolas, Atos dos Apóstolos e Apocalipse*. Documentos anteriores a Constantino e ao Concílio de Nicéia e que podem resumir-se naquele testemunho de São João:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... E o Verbo se fêz carne e habitou entre nós" (1, 1-2 e 14).

Mas pouco importam êsses livros da Escritura, que Lobato, aliás, reconhece como históricos, uma vez que cita o mesmo São João (como adiante veremos) para provar que Jesus *não sabia* o que era a verdade (*Memórias da Emília*, pg. 8).

Pouco importam documentos históricos: foi Constantino quem mandou

> *"resolver se Jesus Cristo era igual a Deus ou não"...*

Foi Constantino e pronto! E ninguém, nem mesmo os que se dizem defensores de Cristo poderão dizer mais coisa alguma. A importância *literária* de Lobato está acima da própria Fé, acima do vigilante amor que devemos ao nosso Deus. Fé e amor que, entre pedagógicos aplausos, podem ser destruídos no coração das crianças. Contanto que o sejam em "boa literatura"...

Há uma *lógica*, entretanto, nesse duplo êrro (teológico e histórico) do *consciente historiador*. Só não há lógica nos seus admiradores e propagandistas cristãos. Sendo êle materialista inexorável, não pode admitir nem a contraposição de uma simples idéia hegeliana com a matéria, quanto mais a existência de uma IDÉIA, ou PESSOA DIVINA.

O próprio êrro histórico que acabamos de demonstrar não deixa de ser *lógico:* o materialismo de Lobato é também chamado "histórico"...

* * *

Deus, para êle, como vimos, não existe.

Mas vejamos ainda mais.

Ridicularizando os nossos argumentos metafísicos, põe na bôca de Dona Benta e dos meninos do Picapau Amarelo as seguintes ponderações:

> "Só acredito no que vejo com meus olhos, cheiro com o meu nariz, pego com minhas mãos ou provo com

Scanned with CamScanner

a ponta da minha língua, dizem os adultos — mas não é verdade. Êles acreditam em mil coisas que seus olhos não vêem, nem o nariz cheira, nem os ouvidos ouvem, nem as mãos pegam.

— Deus, por exemplo, disse Narizinho. Todos crêem em Deus e ninguém anda a pegá-lo, cheirá-lo, apalpá-lo.

— Exatamente. E ainda acreditam na Justiça, na Civilização, na Bondade — em mil coisas invisíveis, incheiráveis, impegáveis, sem som e sem gôsto. De modo que se as coisas do Mundo da Fábula não existem, então também não existem nem Deus, nem a Justiça, nem a Bondade, nem a Civilização — nem tôdas as coisas abstratas.

— Eu sei o que quer dizer "abstrato", disse Emília. É tudo quanto a gente não vê, nem cheira, nem ouve, nem prova, nem pega — mas *sente* que há.

— Muito bem. Logo, o Mundo da Fábula" (onde moram fadas, sacis, etc.) "existe, com todos os seus maravilhosos personagens" (*O Picapau Amarelo,* pgs. 7 e 8).

Qualquer menino do *Sítio de Dona Benta* concluirá com a vovó: Logo, Deus existe...

• • •

Em *Emília no País da Gramática,* empresta essas palavras ao verbo *Ser:*

"— Sou muito mais velho que Roma. Antes de mudar-me para lá eu já existia na cidade das palavras sânscritas; e antes de ir para a cidade das palavras sânscritas eu já vinha não sei de onde.

Perdi a memória do lugar e do tempo em que nasci, embora esteja convencido de que nasci junto com o mundo" (pg. 64).

Se o Ser nasceu junto com o mundo, não existe o Ser de Deus.

Exageramos na interpretação?

Valha-nos ainda Monteiro Lobato:

"Muitos gramáticos me chamam *Verbo substantivo,* como quem diz que eu sou a substância de todos os demais Verbos. E isso é verdade. Sou a substância! Sou o Pai dos Verbos! Sou o Pai de tudo! Sou o Pai do Mundo! Como poderia o mundo *existir,* ou *ser,* se não fôsse eu? Responda!" (*Ibidem,* pg. 62).

Perguntamos: Eu quem?...

• • •

À página 30 do mesmo livro, Emília tem pena dos nomes comuns:

"— Com certeza deitam-se no chão e viram tapête para que Deus e Ouro lhes pisem em cima".

Nesta equiparação de Deus com o ouro, Lobato não quer dizer que Deus existe, mas que tem pés para pisar os nomes comuns...

• • •

Em *O Minotauro,* escreve sem meias palavras:

"Os homens do Cáucaso, ensinados por Prometeu, vinham livres do "terror teogônico" da Ásia e África, como livres dêsse terror sempre fôra a alma do titã. Uma palavra explica os Helenos: Liberdade. Liberdade de pensar, de criar — de viver, em suma. "Homens somos,

Scanned with CamScanner

e à nossa imagem e semelhança faremos os deuses do Olimpo".

"— Que beleza! exclamou Pedrinho (pg. 98).

"Que beleza"!, progenitores e mestres brasileiros, é essa literatura que ensina às crianças de um povo cristão, que não nós, porém Deus é que deve ser criado à nossa imagem e semelhança.

Se a vossa ideologia é exportação do Cáucaso, sêde lógicos: defendei a Monteiro Lobato! Mas se defendeis a civilização cristã, sêde mais lógicos ainda: expulsai de vossa Família ou da vossa escola essa IDEOLOGIA - MINOTAURO que - já vai fazer quarenta! — há dezenas de anos, vem devorando crianças, crenças e tradições.

É o próprio Lobato, aliás, quem vos previne:

"A GENTE QUANDO É CRIANÇA PRESTA ATENÇÃO A TUDO E IMITA" (*Serões de Dona Benta* pg. 12).

CAPÍTULO III

NEGAÇÃO DA SUPERIORIDADE DO CRISTIANISMO, ETC.

"Visto que os inimigos do nome Cristão se servem da imprensa para corromper os corações, devem os católicos compreender que neste campo a defesa não deve ser inferior ao ataque. Entre os meios para defender a Religião não há, ao Nosso ver, nenhum mais eficaz nem mais apropriado ao nosso tempo, que aquêle que consiste em responder aos escritos com escritos, confundindo, destarte, os artifícios da incredulidade" (Leão XIII — *Carta ao Arcebispo de Viena*)

O próprio Cristo que, segundo Monteiro Lobato, não passa de um simples filósofo, nem sob êsse título — indigno, aliás, de um Deus (1) — nem sob êsse pobre título é julgado, pelo materialista, superior a certos fundadores de religião, ou sociedade.

Se no livro *A Chave do Tamanho*, Dona Benta declara esta maravilha:

"Depois de Jesus Cristo, o ente que eu mais venero é Abraão Lincoln" (pág. 117),

(1) « C'est ainsi que nulle part le Christ ne fait de philosophie **dans l'Évangile**; parce qu'il était la sagesse même, il n'avait pas besoin de la chercher » — **Maritain, Le Docteur Angélique**, pg. 171.

Scanned with CamScanner

já no livro das *Fábulas* não reconhece haver sido Jesus o filósofo mais perfeito:

> " Pois Confúcio ", é a mesma Dona Benta quem fala, " foi o maior filósofo prático da humanidade " (pág. 144).

Tão grande filósofo, realmente, que o mesmo *Nazareno* não deixou de aprender algumas coisinhas com o *chinês*:

> " Também ensinou aquela regra de ouro de Confúcio: " Não façais aos outros o que não quereis que vos façam " (*História do mundo para as crianças*, pg. 123).

• • •

Todos nós sabemos que a lei mosaica, inspirada por Deus, profèticamente preparou a Religião de Nosso Senhor Jesus Cristo. A tal respeito, que ensina Monteiro Lobato? Essa tremenda nivelação:

> " Maomé, que sabia fazer as coisas, de quando em quando anunciava ter recebido uma mensagem direta de Alá, do mesmo modo que Moisés afirmou ter recebido ordens de Jeová no tôpo do Sinai. Nessas mensagens Alá dava ordens para fazer isto e aquilo, ou esclarecia pontos da nova religião. Reunidas mais tarde em livro, formaram o famoso Corão, que é a bíblia dos maometanos " (*História do mundo para as crianças*, pgs. 156 e 157).

A comparação foi claramente estabelecida: Moisés *" sabia fazer as coisas "* (a locução adverbial: *" do mesmo modo "* tem como têrmo de referência a Moisés), quer dizer, sabia enganar, como Maomé e os falsos profetas da *" salvação nacional "*.

E se esta comparação ainda não basta, apresentamos o seguinte comentário sôbre Moisés, em que não se estabelece nenhuma comparação. Dizendo que êste chefe dos israelitas " ficou furioso ", ao ver o seu povo adorando o *Bezerro de Ouro*, doutrina Monteiro Lobato:

> " — Mas soube explicar-se (Moisés) e breve os pôs novamente adorando o Deus de Abraão, cuja lei êle em pessoa acabava de receber do alto do monte Sinai.
>
> — Mas recebeu mesmo, vovó?
>
> — Se Moisés não afirmasse ter recebido a lei das mãos de Deus, ninguém lhe daria importância "... (*Reticências lobatianas... Ibidem*, pgs. 33 e 34).

Ora, se os profetas de Cristo não passam de uns embusteiros, que superioridade pode ter a religião cristã sôbre as outras religiões?

E que deslealdade na acareação histórica entre homens, cujas profecias se realizaram e os que se fizeram profetas por conta própria!

• • •

Porém Monteiro Lobato vai mais longe. *" Sabe fazer as coisas "*...

Na mesma obra citada, à pg. 37, ensina que

> " A religião grega nada tinha de semelhante à dos hebreus ou egípcios " (tudo de cambulhada). " Era alegre e poética. Em vez de adorarem os deuses, os gregos invocavam-nos, sempre que tinham necessidade de auxílio ".

Refere-se êle, certamente, aos sacrifícios da lei mosaica — figurativos do Sacrifício da Cruz, que aplacou a Justiça divina. Mas aí êle se distraiu nas manobras, porque, antes, já havia descrito as atrocidades *" poéticas e alegres "* da mesma religião grega:

> " — Se os deuses permitissem que os homens lhes desvendassem todos os segredos, os homens acabariam virando deuses. Por isso castigavam os abelhudos, como um tal Prometeu que furtou o fogo do céu para o dar aos homens. Como castigo, Zeus, o dono do fogo, amar-

Scanned with CamScanner

rou o ladrão a uma montanha de nome Cáucaso, onde um abutre lhe vinha bicar o fígado todos os dias" (*Ibidem*, pg. 35).

Ainda:

(*Zeus*, ou Júpiter) "Sentava-se num trono com uma águia aos pés, tendo na mão o raio, isto é, um zigue-zague de fogo. Quando queria vingar-se de alguém, arremessava êsse raio, seguido dum trovão — como um índio arremessa a lança" (*Ibidem*, pg. 36).

Quanta alegria! Quanta poesia "*arejada*", brasileira, *verdadeira* e infantil!

Anotemos que a própria nivelação estabelecida por Lobato entre a religião mosaica e a dos egípcios, já foi minada, em página anterior, contra o monoteísmo da Bíblia:

"Cansados (os judeus) de esperar pelo chefe (Moisés) que havia subido ao morro para conversar com a divindade, resolveram adorar um deus egípcio *que estava mais ao alcance* — o Bezerro de Ouro" (o grifo é nosso — pg. 33).

• • •

O Antigo Testamento, para êle, não tem, é claro, nenhum valor sobrenatural, nem mesmo histórico, tôda vez que nesse livro se dá testemunho da intervenção divina:

"A lenda diz (*a lenda...*) que as águas (*do Mar Vermelho*) se abriram" (*Obra citada*, pg. 33).

"Os israelitas consideravam-se como o povo eleito de Jeová, ou Deus, (*consideravam-se...* Verbo evidentemente empregado como reflexivo. — *Ibidem*, pg. 32).

O CATOLICISMO COMPARADO COM O PROTESTANTISMO

Mas o objetivo principal do autor comunista é *demonstrar a inferioridade* da Religião Católica. Sem dar nenhum crédito ao protestantismo, como sabemos, toma o partido dos protestantes, quando descreve a luta de LUTERO e de HENRIQUE VIII.

Lutero

"... na Europa só havia uma classe de cristãos — os católicos. Todo mundo era católico. Isso de católicos e protestantes, como se vê hoje, começou desde a tal briga e pelo seguinte motivo. O papa estava construindo uma igreja destinada a ser a maior e a mais bela do mundo... O papa, então, mandou que os padres de todos os países fizessem aparecer dinheiro por vários processos — e houve grandes abusos. Foi o que declarou um monge da Alemanha, de nome Martinho Lutero. Era um homem decidido e franco. Se não gostava duma coisa, dizia. Não gostou do que o papa estava fazendo e escreveu num papel todos os pontos em que não concordava com êle, pregando êsse papel na parede da igreja da sua cidade. Juntou-se logo gente para ler aquilo — e todos acharam que Martinho Lutero tinha razão. O assunto foi discutido pela cidade inteira e dela passou às cidades vizinhas. A maior parte do povo dava razão ao monge.

O papa, lá em Roma, soube daquilo e enviou a Lutero uma carta em que o chamava à ordem. Lutero leu essa carta em público e depois a queimou no meio da rua. Aquela coragem encheu de entusiasmo os seus partidários — e começou a briga. Por fim a desordem chegou a tal ponto que o papa se queixou a Carlos V, rei de Espanha e também imperador dum vasto império que abarcava a Alemanha, a Áustria e as terras da América.

Scanned with CamScanner

Carlos V mandou Lutero apresentar-se na cidade de Worms para ser julgado, prometendo que nenhum mal lhe seria feito. Lutero foi; mas nada adiantou, porque não quis desdizer o que havia dito e escrito. Os nobres da côrte insistiram para que o imperador o mandasse imediatamente queimar vivo; Carlos V, porém soube guardar a sua palavra e deixou-o ir-se embora em paz. Os amigos de Lutero, então, com mêdo de que os católicos o matassem, esconderam-no ou prenderam-no por um ano em lugar seguro — e foi nessa prisão que o cabeçudo monge verteu a Bíblia para a língua alemã, coisa que não havia sido feita ainda. Lutero queria que o povo da Alemanha lesse com os seus próprios olhos a Bíblia e assim visse que era o papa quem andava torto, não êle...

A religião dessas pessoas era o mesmo cristianismo baseado na Bíblia, mas sem o papa e sem os acréscimos feitos nos concílios. Queriam seguir a Bíblia e fazer o que ela manda mas sem que nenhuma outra pessoa, fôsse papa ou não, se metesse a dizer que era assim ou assado" (*História do mundo para as crianças* pgs. 244, 245 e 246).

COMENTÁRIOS

1º) — Não nos causa nenhuma admiração a primeira *prova* que Lobato apresenta em favor de Lutero. Eis a prova (que, mesmo em *Direito Infantil*... não deixa de ter altíssimo valor: sòmente uma das partes é ouvida):

> "Foi o que declarou um monge da Alemanha, de nome Martinho Lutero. Era um homem decidido e franco".

Pois êste mesmo homem "decidido e franco" também declarou:

"Que mal haveria em dizer para o bem da Igreja (luterana) uma boa e grossa mentira?"...

"Para enganar e subverter o Papado julgamos que tudo nos é lícito" (*De Wette*, IV, 156 — I, 478 — *Apud* Leonel Franca: A IGREJA, A REFORMA E A CIVILIZAÇÃO, pg. 200).

Parece até que Lobato se inspirou nestas frases do seu constituinte, para escrever aquelas do livro "*A Chave do Tamanho*", que podem ser resumidas nesta:

> "Se a mentira fizer menos mal do que a verdade, viva a mentira (pág. 53).

2º) — Não nos admiramos também de que o advogado da Reforma e o juiz do Papa haja feito menção da "carta" que êste (evidentemente *não* "decidido e franco"...) escreveu a Lutero, nem estranhamos que o mesmo Lobato haja silenciado sôbre a carta *francamente* humilde em que o "reformador" *consultava e se submetia ao Romano Pontífice:*

"Agora, que devo fazer? Desdizer-me não posso, e vejo entretanto que excitei grande ódio e inveja com publicar essas minhas teses... Por isto, santíssimo Padre, prostro-me aos pés de Vossa Santidade, a quem entrego a minha pessoa, tudo o que sou e tenho. Vossa Santidade fará o que bem lhe aprouver; nas mãos de V. S. está o repelir ou defender a minha causa, dar-me ou negar-me razão, dar-me a vida ou tirar-ma. *Na voz de Vossa Santidade reconheço a voz de Cristo*... (*De Wette*, I, 121 — *Apud* Leonel Franca, *obra citada*, pág. 112).

Mas quando *a voz de S. Santidade* "negou razão" ao "franco" e submisso reformador, passou esta voz a ser considerada pelo mesmo homem "decidido e franco", a voz não de Cristo, mas do Anti-Cristo e do diabo!

E como diz Lobato,

> "Lutero leu essa carta em público e depois a queimou no meio da rua".

Scanned with CamScanner

Muita franqueza...

3º) — a) Quanto ao "mêdo de que os católicos o matassem" e — b) quanto ao desejo luterano de que "o povo da Alemanha lesse com os seus próprios olhos a Bíblia e visse que era o Papa quem andava torto, não êle", o mesmo Lutero pode completar as defesas do seu sereno advogado:

a) — "Se eu pudesse colhêr unidos numa casa todos os franciscanos, atear-lhes-ia fogo... Eia, ao fogo todos!" (*Tischreden*, na coleção de Mathesius, n. 305 — *Apud* Leonel Franca, *obra citada*, pg. 203).

"Se punimos os ladrões com a fôrca, os banuidos com a espada, os herejes com o fogo, por que não havemos de agredir com as armas êstes mestres de perdição, êstes cardeais, êstes papas, tôda esta sentina da Sodoma romana, *por que não havemos de lavar as nossas mãos no seu sangue?*" (*Weimar*, VI, 347 — Leonel Franca, obra citada, *ibidem*).

b) "— Reconhecemos que no papismo existe a verdadeira escritura sagrada... Devemos confessar a verdade: no papismo encontra-se a palavra de Deus, a missão apostólica, o verdadeiro batismo, o verdadeiro sacramento do altar, as verdadeiras chaves para a remissão dos pecados, o verdadeiro catecismo... sem o papismo que saberíamos nós?" (T. IV, pg. 227 b. ed. de Wittemb. 1551 — Confr. Leonel Franca, *obra citada*, pág. 228).

Mais:

"Êste (protestante) não quer o batismo, aquêle nega os sacramentos; quem admite outro mundo entre êste e o juízo final, quem ensina que Cristo não é Deus; uns dizem isto, outros aquilo, em breve serão tantas as seitas e tantas as religiões quantas as cabeças. Há mais estultice que acreditar alguém ser inspirado do Espírito Santo quanto lhe cruza pelo pensamento ou lhe acode em sonho?" (*Weimar*. XVIII, 547; *De Wette*, III, 61 — Leonel Franca, *ibidem*, pág. 232).

Agora também nos assiste o direito de citar aquela frase de Lobato:

"Foi o que declarou um monge da Alemanha, de nome Martinho Lutero"...

Que autêntico defensor do puro cristianismo!...

Mas esta defesa é materialista, de modo que atingido o escopo de ferir fundo a doutrina da Igreja, pouco importa a Lobato garantir a sinceridade ou convicções protestantes.

Daí, aquêle remate da sua defesa de Lutero:

"Hoje uma pessoa pode ser católica e dar-se muito bem com outra que é protestante. Naqueles terríveis tempos não era assim. O católico havia de ser inimigo de morte do protestante e vice-versa. Cada qual se julgava com a razão, e portanto fazia guerra ao outro". (*História do mundo para as crianças*, pg. 246).

A transposição negativa dêsse "portanto" é muito fácil: Hoje um não faz guerra ao outro (...), portanto cada qual não se julga com a razão.

Assim defende o materialismo — quando a tática o aconselha — as religiões contrárias à Religião: com um "portanto" que nada conclui a favor de nenhuma.

Henrique VIII

Defendido Lutero, passa o anti-protestante a advogar, também contra o Papa, a causa do monstruoso Henrique VIII — "o maior tirano da Inglaterra", na expressão de um dos maiores protestantes, MELANCHTON:

Scanned with CamScanner

"A Inglaterra passou-se para Lutero de um modo interessante. Era rei lá o famoso Henrique VIII... era um fervoroso católico a ponto do Papa dar-lhe o título de Defensor da Fé; quis um dia divorciar-se da rainha para casar-se com Ana Bolena. Nesse tempo só o Papa podia conceder um divórcio, de modo que Henrique se dirigiu a êle. "Não", respondeu o Papa; "não acho que seja caso de divórcio".
(Êste "não acho" Lobato põe entre aspas. Que achado!).

"O Rei Henrique ficou furioso, e disse que nenhum homem de outro país, fôsse Papa ou não, tinha o direito de meter-se nos negócios da Inglaterra. Era êle o rei da Inglaterra e portanto não admitia que um italiano lhe ditasse ordens. Não obedeceria a Papa nenhum, e dora em diante seria êle mesmo o papa da Inglaterra, isto é, o chefe de todos os cristãos inglêses. Fez-se assim papa e concedeu o divórcio a si próprio. O povo inglês teve de decidir-se entre Henrique VIII e o Papa italiano. Decidiu-se por Henrique VIII — e a Inglaterra desde então ficou sendo protestante" (*História do mundo para as crianças*, pg. 247).

COMENTÁRIOS

1º) — Monteiro Lobato que, aqui e acolá, por bôca da ex-boneca eructa esta convicção invicta:

"*Aqui comigo não basta dizer; é preciso provar, ali na batata!*" (*Geografia de Dona Benta*, pg. 15),

Monteiro Lobato bem sabe que não pode provar, com documentos históricos, que o Papa tenha concedido divórcio a *vínculo* (1). Mas isto não tem importância para um homem que descobriu

(1) Confr. AS FONTES DO DIVÓRCIO — Pe. Sales Brasil — 2ª Edição — **Edições Paulinas** — São Paulo — 1956.

"*a chave do tamanho*", com a qual, segundo vimos, pode *ligar e desligar* no reino da mentira:

"Se a mentira fizer menos mal do que a verdade (sentencia Emília), viva a mentira!" (*A Chave do Tamanho*, pg. 53).

Isto não tem importância para quem faz a seguinte distinção entre nomes concretos e abstratos:

"Os Nomes Concretos são os que marcam coisas ou criaturas que existem de verdade, como *Homem, Nastácia, Tatu, Cebola*. E os Nomes Abstratos são os que marcam coisas que a gente quer que existam, ou imagina que existem como Bondade, Lealdade, Justiça, Amor" (*Emília no País da Gramática*, pg. 30).

Se no *Aventuras de Hans Staden*, promete que

"só quando a justiça fôr uma realidade, em vez de ser um ideal, é que as coisas mudarão de rumo" (pg. 17),

sabemos que êle se refere à justiça comunista, perfeitamente enquadrada, portanto, na sua definição de nomes abstratos...

2º) — Agente do comunismo internacional — organização que desorganiza por completo a independência das nações que lhe caem debaixo dos pés, transformadas em escravas da Rússia, rebela-se o advogado dos inglêses contra um Papa italiano, chefe de uma Religião supranacional — que não destrói a independência política das nações.

Mas no meio dessa história tôda, não deixa de haver uma coisa gaiata:

Lobato, que não suporta crueldades nem tiranias; Lobato que, alegando êste piedoso motivo, pinta os pastôres da Igreja "com

Scanned with CamScanner

caras de grandes burros", só encontrou — na grande aula sôbre a história da "briga entre os cristãos" — os seguintes qualificativos para Henrique VIII, que tanto podem significar censura, elogio ou água de flor:

> "Êsse rei, que tinha um caráter muito especial e era bastante decidido, teve duas filhas, Maria e Isabel... Amanhã veremos o que aconteceu a ambas" (*História do mundo para as crianças*, pg. 247).

E assim termina a aula da "*briga entre os cristãos*", na qual "*era o Papa quem estava torto*". Mas isto foi contado lá nos começos e no meio da *história* — a qual *devia* terminar como terminou: com Henrique VIII, isto é, numa atmosfera mais apropriada à psicologia da criança: atmosfera de singeleza, de inocência e de paz...

• • •

O ESPIRITISMO COMPARADO COM A RELIGIÃO E COM AS RELIGIÕES

Lobato jamais declina da traça materialista de inversão dos valores. Para êle, quanto mais longe de Deus, mais aceitáveis as teorias e religiões. O politeísmo é superior ao monoteísmo. O paganismo, superior ao cristianismo. A *reforma* protestante mostrou "*que era o Papa quem estava torto*". Mas o espiritismo tem superioridade não sòmente sôbre a Religião, mas sôbre tôdas as religiões.

Lógica perfeita!

Para os adultos escreve o seguinte:

> "Assistimos hoje, no mundo, ao belo fenômeno do choque de uma religião nascente, em estado de nebulosa ainda, muito vaga e tateante, mas perfeitamente perceptível em suas linhas gerais. Essa religião nova é o Espiritismo. Ninguém mais de boa-fé, nem sequer a ciência positiva, nega as manifestações metapsíquicas. E como tudo leva a crer que o metapsiquismo cresce na humanidade, e cada dia que se passa mais amplia as suas manifestações, o homem volta-se para êle e, inconscientemente, o vai ordenando em religião".

Edgard Cavalheiro acrescenta a estas palavras do seu biografado que êste

"não tem dúvida alguma de que será o Espiritismo" — "a religião de amanhã" (*Obra citada*, pg. 514).

Mas esclarece que "não é como crente à procura de alívio, de desafôgo para as máguas, ou pôrto de amparo para angústias, que (Lobato) procura se aprofundar na doutrina (espírita). Interessa-se de preferência pelo lado científico do problema" (*Ibidem*, pg. 515).

O mais interessante é que êste "*lado científico*" é apenas proclamado, sem nenhuma apresentação de provas legìtimamente científicas.

Mas isto não tem importância. Importância tem o espiritismo, para o qual devem preparar-se as crianças brasileiras, brincando de reencarnação:

> "— Lembra-se daquele milharal que a senhora plantou lá atrás da mangueira da vaca môcha?
>
> — Como não hei de lembrar-me? Era um milharal lindo. Estava viçoso, gordo, quase já a soltar as bonecas, quando um malvado qualquer entrou lá e escangalhou tudo...
>
> Pedrinho piscou para Narizinho.
>
> — E a senhora nunca desconfiou de quem teria sido êsse malvado, vovó? perguntou êle.

Scanned with CamScanner

— Ora quem havia de ser! Algum maluco que passou de noite pela estrada...

— Foi Roldão, vovó! disse o menino.

— Roldão?!

— Sim, Roldão, o principal dos Doze Pares de França. Roldão encarnou-se em mim...

Nastácia apareceu, sacudindo a cabeça.

— Eu andava desconfiando, sinhá. Aquela história do maluco que ia passando, aquilo sempre me pareceu uma coisa meio sem jeito. Êsse menino, Credo!

— Mas não fui eu, vovó, disse Pedrinho. Foi Roldão. Êle encarnou-se em mim, juro. Essas coisas acontecem na vida, a senhora sabe.

— Sei, sei. Sei que moro com os maiores maluquinhos dêste mundo... Quem se encarnou em você não foi Roldão — foi o herói da mancha"... (*D. Quixote das crianças,* pgs. 110 e 111).

Com essas brincadeiras e aquêle entusiasmo todo do nosso maior escritor materialista, pelas teorias de Alan Kardec, podemos ter mais uma prova em favor da espiritualidade do espiritismo...

A matéria atrai a matéria na razão direta das massas...

• • •

PREOCUPAÇÃO ESPECIAL CONTRA O CATOLICISMO

Não se contenta Monteiro Lobato com uma simples perseguição contra as linhas gerais do Catolicismo. Preocupa-se com tôdas as doutrinas, pessoas e coisas desta Religião que, como *bom* materialista, considera êle a mais perniciosa de tôdas:

A ciência e a fé

"— Os sábios, menina, são os puxa-filas da humanidade. A humanidade é um rebanho imenso de carneiros tangidos pelos pastôres, os quais metem a chibata nos que não andam como êles pastôres querem, e tosam-lhes a lã e tiram-lhes o leite, e os vão tocando para onde convém a êles pastôres. E isso é assim por causa da extrema ignorância ou estupidez dos carneiros. Mas entre os carneiros às vêzes aparecem alguns de mais inteligência, os quais *aprendem* mil coisas, *adivinham* outras, e depois *ensinam* à carneirada o que aprenderam — e dêsse modo vão botando um pouco de luz dentro da escuridão daquelas cabeças. São os sábios.

— E os pastôres deixam, vovó, que êsses sábios descarneirem a carneirada estúpida?" *(Viagem ao Céu,* pg. 21).

A isto poderíamos responder com outra pergunta que, *pedagògicamente,* não deve ser grosseira: E os sábios deixam que o cientifismo demonstre haver sabedoria na pobre ciência sem Deus?

O símbolo da fé

"A pobre negra vivia dizendo: "Credo! Credo!" sem saber que usava essa expressão por causa de um imperador romano chamado Constantino que havia reunido os principais chefes cristãos na cidade de Nicéia no ano de 325"... (Reticências, para evitar qualquer dúvida sôbre as origens de nossa fé católica... — *História do mundo para as crianças,* pg. 139).

Imaginem: Tia Nastácia "usava a *expressão" Credo,* por causa de Constantino!

Scanned with CamScanner

Em face daquelas reticências finais, podemos admirar: que materialista teólogo!

Não sòmente as reticências que terminam o citado trecho, mas também as que suspendem o sentido de outra citação que vamos fazer, mostram a segurança teológica do desapaixonado materialista:

> "Creio em Deus Pai todo-poderoso, senhor do céu e da terra"... (com reticências que servem para uma porção de coisas...) "murmurou tia Nastácia, que havia entrado na sala para recolher Emília.
>
> — Estão vendo? disse Dona Benta. Até tia Nastácia" *(até,* por quê? se no sítio nunca ninguém desfiou "o Credo de Nicéia"?) "até tia Nastácia, que é uma pobre negra analfabeta, sabe de cor o Credo de Nicéia, isto é, o resumo da religião cristã feito pelo concílio lá reunido no ano 325, ou sejam 1621 anos antes dêste ano de 1947, em que estamos hoje"... (*Ibidem,* pg. 139).

Essas reticências trazem o mesmo espírito das outras pròximamente citadas: prendem-se ao "resumo da religião cristã", o qual, para Lobato, é interpolado, ou cheio dos "acréscimos feitos nos concílios", acréscimos a que já se referiu também o improvisado teólogo (*Ibidem,* pg. 246).

A virtude da Fé

> "Um dia, quando você chegar à minha idade, saberá o que é o sal da dúvida. Um dia... Depois de ler Anatole France e outros mestres salgadores das verdades humanas". (*Serões de Dona Benta,* pg. 70).

Agora, ridicularizando:

> "Deus me livre de entrar num quarto onde há garrafa com saci dentro! Credo! Nem sei como Dona Benta consente semelhante coisa em sua casa. Não parece ato de cristão"... (*O Saci,* pg. 34).

Exatamente o que *não é* ato de cristão é que é reprovado por *não parecer* sê-lo. Aí está um sério...

Em outro livro, faz com que a mesmíssima tia Nastácia — que acaba de reprovar a superstição — ponha no mesmo pé de igualdade a fé, a superstição e tudo:

> "— Nem acredito no que estou vendo, sinhá! disse ela sacudindo a cabeça. Pois um hominho de sabugo (o visconde), que eu fiz com estas mãos que Deus me deu, não é que está um sábio de verdade, dêsses que dizem coisas que a gente não entende? Credo!
>
> — Não entende você, que é uma analfabeta, respondeu Dona Benta. Todos os outros, até a Emília, estão entendendo perfeitamente o que êle diz. O visconde acabou de falar da numeração romana e não errou nada. Creio que foi o Quindim quem lhe ensinou isso.
>
> — Há de ser, concordou a negra. Eu é que não fui. A única coisa que eu quis ensinar a êsse diabinho, êle fêz pouco caso.
>
> — Que foi?
>
> — Eu quis ensinar ao visconde uma reza muito boa para bicho arruinado. Sabe o que me respondeu, depois de fazer carinha de dó de mim? Que isso de reza para bicho arruinado era su... super... Como é mesmo?
>
> — Superstição de negra velha, não foi isso?
>
> — Tal e qual, sinhá.

Scanned with CamScanner

— Pois é isso. Os sábios só acreditam na ciência "...
(*Aritmética da Emília*, pg. 21).

Mas Lobato não disse *quais nem quantos* são os sábios que só acreditam na ciência, nem que espécie de ignorantes acreditam em "reza para bicho arruinado"...

Não! Esta última *espécie* êle a disse: "*negra velha*", pois como veremos adiante, é ainda êle o grande defensor e advogado dos negros...

A virtude da Esperança

Confrontemos uma passagem do livro *Zé-Brasil* com outra de um livro para crianças:

> "... sofrer sem um gemido e ir trabalhando doente mesmo até não aguentar mais e cair como cavalo que afrouxa. E morrer na velha esteira — e feliz se houver por ali alguma rêde em que o corpo vá para o cemitério, se não vai amarrado com cipó.
>
> — Mas você morre, Zé, e sua alma vai para o céu, disse um dia o padre — e Zé duvidou.
>
> — Está aí uma coisa que só vendo. Minha idéia é que nem deixam minha alma entrar no céu. Tocam ela de lá, como aqui na vida o coronel Tatuíra já me tocou das terras dêle" (*Zé-Brasil*, pgs. 3 e 4).

Para Lobato, segundo o qual Jesus teve um sonho semelhante ao de *Carlos Prestes*..., essa história de Bem-aventuranças, ou de ir para o céu depois dos sofrimentos da terra, é engôdo com que os padres procuram submeter "a carneirada estúpida".

Escrevendo para as crianças, não é diferente a doutrina:

> "Onde se viu uma simples negra velha recusar um convite feito por "um ente da côrte celeste?" (côrte celeste, entre aspas, com o seu ente... (*Viagem ao céu*, pg. 62).

Como se vê, Zé-Brasil já está muito mais *instruído* que a pobre Tia Nastácia...

A virtude da Caridade

"Fazei o bem, mas olhai a quem.

— A senhora arranjou uma moralidade ao contrário da sabedoria popular que diz: "Fazei o bem e não olhai a quem" (sic).

— Sim, minha filha. Êsse fazer o bem sem olhar a quem é lindo — mas nunca dá muito certo. Aquêle grande filósofo-educador da China...

— Confúcio, já sei!... gritou Pedrinho.

— Êle mesmo, confirmou Dona Benta. Pois Confúcio, que foi o maior filósofo prático da humanidade, disse uma coisa muito certa: Tratai os bons com bondade e aos maus com justiça.

Emília bateu palmas.

— Pois então Confúcio concorda comigo. Meu ditado é: "Para os maus, pau!" Justiça é pau" (*Fábulas*, pgs. 143 e 144).

A própria linguagem desta definição de justiça já é outra definição...

Scanned with CamScanner

• • •

Mas ao passo que a virtude da caridade recebe êsse tratamento, dispensa-se à INVEJA — defeito que diretamente se opõe àquela virtude — a mais *ingênua e pedagógica* descrição:

> "Foi um sucesso a leitura da Emília. Dona Benta até tirou os óculos para esfregar os olhos, de tão assombrada. Quindim, que estava cochilando, ergueu a cabeça como quem diz mentalmente: "Sim Senhora!" Rabicó piscou sete vêzes e Pedrinho mordeu os lábios de inveja, porque êle não era capaz de ler duma assentada, sem um só êrro, aquêle número tão grande.
>
> Emília ficou tôda gangenta, com os olhinhos acesos...
>
> Vamos ver outro exemplo (disse o Visconde) e mandou que os Algarismos formassem êste número:
>
> 453654628878
>
> — Venha, Narizinho, separar as casas.
>
> A menina separou os algarismos...
>
> — Muito bem. Agora leia.
>
> Narizinho leu imediatamente...
> — Bravos! exclamou o visconde, enquanto a menina botava a língua para a boneca, que não deixou de ficar desapontada de ver que Narizinho lia os números grandes tão bem quanto ela. Mas Emília consolou-se murmurando com cara de pouco caso que aquêle número era uma pulga perto do seu" (*Aritmética da Emília*, pgs. 30 e 31).

E assim vamos vendo, a cada passo, quanta razão tem Edgard Cavalheiro, ao afirmar que Lobato, em sua literatura infantil, não teve "nenhum intuito moralizador... deixando de lado a moral do catecismo", a que êle, Edgard Cavalheiro, chama "falsa moral" (Confr. *Urupês*, "Notas biográficas e críticas", pgs. 30 e 31).

É evidente, não pode haver melhor escola que a do *Sítio do Picapau Amarelo*...

Os Mandamentos da lei de Deus

Já foi citada, como prova do que pensa Lobato a respeito de Moisés, uma frase que vamos repetir e que encerra um dos mais atrevidos escárnios à lei divina:

> "Quando Moisés desceu e viu aquilo, ficou furioso. Mas soube explicar-se, e breve os pôs novamente adorando o Deus de Abraão, cuja lei êle em pessoa acabava de receber no alto do monte Sinai.
>
> — Mas recebeu mesmo, vovó?
>
> — Se Moisés não afirmasse ter recebido a lei das mãos de Deus, ninguém lhe daria importância"... (*História do mundo para as crianças*, pgs. 33 e 34).

Apenas um comentário: E quem "daria importância" ao critério de um *crítico e sociólogo* que "afirmasse" não serem os dez Mandamentos o código mais perfeito para a sociedade humana — a qual, só sabendo elaborar leis imperfeitas, reconhece haver Moisés "recebido a lei das mãos de Deus"?

E quando alguma sociedade humana o não reconhece, torna-se, como nos países comunistas, desumana. Era o que previa Rui Barbosa, quando, em 1919, estudava a simples hipótese da vitória de Moscou sôbre os demais países: "desumanaria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador".

Scanned with CamScanner

Especialmente sôbre o domingo, ou dia do Senhor

"O concílio de Nicéia também escolheu um dia da semana para ser dedicado à adoração de Deus. Foi assim que nasceu o domingo.

— Não havia então domingos antigamente, vovó? perguntou a menina, muito admirada.

— Não. Em Roma todos os dias da semana eram iguais.

— Credo! Que coisa sem graça não devia ser! murmurou tia Nastácia, retirando-se para a cozinha com a boneca no bôlso do avental.

Todos se riram"... (*História do mundo para as crianças,* pg. 139).

COMENTÁRIOS

Mas, afinal de contas, o que é que Lobato quer ensinar com essa *risada de "todos"?*

Que foi mesmo "assim que nasceu o domingo", isto é, depois que "o Concílio de Nicéia escolheu um dia da semana para ser dedicado à adoração de Deus"?

Mas então Lobato enganou os meninos, dizendo:

"só explico o que sei" (lugar citado).

No que se refere ao dia de domingo, evidentemente enganou ou estava enganado, porquanto a substituição do Sábado por aquêle dia foi instituição dos Apóstolos, e não do Concílio de Nicéia.

Sim, Lobato enganou ou estava enganado.

Se houvesse recorrido ao capítulo XX, versículo 7 dos *Atos dos Apóstolos,* teria encontrado a razão por que os romanos, antes do Concílio de Nicéia, santificavam o domingo, em vez do sábado.

E teria também evitado aquela risada de *todos:*

"NO PRIMEIRO DIA DA SAMANA, TENDO-NOS REUNIDO PARA PARTIR O PÃO, PAULO, QUE HAVIA DE VIAJAR NO DIA SEGUINTE, DISPUTAVA COM ÊLES, E PROLONGOU O DISCURSO ATÉ À MEIA-NOITE".

Discurso que foi pronunciado entre os Coríntios, para os quais "o primeiro dia da semana" era o domingo, santificado para comemorar a Ressurreição de Cristo, mistério que, pelos cristãos de Roma — antes do Concílio de Nicéia — era comemorado no mesmo dia!

Na convicção de que "a teologia preocupou demais os homens e comeu-lhes uma tremenda quantidade de tempo", Lobato não quis perder tempo com a teologia nem fazer com que os meninos comessem a verdadeira lição da História, e... "todos se riram"...

Entretanto a expressão *"Dia do Senhor"* já estava no Apocalipse (I, 10). E em Roma, não obstante *a risada* do pessoal do *Sítio,* em *Roma* — vejam bem! — São Justino já empregava — no século segundo! — a mesma expressão que hoje todos empregamos: dia de *domingo (Apologética,* 1,16 — Apud Herbert Haag que escreve textualmente: *Die Bezeichnung "Tag des Heren" kommt zuerst in der Offb.* (1,10) *auf, die Bezeichnung Sontag zueret bei Justinus".* — Bibel - Lexikon).

Mas no *Sítio,* quando tia Nastácia achou que uma semana sem domingo era "coisa sem graça", todos se riram...

E esta risada abafou a voz das mais importantes testemunhas, como as que acabamos de ouvir e outras que ainda poderíamos interrogar:

São Paulo, I Cor., XVI, 2

Tertuliano, Apologética, 16 — *De Oratione,* 23

Didaché, cap. XIV

Epístola de Barnabé, cap. XV.

Scanned with CamScanner

• • •

Mas admitamos, para argumentar até o fim, que Lobato tivesse o direto de não recorrer à Escritura nem a outros livros teológicos e históricos, para atacar assuntos que são da alçada principalmente dêstes livros.

O que não podemos compreender é que êle não tivesse recorrido aos documentos profanos e *inimigos*... da Religião — como a correspondência entre Plínio e Trajano (século II), onde há uma carta sôbre a reunião que os seguidores dos Apóstolos costumavam fazer antes do dia de domingo e que preparava os atos religiosos do mesmo dia "dedicado à adoração de Deus".

A tal respeito escreve *Marion* (capítulo sôbre a instituição do domingo): "*Ils le santifiaient par deux réunion générales de culté: la prémière, avant le jour, pour la prière, l'homilie, da lecture et le chant; la séconde, dans les prémières heures de la matinée, pour ces mêmes exercices et le saint sacrifice. — C'est de cette réunion avant le jour qu'il est question dans la lettre de Pline à Trajan*" (*Histoire de l'Église*, t. pr., pg. 322 — Paris, 1928).

Como se vê, não exigimos de Lobato recurso às Escrituras, nem à Teologia, nem à história da Igreja, nem mesmo à história de certos povos pagãos, a qual só demonstra que a lei divino-apostólica, respectivamente do sábado e do domingo, não é mais do que a confirmação de outra lei que já estava escrita no coração dos homens. Consagrados pela Religião, o sábado e o domingo também o foram, de certo modo, pela natureza. O repouso antropomórfico de Deus no sétimo dia foi impresso de modo real nas criaturas humanas.

No seio das próprias nações infiéis, sempre foi respeitado, religiosamente, algum dia da semana. Os Fenícios ofertavam seus sacrifícios de sete em sete dias. Os Drúidas observam em certas cerimônias religiosas a mesma distância de tempo. Os Maometanos não aberraram, neste ponto, da lei natural. E os selvagens de diversas regiões reservam sempre um dia da semana para os seus fetiches e para o repouso que a mesma natureza impõe.

Não era sem razão que os poetas antigos chamavam ao sete — "número sagrado" (Confr. *L'Ami du Clergé* — 20-10-1938, pgs. 561 e 562 — Langres — 4, Rue Claude-Gillot).

Sim, não exigimos de Lobato a alegação de tais documentos, até porque para êle só existe uma "lei natural", ou "Papuda-Mor" — que "se chama dona Seleção"...

Era bastante que recorresse à história dos Imperadores Romanos. Era bastante que não confundisse o fato de haver Constantino codificado em suas leis a observância do dia de domingo com esta mesma observância já verificada entre os cristãos de Roma, pôsto que não incluída, é claro, no código dos Imperadores inimigos de Cristo.

Parece que há grande diferença entre os dois fatos, não havendo, portanto, nenhuma necessidade de "*todos se rirem*", quando a "negra analfabeta" achou que era "coisa sem graça" uma semana sem dia de Domingo...

Os Conselhos evangélicos

"No ano de 529 um monge italiano, de nome Bento, imaginou" (coisa de imaginação...) "que para bem servir a Cristo um homem não devia possuir dinheiro, nem coisa nenhuma, isso porque na Bíblia há uma passagem assim: "Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens e dá o dinheiro aos pobres". Com esta idéia na cabeça, Bento formou uma ordem de monges obrigados a fazer três coisas: "Não ter dinheiro. Obedecer. Não casar". Êsses monges chamaram-se — *beneditinos*.

— E houve gente que quis obrigar-se a isso? perguntou Pedrinho, que planejava ser muito rico e casar-se com uma linda moça" (*História do mundo para as crianças*, pgs. 151 e 152).

Scanned with CamScanner

De tudo isto só nos causa admiração que Pedrinho, da escola *anti-capitalista* do Sítio do Picapau Amarelo, quisesse ser "*muito rico*"...

A Virgem Maria

A Santíssima Virgem Maria — a quem Monteiro Lobato (por uma dessas distrações de quem, não acreditando em milagre e apesar de tôda a vigilância contra o sobrenatural, deixa escapar, vez por outra, certas expressões do Dogma católico), a Santíssima Virgem, dizemos, a quem Lobato chama Virgem, sòmente por chamar, à página 242 da *História do mundo para as crianças* — não lhe mereceu referência tão honrosa quanto *Palas-Atenas*.

Citando aquêles versos de Homero à falsa divindade grega: — "Começo cantando Palas-Atenas, a deusa augusta, fértil em sábios conselhos, nobilíssima virgem de coração inflexível"... (Vide *O Minotauro*, pg. 62), citando êstes versos, não se esquece o *pedagógico* estrategista brasileiro do anti-cristianismo, não se esquece de anotar

"que todos os atenienses sabem de cor".

Mas não chama a atenção das crianças para os grandes hinos a Nossa Senhora, Virgem e Mãe — que não sòmente determinado povo, mas

"TODAS AS GERAÇÕES CHAMARÃO BEM-AVENTURADA".

Entretanto, em *Aventuras de Hans Staden*, pg. 11, ao referir-se Dona Benta ao estado de *Hesse*, na Alemanha, e depois que Pedrinho pergunta se se trata da letra *S*, Narizinho ridiculariza:

— "Assim como em S. Paulo há a freguesia de Nossa Senhora do Ó, bem pode haver o estado de *S* na Alemanha. Em que o Ó é melhor que o S?"

E Dona Benta explica sòmente por metade:

— "Êsse estado da Alemanha escreve-se em português *Hesse*, diz-se *Hessen* em alemão. Nada tem que ver com a letra S".

E silencia completamente a respeito da interjeição *Ó*, com que admiramos a Nossa Senhora!

Sim. Lobato devia dar a resposta completa, senão como crente, ao menos como homem erudito — que soube, com incontestável gênio, tornar acessível ao entendimento da criança coisas muito mais complicadas.

• • •

No 2º volume de *Os doze Trabalhos de Hércules*, Emília pergunta:

"— E o "Ave" da "Ave Maria" também é "salve"?

"— Sim" (responde o sabugo de milho). "Tanto faz dizer Ave Maria como Salve Maria... Ai, ai, ai..., Como me está doendo a perna..." (pg. 111).

Mas esta explicação — com "ai, ai, ai..." — já foi precedida de outra que, dado o "horror (de Lobato) pelo espírito cristão" e o seu entusiasmo ou "suspiros pelo sadio paganismo da velha Grécia", oferece aos meninos o caminho de *conclusões*, de dúvidas ou de nada — o que já é alguma coisa...:

"— Que quer dizer *avé, avé, evohé*?...

O sabuguinho científico, gemendo, gemendo, explicou que naquela célebre guerra entre os deuses e os ti-

Scanned with CamScanner

tãs, Zeus transformou o seu filho Baco num leão terribilíssimo e atiçou-o em cima dos gigantes com estas palavras: *Eu, uie, evohé, Bacche!* " — Bem, meu filho, coragem, Baco! Nas festas ao deus Baco os seus adoradores repetiam essas palavras sacramentalmente.

— Mas o *avé, avé, evohé?* insistiu Emília.

E o visconde sempre a gemer:

— Isso é asneirinha sua, Emília. " Avé " quer dizer " Salve ", " Evohé " quer dizer " coragem ". Salve, salve, coragem! é asneirinha sua " (*Ibidem*).

Outra ironia de Lobato, esta — se considerarmos a sua preocupação em retirar da alma dos meninos qualquer espécie de temor não só aos falsos deuses, como, principalmente, ao verdadeiro Deus. Para Pedrinho, não serem os homens dominados pelo " terror teogônico ", " que beleza! " — Portanto, o " salve, salve, coragem! " toa muito mais harmonioso que o " Salve, Maria! " — exclamação que enviamos à " Escrava do Senhor " e Rainha de " todos os que o temem "...

• • •

Mas ao passo que, nos citados livros, vêm explicadas, com tanta cautela, as verdadeiras comunicações do povo com a Santíssima Virgem, propaga-se, nas *Histórias de tia Nastácia,* e agora sem precisão de cuidados..., um *prodígio* que desmerece na verdadeira intercessão da mesma Senhora Nossa:

— " Os meninos saíram para a floresta. Estavam amarrando uns feixinhos quando Nossa Senhora lhes apareceu e disse: " A velha é uma feiticeira que devora crianças. Por isso façam o que eu vou dizer... Os meninos disseram-lhes os nomes e lançaram-lhes os bolinhos. Os cães viraram guardas fiéis, tudo exato como Nossa Senhora dissera " (pgs. 60 e 61).

Isto é que é ensinar confiança na palavra de Nossa Senhora!...

Só se refere ao valimento da excelsa Rainha, quando êste se *manifesta* em histórias que não se realizaram.

Mais um exemplo: contando tia Nastácia que três meninas, enterradas vivas pela madrasta, e cujos cabelos brotaram em capinzal murmurejante ao perpassar da brisa, foram desenterradas por milagre de Nossa Senhora, Emília comentou:

— " Bom, esta história já está bem mais aceitável. Tem sua originalidade e explica tudo. Desde que houve milagre, era natural que as enterradinhas vivas não morressem.

Milagres não se discutem " (*Ibidem,* pg. 50).

Mais adiante, veremos que Lobato faz os meninos discutir milagres e que, para Emília, a *Era dos Milagres " foi no tempo das fadas ",* e para Dona Benta esta era " não foi... *está sendo* agora ", com a descoberta do telefone, do rádio, etc.

Mas isto é *" brasilidade "!...*

E não nos esqueçamos de reparar como a tática, neste passo, foi muito mais prudente, porque ofender, com palavras muito claras, a Nossa Senhora, nos países, como o Brasil, onde se guarda o seu amor como a pérola mais preciosa, depois do amor de Deus, ofendê-la, isto é coisa que os habilidosos *mimetistas* da " brasilidade " só deixam para depois... E consoante os conselhos da " Esperteza ", alguns, por enquanto, são até *muito* católicos. Reparem...

Scanned with CamScanner

São José

A seguinte frase do *cândido* materialista, mais do que outra qualquer, só poderá ser compreendida dentro do contexto:

> "Filho de um pobre carpinteiro, Jesus trabalhava com seu pai José no mesmo ofício" (*História do mundo para as crianças*, pg. 123).

Dizemos que esta frase só pode ser compreendida dentro do contexto, porque alguém poderia objetar que, na Sagrada Escritura, também se nos depara uma passagem assim:

"PORVENTURA NÃO É ÊLE (JESUS) O FILHO DO CARPINTEIRO?" (MATEUS, 13, 55).

Mas assim como estas palavras obscuras da Bíblia ficarão alumiadas no meio destas outras:

"NO SEXTO MÊS, FOI ENVIADO POR DEUS O ANJO GABRIEL A UMA CIDADE DA GALILÉIA, CHAMADA NAZARÉ, A UMA VIRGEM DESPOSADA COM UM VARÃO, QUE SE CHAMAVA JOSÉ, DA CASA DE DAVI; E O NOME DA VIRGEM ERA MARIA. ENTRANDO O ANJO ONDE ELA ESTAVA, DISSE: AVE, CHEIA DE GRAÇA, O SENHOR É CONTIGO, BENDITA ÉS TU ENTRE AS MULHERES. QUANDO ELA O OUVIU, TURBOU-SE COM O DIZER DO ANJO E COGITAVA QUE SAUDAÇÃO FÔSSE ESTA. E O ANJO LHE DISSE: NÃO TEMAS, MARIA, POIS ACHASTE GRAÇA DIANTE DE DEUS. EIS QUE CONCEBERÁS EM TEU SEIO E DARÁS À LUZ UM FILHO, E PÔR-LHE-ÁS O NOME DE JESUS... E DISSE MARIA AO ANJO: COMO SE FARÁ ISTO, POIS QUE NÃO CONHEÇO VARÃO? E, RESPONDENDO, O ANJO LHE DISSE: O ESPÍRITO SANTO DESCERÁ SÔBRE TI, E A VIRTUDE DO ALTÍSSIMO TE COBRIRÁ COM SUA SOMBRA. E POR ISSO É QUE O SANTO, QUE NASCERÁ DE TI, SERÁ CHAMADO FILHO DE DEUS" (LUCAS, I, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 35).

Quando São José — ainda ignorando as razões por que sua Espôsa castíssima dava sinais de ser Mãe — quis, ocultamente, abandoná-la, o mesmo anjo de Deus lhe dirigiu estas palavras, em sonho:

"JOSÉ FILHO DE DAVI, NÃO TEMAS RECEBER A MARIA TUA MULHER, PORQUE O QUE NELA SE GEROU É OBRA DO ESPÍRITO SANTO" (MATEUS, I, 20).

Pois, dizemos, assim como destas palavras da Sagrada Escritura concluímos que existe um Deus revelador, e um Filho Unigênito dêste mesmo Deus, e que a geração de Cristo no seio da Virgem foi milagre do Espírito Santo, e que, portanto, São José foi pai apenas adotivo do divino Filho de Maria, assim também, ou melhor, contràriamente, concluirão êsses pobres meninos que mais assimilam a doutrina de Lobato: se tudo o que existe é matéria, se Deus não existe, se "a era dos milagres" "não foi o tempo de Cristo", mas êste século XX dos progressos científicos, — então, Jesus veio ao mundo como todos os homens: por *obra e graça* da "ciência" do século XX...

Ou haverá quem conclua daquele texto de Lobato sôbre São José, algum milagre do Espírito Santo no seio da Virgem Mãe?

Esta conclusão só poderia ser tirada por antilobatistas... porque os lobatistas hão de dizer que "não é com um ou outro texto que se faz a crítica honesta de um autor"...

E já lhes demos razão...

Os outros Santos

O culto católico — e tão brasileiro! — aos outros santos de Deus, não podia ser mais bem afortunado, na literatura lobatiana, do que a devoção a Nossa Senhora e a São José.

Depois de descrever as aflições de um pastorinho a procura de algumas ovelhas furtadas, narra o *devoto* materialista como a criança "se lembrou de pedir socorro aos céus":

Scanned with CamScanner

— " Valei-me Santo Antônio! Prometo-vos vinte reses se me fizerdes dar de cara com o infame salteador. Por estranha coincidência (essas coincidências, na literatura de Lobato, são sempre estranhas...), assim que o pastorzinho disse aquilo apareceu diante dêle um enorme leão, de dentes arreganhados. O pastorzinho tremeu dos pés à cabeça; a espingarda caiu-lhe das mãos; e tudo quanto pôde fazer foi invocar de novo o santo.

Valei-me, Santo Antônio! Prometi vinte reses se me fizésseis aparecer o ladrão; prometo agora o rebanho inteiro para que o façais desaparecer ".

Moral da fábula:

" No momento do perigo é que se conhecem os heróis " (*Fábulas,* pg. 31).

A explicação desta moral termina com o seguinte comentário de Dona Benta:

— " Porque se êle fôsse um herói como Pedrinho, não podia haver essa fábula " (pg. 32).

Já sabemos que Pedrinho achou uma " beleza " que os gregos não tivessem o *" terror teogônico "*. Admirador da alma dos titãs, não era êle, então, que se deixaria vencer pelo terror *leo... gônico.* Os materialistas não têm mêdo de coisa alguma...

• • •

No livro *Viagem ao céu* (pgs. 40 e 41), a devoção a São Jorge é simplesmente ridicularizada:

" A única coisa que tia Nastácia sabia da Lua era que lá morava São Jorge a cavalo, sempre ocupado em

espetar com sua lança o dragão. Com São Jorge, que era um santo, ela poderia arranjar-se. Mas que fazer com o dragão? E a pobre negra pôs-se a tremer "...

" Depois São Jorge me chamou e perguntou se eu queria ficar cozinhando para êle. Eu me atrapalhei tôda na resposta e então Narizinho respondeu e disse que eu ficava só por uns dias — fiquei, sinhá, fiquei feito cozinheira de São Jorge, eu, uma pobre de mim, e êle aquêle santo tão prepotente, com a fisolustria de escudo e espêto, numa correspondência da côrte celeste... " (pg. 149).

• • •

Anotemos que Monteiro Lobato faz questão de frisar, ao longo de tôda a sua literatura infantil, que tia Nastácia *" é um poço de ignorância "* (Confr., por exemplo, *Serões de Dona Benta,* pg. 13). É êste mesmo " poço de ignorância ", que, entre os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo,* diz sempre o " Credo! " e faz o sinal da cruz.

O Sítio do Picapau Amarelo é o reino dos homens *evoluídos.* Esta nossa observação a respeito da ignorância de tia Nastácia e do seu *Credo* é, mais uma vez, ciceroniada pelo próprio Lobato:

" Onde se viu uma simples negra velha recusar um convite feito por um " ente da côrte celeste? " (*Viagem ao Céu,* pg. 62).

• • •

Para não tornar enfadonho o nosso trabalho, preferimos não enfiar tôdas as citações de Monteiro Lobato a respeito da devoção aos Santos, limitando-nos, nessa altura, a indicar as páginas em que se encontram as menções *mais honrosas* à população do Céu: Do mesmo livro *Viagem ao Céu* consultem-se as páginas 44, 45, 46

Scanned with CamScanner

e seguintes, principalmente a página 58, onde São Jorge, nascido na Capadócia, sabendo, por Emília, que "capadócio é um gajo que não presta... vadio ou malandro", responde à ex-marquesa:

> "Vou seguir o seu conselho, bonequinha. Não contarei nem ao dragão que sou um capadócio..." (As reticências, tão respeitosas!, são de Lobato...).

Consultem-se também as páginas 24, 28, 41, 42 e seguintes das *Memórias da Emília*. E principalmente o *Saci*, obra referta do baixo folclore.

• • •

Mas não nos devemos limitar à citação das páginas em que se encontra a seguinte ironia contra os ensinamentos da Igreja sôbre

O Santo e o Demônio

> "— Pois gostei! gritou Emília" (depois de ter ouvido uma história)...
>
> "E mais que tudo gostei da camaradagem entre o santo e o diabo.
>
> — Sim, disse Dona Benta. Como os dois vivessem na mesma capela, sòzinhos, acabaram em muito bons têrmos, como se vê na história. O diabo é o símbolo da maldade, mas até a maldade amansa quando em companhia da bondade. De viverem juntos ali na capelinha, o santo e o diabo se transformaram em amigos, e os bons sentimentos de um passaram para o outro.
>
> — Influência do meio! gritou Pedrinho, que andava a ler Darwin.

> Narizinho confessou que gostava muito das histórias com o diabo dentro, e disse que tôdas elas confirmavam o dito popular de que o diabo não é tão feio como o pintam.
>
> — Credo! exclamou tia Nastácia fazendo três benzeduras.
>
> Como é que uma menina de boa educação tem coragem de dizer isso do canhoto?
>
> Narizinho arregalou os olhos.
>
> — Como? É boa! Pois você mesma não acaba de contar a história de um diabo bom?
>
> — Mas isso é história, menina. História é mentira. O "cão é o cão". Não muda de ruindade.
>
> — Se o cão é cão, viva o diabo! gritou Emília. Não há animal melhor nem mais nobre que o cão. Chamar ao diabo cão, é fazer-lhe o maior elogio possível.
>
> — Dona Benta, exclamou tia Nastácia horrorizada, tranque a bôca dessas crianças. Estão ficando os maiores herejes dêste mundo. Chegam até a defender o canhoto, credo!...
>
> — Olhe, Nastácia, se você conta mais três histórias de diabo como essa, até eu sou capaz de dar um viva ao canhoto, respondeu Dona Benta" (*Histórias de tia Nastácia*, pgs. 68 e 69).

O tipo da vovó brasileira! "A melhor das vovós"! como a elogia Monteiro Lobato (*O Saci*, pg. 7).

Tudo "brasilidade"!...

Não estranhando, absolutamente, nada do que escreve o comunista sôbre o santo e o demônio, estranhamos apenas que êle

Scanned with CamScanner

insista na ironia contra a designação *canhoto*, quando a sua filosofia é extremamente da *esquerda*, isto é, do lado extremamente "*canhoto*"...

• • •

Atacada a devoção aos santos, volta-se Monteiro Lobato, num verdadeiro *ato de lôbo*, a ridicularizar o sacramento do Batismo e outras coisas da Religião Católica.

O sacramento do Batismo

Em *História do mundo para as crianças*, pg. 31, lemos as seguintes *ponderações* de Pedrinho:

> "vou batizar (com os nomes de Sargão e Amurabi) os dois cabritos que nasceram... Não há melhor meio de conservar nomes exóticos".

À pg. 16 do *D. Quixote das crianças*:

> "O fidalgo achou sonoro o nome de Rocinante e com êle batizou o seu cavalo".

À pg. 92 do mesmo livro:

> "... pronta a garrafada, o herói da Mancha batizou-a com uns Padrenossos, Salves e Credos, ditos com trejeitos mágicos".

Descrevendo a guerra entre turcos e cristãos, acentua, grifando pejorativamente, a distinção que estabelecemos entre homens batizados e não batizados, *fiéis* e *infiéis*.

> "— Depois dos peregrinos vencerem as mil dificuldades da viagem, tinham ainda, quando chegavam, de sofrer os maus tratos dos turcos, ou *infiéis*, como êles diziam" (*História do mundo para as crianças*, pg. 192).

• • •

Batizar significa sòmente dar nome e é ofício que Emília — "com o seu célebre ar de anjo de inocência"... — não exerceria no meio do povo:

> "O nome José aproximou-se, arquejante, a limpar o suor da testa.
>
> — Cansadinho, hein?
>
> — Nem me fale, menina! A todo momento nascem crianças que os pais querem que eu batize, de modo que vivo numa perpétua correria de igreja em igreja a grudar-me em criancinhas que ficam josèzando até a morte. Eu e Maria somos dois Nomes que não sabem o que quer dizer sossêgo...
>
> ... — Não vale a pena ser muito querido nesta cidade, observou Emília. Eu, se fôsse palavra, queria ser a mais antipática de tôdas — para que ninguém me incomodasse, como incomodam a êste pobre JOSÉ". (*Emília no país da Gramática*, pg. 26).

• • •

(O nome *Odete*) "Volta e meia sai daqui correndo, a batizar meninas. Mas minha vingança é que está ficando magra que nem bacalhau de porta de venda, de tanto corre-corre... Inda agora recebeu chamado para batizar uma menina em Itaoca. Tomara que seja uma negrinha preta que nem carvão..." (*Ibidem*, pg. 28).

Scanned with CamScanner

Que vingança racista, por parte de um homem que pretende anular as distinções entre os homens e extinguir "o regime de flores e estêrco"...

• • •

— "Venha cá, senhor Coletivo! Explique-se. Diga quem é.

— Sou o nome CAFEZAL, e indico uma porção de pés de café. Deseja mais alguma coisa, senhorita?

— Quero saber se não está com a broca.

— Broca só dá nos arbustos que eu batizo, quando são muitos.

— E quando são poucos?

— Só os batizo quando são muitos. Se se trata apenas de dois, três ou uma dúzia, não dou confiança" (*Ibidem*, pg. 31).

• • •

"Vocês ainda não observaram que êstes senhores Nomes estão divididos em dois gêneros, o *MASCULINO* e o *FEMININO*, conforme o sexo das coisas ou sêres que êles batizam" (*Ibidem*, pg. 32).

• • •

"Ergue-se diante (do nosso cérebro) uma escuridão — uma parede preta, que o filósofo inglês Spencer batizou de "*Incognoscível*" (*Serões de Dona Benta*, pg. 74).

E à pg. 4 da *Geografia de Dona Benta*:

"Newton batizou de *Lei da Gravitação* o tal *mesmo modo* dos astros girarem uns em tôrno dos outros. (Gravitar é o mesmo que girar, gravitação é o mesmo que giramento)".

Como batizar é o mesmo que dar nome...

Mas não será isto uma simples brincadeira "de quem sabe adaptar-se à psicologia da infância?"...

Não duvidamos. O ímpio Monteiro Lobato fazia questão cerrada de manter a integridade da doutrina católica sôbre os sacramentos e de "*adaptar-se*" à psicologia dos pequeninos, "*que dêles é o reino dos céus*"...

A unção

Com o porco *Rabicó*, à pg. 34 da *História do mundo para as crianças*, Emília fêz o seguinte:

"Correra (para a cozinha) e fôra para o quintal com a lata de azeite doce". "Para que isso, Emília?" perguntou tia Nastácia. "Para ungir Rabicó", respondeu a diabinha. "Talvez que depois de ungido êle se torne menos guloso"... (Essas reticências são sempre de Lobato...).

Isto depois de se haver narrado a cerimônia religiosa, com que Samuel ungiu a Saul.

Os milagres

Também os milagres feitos por Deus em favor da nossa Religião são ridicularizados impiedosamente:

— "Quando foi a era dos milagres? perguntou Dona Benta... Vamos ver quem sabe.

Scanned with CamScanner

— Foi no tempo de Cristo, respondeu Narizinho.

— Foi no tempo das fadas, respondeu Emília.

Pedrinho calou-se. Não deu opinião".

(Até no descrever a atitude de Pedrinho, que era o menino ou homem do grupo, Monteiro Lobato completa o seu sarcasmo).

"— A era dos milagres não *foi*, disse Dona Benta. *Está sendo* agora (êle é quem grifa). Estamos nós vivendo em plena era dos milagres, sem que prestemos a menor atenção a isso!

— Como vovó?

— Sim. Imaginem que um homem do tempo antigo ressuscitasse agora. Poderia compreender as coisas que temos e às quais não ligamos a mínima importância?

Estou imaginando as aflições do coitado! Vira-se para cá, e dá com uma pessoa falando pelo telefone com um amigo morador em outro continente — e logo julga que são dois mágicos que conversam. Vai ao cinema e vê desenrolar-se uma fita americana de bandidos modernissimos, que se atacam uns aos outros com metralhadoras. O nosso homem não entende nada e fica certo de que há gente representando atrás do pano. Vai espiar. Não encontra ninguém e abre a bôca.

Nisto uma vitrola põe-se a reproduzir um disco de falação. O nosso homem, já meio tonto, vai ver quem está debaixo da mesa. Nada encontra e arregala o ôlho.

Agora é o rádio que entra a funcionar. O pobre homem põe-se a tremer. Corre à janela para tomar fôlego. No céu desliza um imenso pássaro que êle nunca supôs existir, o aeroplano. "Será verdade então", pensa êle, "que existe mesmo o pássaro Roca?"

Na rua vê bondes e autos, isto é, veículos que andam sem cavalos. O homem acaba enlouquecendo, porque não pode de maneira nenhuma entender coisa nenhuma de coisa nenhuma.

A idade dos milagres é esta. De momento a momento novas maravilhas saem dos laboratórios científicos. As invenções se atropelam" (*História do mundo para as crianças*, pgs. 303 e 304).

Milagres, portanto, são essas "maravilhas" que assinalam a religião "*poética e alegre*" dos deuses da Rússia, que, com a morte de Stalin, já começam a oferecer a seus adoradores estrangeiros, o espetáculo grandioso do mais científico *pôr-de-sol*: o crepúsculo dos deuses...

A oração

Nem da oração se esqueceu Monteiro Lobato. Quando *Emília, no país da gramática*, pergunta se oração é reza, ouve a seguinte resposta:

> "É reza e é também uma frase que forma *sentido perfeito* (grifado, pg. 74).

Entre os defensores mais superficiais do certeiro escritor, já não faltou quem nos respondesse não haver êle ensinado, com isto, que reza não forma também "sentido perfeito".

Pois então vamos medir o *tamanho* da citada frase, com outra do livro *A Chave do Tamanho*, em cujas entrelinhas — "reza" forma sentido tão *perfeito*, que até a boneca, um dia, se lembrou de rezar...:

> "— A estante tem fôrro, disse (Juquinha). Quero ver como a senhora passa.

Scanned with CamScanner

— O fôrro é de pinho, respondeu Emília. As tábuas de pinho às vêzes têm nós que caem e deixam um buraco. Estou rezando para que êste fôrro seja de tábua de pinho com buraco de nó. Se não houver passagem, paciência. Descerei e procurarei outro meio" (pg. 64).

Mas trata-se do seguinte: quando, com tôda a humanidade (Vide capítulo: *Negação da Hierarquia social*), Emília perdeu o antigo tamanho, pôde subir, de tão leve que estava, por uma teia de aranha, a uma estante cujo fôrro ela mesma, como disse, já sabia que era de pinho. Não sabia, porém, se era "de pinho com buraco de nó". Então rezou para que o fôsse.

Das duas uma: ou o que ela desejava já lhe havia sido concedido — e neste caso não havia mister pedi-lo; ou estava rezando para que Deus fizesse um milagre — mas também já vimos que ela não acredita em Deus nem nos milagres, a não ser nos "do tempo das fadas"...

E assim, brincando, brincando, Monteiro Lobato *provou* a inutilidade da oração...

Pai nosso, salve rainha e "pelo-sinal"

"... pronta a garrafada, o herói da Mancha batizou-a com uns Padre nossos, Salves e Credos, ditos com trejeitos mágicos" (*D. Quixote das crianças*, pg. 92).

• • •

"— O que houve então nem queira saber!... tia Nastácia amontoava pelos-sinais um em cima do outro e era só "Credo!" e mais "Credo!"...

— E todos nus?

— Sim, todos nus, respondeu o visconde.

— E não tinham vergonha?

— Parece que não"... (*A Chave do Tamanho*, pg. 104).

Eis aí como em poucas palavras se pode dizer tudo...

O Rosário

O Rosário de Nossa Senhora é ofendido grosseirissimamente:

"Já não há aquêle "cão", que quando via um rosário rebentava num grande estouro e fedia a enxofre. O povo é muito conservador, de modo que as histórias que de pais a filhos a gente do povo conta são corocas, vêm do tempo da Idade Média, quando não existia jornais nem livros.

— Pois cá comigo, disse Emília, só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beiçuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto"... (*Histórias de tia Nastácia*, pg. 27).

Quatro ofensas ao mesmo tempo: à doutrina sôbre a existência do demônio, ao poder do santo Rosário, ao valor cultural da Idade Média e ao negro — de quem Lobato diz que "é a grande coisa da Bahia"...

E agora, *fazendo de conta*:

"Além dos lerdos caramujos, havia muitos bichos-de-conta, ou "tatuzinhos", como ela dizia. Eram conhe-

Scanned with CamScanner

cidos velhos. Gostava de brincar com êles lá no sítio. "São uns bobos. Basta que a gente bula nêles para que se finjam de mortos". Emília experimentou. Montou num dos maiores. O bichinho, apavorado, imediatamente virou bola — ou conta, como as do rosário.

— Não serve. Êstes tatús-bolas também não nasceram para cavalos" (*A Chave do Tamanho*, pg. 30).

Observemos a posição ocupada, no período, por aquêle "*não serve*"...

E assim, numa simples comparação com as contas do rosário, Lobato faz de conta que sòmente o bicho-de-conta é que "não serve"...

Desta passagem fizemos uma interpretação pessoal, admitindo, portanto, a possibilidade de outras interpretações. O que é fora de dúvida, porém, é que, para a ex-boneca, o Rosário não serve mesmo.

Ela já disse que

"não gosta, não gosta e não gosta".

Pronto.

A cruz e o bentinho

Nem da Cruz nem do bentinho se esqueceu Monteiro Lobato, no seu costumado jôgo de univocidades com anfibologias:

"— Bentinho é bom?

— É um porrete. Dando com cruz ou bentinho pela frente, o saci fede enxôfre e foge com botas de sete léguas" (*O Saci*, pg. 29).

A sepultura cristã e o sufrágio pelos mortos

Mas êle é completo. Vai à profanação da sepultura cristã, ridicularizando, ao mesmo tempo, a oração pelos mortos:

"Aqui neste buraco jaz
Uma pobre vespa assassinada
Na flor dos anos
Pela menina do nariz arrebitado.
Orai por ela!"

(*Reinações de Narizinho*, pg. 44).

Mas isto não passa de "brincadeira" com os meninos...

Brincadeira nenhuma. Lobato, nos livros infantis, não mudou de teoria sôbre a morte. Para êle tanto faz orar pelos homens defuntos, quanto por uma vespa:

> "Minha idéia é que morrer significa passar do estado sólido para o gazoso, como o bloco de gêlo que com a mudança de temperatura derrete e se transforma em vapor. O vapor é invisível e tem propriedades totalmente diversas da do bloco de gêlo, e no entanto é o próprio bloco de gêlo reduzido a estado de vapor. E se resfriamos o ambiente onde está o vapor, o vapor invisível condensa-se, vira líquido e depois vira o mesmo gêlo que era no comêço da experiência. Eis a Reencarnação! Vapor condensado!"... (*Apud* Edgard Cavalheiro, obra citada, pg. 682).

Aí o cientista não previu a possibilidade de um contra-*vapor*...

Suicídio de brinquedo

Outro tipo de brincadeira muito própria para os meninos:

"Se em vez de boneca eu tivesse nascido gente gran-

Scanned with CamScanner

de (pondera Emília), sabem o que fazia? Suicidava-me"... (*Viagem ao Céu*, pg. 98).

Muito engraçadinho isto! E pedagógico...
Dirão que se trata de uma simples brincadeira.

Mas quem é capaz de escrever — para crianças! — uma brincadeira dessa ordem, é porque também podia — para os adultos — escrever aquela desordem:

> "E se tudo fôr perdido" (era na 2ª guerra mundial), "se a Rússia, o inglês e os americanos caírem" (não nos esqueçamos de que naquela ocasião, também a Rússia não desejava que os inglêses e americanos caíssem...) "ainda nos resta uma coisa, uma solução: a morte. *O suicídio*" (o grifo é nosso — *Apud* Edgard Cavalheiro, *obra citada*, pgs. 508 e 509).

Não admira, portanto, a *brincadeira* de Emília, sôbre se fôsse *"gente grande"*...

Os nomes sagrados

Nem os nomes sagrados, com que foram chamadas as terras e águas do Brasil, mereceram a justiça do exuberante negador. Em *Emília no País da Gramática*, escreve assim:

> "A maior parte dos nomes das cidades, rios e montanhas do Brasil são de origem índia, como *TREMEMBÉ*, ITÚ, NITERÓI, ITATIÁIA, GOIÁS, PIAUÍ, PIRAMBÓIA, etc." (pg. 107).

Esta frase, tão claramente exposta, é imediatamente precedida de um notável *"faz-de-conta"*:

> "Aqui na cidade nova as palavras vindas da cidade velha misturaram-se com inúmeras de origem local, ou palavras índias, que já existiam nas terras do Brasil quando os portuguêses as descobriram" (pg. 106).

Mas aí não se focaliza a enorme quantidade de nomes de santos e mistérios sagrados que, juntamente com os nomes tupís, exprimem o verdadeiro espírito de brasilidade. E quando, em outro lugar, conta que Cabral impôs ao Brasil o nome de *Terra de Santa Cruz*, tem o cuidado de anotar, despachadamente:

> *"Nome que não pegou" (História do mundo para as crianças*, pg. 236).

Num livro, não se interessa por citar os nomes de terras e águas que têm nomes sagrados, noutro livro, é grande o interêsse em informar que o nome da Cruz "não pegou" no Brasil.
Tudo "Brasilidade"...

• • •

Mas seria um nunca mais acabar, se agora entrassem na fila tôdas as profanações da obra de Lobato, que tôda ela é profanação.
Não deixemos, todavia, de anotar o ódio profundíssimo ao clero, que êle procura enraizar, disfarçada e deslealmente, no coração das crianças.

Os pastôres da Igreja

"GRANDES BURROS
QUE É O QUE ÊLES SAO".

> "— Antigamente os pastôres tudo faziam para manter a carneirada na doce paz da ignorância, e para isso perseguiam os sábios, matavam-nos, queimavam-nos em

Scanned with CamScanner

fogueiras — um horror, meu filho! Um dos maiores sábios do mundo foi Galileu, o inventor da luneta astronômica, graças à qual afirmou que a terra girava em redor do sol. Pois os pastôres da época obrigaram êsse carneiro sábio a engulir a sua ciência.

— Por que, vovó?

— Porque a êles pastôres convinha que a terra fôsse fixa e centro do Universo — com tudo girando em redor dela.

— Mas por que queriam isso?

— Para não serem desmentidos, meu filho. Como os pastôres sempre haviam afirmado que era assim, se os carneiros descobrissem que não era assim, êles pastôres ficariam desmoralizados.

— Ficariam com caras de GRANDES BURROS, que é o que êles são, berrou Emília indignada" (o grifo é nosso).

"Dona Benta suspirou.

— Ah, meus filhos, eu até nem gosto de pensar no que os sábios têm sofrido pelos séculos afora... Aquela coitadinha da Hipatia, por exemplo...

— Quem era ela, vovó? quis saber a menina.

— Hipatia foi uma sábia grega nascida em Alexandria no ano 370. Não só muito culta, como de grande beleza. O pai educou-a muito bem e depois mandou-a aperfeiçoar-se em Atenas, que era a Paris do mundo antigo. De volta a Alexandria, Hipatia abriu uma escola onde ensinava as grandes idéias de Sócrates e Platão. Tornou-se queridíssima do povo, sôbre o qual derramava ondas de sabedoria. Pois, sabe o que aconteceu com a coitada?

— Casou-se e... ia dizendo a Emília, mas Narizinho tapou-lhe a bôca. "Que foi, vovó?"

— Mataram-na! Um grupo de capangas, instigados por um tal bispo Cirilo, atacou-a na rua, matou-a e esquartejou-a.

Os quatro coraçõezinhos ali presentes pulsaram de indignação. Dona Benta continuou:

— E a Sócrates, que foi um dos maiores iluminadores da ignorância dos carneiros, os pastôres da época obrigaram-no a beber cicuta, um veneno horrível. E Giordano Bruno? Ah, êste foi queimado vivo numa fogueira, no ano 1600 — sabem por quê? Porque era um verdadeiro sábio e estava iluminando demais a escuridão dos carneiros.

— Queimado vivo! repetiu Narizinho com cara de horror. Eu nem consigo imaginar o que isso possa ser. Outro dia queimei o dedo na chapa do fogão — e doeu tanto, tanto... Imagine-se agora uma fogueira queimando a gente inteira — a pele, os olhos, o nariz, as orelhas, as mãos, tudo, tudo... e a menina tapou a cara como para não ver a cena.

Dona Benta deu um suspiro.

— Pois, minha filha, contam-se por centenas de milhares os mártires da fogueira, e quase sempre por isso: enxergarem mais que os outros e ensinarem aos ignorantes. Por felicidade minha, eu vivo neste nosso abençoado século; se eu vivesse na Idade Média já estava assada numa boa fogueira — e também vocês, pelo crime de terem aprendido comigo muita coisa. Até Quindim ia para a fogueira como feiticeiro, se os pastôres soubessem daquele passeio gramatical que êle fêz com vocês.

— E o Burro Falante, vovó? perguntou Pedrinho.

— Também ia para a fogueira, meu filho. O simples fato do nosso bom burro falar já seria considerado crime merecedor de uma dúzia de fogueiras.

Scanned with CamScanner

— E eu? indagou a boneca.

— Você tem dito tantas heresias, Emília, que êles a queimavam numa vela até ficar reduzida a carvão, e depois moíam êsse carvão e o assopravam aos ventos, de mêdo que a poeirinha se juntasse e vivesse outra vez.

— E hoje vovó? quis saber Pedrinho. Por que é que hoje não há mais fogueiras para os sábios?

— Porque apesar de tôdas as perseguições os sábios foram abrindo a cabeça dos carneiros, e os carneiros já não deixam que os pastôres queimem os seus mestres de ciência. Mas, mesmo assim, volta e meia um sábio vai para o beleléu, destruído pelos pastôres. Não os queimam vivos, é verdade, mas prendem-nos em cárceres e às vêzes até os fuzilam. Ou então perseguem-nos de outras maneiras, tornando-lhes a vida difícil. Em todo caso já melhoramos bastante, e a prova temos aqui em nós mesmos: estamos vivos!" (*Viagem ao Céu*, pgs. 21, 22, 23 e 24).

COMENTÁRIOS

1º — "O tal bispo Cirilo", a quem Monteiro Lobato acusa de ter instigado capangas que mataram Hipatia, êsse "tal bispo", quem julgam os leitores que êle seja?

SÃO CIRILO! O grande São Cirilo de Alexandria!

Monteiro Lobato, para quem, segundo já vimos, "não basta dizer — é preciso provar, ali na batata", *desta vez*... Preferiu não provar. Contentou-se com a *batata*... Contentou-se com o princípio de Emília: "Se a mentira fizer menos mal do que a verdade, viva a mentira!"

Entretanto não lhe seria difícil apresentar provas, a êle que provou, com a autoridade do Concílio de Nicéia, que Jesus Cristo "virou Deus", e, com a autoridade de Lavoisier, que não existe o Criador...

2º) — Quanto ao assassinato, realmente praticado por cristãos, da pensadora neo-platônica e de Giordano Bruno, respondemos que isto apenas evidencia que a lição de caridade, contida no Evangelho, não penetrou bastante no coração de certos convertidos, nem noutros corações. Nem o próprio Batismo destrói, na "bêsta humana coletiva", as raízes que o pecado original enterrou nas paixões.

A freqüência de milagres, neste ponto, é reservada aos poderes do materialismo, do comunismo...

3º) — Quanto ao "*horror*" de Narizinho pelas fogueiras, a qual "nem consegue imaginar como isso possa ser"; e quanto àquela pergunta de Pedrinho: "Por que é que hoje não há mais fogueira para os sábios?", o próprio Lobato pode dar *esclarecimentos:*

> "...EU VOU DAR PETRÓLEO A ESTA INFAME TERRA. PRECISAMOS DE MUITO PETRÓLEO PARA FAZER UMA FOGUEIRA IMENSA E ASSAR ÊSSES TRIBUNAIS DE EXCEÇÃO" (*APUD* EDGAR CAVALHEIRO, PG. 481).

Imaginem o "horror" de Narizinho, se soubesse que Lobato pensava assim!...

NOTA — Vamos deixar, por enquanto, sem comentário e sem adjetivo, aquela frase sôbre os pastôres da Igreja: "*Grandes burros, que é o que êles são*".

"Ojeriza de Lobato para com os Padres"

Onde se encontram as raízes *racionais* desta ojeriza?

"Num célebre Vigário Juca, do Colégio de Taubaté, com quem o então menino se desaviera. Êsse Padre obrigava, com irritante insistência, os alunos a lerem e decorarem a parábola do pobre e do rico, aquela velha história do pobre que ganhou o reino do

Scanned with CamScanner

céu e do rico que foi para o inferno. Tinha Lobato 10 anos quando tentaram imbuí-la na sua cabeça. Lembrava-se, no entanto, muito depois, que já então não achava graça na história; e mais tarde se convenceu de que o rico passara a subvencionar a religião como o instrumento ideal para a permanência do *statu quo* ledo e cego. Regalava-se sizinho com as riquezas da vida — "riquezas, ai do coitadinho!" — que inexoràvelmente o levam para o inferno".

"Só as impressões da infância são profundas e duradouras"... (*Edgard Cavalheiro*, obra citada, pg. 493).

COMENTÁRIOS

1º) — Lobato que, no livro *Zé Brasil*, promete o *paraíso comunista* aos pobres camponeses e o inferno da vingança aos "coronéis Tatuíras"; Lobato que vem arrebanhando os meninos para o Sítio do Picapau Amarelo que, segundo êle mesmo proclama, "*é o paraíso na terra*"; Lobato que, vomitando, a um só tempo, ironia e condenação, deseja para os sarracenos e cristãos que "*o diabo os tenha no maior dos seus caldeirões*" (*História do mundo para as crianças*, pg. 239), Lobato tem ojeriza aos Padres porque o Vigário Juca lhe mandava decorar a parábola do pobre que foi para o céu e do mau rico que foi para o inferno!

E comunista, inimigo da propriedade particular, — mesmo como fruto do trabalho dos bons — chama "coitadinho" ao capitalista mau que foi para o inferno!

2º) — Tôda a Pedagogia daquele tempo dava suma importância aos exercícios da memória. Não sòmente a Religião; também as outras disciplinas deviam ser decoradas, *irritantemente*, desde o *B-A-BA*.

Mas Lobato guardou ojeriza aos Padres, porque... o Padre Juca "obrigava, com irritante insistência, os alunos a lerem e decorarem a parábola do pobre e do rico"!

Onde se encontrarão as verdadeiras causas desta "ojeriza"? No Padre Juca, ou no PADRE? Na obrigação de decorar a parábola, ou na parábola?

3º) — "Só as impressões da infância são profundas e duradouras".

Mesmo que êste exagêro fôsse verdade, isto não queria dizer que tais impressões não pudessem ser controladas pela reflexão e pelo estudo, pela boa vontade de um homem que não tivesse por norma de procedimento humores e recalques, porém o equilíbrio das faculdades superiores. Máxime quando se trata de um *pensador* que estabeleceu profunda distinção entre "*os homens superiores e o rebanho humano*" e cuja cabeça o próprio rebanho de Lobato não há de querer contar entre as daquele rebanho...

Bem! Mas isto é outra questão...

O que pretendemos provar é que Lobato sempre teve ojeriza ao clero, não a atenuando em sua literatura infantil.

Êste ódio é a nutrição mais suculenta do organismo comunista. Uma das *razões* por que a *Academia de Ciências da Rússia* combate o ateísmo hegeliano é haver êste engendrado a teoria de uma idéia em perpétua evolução e contraposição com a matéria. Teoria que, segundo a confusão do marxista *Tchertkov*, faz com que os hegelianos tenham representado "*o papel de lacaios do obscurantismo clerical*" (*Materialismo dialético*, pgs. 13 e 14).

E Monteiro Lobato (homenageado por aquela Academia, como veremos no clichê que antecede ao capítulo: Negação da Independência da Pátria) Lobato não faz por menos. Contando que Galileu "confirmou a idéia de Aristarco, da terra e mais planetas girarem em redor do sol", acrescenta:

> "Foi tido como louco e obrigado pelos padres a renegar essas idéias sob pena de ser assado vivo" (*Serões de Dona Benta*, pg. 154).

Scanned with CamScanner

O mais interessante é que Dona Benta, em *A Chave do Tamanho*, pg. 10, dá o seguinte esclarecimento a respeito da expressão *pôr-do-sol:*

> ... "é um modo de dizer. Você bem sabe que o sol não se põe nunca; a terra e os outros planetas é que se movem em tôrno dêle. Mas a impressão nossa é de que o sol se move em redor da terra — e portanto *nasce* pela manhã e *põe-se* à tarde".

Mas êste esclarecimento desvia-se da página e do livro em que os padres são apontados contra Galileu. Era um esclarecimento necessário, porque a Biblia emprega expressões semelhantes que, por causa da teoria do movimento da terra, no tempo de Galileu, ainda estavam na mesma sombra que encobria a verdade científica.

É verdade que, em *Serões de Dona Benta,* esclarece um pouco mais:

> "Todos os povos antigos tinham a idéia da chateza e fixidez da terra... Mas lá entre os gregos, o povo mais inteligente que ainda apareceu sôbre a terra, um sábio de nome Aristarco apresentou uma idéia nova: a terra e os planetas não eram parados — giravam em redor do sol. Tôda gente se levantou contra êle, porque semelhante idéia contrariava o ensinado pela religião grega. Mas a religião é que estava errada, não Aristarco" (pg. 153).

Vê-se, portanto, que o intento de Lobato é responsabilizar a Religião pelo êrro das teorias sôbre a fixidez da terra.

Se a própria religião grega, que êle — sòmente para atirá-la contra a de Moisés — elogia como *"poética e alegre"*; se a própria religião grega, dizemos, foi responsabilizada pelo êrro no estudo dos astros, que poderíamos esperar do que a tal respeito ensinasse o fanático ateu, falando do Catolicismo, contra cujo espírito, já nolo disse Edgard Cavalheiro, era "tomado de horror"?

O erudito adversário chega a fazer *economia* de erudição, para não informar que o Parlamento francês, em 1624, mandou rasgar as teses que ensinavam o movimento da terra, e exilou os autores daqueles escritos, e proibiu, *sob pena de morte,* que a nova teoria fôsse propagada (*Apud* Bertrand — *Galileu Galilei*, pg. 11).

Não informa que a condenação desta mesma teoria, em Paris, foi muito mais ameaçadora do que em Roma.

Esconde, completamente, na sua polida condenação à "burrice" dos padres, o nome de *Kepler* — o grande astrônomo que protestou, em carta, contra Galileu:

"Estamos tão admirados e surpreendidos com êste boato irrazoável... nosso espanto cresceu ao sabermos que havia homens eminentes em sabedoria, seriedade e segurança de juízo, muito acima do povo comum, que contava tal coisa de Galileu, e que o livro (*Sidereus Nuntius*) já estava no prelo"... (*Ibidem*).

Não se refere ao protesto que o astrônomo da cidade de Mântua, *Magini,* também escreveu:

"Parece-me uma coisa ridícula — a história dêsses quatro planetas que Galileu faz circular em redor do planeta Júpiter" (*Ibidem*).

Esquece-se de qualquer referência ao panfleto contra o combatido sábio, escrito pelo acadêmico *Martinho Horky.*

Defensor de Lutero e da Bíblia, esconde, agora, o nome do já inútil *reformador,* a quem, antes, a "maior parte do povo dava razão" e que, "se não gostava de uma coisa, dizia". Realmente, quanta coisa Lutero dizia!...

Contra Copérnico, por exemplo:

"Aquêle tolo quer virar a arte da Astronomia. Mas como indica a Sagrada Escritura, Josué mandou parar o sol e não a terra" (*Ibidem*).

É isto!:

> "Lutero queria que o povo da Alemanha lesse com os seus próprios olhos a Bíblia" (disse Lobato contra nós!...)

Scanned with CamScanner

Nem de longe se refere à célebre audiência concedida por *Paulo V* ao grande cientista; audiência em que o Soberano Pontifice lhe proibiu dirigir a palavra de joelhos, " como se fôra postura menos adequada a um representante da Ciência e de tamanha envergadura " (Confr. *Verbum* — Junho e Setembro de 1956 — Revista da Universidade Católica do Rio de Janeiro).

Não se refere aos versos em que o Cardeal *Maffeo Barberini*, feito Papa sob o nome de *Urbano VIII*, exalta o nome e as descobertas de Galileu:

" Cum Luna coelo fulget, et auream
Pompam sereno pandit in ambitu
Ignes coruscantes, voluptas
Mira trahit, retinetque visus.
Hic emicantem suscipit Hesperum
Dirumque Martis sidus et orbitam
Lactis coloratam nitore;
Ille tuam Cynosura Lucem.
Seu Scorpii cor, sive Canis facem
Miratur alter, vel Jovis asseclas,
Patrisve Saturni repertos
Docte tuo Galilae e vitro ".

(*Maphaei S. R. E. Card. Barberini Nunc Urbani Papae VIII, Poemata*, Romae Ex Typographia Rom. Apost., 1640, Superiorum Permissu, 13 x 6, XXVI, p. 323; a p. 299-301).

TRADUÇÃO EM VERSOS BRANCOS

Quando no céu, fulgente, a lua surge
E no âmbito sereno, áurea pompa
Expande e com volúpia mil centelhas
Arrasta pelo azul — o olhar se enleva.
Êste do rico Véspero examina

O curso do sinistro e fero Marte,
Sob o fluente alvor da Via látea.
Aquêle nota a luz de Cinosura,
De Escorpião, o centro outro contempla,
De Cão, o facho, os olhos lucilantes,
Mercê de Galileu, sim, descobertos,
Da lúcida luneta e do alto engenho" († Arlindo Camilo Monteiro — *Verbum*, Junho - Setembro de 1956).

Lobato esconde completamente essas demonstrações de talento e simpatia por parte dos Pastôres da Igreja:

" Grandes burros, que é o que êles são"...

Não informa que, apesar da mentalidade do tempo, se renderam os sacerdotes à evidência, e que foi Galileu festejado no Colégio Romano, em presença de Cardeais, Bispos, condes, duques e cientistas. E que o orador dessa festa foi um padre, o matemático *Grienberger* — que terminou a sua oração com estas palavras: " Acabo de expor os fatos, deixo a outros tirar as conclusões " (*Galileu Galilei*, pg. 15).

Não esclarece que, sendo a Igreja composta de homens, aquêle rigor na condenação de Galileu foram erros humanos que, apesar de tudo, não conseguiram nem conseguirão destruir a verdade divina da mesma Igreja.

Não esclarece que, sendo humanos os sacerdotes, podiam ser vítimas da mentalidade do tempo, a qual não partiu da Igreja para os bárbaros, e sim dos bárbaros para a Igreja.

Não informa que, mesmo durante a Inquisição, apesar da influência com que o espírito do mundo procurava enfraquecer nos cristãos a verdadeira caridade, nunca faltaram grandes vultos do clero que se celebrizaram por esta virtude e corajosamente protestaram contra aquela deturpação do espírito da Igreja, como S. Guilherme, bispo de Burges, que, segundo Alexandre Herculano — um dos inimigos mais implacáveis daqueles excessos,

Scanned with CamScanner

" recusou constantemente associar-se ao sistema da compulsão violenta contra os herejes... Quando muito, recorria, às vêzes, à ameaça da imposição de multas, mas nem essa mesma fraquíssima ameaça se realizava. À morte do santo prelado " (1209 — piores tempos ainda), " seguiu-se em breve a sua canonização. Tanto é certo que, ainda no meio do delírio das paixões e da perversão das idéias, nunca se obscurece de todo o respeito à sã razão e à verdadeira virtude ".

Mais:

" Cumpre aqui demonstrar que tanto estas providências relativas a uma parte da Itália, como as que sucessivamente se decretaram para o meio-dia da França e para outros países, não tiveram nunca o caráter de universalidade, nem a Inquisição tomou jamais a natureza de uma instituição geral da Igreja " *(História da Inquisição,* tomo I — pg. 55).

Da Igreja universal, isto sim, é a canonização de uma Joana d'Arc e de outras vítimas do *" fanatismo religioso "*.

Lobato não esclarece nenhum dêsses pontos.

Mas isto não tem importância. O que importa é que os meninos brasileiros, consoante as diretrizes da Rússia, não sejam *" lacaios do clero "*, e sim lacaios do anti-clericalismo e do anti-patriotismo internacionais.

• • •

Dir-se-á que quatro páginas da *História do Mundo para as crianças* (150 a 154) são cânticos de louvor aos monges beneditinos. Porém a razão verdadeiramente *beneditina,* porque êles eram *monges,* é cuidadosamente desdourada:

> " — Eram homens que se retiravam do mundo para servirem a Deus *lá do modo que imaginavam certo* "...

> Hoje tudo está mudado. Há escolas públicas. Há jornais e livros. Há hospitais. Há assistências aos pobres — e portanto a ação dos mosteiros e monges já não tem razão de ser...
>
> — Coisa interessante a vida, vovó! filosofou Pedrinho. Eu, hoje, por nada no mundo seria monge, porque gosto da vida livre e do que é bom " (pgs. 151 e 154).

• • •

Resumindo:

> " A cega obediência a Deus ", escreve o autor comunista em *" Mundo da lua "*, " ao Papa, ao Padre, ao Catecismo, a dogmas e regras, destrói a liberdade moral — essa conquista suprema para os homens superiores, mas perigoso embaraço para o rebanho humano " *(Apud Edgard Cavalheiro,* Obra citada, pg. 493).

Êste é o grande princípio das obras de Monteiro Lobato, para adultos e para crianças. O mesmo grande princípio da revolução comunista: — " A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO ", podendo nós aplicar ao conjunto das obras lobatianas, principalmente das que se destinam às crianças, a mesma frase de Pio XI contra o comunismo:

" É INTRINSECAMENTE PERVERSO ".

Scanned with CamScanner

CAPÍTULO IV

NEGAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE DA ALMA E DA EXISTÊNCIA DE OUTROS ESPÍRITOS

> "*Se (na defesa dos princípios) nossos filhos devotados sofrerem algumas vexações, se tiverem de sustentar a pugna, que desçam à arena; um cristão não poderia sofrer por uma causa mais justa que a de evitar que a religião seja desfigurada pelos ímpios*" (*Leão XIII — Carta aos Bispos da Itália* — 15-10-1890).

Êste ponto, como o anterior e os que se seguem, não precisa ser demonstrado, mas apenas ilustrado. Já demonstramos que a filosofia de Monteiro Lobato é o materialismo. Tudo quanto dissermos do seu pensamento a respeito dos espíritos já não carecerá de demonstração. Mas vamos ilustrar.

A alma humana

Em *Serões de Dona Benta*, pg. 8, a vovó ensina:

> "No comêço o homem era um pobre bípede... Um animal como outro qualquer. Mas a inteligência que foi nascendo nêle"...

Scanned with CamScanner

Êste *" foi nascendo "*, segundo o materialismo, não é mais do que a evolução da própria matéria.

Assim o esclarece Monteiro Lobato, à pg. 213 da *História das Invenções:*

> " Pois bem, no nosso grãozinho de poeira (a terra) formou-se a Vida, surgiram os animais, que são sêres com vida, e pelo espaço de milhões e milhões de anos os animais se foram revezando no domínio da terra, ora vencendo uma espécie, ora vencendo outra, até que apareceu o homem, o atual vencedor.
>
> — Atualmente só, vovó? Não poderá ficar o vencedor sempre?
>
> — Impossível responder, minha filha. Assim como no animal homem surgiu essa inteligência que lhe deu o domínio da terra, pode surgir outra forma de inteligência, mais apurada, em outro qualquer sêr, numa planta, num peixe, numa formiga, num micróbio — e o homem terá de entregar o cetro de Rei dos Animais, desaparecendo da superfície da terra como tantos outros reis já desapareceram ".

Já se vê que a fidelidade do *amigo* das crianças à doutrina do " meigo e infinitamente bom Jesus " é coisa indiscutível... Vê-se também a profundeza e critério do mesmo escritor, quando afirma que Jesus *foi condenado à tortura por haver sonhado um sonho semelhante (ao de Carlos Prestes)*...

• • •

O saci, no livro dêste nome, à pg. 64 (não nos distraiamos: *o saci!*), passa a explicar a Pedrinho:

> " O que morre é o corpo só, a parte que em nós tem menos importância. A grande coisa que há em nós, e nos diferencia das pedras e dos paus podres, que é? A vida. E essa não morre nunca — muda-se de um sêr para outro ".

Portanto, a alma humana não é espiritual. É matéria que " se muda " e que se incorpora à marcha da evolução universal, não tendo, pois, nenhum sentido espiritualista aquela frase da pg. 23 do livro das *Fábulas:*

> " A verdadeira riqueza... está no aperfeiçoamento do espírito e da alma ".

Tem razão Edgard Cavalheiro, afirmando que Lobato " aceitara desde cedo a noção da ciência positiva de que o que chamamos alma não passa de função do corpo " (*Obra citada,* pg. 495).

Mas não haverá exagêro nesta nossa interpretação, bem como na crítica de Edgard Cavalheiro?

Demos a palavra ao próprio Lobato:

> " — A inteligência é uma faculdade que aparece em todos os sêres, não só no homem. Até as plantas revelam inteligência ".

Abramos um parênteses: revelam inteligência de planta ou a inteligência de Deus? Como os citados erros, que muita gente não conhecia, revelam a inteligência do êrro ou o êrro da inteligência de Lobato? Comparando mal...

Mas o escritor continua:

> " O que há é que a inteligência varia muito de grau. É pequenissima nas galinhas e nos perus, mas já bem desenvolvida no joão-de-barro e é um colosso num homem como Isaac Newton, aquêle que descobriu a lei da gravitação universal " (*O Saci,* pg. 16).

Scanned with CamScanner

COMENTÁRIOS

Galinhas! Perus! João-de-barro! Newton!

Eis aí como se faz antropologia para as crianças: confundindo as manifestações da inteligência humana, capaz de realizar os maiores progressos, com a manifestação do instinto dos animais, como o joão-de-barro que, ao passo que progridem os homens, constrói a sua casa invariàvelmente do mesmo modo.

Em todo caso, pode ser que a intenção do escritor comunista fôsse ensinar que a alma das galinhas, dos perus e do joão-de-barro é também espiritual...

Como todo materialista, Lobato é sempre mal sucedido nos exemplos que atira contra a espiritualidade da alma humana.

Analisemos aquêles dois: o de Newton e o do joão-de-barro.

A própria esperteza, com que o escritor, admirado com Newton, também se admira da "inteligência" do joão-de-barro, não é lá dessas mágicas que mereçam admiração. Pois dizendo êle que Newton é descobridor da lei da gravitação UNIVERSAL, pelo mesmo fato já estabeleceu a grande distinção entre o que constitui a inteligência pròpriamente dita e o que não passa de simples instinto animal.

Inteligência é a capacidade de apreender idéias *universais* — que transcendem, portanto, as limitações da matéria ou material com que pròximamente se vive ou se trabalha. Todos os homens têm a capacidade — nem sempre com igual funcionamento e às vêzes completamente impedida — de apreender idéias *universais*, como as que derivam de abstrações metafísicas e matemáticas. As idéias de Bondade, Justiça, Unidade, circunferênca, *gravitação universal*, são idéias respectivamente metafísicas e matemáticas e, portanto, distintivas da inteligência. Uma das grandes provas desta distinção é a capacidade de realizar o progresso. Só os sêres dotados de inteligência podem descobrir novas formas de progresso. E os livros de Lobato estão cheios de louvor a essa capacidade da inteligência humana:

> "Que é (pergunta êle em *A Chave do Tamanho*), que é que não podemos fazer com a nossa inteligência, mergulhados na infinita abundância de materiais que daqui por diante vamos ter à nossa disposição?" (pg. 174).

Agora vemos ainda melhor a vacuidade dos exemplos com que êle sabe esvasiar a alma dos meninos.

O exemplo do joão-de-barro! Mas por que é que êste pássaro é incapaz de construir um bangalôzinho mais moderno? Exatamente porque não pode fazer aquilo que Lobato acaba de dizer que nós fazemos: "mergulhar na infinita abundância de materiais".

Pois é nesta capacidade de "mergulhar" ou ler dentro da própria matéria e do espírito, que consiste a inteligência.

Mas Lobato garante aos meninos que o joão-de-barro é dotado de inteligência.

Garante... mas sem apresentar-lhes prova de nenhum "mergulho" do joão-de-barro — nem no barro...

Mas para que certas provas numa literatura, cuja técnica é o "*faz-de-conta*"?

Os Anjos

Quanto aos espíritos angélicos, a doutrina dêsses livros infantis está muito bem resumida na pg. 7 de *O Picapau Amarelo*. Textualmente:

> "O sítio de Dona Benta foi se tornando famoso tanto no mundo de verdade como no chamado mundo de mentira. O mundo de mentira, ou mundo da Fábula, é como a gente grande costuma chamar a terra e as coisas do País das Maravilhas, lá onde moram os anões e os gigantes, as fadas e os sacis, os piratas como o Capitão Gancho e os anjinhos"...

Scanned with CamScanner

Anjinhos! Fadas! Sacis!... Essas coisas do "folclore — que, até na bôca do mais inculto pernosticismo, sempre servem para trombetear interêsse pela *nossa* CULTURA e pelas necessidades do povo...

Esta doutrina sôbre os espíritos angélicos percorre outras páginas de outros livros de Monteiro Lobato e todo o volume do *Memórias da Emília*, onde os meninos aprendem as seguintes lições de CONTRA-CATECISMO:

"Uma criatura do céu não pode saber nada das coisas da terra, de modo que o anjinho se mostrou de uma ignorância absoluta de tudo quanto aqui por baixo a gente sabe até de cor. Teve que ir aprendendo com Emília, a professôra...

— "É algum deus êsse machado tão poderoso assim?", perguntou o Anjo.

"Emília ria-se, ria-se...

— Deus nada, burrinho! É antes um diabo malvadíssimo, mas diabo sem chifres, sem cauda, sem pés de cabra, sem cabeça, sem braços, sem nada. Só tem corte e cabo"... (pgs. 16, 17 e 18).

• • •

— "Se o anjinho sarar, disse ela, é bem possível que voe e fuja daqui — e como é?

— "Não voa, não! sossegou tia Nastácia, que tinha muita prática de criaturas que voam — galinhas, marrecos e patos. Corto a ponta duma asa dêle e quero ver" (*Ibidem*, pg. 24).

• • •

"O anjinho verdadeiro, muito assustado e sem compreender coisa nenhuma, foi escondido por Pedrinho no ôco da figueira.

— "Fique aqui muito quietinho. Não se mexa, não faça o menor barulho".

— Tenho mêdo dêste escuro, disse êle. Aqui há ratos de asas"... (*Ibidem*, pg. 28).

• • •

— "Conte-nos como é lá (no Céu). Deve ser lindo, não? Conte a sua vidinha tôda...

O anjinho contou.

— Não me lembro quando nasci. Acho que sou filho das nuvens e das estrêlas, porque sempre me achei rodeado de nuvens e estrêlas. Meu principal brinquedo era fazer bolinhos de massa cósmica para jogá-los no éter. Êsses bolinhos iam crescendo no espaço e viravam novas estrêlas"... (*Ibidem*, pg. 43).

• • •

Em *Serões de Dona Benta*, pg. 150, o engraçado escritor *faz de conta* que não está dizendo nada:

... — "Como nas melancias, observou Emília. O melhor é o meio, o "anjo da melancia"...

Houve uma discussão sôbre o tal "anjo" das melancias, que é a parte central e a mais gostosa. Emília

Scanned with CamScanner

achou que se chamava anjo justamente por isso, por ser a melhor. Mas Dona Benta não aprovou a idéia.

— Quero crer que êsse "anjo" das melancias não passa de corrupção de "âmago" das melancias. Como a palavra âmago é erudita, isto é, só conhecida entre as pessoas muito cultas, alguma tia Nastácia ouviu na mesa o patrão chamar o miolo da melancia de "âmago" e foi lá na cozinha dizer que o nome daquilo era "anjo". E o nome espalhou-se entre os ignorantes das redondezas e hoje até vocês falam no "anjo" da melancia...

Emília aceitou a lição, mas continuou a dizer anjo, porque "o tal âmago fica muito sem graça e pedante. Entre um âmago e um anjo eu pego no anjo..."

É claro, são de Lobato as reticências, que êle só pega no âmago...

Anjo bom e Anjo mau

— "Por falar em anjinho, Nastácia, como vai ser êle aqui? perguntou Dona Benta.

— Vai ser muito bem, sinhá. Além da galanteza que é, não pode haver pessoinha mais bem comportada e boa.

— Está claro. Desde que é anjo, tem que ser bom.

— Podia ser anjo mau, sinhá — filho daquele tal Lúcifer... Mas sinhá pode ficar sossegada. Hei de tomar conta dêle direitinho" (*Viagem ao Céu*, pg. 150).

Quem *sabe* dessas distinções entre o Anjo bom e o "tal Lúcifer", não é a "professôra" Dona Benta, mas o *"poço de ignorância"*: Tia Nastácia...

• • •

Já o dissemos, todo o volume do ***Memórias da Emília*** é (também) um escárnio à doutrina sôbre os anjos e termina mandando às favas a Família católica brasileira:

— "Respeitável público, até logo. Disse que escreveria minhas Memórias e escrevi. Se gostaram delas, muito bem. Se não gostaram, pílulas! Tenho dito" (pg. 120).

Sim, é verdade! Emília *"tem dito"* para o Brasil inteiro, e ainda há muita gente que não acredita...

Scanned with CamScanner

CAPÍTULO V

NEGAÇÃO DA VERDADE LÓGICA, ONTOLÓGICA E DA CERTEZA ABSOLUTA; NEGAÇÃO DA IMORALIDADE DA MENTIRA E DA FÔRÇA DO DIREITO. TUDO LÓGICO...

"Os que querem servir ùtilmente à Igreja, os que desejam defender, sinceramente, por seus escritos, a Religião católica, devem lutar em perfeito acôrdo, e, por assim dizer, em fileiras cerradas. Os que" (a pretexto de pacificação) *"dissipassem suas fôrças pela discórdia, estariam declarando mais do que repelindo a guerra"* (*Leão XIII — Carta aos Bispos dos Estados Unidos* - 6-1-1895).

Verdade lógica e ontológica

Se é verdade que não existe a verdade, então nem é verdade que a verdade não existe.

Que é, pois, a verdade?

Um só exemplo nos pode facilitar o entendimento da definição que logo daremos.

Quando Lobato afirma que a sua literatura infantil *"é uma história só"*, manifesta duas idéias, sôbre as quais pronuncia um juízo seguro: a idéia — *sua literatura infantil* — e a idéia — *"uma história só"*. — Pois bem: se o juízo que êle pronuncia sôbre essas duas idéias corresponde, como seguramente correspondeu,

Scanned with CamScanner

à realidade, isto é, se, de fato, a idéia-sujeito — *sua literatura infantil* — está dentro da extensão da idéia-predicado — *"uma história só"* — então Lobato disse uma verdade. Mas se a sua literatura infantil não fôsse "uma história só" e êle afirmasse que o é, neste caso não teria pronunciado a verdade, mas o êrro.

Que é, pois, a verdade?

Não há fugir à clássica definição — que traduzimos assim: é a perfeita correspondência entre o juízo que formamos de duas idéias e estas idéias. Eis a verdade lógica (*Adaequatio intellectus ad rem*).

E vice-versa: se consideramos a correspondência entre as duas idéias sôbre as quais formamos um juízo, e êste juízo, eis a verdade ontológica (*Adequatio rei ad intellectum*).

Nada mais pueril, portanto, nem mais contraditório e caduco do que afirmar, como *verdade!*, que Jesus Cristo não soube responder o que era a verdade.

Mas esta *não-verdade* que Lobato repete de outros, vamos deixá-la para adiante.

Por enquanto, saboreemos o *tempêro* das seguintes lições:

"Que história é essa de verdade salgada?",

perguntou Pedrinho a Dona Benta — que lhe respondeu:

> "— Quando a gente acredita numa coisa, mas não acredita "bem, bem, bem", como diz a Emília, é que estamos botando na nossa crença um grãozinho de sal.
>
> — Mas que sal, vovó? de cozinha?
>
> — Não, meu filho. Um grãozinho do sal da dúvida. Um dia, quando você chegar à minha idade, saberá o que é o sal da dúvida. Um dia... Depois de ler Anatole France e outros mestres salgadores das verdades humanas" (*Serões de Dona Benta*, pgs. 69 e 70).

Logo quem! Anatole France, *"o demônio de Paris"* que, segundo *Will Durand* — traduzido pelo mesmo Lobato — "formou o seu espírito, a sua agudeza e o seu estilo, nos 99 volumes que o grande sábio (*Voltaire*) deixou atrás de si"... (*Os grandes pensadores*, pgs. 33 e 34).

• • •

> "As pessoas cultas aprendem com professôres e, como aprendem, repetem certo as palavras. Mas os incultos aprendem o pouco que sabem com outros incultos, e só aprendem mais ou menos, de modo que não só repetem os erros aprendidos como perpetram erros novos, que por sua vez passam a ser repetidos adiante. Por fim há tanta gente a cometer o mesmo êrro que o êrro vira USO, e portanto deixa de ser êrro. O que nós hoje chamamos certo, já foi êrro em outros tempos. Assim é a vida, meus caros meninos" (*Emília no País da Gramática*, pg. 88).

E assim é Lobato, meus caros adultos: da relatividade dos erros gramaticais vai empurrando as crianças para a *relatividade*... dos erros da vida.

Mas quando se trata de defender os seus pontos de vista sociológicos, o mesmo Lobato passa a enxergar, na simples gramatiquice, verdade e certeza... absolutas:

> ... "eu não transijo, e por mais "à" com acento grave que êles componham, em vez do meu "á", com acento agudo, antigo, clássico e certo... eu não adiro"... (*Apud* Edgard Cavalheiro, *Obra citada*, pg. 637).

Por que terá sido que o extremado evolucionista defende agora o "antigo" e o "clássico", assim de repente? Por que se compenetra de uma *certeza*, contra a qual não transige?

Scanned with CamScanner

" ... antes morrer (escreve a Arthur Neves) que aderir ao Estado Novo, e acento é Estado Novo " (*Ibidem*, pg. 637).

Mas para combater a política daquele tempo, não era preciso tanto classicismo, nem tanta gramática, nem tanta verdade, nem tanta certeza...

Bastavam as dúvidas de Pedrinho com as pipocas da Emília, que, daqui a pouco, ofereceremos a quem quiser comê-las.

• • •

Numa lição de *folclore*, ainda instrui os meninos sôbre a verdade lógica:

— " Mas se a gente vê êsses monstros, então êles existem ", disse Pedrinho.

— " Perfeitamente, (respondeu o Saci). Existem para quem os vê e não existem para quem não os vê. Por isso digo que os monstros existem e não existem.

— Não entendo, declarou Pedrinho. Se existem, existem. Se não existem, não existem. Uma coisa não pode ao mesmo tempo existir e não existir ". (Ironia contra o princípio metafísico).

— Bobinho! declarou o saci. Uma coisa existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam em monstros e outros não acreditam, os monstros existem e não existem.

Aquela filosofia do saci já estava dando dor de cabeça no menino, o qual suspirou e disse:

— Basta, amigo saci. Não quero mais saber de filosofias, quero conhecer os segredos da noite na floresta. Mostre-me os filhos do mêdo que você conhece. Desde que há tanta gente medrosa no mundo, deve haver muitos filhos do mêdo.

— Se há! exclamou o Saci. Os medrosos são os maiores criadores das coisas que existem "... (*O Saci*, pgs. 67 e 68).

Esta filosofia do Saci, explicada, nesse tom de brinquedo, às crianças, não difere da que Lobato explana para os adultos, em *Idéias de Jeca Tatú*:

" Dubitativos uns, cépticos outros, afirmativos muitos — a conclusão de todos é a mesma: o Saci existe!...
— Como o Putois, de Anatole France?

Que importa? Existe. Deus e o diabo ensinaram-lhe essa maneira subjetiva de existir... " (pg. 168).

• • •

E aprofundando mais *filosòficamente* a negação da verdade lógica e ontológica:

— " Ciência é uma coisa muito simples, minha filha. Ciência é tudo quanto sabemos.

— E como sabemos?

— Sabemos graças ao uso da nossa inteligência, que nos faz observar as coisas, ou os fenômenos, como dizem os sábios.

— Então fenômeno é o mesmo que coisa?

— Fenômeno é tudo na natureza. " (*Serões de Dona Benta*, pg. 8).

Kant nunca imaginou que as incertezas idealistas a respeito

Scanned with CamScanner

dos números pudessem gerar tanta certeza materialista a respeito dos *fenômenos*...

"Assim é a vida"!, como diz Monteiro Lobato...

Certeza absoluta

"O grande remédio da humanidade, durante muito tempo, foi a sangria — e os barbeiros, além de barbearem os fregueses, também os sangravam quando adoeciam.

— E por que foi êsse remédio abandonado? quis saber Pedrinho.

— Simplesmente porque não curava. A ignorância dos nossos antepassados era maior que a nossa de hoje. Em matéria de medicina, então, êles praticavam verdadeiros absurdos, como êsse de tirar o sangue dos pobres enfermos, como se no sangue estivesse o mal.

— E isso durou muito tempo?

— Durou, meu filho. Tudo que é errado dura muito. A humanidade é bem isso que a Emília vive dizendo. A história da humanidade não passa de história de horrores, estupidez e erros monstruosos. Hoje, por exemplo, olhamos com grande superioridade para os antigos, com dó dêles, certos de que nossas idéias são certas e hão de durar sempre. Mas nossos bisnetos rir-se-ão das nossas idéias, como nós nos rimos das idéias de nossos bisavós, e os bisnetos dos nossos bisnetos rir-se-ão das idéias dos nossos bisnetos — e assim até o infinito.

— Que maçada ser assim, vovó! disse Pedrinho. Eu queria tanto ter certeza absoluta de alguma coisa...

— Eu tenho certeza duma porção de coisas, disse Emília. Tenho certeza, por exemplo, que tia Nastácia hoje não vem com pipoca — vem com bolinhos fritos.

O cheiro que vinha da cozinha tornava muito fácil adivinhar aquilo" (*D. Quixote das Crianças*, pgs. 119 e 120).

• • •

COMENTÁRIOS

Entre dois exemplos de coisas percebidas pela só experiência dos sentidos, a saber: — "o sangue dos pobres enfermos" e o "o cheiro" das pipocas, — imprensa o contraditório céptico tôda a filosofia da certeza absoluta.

Com o exemplo das pipocas, êle se distraiu evidentemente, jogando contra si próprio.

Pois se "o cheiro que vinha da cozinha tornava muito fácil adivinhar aquilo", temos a prova, dada pelo mesmo Lobato, de que tôda vez que uma faculdade se pronuncia a respeito do seu *objeto próprio*, não se engana.

Enganou-se, entretanto, "a medicina" ou "a ignorância dos nossos antepassados", quanto ao "sangue dos pobres enfermos". Lobato poderia dar um exemplo de ignorância maior: a persuasão dos antigos de que as artérias eram cheias de ar, e não de sangue.

Como explicar êste engano? Muito simplesmente: os antigos não aplicaram nem as faculdades nem os meios correspondentes ao seguro julgamento das artérias e do sangue.

Quando Lobato, em livros como *História do mundo para as crianças* e *Geografia de Dona Benta*, explica tôdas aquelas coisas que êle nunca viu nem nunca experimentou com nenhum dos seus próprios sentidos: a formação das estrêlas e a distância dos astros; quando Lobato garante que a terra não é fixa, mas se move em redor do sol, perguntemos: — por que se serve desta certeza contra as teorias passadas, principalmente contra "a burrice" dos pastôres da Igreja, sem nenhum receio de que "a ciência triunfante" venha, mais tarde, repetir a mesma "burrice"?...

Scanned with CamScanner

Por quê? Porque está certo de que ao estudo dos astros foram aplicadas faculdades e instrumentos adequados.

Ora, se para se garantir que "o cheiro" é de pipocas, e não de bolinhos, — se há de empregar um dos *sentidos externos;* se para se garantir que não o sol mas a terra é que se move, se há de empregar o raciocínio *matemático;* se para Lobato garantir que os antigos eram "ignorantes", evidentemente empregou argumentos *históricos;* por que não se empregarão argumentos *metafísicos e morais* no estudo de coisas que não pertencem nem à física, nem à matemática, nem às "pipocas", como a *Bondade,* a *Lealdade,* a *Justiça* e o *Amor?*

É verdade que a respeito dessas virtudes, Lobato é muito lógico: são nomes abstratos, isto é,

> "marcam coisas que a gente quer que existam, ou imagina que existem"... (*Emília no País da Gramática,* pg. 30).

De modo que os dois exemplos — o do sangue e o das pipocas — contra a certeza absoluta, lembram mais argumentos de uma criança que, para provar que não existem outras terras nem outros mundos, recorresse ao argumento da vista — que só enxerga o horizonte...

Ou recorresse ao argumento de neblinas ou de doença nos olhos, para provar que horizonte é um substantivo abstrato...

Verdade moral

Mas temos coisa muito melhor, sob o aspecto não sòmente lógico, mas principalmente moral:

> "Isso de falar a verdade nem sempre dá certo", filosofa Emília. "Muitas vêzes a coisa boa é a mentira. "Se a mentira fizer menos mal do que a verdade, viva a mentira!" era uma das idéias emilianas. "Os adultos não querem que as crianças mintam, e no entanto passam a vida mentindo de tôdas as maneiras — para o bem. Há a mentira para o bem, que é boa; e há a mentira para o mal, que é ruim. Logo, isso de mentira, depende. Se é para o bem, viva a mentira! Se é para o mal, morra a mentira! E se a verdade é para o bem, viva a verdade! Mas se é para o mal, morra a verdade!" (*A Chave do Tamanho,* pg. 53).

Aqui Monteiro Lobato não permite aos seus advogados, que o defendam, quanto ao verdadeiro sentido dêsse pensamento. Analisemos aquela frase:

> *"os adultos não querem que as crianças mintam e no entanto passam a vida mentindo de tôdas as maneiras — para o bem".*

Que quer dizer isto? Quer dizer que, se os adultos vivem mentindo, as crianças podem mentir — sem necessidade de preocupações morais... Ou então não quer dizer nada. Porém Monteiro Lobato sempre queria dizer alguma coisa...

Continuemos:

> "Dona Benta espantou-se de que uma simples bonequinha de pano andasse com idéias tão filosóficas.
>
> — Acho graça nisso de você falar em verdade e mentira como se realmente soubesse o que é uma coisa e outra. Até Jesus Cristo não teve ânimo de dizer o que era a verdade. Quando Pôncio Pilatos lhe perguntou: "Que é a verdade?" Êle, que era Cristo, achou melhor calar-se. Não deu resposta". (*Memórias da Emília,* pg. 8).

Mas quando Lobato diz, por exemplo:

> "Convenci-me de tal forma da verdade das teorias econômicas de Henry George, que por mais que me es-

Scanned with CamScanner

force não consigo substituí-las pelas de Karl Marx" (lugar citado),

quando diz uma (verdade?) como esta, é porque está "de tal forma" convencido de que não Karl Marx, mas Henry George está com a *verdade*, que bem poderia o céptico responder àquela pergunta de Pilatos:

"Que é a verdade?"

> "Pois eu sei! gritou Emília. Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia. Só isso.
>
> Dona Benta calou-se, a refletir naquela definição"... (*Memórias da Emília*, pg. 8).

Pena é que tia Nastácia, *"o poço de ignorância"*, nada conhecesse do Georgismo, para interrogar à boneca: — e esta *sua* definição da verdade aplica-se também à "verdade" que o Lobato *reconhece* nas teorias de Henry George? *Credo!*...

Mas aí, talvez, Dona Benta não se calasse, *"a refletir naquela definição"*...

É importante anotar que "o pinguinho de gente" que levou Dona Benta "a refletir", proclama no mesmo livro:

> ..."*como sou filósofa, quero que as minhas Memórias comecem com a minha filosofia da vida*" (pg. 14).

Trata-se, portanto, *de filosofia da vida.*

• • •

Esse mesmo pensamento encontra-se, menos enfatuado, à pg. 10 de *A Chave do Tamanho*:

> — "Estou vendo que tudo que gente grande diz são modos de dizer, continuou a pestinha. Isto é, são *pequenas* (grifado) mentiras e depois vivem dizendo às crianças que não mintam".

E se algum amigo de Lobato ainda o quisesse defender, seria embargado, nessa tarefa, por Edgard Cavalheiro, o mais aprofundado biógrafo e, talvez, o mais metódico defensor da literatura lobatiana:

> — "Em moral firmara-se (Lobato) no princípio básico de que só é imoral o ato que prejudica a terceiros" (*Obra citada*, pg. 497).

É claro: se para Lobato, segundo o mesmo Edgard Cavalheiro — de cujo testemunho nem precisávamos — é "tudo alheio às idéias de Bem e de Mal" (*Obra citada*, pg. 494), por que dizer a verdade há de ser bem e dizer a mentira há de ser mal? O fanático materialista não deixava, aliás, de sustentar uma certa lógica, embora não se sustentando na lógica certa...

• • •

Contando aos meninos que *Jorge Washington*, "era, além de muito esforçado, de espírito reto, justiceiro, verdadeiramente patriota — e honestíssimo", não perde Lobato a oportunidade de mais uma liçãozinha sôbre a mentira:

> — "Contam que certa vez, muito criança ainda, cortou com um machadinho que lhe haviam dado uma cerejeira plantada por seu pai. Naquele tempo havia uma lei punindo com pena de morte quem cortasse uma cerejeira. Pois bem, quando seu pai chegou e perguntou: "Quem cortou a cerejeira?" o bom menino não vacilou na resposta. "Não sei mentir, meu pai. Fui eu", disse êle. Faria você o mesmo, Pedrinho?
>
> — Eu... eu... gaguejou Pedrinho.

Scanned with CamScanner

— Não minta! Faça como Washington. Não minta!

— Eu... eu não sei, vovó. As coisas dependem das circunstâncias. Tudo depende.

— Pois eu mentia! declarou a boneca. Se essa tal terra tinha essa tal lei mandando matar quem cortasse essa tal árvore, eram todos uns grandes idiotas, e bem merecedores de que a gente lhes mentisse na cara com todo caradurismo. Eu mentia!" (*História do Mundo para as crianças,* pg. 275).

Mentia na cara de quem?

Do pai?

Coisa mesmo de *ex-boneca*...

Eis um caso em que se pode ver, claramente, a distinção — que Lobato escondeu à vista dos meninos — entre mentira e *restrição mental:* Washington procedeu como devia, pois o seu pai tinha o direito de saber, no caso, a verdade tôda, para ministrar ao filho uma boa educação.

Mas Emília confundiu a mentira (que haveria no caso de Washington) com a restrição mental, ou não obrigação de dizer a verdade tôda, em certas circunstâncias, como no caso de uma pessoa se acusar a quem quer que seja e se oferecer à condenação de uma lei injusta.

Os fugitivos da Rússia e dos países satélites que o digam...

A fôrça do direito e o direito da fôrça

No livro das *Fábulas* ensina o esperto escritor como se deve formar o caráter dos meninos:

"— A irara errou. Em vez de alegar direito (contra a onça), devia ter recorrido a uma esperteza qualquer. Só a astúcia vence a fôrça. Emília disse uma coisa muito sábia em suas memórias...

— Que foi que eu disse? perguntou Emília, tôda assanhadinha e importante.

— Disse que se tivesse um filho, só lhe dava um conselho: "Seja esperto, meu filho"! (pg. 193).

Não há exagêro neste *"só* lhe dava um conselho". As palavras de Emília, a que se refere o Visconde de Sabugosa, foram assim (em *Histórias de tia Nastácia):*

— "Por isso eu vivo dizendo que a esperteza é tudo na vida...: Seja esperto Emilinho" (pg. 113).

Êste conselho veio a propósito de uma fábula com o nome de LIGA DAS NAÇÕES, sôbre a qual o Visconde de Sabugosa também ponderou:

— "Na minha opinião, as fábulas mostram só duas coisas: 1º) — que o mundo é dos fortes; e 2º) — que o único meio de derrotar a fôrça é a astúcia. Essa da Liga das Nações, por exemplo. Os animais formaram uma liga, mas que adiantou? Nada. Por quê? Porque lá dentro estava a onça, representando a fôrça e contra a fôrça de nada valeram os direitos dos animais menores. Bem que a irara fêz ver o direito dêsses animais menores. Mas nada conseguiu. A onça respondeu com a razão da fôrça. A irara errou. Em vez de alegar direito, devia ter recorrido a uma esperteza qualquer", etc. — *(Fábulas,* pgs. 192 e 193).

E não se diga que Lobato faz uma simples ironia. Não! Trata-se de princípios. Lobato é darwinista e spenceriano:

— "Gostei, gostei! exclamou Emília" (depois de ter ouvido a história do João Esperto). "Não tem nada de bôba essa história. É uma luta de esperteza contra esperteza, em que o mais esperto saiu ganhando. Pedri-

Scanned with CamScanner

nho sabe o que isto significa em linguagem científica. Diga lá, Pedrinho.

E o menino, que era um darwinista levado da breca, veio logo com a sua ciênciazinha.

— Isso significa a vitória do mais apto. O mais apto é o mais esperto". *(História de tia Nastácia,* pg. 89).

Objetar-se-á: mas o mundo, ou a sociedade dos mundanos não é cheia dêsses erros?

Respondemos: e é com a filosofia do êrro que se deve ensinar os meninos a corrigir os erros?

Acresce que a filosofia de Lobato não se baseia sòmente em princípios... Baseia-se na *"experiência soviética:"*

— "Seja esperto, meu filho! Se não fôsse a esperteza, o mundo seria de uma brutalidade sem conta"...

E ainda têm coragem de alegar a influência dessa filosofia na FORMAÇÃO do caráter!...

Mas não aparteemos a formidanda eloqüência dos princípios lobatianos sôbre a verdade, a mentira e a fôrça do direito. Não tem cabimento, aqui, o menor comentário, senão êste de Emília sôbre as suas próprias *"Memórias":*

— "Quem escreve memórias arruma as coisas de jeito que o leitor fique fazendo uma alta idéia do escrevedor. Mas para isso êle não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. Logo, tem de mentir com muita manha, para dar idéia de que está falando a verdade pura" *(Memórias da Emília,* pg. 8).

Afinal, embora defendendo a mentira, disse Lobato, senão a *"verdade pura"*, ao menos a pura verdade...

CAPÍTULO VI

NEGAÇÃO DO VÍNCULO MATRIMONIAL INDISSOLÚVEL

"Negando à vida humana qualquer caráter sagrado e espiritual, o comunismo faz do matrimônio e da família uma instituição puramente artificial e civil, ou seja o fruto de um determinado sistema econômico; nega a existência de um vínculo matrimonial de natureza jurídico-moral subtraído ao beneplácito dos indivíduos ou das coletividades" (Pio XI - Divini Redemptoris).

Até divórcio de brinquedo, ou brinquedo de divórcio, Monteiro Lobato soube arranjar em sua literatura infantil. Emília é uma boneca divorciada e, com tal, se apresenta em cada um dos livros que o intransigente materialista destinou à nossa infância.

Para não citarmos tôdas as alusões a essa condição da perniciosa personagem, alusões que alagam quase tôdas as páginas infantis lobatinas, contentemo-nos com os textos que se referem explìcitamente ao divórcio da *ex-marquesa,* ao de Henrique VIII e à poligamia entre os árabes:

Boneca divorciada

..."Qual o feminino de Rabicó? perguntou Narizinho.

Scanned with CamScanner

"O rinoceronte ficou atrapalhado" (o rinoceronte é *também* o símbolo do gramático). "O feminino de Rabicó é Emília, porque ela é mulher de Rabicó".

Emília, que já de muito tempo se havia divorciado de Rabicó", etc... (*Emília no País da Gramática*, pg. 34).

• • •

"Sou absolutamente contra os casamentos sem amor — como o da Emília.

— Como foi êsse casamento?

— Pois a Emília casou-se apenas por interêsse — para virar marquesa. Nunca sentiu o menor pingo de amor pelo Rabicó. Resultado: separação"... (*O Pica-pau Amarelo*, pg. 112).

Esta separação, já se disse *por brinquedo* e bem claro — em *Emília no País da gramática*, é divórcio.

Como se vê, Lobato se preocupa não sòmente com o problema dos casados, mas principalmente com os problemas infantis...

O divórcio de Henrique VIII

E foi, talvez, aconselhado por esta preocupação que êle *confeitou*, na *História do Mundo para as crianças*, aquela *pedagógica* e tão *singela* arrumação de frases, no descrever os motivos por que Henrique VIII tinha *razão* contra o Papa:

"quis um dia divorciar-se da rainha para casar com Ana Bolena. Nesse tempo só o Papa podia conceder um divórcio, de modo que Henrique se dirigiu a êle. "Não", respondeu o Papa; "não acho que seja caso de divórcio".

(*Vide*, no 3º capítulo: *Negação da superioridade do Cristianismo*, parágrafo sôbre Henrique VIII, a resposta que damos, ou que a História dá — a êsses aleives de Lobato).

"O rei Henrique ficou furioso... Não obedeceria a Papa nenhum, e dora em diante seria êle mesmo o Papa da Inglaterra, isto é, o chefe de todos os cristãos inglêses. Fez-se assim Papa e concedeu o divórcio a si próprio.

O povo inglês teve de decidir-se entre Henrique VIII e o Papa italiano. Decidiu-se por Henrique VIII" (pg. 247).

Muito bem arrumadinhas essas frases, não?

Mas isto "não repercute na alma dos meninos"...

Ainda o divórcio de Emília

À página 112 do *Emília no País da Gramática*, encontramos o seguinte diálogo da ex-marquesa com Narizinho:

"— Já me casei e me arrependi bastante. Felizmente não tive filhos — e como não pretendo casar-me de novo, não deixarei "descendência" neste mundo...

— E se aparecer um grande pirata, como aquêle capitão Gancho da história de Peter Pan? cochichou Narizinho no ouvido dela.

— Isso é outro caso... respondeu Emília, cujo sonho sempre fôra ser espôsa dum grande pirata — para "mandar num navio"... (1)

(1) Êste navio, certamente, é a «cesta do Visconde» ou novo **Mayflower**, a respeito do qual disse Emília aquelas **inocentes** palavras que serão mais bem compreendidas no capítulo sôbre a **Negação da Hierarquia social**:

Scanned with CamScanner

Dir-se-ia que se trata de uma simples brincadeira inocente para as crianças. Absolutamente não.

A poligamia entre os árabes

No livro *História do mundo para as crianças,* quando Narizinho deu mostras de reprovar a escravidão a que eram submetidas as mulheres árabes, Dona Benta, continuando a lição com outros assuntos, provocou:

> "— ... e os relógios de sombra tinham o grave defeito de não funcionarem em dia sem sol. Os árabes resolveram o problema com a invenção do relógio de pêndulo. Lembre-se dêles, Narizinho, cada vez que o cuco da sala de jantar fizer *hu hu.*
>
> — Hei de lembrar-me, vovó. A senhora já me fêz perdoá-los completamente.
>
> — Não os perdoe completamente antes de ouvir mais um pedacinho a respeito do modo de tratarem as mulheres. Êles as consideravam como sêres inferiores, boas para escravas do homem apenas, não para companheiras. Deviam pertencer aos homens como animais de luxo. Por isso cada homem podia ter quantas mulheres quisesse. Você agora resolva se lhes perdoa ou não.
>
> Narizinho vacilou, indecisa, e quem resolveu o caso foi Emília.
>
> — Que castigo para um homem ter muitas mulheres! disse ela. Uma só já os deixa tão tontos...
>
> Todos riram-se e Narizinho perdoou aos árabes *completamente".* (Completamente, *grifado* — pg. 164).

Eis aí como se conta a história dos árabes para as crianças: com uma pedagogia verdadeiramente das arábias...

• • •

Ainda sôbre o casamento de Emilia com o porco, lemos, na página 7 de A Chave do Tamanho, depois da "explicação necessária" — de que a ex-boneca é "antiga espôsa do celebérrimo marquês de Rabicó", lemos o seguinte:

"Emília foi evoluindo... É o símbolo da independência mental e da habilidade para enfrentar tôdas as situações. Pràticamente é quem governa o sítio de Dona Benta"...

E para não faltar a profanação nem o ridículo, Monteiro Lobato ainda registra que o casamento do porco com a marquesa foi assistido pelo padre.

Textualmente:

> ... "Veio o padre e casou-os (*Reinações de Narizinho,* pg. 92).

Está registrado...

«Não posso compreender um govêrno do povo, pelo povo e para o povo, sem povo nenhum... Vou dar povo ao govêrno americano... O navio **Mayflower**, disse ela, despejou neste país (a América do Norte) um carregamento de cento e vinte peregrinos ingleses, dos quais saiu esta grande república. O **Mayflower** de agora é a cesta do visconde» (quando Emília descobriu a **chave do tamanho**, os homens ficaram tão pequeninos, que puderam ser transportados numa cesta...). «Faço votos para que o govêrno americano consiga realizar com os 120 peregrinos do visconde os mesmos milagres realizados com os peregrinos do **Mayflower**» (**A Chave do Tamanho**, pgs. 184, 185)

Confirma-se esta nossa interpretação, à mesma página 112 do **Emília no País da Gramática**:

«Por falar em pirata... onde andará o visconde? indagou Pedrinho»

Compreende-se, agora, perfeitamente, porque Lobato nos informa que «o sonho (de Emília) sempre fôra ser espôsa dum grande pirata, — para mandar num navio»...

Só não se compreende muito bem quem é êste «grande pirata»...

Scanned with CamScanner

CAPÍTULO VII

NEGAÇÃO DA MORALIDADE DO PUDOR E NEGAÇÃO DO IMPUDOR DAS OBSCENIDADES

> *"Em nossos tempos é preciso ter uma vigilância mais geral e cuidadosa, pois aumentaram para a juventude as ocasiões de naufrágio moral e religioso, com a tremenda inundação dos livros ímpios"* (Pio XI — Encíclica *Divini illius Magistri* — 31-12-1929).

Pudor

Em diversas gravuras do livro ***A chave do Tamanho,*** aparece Emília, ***"símbolo da indepedência mental"***, completamente despida, como assim também aparecem outras figuras, entre as quais, por simples ironia, a de Hitler. Mas não vamos interpretar figuras. Vamos citar palavras.

Antes de tudo, saibamos que o argumento dêsse livro é o seguinte: quando todos os homens chegarem ao mesmo tamanho (nivelamento das classes sociais), então não haverá sôbre a terra nem injustiça nem certos preconceitos.

Daí, aquêle diálogo da pg. 104:

> — "O que houve então, nem queira saber! Ninguém entendia nada. Tia Nastácia amontoava pelos - sinais um em cima de outro e era só "Credo!" e mais "Credo!"

Scanned with CamScanner

Dona Benta e Narizinho abraçavam-se, muito agarradas, como mães e filhas durante os naufrágios no mar. Que cena, meu Deus!

— E todos nus?

— Sim, todos nus, respondeu o visconde.

— E não tinham vergonha?

— Parece que não. Nem percebiam que estavam nus.

— Então é exatamente como pensei. Isso de vergonha do corpo é questão de tamanho". (TAMANHO MENTAL...) "E depois?

— "Depois deitei-me no assoalho para melhor conversar com êles, e não teve fim o que dissemos. Cada qual admitia uma hipótese. Narizinho foi a primeira a achar possivel ter acontecido a mesma coisa a tôda a humanidade. Essa idéia me impressionou. "Preciso verificar êsse ponto", disse eu — e daí me veio a idéia de chegar até à vila". (pg. 106).

Ainda Emília, depois que provocou o nivelamento do tamanho da humanidade, tomou, certo dia, um banho, num dos respingos de uma gôta dágua:

— "Que coisa curiosa! exclamou enquanto se esfregava. Estou nua e não sinto a menor vergonha. Será que isso de vergonha depende do tamanho das criaturas? Deve ser, porque entre os homens a vergonha era só para os adultos. As criancinhas novas" (isto é, a nova humanidade) "não mostravam vergonha nenhuma, nem ninguém se ofendia de vê-las nuas. Aprendi mais essa: *vergonha é coisa que depende do tamanho*" (*A Chave do Tamanho*, — pg. 44).

Brincadeira de Lobato?

Absolutamente não! Trata-se de uma "*catequesezinha*", para empregarmos a palavra que êle mesmo empregou, ao descrever, para os adultos, certo trecho de um espetáculo cinematográfico:

"... a fita Rondon ensina-nos tanto, que os espectadores saem do cinema enfiadíssimos e desconfiadíssimos de que os verdadeiros bugres são êles.

A sexta parte da fita é ansiosamente esperada pelo público, graças ao aviso inserto no programa. Aviso à pudicia para que em terminada a quinta parte sumam-se dali os inocentes, a fim de que não tenham de corar diante de adões côr de cobre em trajes paradisíacos anteriores à fôlha de parra. Os que estão a cochilar, despertam e lambem os beiços; os desatentos ficam como cachorro que amarra perdiz... Os marmanjões engraçados e desdentados lançam umas piadas gosmentas — e é de bôca entreaberta e ôlho arregalado que o público vê surgir na tela os primeiros índios nus... Os comentários fisiológicos são insuscetíveis de virem à tona dum jornal católico, apostólico, romano e perrepista como êsse bom "O Povo" de Caçapava.

A fita termina dando aos civilizados, entre os quais a nudez é impura, uma linda lição de nudez casta como a de todos os animais" (e como a descrição lobatiana que acabamos de transcrever...) "Termina, portanto, conclui Lobato, com uma lição moral. Meu Deus, como a nhambiguara *docet*....

A conclusão que a fita Rondon impõe é curiosa e inesperada. Aquêle gentio de Mato Grosso está maduro demais para ser catequisado por nós outros aqui da zona litorânea...

Nós é que estamos a berrar por uma catequesezinha..." (*Idéias de Jeca Tatú*, pg. 222 e 223).

Scanned with CamScanner

Temos, portanto, o direito de concluir que, falando aos meninos sôbre a *humanidade pequenina*, Lobato *" está a berrar por uma catequesezinha... "*

Obscenidades

Em Emília no País da Gramática, também encontramos esta lição de pedagogia infantil: O visconde de Sabugosa, horrorizado com o bairro das palavras obscenas, foi prevenir aos meninos que não chegassem até lá. Vamos ao texto de Monteiro Lobato:

> — " Oh, estou envergonhadíssimo! (exclamou o visconde)... Imaginem que ao vir para cá errei e fui dar com os costados num bairro horrível, que nem sei como a polícia deixa! O bairro das *Palavras Obscenas*... Que coisa feia, santo Deus! Vi por lá, sôltas nas ruas, esmulambadas e sórdidas, as palavras mais sujas da língua. Sarnentas, vestidas de farrapos e sem a menor compostura nos modos. Assim que me viram deram-me uma grande vaia nos têrmos mais infames. Os nomes que ouvi eram de fazer corar a um frade de pedra. E vim correndo avisar a vocês para que não passem por lá.
>
> Mas a pestinha da Emília, que era boneca e não achava nada no mundo indecente, assanhou-se logo.
>
> — Vocês, sabugos, são tão cheios de histórias como as gentes de carne, disse ela. Que culpa têm essas pobres palavras de existirem no mundo coisas que os homens consideram feias? " (pgs. 35 e 36).

Aqui o autor não faz nenhuma distinção entre as palavras por êle mesmo consideradas " obscenas ", — que exprimem baixeza de moral e de educação, e os têrmos científicos e decentes — que respeitam e exprimem a dignidade natural do corpo humano, informado pelo espírito e criado por Deus.

> " Vou lá, sim ", (continuou Emília). " Quero consolar as infelizes e dar-lhes uns bons conselhos " (pg. 37).

Já se vê que tais conselhos não seriam para que aquelas palavras não fôssem

> " tão cheias de histórias "...
>
> " Narizinho, porém, não deixou.
>
> — Não vai, não, Emília. Inocentes ou culpadas, o melhor é não nos metermos com elas. Vovó, se soubesse, ficaria aborrecida " (*Ibidem*).

• • •

Anotemos que a razão do conselho de Narizinho não é a imoralidade das palavras obscenas, é o aborrecimento da vovó.

Mas a respeito dos aborrecimentos ou negativas da *" velha "*, a mesma Narizinho também já disse, em outro lugar:

> " Vovó diz que não, só por dizer, porque o tal " não " sai da bôca dos velhos por fôrça do hábito. Mas o " não " de vovó quer quase sempre dizer " sim ". (*Os doze trabalhos de Hércules*, 1º vol., pg. 4).

E Lobato, com tôda a sua autoridade de... autor, esclarece todo o sentido dessas palavras de... Narizinho, dizendo que aquêle " não " da vovó

> " era o mesmo que dizer: " Vá, mas escondido de mim... " *(Ibidem, pg. 5)*.

As reticências também são de Lobato, mestre nesses sinais ortográficos, e não sòmente em formar o caráter dos meninos...

Scanned with CamScanner

Apenas um comentário: esta é a escola em que se diplomam os invisíveis pixadores de campos e cidades.

• • •

Em *Reinações de Narizinho,* pg. 27, lemos a seguinte descrição de uma dança de animais:

> " Depois começou a grande quadrilha.
>
> Foi a parte de que Narizinho gostou mais. Quantas cenas engraçadas! Quantas tragédias! Um velho caranguejo que tirara uma gorda tatorana para valsar, apertou-a tanto nos braços que a furou com o ferrão. A pobre dama deu um berro ao ver espirrar aquêle líquido verde que as tatoranas têm dentro de si ".

Mas isto " não tem nada de mais "...

É claro! Coisa mesmo para crianças...

CAPÍTULO VIII

NEGAÇÃO DA HIERARQUIA SOCIAL

> " *O Comunismo não é a fraternidade: é a invasão do ódio entre as classes... Não dá tréguas à ordem". (Rui Barbosa* — Revista do Brasil, vol. X — Março de 1919).
>
> " *Os comunistas não se rebaixam a dissimular suas opiniões e seus fins* (1). *Proclamam resolutamente que êsses fins não poderão ser atingidos sem a derrubada violenta de tôda ordem social presente* " (Carlos Marx — Manifesto).

É no livro *A Chave do Tamanho* que encontramos a chave da sociologia que Monteiro Lobato escreveu para os meninos. Ali, muitas portas misteriosas se abrem, deixando-nos penetrar no laboratório secreto, em que o visconde fabricou o " super-pó ", com o qual os habitantes do *Sítio* puderam penetrar em vários países, até na América do Norte... Esta invenção do visconde substituiu, com inúmeras vantagens... ao *pó de pirlimpimpim.*

> " Quem entrasse na cabeça de Emília ", escreve, não o autor do pó..., mas o autor do livro, " leria um pensamento assim: " Esta guerra já está durando demais e se *eu* " (eu grifado: a gente evoluída, a " evolução gental ", como a si mesma se chama a própria ex-marquesa) " não fizer qualquer coisa os famosos bombardeios aéreos continuam, e vão passando de cidade em

(1) Vide as palavras de Pio XI transcritas no fim do capítulo XI.

Scanned with CamScanner

cidade, e acabam chegando até aqui. Alguém abriu a chave da guerra. É preciso que outro alguém a feche. Mas onde fica a chave da guerra? Pessoa nenhuma sabe. Mas se eu tomar uma pitada do super-pó que o visconde está fabricando, poderei voar até o fim do mundo e descobrir a Casa das Chaves. Porque há de haver uma Casa das Chaves, com chaves que regulem tôdas as coisas dêste mundo, como as chaves da eletricidade no corredor regulam tôdas as lâmpadas duma casa" (pg 13).

E Emília foi à "Casa das Chaves", lá no "*fim do mundo*"... e descobriu a chave do tamanho e todos os homens ficaram nus e perderam a antiga estatura:

... "aquela chave é a que regula o meu tamanho. Regula só o meu tamanho ou regula o tamanho de tôdas as criaturas vivas? Regula o tamanho de tôdas as criaturas vivas, ou só o das criaturas humanas? Quantos problemas, meu Deus!" (pg. 17).

("Meu Deus!" pode ser uma exclamação como outra qualquer. No caso, é uma exclamação de perplexidade, que, diante de um problema spenceriano como o que à *ex*-boneca se deparava, não podia significar afetos para com Deus. Por isto não concordamos com certos *apologistas* que, contra os ateus, recorrem ao argumento de exclamações semelhantes. Tais exclamações podem provar, isto sim, que a certeza da existência de Deus domina de tal modo a maioria, que a insignificante minoria dos ateus vai rebatendo as convicções populares, como os rochedos, mudos e distantes, rebatem as vozes: fazendo eco...).

(Emília) "pensou, pensou.

— Se tôdas as criaturas ficaram pequeninas como eu fiquei, então o mundo inteiro deve estar na maior atrapalhação e com as cabeças tão transtornadas quanto a minha. Mas a guerra acabou! Ah, isso acabou! Pequeninos como eu, os homens não podem mais matar-se uns aos outros, nem lidar com aquelas terríveis armas de aço. O mais que poderão fazer é cotucar-se com alfinetes ou espinhos. Já é uma grande coisa...

Pensou, pensou, pensou.

— Sim, eu mexi na Chave do Tamanho e tôdas as criaturas vivas ficaram pequenas, porque seria absurdo haver uma chave só para minha pessoa. Se houvesse uma chave para cada pessoa, nesta sala deviam existir dois bilhões de chaves, porque a população do mundo é de dois bilhões de pessoas. Logo, a mesma chave serve para tôdas as pessoas. Logo, tôda a humanidade está "reduzida" — e impedida de fazer guerras. Uf! Acabei com a guerra! Viva! Viva!"... (pgs. 17 e 18).

Tôda a humanidade "reduzida"!

A mesma chave serve para tôdas as pessoas!

Nivelamento de tôdas as classes sociais!

Que fantasia!

Que ilusão!

Ilusão, porque, quando na sociedade não houver mais hierarquia, sòmente a anarquia poderá *subsistir*.

Lobato, como o visconde, gosta muito da palavra "subsistir".

Por isto vai preparando os meninos para "*A Nova Ordem Social*":

— "Os revolucionários russos", diz êle em *História do mundo para as crianças*, pgs. 309 e 310, "tendo como chefe um homem de nome Lenine, destruíram o sistema social lá existente e deram começo a um novo sistema chamado comunismo. Neste sistema... o estado é quem educa as crianças"... (E aqui vai mais uma negação: a

Scanned with CamScanner

do direito dos pais na educação dos filhos).

— " E deu bom resultado o sistema, vovó?
— Ainda é cedo para julgarmos os russos ".

Que escassez de documentos: " Ainda é cedo "!...

> " Êles estão fazendo uma experiência em enorme escala, que todos os outros povos devem acompanhar com o maior interêsse. Se no fim der melhor resultado que o sistema existente nos outros países, muito bem. Êsses outros países poderão adotar o sistema russo. Se os resultados forem piores, muito bem. Êsses outros países estarão dispensados de repetir a experiência russa ". (*Ibidem*).

Mas esta dispensa que Lobato nos concede é pura ironia, porque imediatamente acrescenta, como fim de capítulo:

" ESPEREMOS "...,

para que as mães e professôras primárias mais ingênuas acreditem que êle não está esperando mesmo...

Estranha coincidência: aquela história de se " a experiência " comunista der melhor resultado, " os outros países poderão adotar o sistema russo ", — é muito parecida com a *história do livro Reforma da Natureza:*

> " Se der certo, garante Emília, o mundo inteiro adotará as nossas reformas " (pg. 202).

Que coincidência!...

Para que tais reformas sejam realmente " adotadas ", é preciso que os meninos vão ouvindo histórias e fazendo brinquedos contra a *Monarquia, a Democracia e as Classes sociais.*

Monarquia

No livro das *Fábulas,* encontramos a seguinte sôbre o valor da realeza:

> " Um célebre patarata propalou pela cidade que era possível ensinar a ler os burros. O rei soube do fato, e o fêz vir à sua presença.
>
> — É verdade o que dizem aí?
>
> — Que é possível ensinar a ler a um burro? Perfeitamente, majestade. Comprometo-me a, em dez anos, transformar o mais burro dos burros num perfeito gramático.
>
> — E que é preciso para isso?
>
> — Em primeiro lugar um burro. Em segundo lugar, outro burro... perdão! uma pessoa que me garanta casa e comida pelo espaço de dez anos.
>
> — Pois dou-te o burro e o mais, disse o rei. Se, porém, ao fim dêsse prazo não me apresentares o burro lendo e escrevendo corretamente, ai de ti!...
>
> O charlatão saiu do palácio esfregando as mãos de contente. E como seus amigos, assustados, viessem criticar-lhe o absurdo daquele negócio e o fim desastroso que êle charlatão, fatalmente teria, o nosso homem piscou velhacamente o ôlho, dizendo:
>
> — Que ingênuos são vocês! Em dez anos, o rei, eu ou o burro, um de nós três não existe mais. E assim, de qualquer maneira sairei ganhando. É ou não é?
>
> Todos concordaram que era...
>
> — Gostei! berrou Emília. Êsse é dos meus. Fêz um bom negócio e provou que o verdadeiro burro era Sua Majestade.

Scanned with CamScanner

— Mas se se passassem os dez anos e nenhum dos três morresse? perguntou Pedrinho.

— Ah! êle não se apertava! Quando faltasse um dia para inteirar os dez anos, dava um veneno ao burro e pronto! Ficava um burro só na história:

SUA MAJESTADE BURRÍSSIMO I..." (O grifo é nosso — pgs. 141 e 142).

Abaixo do motivo religioso, foi certamente o fato de ser a Igreja Católica uma monarquia, que levou o educadíssimo sociólogo a dar aos Pastôres da Igreja o nome de

GRANDES BURROS (*Viagem ao Céu*, pg. 22).

Como se vê, a negação da hierarquia social, que se apresenta bem no meio do livro *A Chave do Tamanho*, vai-se esgueirando por outros livros, até agarrar a mentalidade dos meninos.

Democracia

Veremos, no próximo capítulo, que a intenção de Dona Benta é "transformar o mundo numa Confederação Universal... como os estados dos Estados Unidos".

E segundo a tese *democrática* do livro *A Chave do Tamanho*, até a democracia dos Estados Unidos perdeu a antiga estatura. Na própria CASA BRANCA, um dos ministros americanos declarou, estando presentes Emília e o Visconde:

> "— O govêrno já não existe pela simples razão de que já não existe o que governar. O extraordinário fenômeno que destruiu o tamanho dos homens desta grande nação veio alterar completamente as antigas condições de vida — e impossibilitar a existência do govêrno. O govêrno americano, que era o mais poderoso do mundo, está hoje nu, com frio sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo" (sombra de povo...) "sem fôrça, sem a menor idéia na cabeça". (*A Chave do Tamanho*, pg. 178).

• • •

Perto da capital dos Estados Unidos, fundou-se uma *cidadezinha infantil da Nova Ordem*, chamada Pail City, cujos habitantes

> "Iam construindo coisas por prazer e não por necessidade, como no tempo tamanhudo, em que os homens que não morriam no trabalho morriam de fome e miséria". (*Ibidem*, pg. 175).

Êste pensamento sôbre o tempo "tamanhudo" já foi repetido no opúsculo *Zé-Brasil*... Não há dúvida, Pail City é "o paraíso na terra"...

Os seus habitantes de tal modo perderam o antigo tamanho, que foram comparados a insetos.

> "Uma das conseqüências do conhecimento de Pail City foi a resolução que ela (Emília) tomou de "sabotar o Tamanho" no dia do plebiscito, porque entre outras desgraças o Tamanho viria estragar aquêle lindo comêço de cidade"... (*A Chave do Tamanho*, pg. 176).
>
> "Como as cidades imensas da civilização tamanhuda estão condenadas a desaparecer, invadidas pelo mato, a civilização nova já começou a criar cidades dum tipo novo — e entre as muitas que já devem estar em formação duvido que haja uma melhor que Pail City. Até árvores de guarda-sol vi lá. Quem precisa de um, não vai a nenhuma loja comprá-lo. Chega à árvore, escolhe um do tamanho desejado e colhe-o.
>
> Os ministros entreolharam-se. Se a cidade de Washington estava destinada a desaparecer invadida pe-

Scanned with CamScanner

lo mato, nada mais razoável do que irem admitindo a hipótese da mudança do govêrno para Pail City, o maravilhoso centro em formação onde até havia pés de guarda-sóis". (*Ibidem*, pgs. 182 e 183).

Igual, igual às promessas do comunismo.

..."não posso compreender um govêrno do povo, pelo povo e para o povo, sem povo nenhum, disse ela. Vou dar povo ao govêrno americano.

O visconde saiu e com um pauzinho andou catando gente de tôdas as frestas e buracos que encontrou. Conseguiu assim dotar o govêrno americano com um lote de povo de 120 cabeças — 60 homens e 60 mulheres.

Emília aproveitou a ocasião para revelar os seus conhecimentos da história americana.

— O navio *Mayflower*, disse ela, despejou neste país um carregamento de 120 peregrinos inglêses, dos quais saiu esta grande república. O *Mayflower* de agora é a cesta do visconde. Faço votos para que o govêrno americano consiga realizar com os 120 peregrinos do visconde os mesmos milagres realizados com os peregrinos do *Mayflower*.

Os ministros estavam encantados com as geniais soluções da Emília e do gigante. Cochicharam entre si; um adiantou-se e disse:

— Estou autorizado pelo presidente a propor ao senhor visconde de Sabugosa um grande negócio: ficar aqui a serviço do govêrno americano. Não discutimos preço. O senhor Sabugosa ganhará quantos dólares quiser.

Êsse ministro ainda não se acostumara com a Ordem Nova. Ainda estava com as idéias velhas na cabeça. Dólares! Tinha graça.

Emília riu-se.

— De que valem dólares, senhor ministro? Tudo está mudado. Aquêle ouro que antigamente era de tanto valor, vale agora menos que um chumacinho de algodão. O visconde ficaria aqui com o maior prazer, se não fôsse tão necessário na cômoda de Dona Benta. Mas podemos fazer um arranjo. Tôdas as semanas êle virá, por uma hora ou duas, fazer os serviços do govêrno americano. E se houver trabalhos que exijam grande fôrça física, poderei mandar também o Conselheiro e o Quindim.

Ninguém sabia que personagens eram aquêles. Emília explicou.

— O Conselheiro é o nosso burro falante, criatura excelente, o mais discreto pensador que temos daquelas bandas. E Quindim é um verdadeiro tanque de carne.

— Tanque de carne? repetiu o Presidente.

— Sim. Trata-se dum rinoceronte mansinho e fortíssimo, que mora no Picapau Amarelo. Para fazer fôrça bruta, não há segundo. Com uma chifrada arromba até a porta do Tesouro.

Aquela história do Quindim e do burro falante atrapalhou o govêrno.

— Sim, continuou Emília, lendo na cara de todos a atrapalhação. Quindim é um assombro no transporte. Poderá sem o menor esfôrço conduzir no lombo vinte mil insetos descascados" (homens que perderam o tamanho). "Se o govêrno americano pilhar êsse veículo, estará servido pelo resto da vida. Quem não obedecerá a um govêrno dotado de um rinoceronte?

A hipótese entusiasmou o ministro da Guerra. Um tanque de carne! Que maravilha!

— Bom, disse Emília por fim. Tenho de voltar para a cômoda a fim de realizar o plebiscito. Agradeço ao go-

Scanned with CamScanner

vêrno americano a boa acolhida com que nos recebeu. Tomo a liberdade de oferecer ao senhor Presidente uma pitadinha de super-pó. Quando quiser repousar das canseiras do govêrno, aspire três grãos e apareça no Picapau Amarelo.

— É então como o tapête mágico das "Mil e Uma Noites"? perguntou o Presidente.

— Ah, muito melhor! Aquêle tapête é um carro de boi perto disto. Agora, por exemplo, para voltarmos ao Picapau, bastam-nos três grãos apenas. Para irmos à Casa das Chaves são precisos seis grãos — mas também aquilo lá deve ser o fim do mundo.

— Que história de Casa das Chaves é essa?

Emília suspirou.

— Um segrêdo que não posso revelar, senhor Presidente.

— Por quê?

— Porque eu correria o risco de ser linchada". (Isto é que é saber debicar...).

"No momento das despedidas o govêrno americano até perdeu a fala, de tanta emoção. De que modo agradecer os serviços que Emília e o visconde haviam prestado?

— Não fale, senhor Presidente! disse Emília entrando na cartola e plantando-se na janelinha. As grandes gratidões são mudas. Seja feliz e goze do apequenamento, porque se o plebiscito dicidir que dê o Elefante, eu sentirei muito, mas farei que saia o Elefante.

A cara de todos era um verdadeiro ponto de interrogação. Aquêles homens de estado cada vez entendiam menos.

— Dar o elefante, senhor Presidente, quer dizer dar o Tamanho. Mas quem vai decidir êsse ponto é lá o Plebiscito em cima da cômoda. Sou democrática. Não resolvo nada sem a contagem dos narizes. *Good bye! Good bye!*" (*Ibidem*, pgs. 184, 185, 186 e 187).

Poderíamos perguntar agora com Lobato, ao referir-se a palavras semelhantes dirigidas a Hitler pela mesma "gentinha ultrafalante e destabocada":

> "Quem não entenderia uma linguagem tão pão-pão-queijo-queijo como aquela?" (*Ibidem*, pg. 152).

Classes Sociais

Depois que a humanidade, pela perda do antigo tamanho, foi reduzida a um grupo de *insetos*, desapareceu o problema das classes sociais, uma vez que as relações de produção (*Productionsverhaeltnisse*, de Carlos Marx) transformaram a sociedade num *paraíso*.

Por ser a teoria lobatiana das classes sociais uma conseqüência lógica de tudo quanto se transcreveu até agora e, sobretudo, por ser a tese principal do livro *A Chave do Tamanho*, contentemo-nos com uma breve citação a respeito dos insetos, que muito alumiará as outras citações que se lhe vão seguir.

Grifando o verbo saber — que também foi grifado à pg. 23 do opúsculo *Zé Brasil*, para os adultos, informa Lobato às crianças que a história dos insetos é uma simples comparação com os sêres humanos.

Textualmente:

> "— Como êstes bichinhos sabem arrumar-se num mundo tão grande! murmurou Emília. Cada qual descobre um jeito. Por isso tenho tanta fé na humanidade futura, isto é, na humanidade de daqui por diante — a humanidade pequenina.
>
> Com a nossa inteligência, poderemos operar maravilhas ainda maiores que as dos insetos.

Scanned with CamScanner

— Mas êles *sabem* e nós não sabemos, disse Juquinha.

— Também saberemos. Sabem porque foram aprendendo. Nós também aprenderemos, por que não? A professôra é uma velha feroz, que não perdoa aos lerdos e preguiçosos. Chama-se Dona Seleção.

— Quem é? perguntou Juquinha, que não entendia nada de ciência.

— É a Papuda-Mor, respondeu Emília rindo-se" (*A Chave do Tamanho,* pg. 68).

Trata-se, evidentemente, da *luta pela vida,* segundo Darwin, aplicada ao campo sociológico pela teoria da *seleção natural,* de *Spencer,* ambas aproveitadas pela filosofia marxista-leninista e feitas balinhas de doce na literatura infantil de Monteiro Lobato.

• • •

Agora podemos entender melhor as seguintes citações:

"— E que acha da domesticação dos besouros? quis saber (Emília).

— Acho uma idéia excelente e já mandei apanhar um para começo de estudos" (informou o Dr. Barnes, professor da Universidade de *Princenton*...). "A variedade de insetos é enorme. Estou convencido de que encontraremos inúmeros aproveitáveis e preciosíssimos, não só para o vôo como para o transporte de cargas.

— Para o transporte de cargas nem há necessidade de estudos, disse Emília. As formigas nasceram carregadoras. E que fôrça elas têm! Lá no sítio vi saúvas carregando grãos de milho inteiros, uma coisa muito mais pesada que elas. E Pedrinho atrelava besouros em caixas de fósforo com muita coisa dentro — e êles puxavam.

A fôrça dos besouros é incrível. E para as grandes velocidades teremos as libelinhas.

— Não vamos ter precisão de velocidade nem de pressa, volveu o doutor Barnes. Graças a Deus já estamos livres dêsses dois horrores. Para que pressa? Para que velocidade? Tôda aquela imensa velocidade alcançada pelos homens tamanhudos, como você diz, só serviu para precipitá-los no abismo da matança em massa. As nossas possibilidades de domesticação dos insetos parecem-me infinitas.

Emília desembestou:

— Isso mesmo! Domesticaremos os serrapaus, para serrar paus. E as brocas das laranjeiras para servirem de verrumas. E os mede-palmos para as medições. E os pernilongos para a música do fiun. E os gafanhotos para substituírem as pontes — pularemos riozinhos montados nêles! E os caranguejos para abrirem túneis. E as tatoranas para tecerem fios de casulo. E as mamangavas para buldogues das nossas casinhas. Com uma boa mamangava amarrada no quintal, quero ver quem entra! E os pulgões para termos leite de vaca.

...O doutor Barnes concordou. Aquêle sábio era uma verdadeira Emília masculina. Sua imaginação também disparava de freio nos dentes. Depois se referiu aos cupins.

— Com as térmites, que são as formigas brancas, disse êle, temos muita coisa a aprender. Êsses insetos constroem maravilhosas cidades de barro — os cupins — onde vivem aos milheiros. Amassam o barro dum tal modo que essas cidades resistem a tôdas as chuvas durante anos e anos. Dentro constróem galerias com uma substância preta, que é a celulose das plantas mascada e misturada com qualquer líquido colante que não sei. O que sei é que aquilo equivale a um maravilhoso material de construção, resistente, elástico, mau condutor

Scanned with CamScanner

do calor, higiênico. Também revelam alta ciência na construção das galerias e ninhos e salas e tudo mais. O asseio e a higiene dos cupins eram uma das maravilhas que mais assombravam os entomologistas.

— Eu sei o que é entomologista! berrou Emília. É o sábio que estuda insetos.

O doutor Barnes riu-se.

— E também podemos cultivar aquêles fungos de que as formigas se alimentam. Meu Deus! Que é que não podemos fazer com a nossa inteligência, mergulhados na infinita abundância de materiais que daqui por diante vamos ter à nossa disposição?

— Isso mesmo, concluiu o visconde. O Tamanho era o mal. Produzia escassez. É no destamanho que está a abundância.

Aquela história de andar com a Emília em cima da cabeça estava "emiliando" o visconde. *Destamanho!* É boa". (*Ibidem*, pgs. 172, 173 e 174).

E sabem onde se travou êste diálogo? Adivinhem...

Na cidade da *Nova Ordem, Pail City*, ou Cidade do Balde, perto da CASA BRANCA...

Eis como se adapta à compreensão das crianças a teoria da seleção natural, que é também a tese do livro *Reforma da Natureza*. Reforma, de cujo tempo sòmente Emília conhece o segrêdo:

"— E quando vai você reformar a Natureza, Emília?

— Um dia. No dia em que me pilhar aqui sòzinha"... (*Fábulas*, pg. 20).

É isto mesmo...

«A OBRA DE MONTEIRO LOBATO EM MOSCOU — A vida e a obra de Monteiro Lobato foram objeto de estudo, em Moscou, por ocasião do 75º aniversário de seu nascimento, por membros do Departamento de Literatura Mundial do Instituto Gorki, que integra a Academia de Ciências da União Soviética. No flagrante, uma conferencista ao falar sôbre o autor brasileiro, cujo retrato aparece em segundo plano. (Speedphoto O GLOBO — IN)».

• • •

Clichê e notícia publicados em O GLOBO de 16 de maio de 1957, pg. 8 (com a observação: "EXCLUSIVO PARA O GLOBO").

Agradecemos ao grande jornal brasileiro a concessão dêsse documento — com que não sòmente o capítulo seguinte, mas todo o nosso livro se enriquece.

Scanned with CamScanner

CAPITULO IX

NEGAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA PÁTRIA

"A Federação terá de ser a Pátria do Proletariado mundial; e o seu fim imediato, a implantação do socialismo em todo o mundo e a República universal" (Bukarine — *Programa dos bolchevistas*).

Eis o verdadeiro pensamento de Lobato, a respeito da independência de pátrias e nações:

> "Eu conheço as idéias de vovó, disse (Emília). A primeira coisa que vai fazer na Conferência" (daqui a pouco veremos de que Conferência se trata) "é transformar o mundo numa Confederação Universal. Todos os países ficarão fazendo parte dessa confederação, como os estados dos Estados Unidos" (*A Reforma da Natureza*, pg. 224).

É isto: *União das Repúblicas.*

Mas porque Lobato é *socialista*, a estas Repúblicas poderemos acrescentar um adjetivo *genérico*. Assim: União das *Repúblicas Socialistas.*

Ora, segundo o supérfluo testemunho de Edgard Cavalheiro, para o mesmo Lobato "não havia País que"

Scanned with CamScanner

" vagamente não quisesse experimentar em sua carne a experiência soviética, feita a princípio com dor, mas finalmente com sucesso pleno " (*Obra citada*, pg. 644).

De modo que a esta União das Repúblicas Socialistas os países têm que acrescentar, segundo o desejo *unânime* comunicado pelo *intérprete* dêles, mais um qualificativo, e agora *específico*: — Soviéticas. E assim teremos a URSS: — *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas*.

Dirão que a comparação foi feita com os estados dos Estados Unidos.

É isto mesmo: os estados dos Estados Unidos são estados com letra pequena do Estados com letra grande.

E Lobato escreve muito certo esta diferença.

Esqueceu-se, apenas, de dizer, explicitamente, qual seria os *Estados Unidos*, com letra grande, daqueles estados com letra pequena.

Mas também se o dissesse, muitos pais e mestres seriam mais cuidadosos...

Por isto prefere o " nacionalista " ir ensinando *" brasilidade "* aos meninos, ora falando sério, ora brincando com êles:

A conferência

" A PAZ NÃO SAI PORQUE SOMOS...
REPRESENTANTES DE PAÍSES ".

Ainda em *Reforma da Natureza*, lemos o seguinte:

" Quando a guerra da Europa terminou, os ditadores, reis e presidentes cuidaram da discussão da paz. Reuniram-se num campo aberto, sob uma grande barraca de pano, porque já não havia cidades: tôdas haviam sido arrasadas pelos bombardeios aéreos. E puseram-se a discutir, mas por mais que discutissem não saía paz nenhuma. Parecia a continuação da guerra, com palavrões em vez de granadas e perdigotos em vez de balas de fuzil.

— Foi então que o rei Carol da Rumania se levantou e disse:

— Meus senhores, a paz não sai porque somos *todos aqui representantes de países* " (o grifo é nosso) " e cada um de nós puxa a brasa para a sua sardinha. Ora a brasa é uma só e as sardinhas são muitas. Ainda que discutamos durante um século, não haverá acôrdo possível. O meio de arrumarmos a situação é convidarmos para esta conferência alguns representantes da humanidade. Só essas criaturas poderão propor uma paz que satisfazendo a tôda a humanidade também satisfaça aos povos, porque a humanidade é um todo do qual os povos são as partes. Ou melhor: a humanidade é uma laranja da qual os povos são os gomos.

Essas palavras profundamente sábias muito impressionaram aquêles homens. Mas onde encontrar criaturas que representassem a humanidade e não viessem com as mesquinharias das que só representam povos, isto é, gomos da humanidade? O rei Carol, depois de cochichar com o general de Gaulle, prosseguiu no seu discurso.

— Só conheço, disse êle, duas criaturas em condições de representar a humanidade, porque são as mais humanas do mundo e também são grandes estadistas. A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade.

Mussolini, enciumado, levantou o queixo.

— Quem são essas maravilhas?
— Dona Benta e tia Nastácia " (o materialista e o

Scanned with CamScanner

operário), " respondeu o rei Carol, as duas respeitáveis matronas que governam o Sítio do Picapau Amarelo, lá na América do Sul. Proponho que a Conferência mande buscar as duas maravilhas para que nos ensinem o segrêdo de bem governar os povos.

— Muito bem! aprovou o duque de Windsor, que era o representante dos inglêses. A duquesa me leu a história dêsse maravilhoso pequeno país, um verdadeiro paraíso na terra " (que coincidência de expressão: *paraíso na terra*...), " e também estou convencido de que ùnicamente por meio da sabedoria de Dona Benta e do bom senso de tia Nastácia o mundo poderá ser consertado. No dia em que o nosso planeta ficar inteirinho como é o sítio, não só teremos paz eterna como a mais perfeita felicidade.

Os grandes ditadores e os outros chefes da Europa nada sabiam do Sítio. Admiraram-se daquelas palavras e pediram informações. O duque de Windsor começou a contar, desde o comêço, as famosas brincadeiras de Narizinho, Pedrinho e Emília no Picapau Amarelo. O interêsse foi tanto que pouco depois todos aquêles homens estavam sentados no chão, em redor do duque, ouvindo as histórias e lembrando-se com saudades do bom tempo em que haviam sido crianças e, em vez de matar gente com canhões e bombas, brincavam na maior alegria de "esconde-esconde " e " chicote-queimado ". Comoveram-se e aprovaram a proposta do rei Carol.

Eis explicada a razão do convite a Dona Benta, tia Nastácia e o visconde de Sabugosa para irem representar a Humanidade e o Bom Senso na Conferência da Paz de 1945.

Com grande naturalidade Dona Benta aceitou o convite e deliberou seguir com todo o seu pessoalzinho — menos a Emília. Emília recusou-se a partir porque estava com a idéia que lhe veio pela primeira vez quando

ouviu a fábula do *Reformador da Natureza*"... (pgs. 193, 194 e 195).

Objetar-se-á que, em outro livro (*A Chave do Tamanho*, pg. 12), há uma frase que poderia tomar-se até em sentido cristão:

> " A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro dêsse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo ".

Mas o testemunho exibido nas primeiras palavras dêste capítulo, e mais o testemunho da " experiência soviética " em tantos países, conferem-nos o direito de concluir que, para Lobato, o coração e o cérebro da humanidade estão na Rússia — de que todos os países — " como os estados dos Estados Unidos " — devem ser os dedos e unhas e mãos e braços e pernas, até o dia em que tôda a sociedade humana se devore a si mesma.

• • •

Às páginas 199 e 200 de *A Reforma da Natureza* encontram-se outras razões por que Emília, desta vez, não foi à Europa:

> " Ao saber que Dona Benta recebera convite dos chefes da Europa para ir arrumar o pobre continente, Emília deu um pulo de gôsto e, já com a idéia da reforma da natureza na cabeça, declarou que não ia.
>
> — Não vai, como, Emília? disse Dona Benta. Acha que posso deixar você sòzinha aqui?
>
> Emília disfarçou a verdadeira razão de ficar. Declarou que não ia para evitar escândalos na Conferência da Paz.
>
> — Sim, disse ela, se eu fôr não é para ficar dormindo no hotel, não! Também hei de querer tomar parte

Scanned with CamScanner

na conferência — e tenho umas tais verdades a dizer aos tais ditadores que a senhora nem imagina. E fatalmente sai "fecha". Vira escândalo. É isso que quero evitar.

Dona Benta ficou pensativa, e foi à cozinha consultar tia Nastácia...

— Nastácia, disse ela, Emília encrencou. Quer ficar. Diz que se fôr à Conferência sai fecha com os ditadores e haverá um grande escândalo internacional — e estou com mêdo disso. Tenho horror a escândalos.

— E sai fecha mesmo, sinhá. Depois daquela história da Chave do Tamanho Emília ficou prepotente demais. Não atura nada. Dá escândalo mesmo, sinhá, e é até capaz de estragar o *nosso* trabalho por lá. Pedrinho me contou que aquilo nas Europas está pior que quarto de badulaque quando a gente procura uma coisa e não acha. Tudo de perna para o ar, disse êle. Tudo sem cabeça, espandongado. A nossa serviceira vai ser grande, sinhá, e com a Emília atrapalhando, então é que não fazemos coisa que preste. Minha opinião é que ela fique".

Tal e qual...

• • •

Em *Geografia de Dona Benta,* o assunto é habilissimamente tratado e concentrado numa expressão que vamos ler ao fim da seguinte passagem:

"Os inglêses conquistaram a Índia e defendem essa possessão com unhas e dentes, porque a Índia é riquíssima. Mas o russo é um povo que cresce sempre e vai se derramando pelos territórios vizinhos. Daí o interêsse dos inglêses em conservar "países-tampões" entre a Índia e a Rússia, como o Afganistan, o Beluquistan, etc. Foi assim no tempo dos Tsares, e é assim agora. Hoje os russos estão ràpidamente conquistando êsses países-tampões com as suas teorias socialistas; estão sovietizando-os, e a Inglaterra vive cada vez mais aflita, porque se a sovietização alcançar a Índia, babau!" (pg. 151).

A exclamação "babau!" não exprime nenhum sentimento da alma socialista de Lobato...

Nenhum desejo de que o Império britânico

"experimente em sua carne a experiência soviética..."

É o que se pode chamar exclamação de *neutralidade*...

• • •

Agora vamos saborear mais um dêsses brinquedinhos, com que o artista vai fortificando, nas crianças brasileiras, o espírito de "*brasilidade*". Vamos abrir uma carta do Pequeno Polegar (atenção: *Pequeno Polegar,* "o único que veio (para o sítio) sem bagagem" e que, ali chegando, "*se apossou*" da casa do João-de-Barro. Tudo de brinquedo... pg. 26). Essa carta foi lida por Emília que, no mesmo Sítio de Dona Benta, exercia, como acentua Lobato, "*o papel de ôlho número* 1":

"Prezadissima Senhora Dona Benta Encerrabodes de Oliveira:

Saudações. Tem esta por fim comunicar a V. Excia. que nós, os habitantes do Mundo da Fábula, não aguentamos mais as saudades do Sítio do Picapau Amarelo, e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa das mais sem graça. Aí é que é o bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa — se a senhora der licença, está claro..." (*O Picapau Amarelo,* pg. 10).

Scanned with CamScanner

O Sítio do Picapau Amarelo, territòrialmente, é o Brasil, ou está no Brasil, como se infere das seguintes palavras de Pedrinho, à mesma página do mesmo livro:

> "Depois que saiu o petróleo, a senhora ficou empanturrada de dinheiro a ponto de enjoar e nem permitir que se fale em dinheiro nesta casa. Aumenta-se o sítio" (para receber o pessoal do Mundo da Fábula...)

Territòrialmente é o Brasil, mas politicamente é a Rússia, conforme a carta de Dona Benta para Emília, depois de concluído o "*serviço*" na Europa:

> "— Já concluímos o nosso serviço na Europa, dizia ela. Deixamos o continente transformado num perfeito *sítio* (o grifo é nosso) — com tudo direitinho e todos contentes e felizes. A Comissão que nos trouxe vai reconduzir-nos para aí novamente. Devemos chegar na próxima segunda-feira e espero encontrar tudo em ordem.
>
> Emília leu a carta para a Rãzinha, dizendo: "É uma danada, esta velha! Foi lá e fêz o que todos aquêles ditadores e reis não conseguiram. Temos agora de preparar a casa para recebê-la" (*A Reforma da Natureza*, pg. 239).

Ora, não desejando o Brasil conquistar países da Europa, aquêle "verdadeiro sítio", em que foi "o continente (europeu) transformado", que "Sítio" pode ser?...

Mas quem sabe se não é uma pura brincadeira de Lobato?

O pessoal do *Sítio* sabe...

• • •

Admitimos, entretanto — E ISSO FIQUE BEM CLARO E BEM GRIFADO — que a seguinte resposta de Dona Benta e os planos da Emília, por serem coisas, como observamos no prólogo dêste livro, mais não ditas do que ditas, não constituem, tècnicamente, prova do que Lobato disse, uma vez que êle mesmo não disse...

Provam apenas que o grande escritor também é mestre naquilo a que Edgard Cavalheiro chama "*nenhuma distinção entre o real e o irreal*". O citado biógrafo acrescenta a estas suas palavras:

"Um plano bem executado vale dez mil vêzes mais que o maior dos muques. Aliás, tanto os heróis como as "maravilhas" da nossa civilização são impiedosamente criticados pela criançada". (*Urupês* — Notas biográficas e críticas).

Julguem, agora, os leitores se no trecho de Lobato, que passamos a transcrever, há "*heróis*" e "*maravilhas*" da nossa civilização impiedosamente criticados:

A resposta de Dona Benta

> "No dia seguinte Dona Benta respondeu à carta do Pequeno Polegar. Que viessem todos. Ela iria comprar mais terrenos vizinhos, de modo que o Mundo da Fábula inteiro coubesse lá. Mas na hora de sobrescritar o envelope a boa velhinha atrapalhou-se. Viu que Polegar havia esquecido de mandar o enderêço.
>
> — Que cabecinha de vento! Escreve-me uma carta e não indica para onde devo remeter a resposta..."

Vamos prestando atenção...

> "E cheia de indecisão estava a pensar naquilo, quando Narizinho se aproximou com um "Que é, vovó?"

Scanned with CamScanner

Ao saber da falta de endereço riu-se regaladamente.

— Ora, dá-se! Parece incrível que a senhora se aperte por tão pouca coisa. É só chamar a Emília... Emília! EMÍLIA!

Emília surgiu, rebolando.

— Venha resolver um caso que está atrapalhando vovó. Polegar escreveu, mas esqueceu de botar o endereço. Vovó não sabe para onde mandar a resposta.

Emília deu uma risada gostosa.

— Ah! meu Deus! Que bicho bôbo é gente grande!... Morrem de lidar com as maravilhas e não aprendem nada — não aprendem essa coisa tão simples que é o "faz-de-conta". Me dá aqui a carta.

Dona Benta, de bôca entreaberta e olhar admirado, foi-lhe entregando a cartinha de resposta. Emília agarrou-a e leu-a..."

Reticências, porque ela já sabia de tudo. Era "*a mãe da criança*", na expressão de Lobato, ao tratar da redução do tamanho social.

"— Isto é falta de delicadeza, Emília, ler carta dos outros, observou Narizinho.

— É falta de delicadeza quando a carta vai pelo correio. No sistema do "faz-de-conta" não é, porque faz de conta que não li. Li para ver se "vovó" não nos traiu".

Tôda a atenção: de vez em quando, aparece uma palavra *técnica*: "*Se vovó não nos traiu*"...

"— Emília, Emília! gritou Narizinho com severidade. Como se atreve a fazer semelhante juízo de vovó?!

— Minha cara, respondeu Emília com o maior desplante, eu já virei uma Floriana Peixota: *confio desconfiando*...

— Já se viu que diabinha? murmurou Dona Benta filosòficamente.

Emília chegou à janela e gritou:

Ventos e brisas d'aquém e d'além

Passarinhos e borboletas

Esta resposta ao Polegar levade,

Depressa, depressa, senão...

E lançou a cartinha ao vento".

Propaganda comunista é melhor que não vá pelo correio: "Ventos e brisas... passarinhos e borboletas... daquém e dalém"... encarregam-se de levá-la...

..."Tia Nastácia vinha entrando da cozinha para ver o que Dona Benta queria no almôço. Ao saber da cartinha de Polegar e da licença para que viessem morar ali, exclamou, erguendo as mãos para o céu:

— Nossa Senhora! Isto vai virar "hospiço". Sinhá não se lembra daquela vez que êles entupiram a casa de reizinhos e príncipes e princesas? Nossa Senhora, onde iremos parar?

— Fazemos uma cêrca, Nastácia. Êles ficam morando para lá da cêrca. Só virão aqui quando quisermos".

Uma espécie de *cortina de ferro*.

"— Cêrca, sinhá? Pois se até muro com caco de vidro em cima gente pula, quanto mais êles, que são uns demoninhos...

Scanned with CamScanner

— Quindim fica de guarda à cêrca, passeando de cá para lá — e na porteira eu boto um cadeado".

Êste *belo* quadro de Lobato parece mais certos cartazes anti-comunistas...

"O visconde tomará conta da chave".

As entradas e saídas dêsse campo de concentração — oh! ia-me distraindo — dessa cerquinha de brinquedo... dependem do visconde, isto é, da produção: *"quem não trabalha não come..."*

"A negra deu uma grande risada.

— Ché, sinhá! Tudo é muito bonito e fácil no "papé". Mas eu quero ver! O visconde chaveiro, ah! ah! ah!

Dona Benta, que estava com preguiça de discutir, mudou de assunto" (*O Picapau Amarelo,* pgs. 12, 13, e 14).

Quando há perigo de comprometer a astúcia, Dona Benta sempre muda de assunto...

Brincando de tática

"O PLANO DA EMÍLIA"

"Dona Benta mandou chamar os donos das fazendas vizinhas para propor-lhes a compra das propriedades. Nenhum quis vender. Eram fazendas que não valiam nada, mas como Dona Benta tinha fama de muito dinheiro, todos trataram de aproveitar-se. Dona Benta, porém, não era das que "vão na onda". Não aumentou a oferta".

Veremos que todo o seguinte plano de Emília podia ser incluído no capítulo da propriedade particular. As coisas do comunismo, como de qualquer sistema, aliás, são muito relacionadas umas com as outras.

"Depois que os homens se retiraram, chamou os meninos.

— Êsses homens querem aproveitar-se da situação; fingem não querer vender as fazendas — tudo para me explorar. Que acha que devo fazer, Pedrinho?

Pedrinho, danado com os fazendeiros, imaginou logo uma solução violenta: comprar as fazendas à fôrça. Agarrá-los e obrigá-los a assinar as escrituras, com um revolver encostado na nuca de cada um".

Que imprudência! Que falta de "esperteza"!...

"— Absurdo, meu filho. Os processos violentos nunca dão bons resultados. Temos que estudar um meio jeitoso.

— Isso de jeitos é cá comigo, gritou a marquesa de Rabicó. Entregue-me o caso que num instante estará resolvido.

— Pois vamos ver, disse Dona Benta. Fale com os homens e dê lá os jeitinhos necessários. Não ofereço mais de 400 mil cruzeiros pelas duas fazendas — e é muito. Não valem nem 200".

Que ótima delegada perdeu a *Organização das Nações Unidas!*...

"Emília chamou de parte o visconde para a discussão do assunto. Em seguida foram os dois ao pasto, montaram no Burro Falante" (tudo comparações maravilhosas) "e saíram em procura dos fazendeiros. Encontraram-nos na venda do Elias, bebendo cerveja entre grandes risadas. "Desta vez a velha nos paga", diziam êles. "Havemos de lhe arrancar couro e cabelo".

Scanned with CamScanner

Emília e o visconde entraram, sentaram-se atrás dêles numa mesinha dos fundos, e pediram meia garrafa de cerveja e duas cocadas queimadas. E puseram-se a conversar com ares misteriosos. Aquilo imediatamente intrigou os fazendeiros.

" — Pois é, dizia a marquesa para o visconde, muito baixinho mas de modo que os homens ouvissem; a *bicharia* já está embarcada " (bicharia, grifado): " duzentos, cem machos e cem fêmeas — e *rinocerontes* " (também grifado) " dos mais ferozes, caçados de fresco no Uganda, lá no Sul da África... "

Reticências: Que *rinocerontes!*...

" — Mas então é verdade? perguntou o visconde com o maior fingimento. Pensei que fôsse brincadeira...
— Brincadeira, nada! Dona Benta não brinca ".

Isto é verdade.

" Vai fazer aqui a maior criação de feras do mundo ".

Como fêz na Polônia, Hungria, etc...

" Chegam agora êsses 200 rinocerontes ferocíssimos. Depois vem os *leões* " (grifado) " que estão sendo caçados — 300 leões! E mais 150 *tigres de Bengala* " (grifado) " daqueles que só se alimentam de gente. E há as *panteras negras* — 100. Isso sem falar nos *ursos brancos* do Polo, nem nos *lôbos da Rússia* " (é mesmo: nem precisava falar nestes *lôbos*. Nem grifar a palavra Rússia...), " nem naquelas *cobras da India* que têm capelo, venenosíssimas.

Os fazendeiros, de bôca aberta, entreolhavam-se assustados. Emília continuou:

— A criação de feras de Dona Benta será a maior do mundo, mas os vizinhos vão sofrer com isso. Tôda gente sabe, que os animais caseiros, burros, bois, cavalos, etc., têm um verdadeiro horror pelas grandes feras. Adivinham-nas de longe pelo cheiro e morrem de mêdo — fogem com quantas pernas têm. Estou com dó dessas fazendas. Vão ficar a pé, sem um cavalo, um burro, um boi. O vento leva para lá o cheiro dos leões e dos tigres e a animalada mansa dispara... "

Como tem acontecido em tôda parte...

" — Mas êsses vizinhos podem processar Dona Benta, lembrou o visconde.

— Ela já mandou estudar êsse ponto por um bom advogado do Rio. As leis não tratam do assunto. Se êles processarem Dona Benta, perdem as demandas e ainda têm de pagar as custas. *Não há lei nenhuma que proíba cheiros em fazendas* " (grifado).

Que ironia tremenda contra a democracia, e contra a Justiça brasileira!

" A conversa prosseguiu nesse tom cochichado até o fim da cervejinha. Depois pagaram a conta e saíram, muito lampeiros.

Os dois homens ficaram com caras d'asno, a olhar um para o outro.

— E esta, compadre! Se o raio da velha vai mesmo fazer isso, nossas fazendas, que já pouco valem, ficarão valendo ainda menos. Aquilo que o pelotinho de gente

Scanned with CamScanner

disse é certo. Os animais têm um mêdo horrível às onças e outras feras. Assim que farejam alguma por perto, fogem loucos de terror. Isso é coisa das mais sabidas ".

É assim que as opiniões vão mudando, nos vários países, ou " *fazendas* ".

" — Pensando bem, disse o segundo, o verdadeiro é aceitarmos a proposta da velha. Quatrocentos mil cruzeiros pelas duas fazendas é até muito dinheiro — porque não valem 200 — nem 180. O café está de rastos — porco não dá nada — algodão, o curuqueré come... Quanto mais eu trabalho em minha fazenda, mais endividado fico. O melhor é aceitarmos a proposta da velha.

Nesse mesmo dia voltaram os dois ao Picapau Amarelo.

O preço que a senhora nos oferece, disse um dêles, é fraquinho, mas nós, cansados já desta vida de fazenda, resolvemos ceder. Pode marcar o dia para as escrituras.

— Amanhã, foi a resposta de Dona Benta, muito admirada da reviravolta operada nêles. Que seria que os fêz mudar assim tão repentinamente?...

— Coisas da vida, minha senhora. Fomos à venda do Turco beber uma cervejinha e pensamos melhor sôbre o caso. Estamos velhos e cansados, é isso.

Nesse instante Dona Benta ouviu o ringido da porteira. Olhou. Vinham chegando a Emília e o visconde, montados no Burro Falante. " Hum! Estou compreendendo " murmurou ela consigo. " Aqui anda o dedinho da Emília "...

Dona Benta ficou a cismar: " Que será que Emília botou na cabeça dêles? " Mas por mais que cismasse, nada adivinhou " (*O Picapau Amarelo,* pgs. 15, 16, 17, 18 e 19).

Executado êsse plano — tão conhecido! —, começou a mudança do pessoal do " Mundo da Fábula " para o Sítio do Picapau Amarelo...

Pessoal, evidentemente, *de brinquedo*: Branca de Neve, as princesas Rosa Branca e Rosa Vermelha, o príncipe Codadad, com Aladino, Sheherazade, etc...

É importante frisar uma explicação, também dada por *brinquedo,* à pg. 21 do mesmo livro, pelo que vinha " puxando a fila " — o *Pequeno Polegar*:

" Êles sempre sonharam uma coisa assim.

Nunca puderam habitar sossegados numa terra que fôsse ùnicamente dêles. Uns moravam em livros, outros na cabeça das crianças. Agora vão ser donos de um território próprio, só dêles. Vão sossegar, os coitados ".

Enquanto o pobre do *Jeca-Tatu,* ou *Zé-Brasil,* também coitado, fica esperando...

• • •

Não haverá quem enxergue, em tôda essa descrição literàriamente deliciosa, qualquer semelhança, *mera coincidência* com os planos elogiados ou fornecidos por Lobato, em carta, a Luís Carlos Prestes? Planos que êle considera

" *indispensável ponte de transição para futuros avanços ideológicos como os sonham os comunistas* "
(Confr. Edgard Cavalheiro, obra citada, pg. 672).

Não haverá quem perceba qualquer semelhança entre os planos de Emília e os planos da Rússia comunista?

Scanned with CamScanner

Pois Lobato confessa que Emília

> "andava com mania de coisas russas" (*Histórias de Tia Nastácia*, pg. 156).

MANIA!

É bom situarmos esta expressão no diálogo de onde foi tirada:

> "Dona Benta respondeu:
>
> — Eu sei centenas de histórias. O difícil está na escolha. Sei histórias do folclore de todos os países.
>
> — Então conte uma do folclore da Índia! pediu o menino.
>
> — Da Índia, não. Da China, pediu Narizinho.
>
> — Da China, não. Do Cáucaso, pediu a boneca, que andava com mania de coisas russas" (lugar citado).

• • •

Emília, "a independência mental", sabia influenciar os seus companheiros. Por isto, poucas páginas adiante, Narizinho já vai ficando mais *evoluída*:

> "— Bom. Conte outra (história) de um país frio — da Rússia, por exemplo" (*Ibidem*, pg. 174).

E à página 178, já está quase tão entusiasmada quanto a própria boneca:

> "— E isba, Dona Benta, que é? perguntou Emília.

> — É o nome das casas das roças lá na Rússia, em geral de madeira. Casa de roça, aqui nós chamamos rancho, casebre, casa de sapé, mocambo e outras coisas assim. Lá é isba.
>
> — Gostei da história dos russos, disse Narizinho. Está pitoresca. Vamos ver outra de lá mesmo".

(Êsse entusiasmo de Narizinho com o "pitoresco" dos ranchos ou casebres da Rússia, não tem nenhuma relação com o entusiasmo de Lobato pelo casebre do *Jeca-Tatu*...).

> "— Não. Para variar contarei uma de outra terra fria, a Islândia".

• • •

Sim, sempre é bom variar, porque focalizar freqüentemente aquela "Mania", ou repetir muitas vêzes o que se disse em *Reforma da Natureza*, daria muito na vista...

Repetir, por exemplo, aquela revelação, como agora estamos repetindo:

> "Eu conheço as idéias de "vovó", disse (Emília). A primeira coisa que vai fazer na Conferência é transformar o mundo numa Confederação Universal. Todos os países ficarão fazendo parte dessa confederação, como os estados dos Estados Unidos" (*A Reforma da Natureza*, pg. 224).

• • •

A "mania" de coisas russas tem que aparecer, é claro, mas salteado:

Scanned with CamScanner

" — Pois a URSS, meus filhos, constitui um verdadeiro mundo dentro do mundo...

Esta Sibéria, por exemplo. Ninguém poderá dizer o que sairá daqui. No tempo dos Tsares era apenas um deserto para onde a polícia mandava os criminosos e os revolucionários que queriam reformar a Rússia. Deportavam-nos para que viessem morrer de frio e miséria". (Comove muito essa misericórdia de Lobato para com os *revolucionários* russos que, vitorioso o comunismo, não "deportaram" ninguém para "morrer de frio e miséria"...)

"Hoje a Sibéria está sendo inteiramente colonizada... Que mundo é a Sibéria!

Depois Dona Benta ajustou a luneta para certa direção e chamou os meninos.

— Olhem, disse ela. A luneta está apontada para o centro da Ásia. Prestem atenção. Aquêle enorme planalto em cima das montanhas é o que os antigos chamavam o *Teto do mundo*. É o famoso *Planalto de Pamir*, de onde se supõe que desceram os homens da raça Ariana formadores da Europa..." (*Geografia de Dona Benta*, pgs. 148 e 149).

A que vêm essas reticências, depois de "*formadores da Europa*"? Nos seguintes olhares talvez encontremos alguma explicação:

"Os meninos ferraram o ôlho no chapadão imenso, formado de uma série de planaltos sucessivos. Queriam gravar para sempre o aspecto de uma terra tão importante" (*Ibidem*).

Oh! Sim, tão importante, realmente,

"que não havia país que não quisesse experimentar em sua carne a experiência soviética, feita a princípio com dor, mas finalmente com sucesso pleno"...

• • •

Edgard Cavalheiro põe entre aspas a seguinte entrevista concedida pelo mesmo autor dêsses mesmos livros infantis, a um repórter da Revista do Globo, durante a última guerra:

" — Deixei de fumar. O último cigarro que fumei, foi para festejar a vitória do *Karkov*".

E quando o repórter menos espera, informa-nos Edgard Cavalheiro,

"ei-lo a afirmar que só lê a Rússia... Aproveitando a deixa, Justino Martins pergunta-lhe o que virá depois da guerra. Não se faz de rogado na resposta":

"— Profetizar é manifestar um íntimo desejo nosso... Os homens sabem que o grande êrro da vida social está na iníqua distribuição da riqueza".

(Mas Lobato não sabia que a distribuição das riquezas na Rússia é uma iniqüidade).

"Os homens sabem disso", continua o entrevistado, "como também sabem que as idéias dos homens não dependem de seus cérebros e sim do lugar que ocupam no mundo".

Aqui êle é contra alguns dos seus defensores ilògicamente duerkenianos — que, para provarem que a índole brasileira não se opõe à ditadura soviética, sustentam a tese de que a índole não influi na aceitação dos tipos de govêrno.

Scanned with CamScanner

"O meio social de reconstruir é doloroso, continua Lobato. Consiste em eliminar pela violência" (quem quiser defendê-lo, neste ponto, será desmentido por êle próprio — êle o cantor do *meigo Nazareno*...) "eliminar pela violência os homens de cima que põem embaraço".

E dá o seu grito de guerra:

"— A revolução"...

E mais adiante, referindo-se ao livro do Deão comunista de Canturbyri:

"— Foi o primeiro livro honesto que li sôbre a Rússia".

"E em matéria de União Soviética (palavras de Edgar Cavalheiro) diz que passará a jurar sôbre o livro do Deão, como os puritanos juram sôbre a Bíblia" (*Obra citada*, pgs. 630 e 631).

• • •

Mas temos coisa muito melhor, se é possível falar assim.

"O INCIDENTE BRASIL-RÚSSIA"

Carta de Lobato a Prestes

Quando Prestes declarou que, "numa guerra entre o Brasil e a Rússia, ficaria contra o Brasil", (1) Monteiro Lobato lhe fêz a seguinte carta:

(1) O Mons. Arruda Câmara, citando a ata de 27-3-946, na Câmara Federal, põe entre aspas aquelas palavras: «**Numa guerra entre o Brasil e a Rússia, ficaria (Prestes) contra o Brasil**». — Confr. opúsculo intitulado: **Contra o Comunismo**, pg. 24.

"Permita que me dirija ao grande chefe com a mesma simplicidade com que a êle me dirigia quando cá esteve exilado, ao tempo da peregrinação...

O incidente Brasil-Rússia sobrevém e Prestes se afirma como um homem de coragem sôbre-humana. Ainda ontem, recordando em conversa com Roger Pla a façanha, escabichamos na história um exemplo de coragem moral daquele vulto — e não o encontramos...

Entre manter-se fiel a si mesmo, prossegue Lobato, e cortejar a avalanche esmagadora que podia desabar sôbre êle, Prestes não vacilou, a avalanche despeja — mas vai pelo caminho se transformando em espanto a admiração. E Prestes emerge do incidente maior do que nunca... Chega o dia das eleições. Até o céu e o inferno são mobilizados pelos Cardeais contra os seguidores de Prestes — mas o antigo estrategista militar se revela estrategista político de igual valor, e vence... Sinto-me hoje grandemente feliz com a volta de meu ídolo ao velho nicho"... (*Apud* Edgard Cavalheiro, *obra cidada*, pgs. 671 e 672).

E é na suave capelinha dêste nicho, mães brasileiras, que Lobato pretende ajoelhar os vossos filhos, em adoração a Prestes, em abjuração à independência do Brasil.

Habituado ao *nicho*, adere o ateu, religiosamente, àquele dogma de Moscou:

"— Os comunistas são acusados de querer abolir a Pátria, a Nacionalidade. Os operários não têm Pátria. Não se lhes pode tirar aquilo que não possuem" (*Manifesto sôbre a doutrina internacional de Marx*, pg. 10 — *Apud* Arruda Câmara — *Contra o Comunismo*, pg. 25).

Carta de Prestes a Lobato

O chefe do Partido comunista no Brasil respondeu à carta do seu correligionário, dizendo, entre outras coisas:

Scanned with CamScanner

"Suas palavras sôbre o que denomina de incidente Brasil-Rússia", sôbre a nossa posição diante da guerra imperialista, servirão — e muito — para desmascarar os lacaios do imperialismo aqui em nossa terra, e ajudarão, sem dúvida, aos intelectuais honestos, mas em geral ainda tão atrasados e equivocados, a encontrar o verdadeiro caminho do patriotismo, o caminho de Lenin, de Barbusse e Romain Rolland" (*Apud* Edgard Cavalheiro, *obra citada*, pgs. 735 e 736).

• • •

Aí está o que é, territorial e politicamente, o *Sítio do Picapau Amarelo*, em que vivem os personagens da literatura infantil de Monteiro Lobato.

Mais uma prova?

> "A Rã, que entendia um pouco de política, achou que as grandes nações eram muito orgulhosas para se sujeitarem a ser simples estados dum grande Estados Unidos.
>
> — Pois se não se sujeitarem, pior para elas, declarou Emília" (*A Reforma da Natureza*, pg. 224).

Não é êste "o caminho de Lenin, de Barbusse e Romain Rolland"?

E aos pais e outros educadores ingênuos que andam a afirmar que essas brincadeiras de Lobato "não têm nada de mais", lembramos que o mesmo escritor ainda os ridiculariza, com aquela sutileza e graça que ninguém lhe pode negar:

> "Sabe o que é filósofo, visconde?" perguntou Emília. E explicou: "É um bicho sujinho, caspento, que diz coisas elevadas que os outros julgam que entendem e ficam de ôlho parado, pensando, pensando...
>
> — Ficam pensando o quê, Emília?
>
> — Pensando que entenderam" (*Memórias da Emília*, pgs. 13 e 14).

• • •

Já sabemos que não faltarão brasileiros — até *muito* católicos e muito patriotas... que acoimarão de imprudência qualquer atitude contrária à propaganda dos livros de Monteiro Lobato, recomendados que são, êstes, por importantes livres-pensadores que não nos concedem a liberdade de pensar...

Para êsses católicos *bonzinhos*, o próprio Lobato, depois de criticar certos diminutivos, como "*cantinho*", "*comidinha*" e "*dinheirinho*", usa dessa jocosa, terrível e *histórica* sinceridade:

> "— Assim que um freguês vier com "*inhos*", é a gente ir pegando no pau e lascando" (*Fábulas*, pg. 117).

Mas aí êle se esqueceu de que é o criador de NARIZINHO...

• • •

Merecem ainda repetidas aquelas entrelinhas da página 178 de *A Chave do Tamanho*:

> "— O govêrno já não existe (declara um dos ministros americanos), pela simples razão de que já não existe o que governar. O extraordinário fenômeno que destruiu o tamanho dos homens desta grande nação veio alterar completamente as antigas condições de vida — e impossibilitar a existência do govêrno. O govêrno americano que era o mais poderoso do mundo, está hoje nu,

Scanned with CamScanner

com frio, sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo" (*sombra de povo...*), "sem fôrça, sem a menor idéia na cabeça".

E a quem achar que Monteiro Lobato, descobridor e defensor do petróleo — que não deve ser dos americanos, porém "nosso..." —, deu, com êsse e outros títulos, grande demonstração de "*brasilidade*", o próprio agitador se explica. Observando certos animais que imitam a forma das fôlhas das árvores ou dos galhinhos secos, descreve, num primor de comparação:

> "— Eu já vi um dêsses, lembrou Juquinha. O Totó apareceu lá em casa com um galhinho sêco na mão. "Que é isto?" me perguntou. Eu olhei e respondi: "É um galhinho sêco". Totó riu-se e largou o galhinho no chão — e sabe o que aconteceu? O galhinho começou a andar!"... (*A Chave do Tamanho*, pg. 75).

Não! Não acreditemos que Lobato é apenas um estilista primoroso. Muitos pais que o "largaram" na inteligência dos próprios filhos, hão de estar reconhecendo, agora, que, à semelhança daquele galhinho sêco, o habilidoso comunista, há muito tempo, "começou a andar"...

Se não o estiverem reconhecendo, a culpa já não é mais de Lobato...

CAPÍTULO X

NEGAÇÃO DO DIREITO À PROPRIEDADE PARTICULAR

> *"O comunismo não concede aos indivíduos nenhum direito de propriedade sôbre os bens da natureza nem sôbre os meios de produção, porque, como fontes que são de outros bens, sua posse poderia conduzir ao poder de um homem sôbre outro. Exatamente por isto, proclama deve ser destruída radicalmente tôda espécie de propriedade particular, como a primeira fonte de tôda escravidão econômica"* (Pio XI — *Divini Redemptoris* — 19-3-1937).

A riquíssima imaginação de Monteiro Lobato transborda nas últimas páginas da *Aritmética da Emília*. Brincando com os meninos, diz êle que êste livro foi escrito pelo visconde de Sabugosa, que é milho, símbolo da "ciência" (materialista) e da produção da terra. Emília, que é o símbolo da liberdade, "acabava de fazer, como diz o espirituoso escritor, uma das suas célebres maroteiras":

> "Fôra ao escritório do visconde e, vendo lá o manuscrito da "*Aritmética do Visconde*", cortou o "T" da palavra aritmética e substituiu o nome do autor pelo seu. Eis a explicação", conclui Monteiro Lobato, "da *Aritmética do Visconde* ter saido com o frontispício duplamente errado — sem o "t" e sem o nome do verdadeiro dono"... (pg. 164).

Scanned with CamScanner

Maravilha de entrelinhas — que gotejam caprichosas reticências, trazendo estas, por sua vez, a seguinte instrução que o *explicador* — depende... — também pode *fazer de conta* que não existe: "o verdadeiro dono" daquela Aritmética não é nem o Visconde nem Lobato. É Emília. Não é o Visconde, porque êste é apenas milho, *produção* da terra. Não é Lobato, por ser êle, ainda, homem do presente... Pertence a Emília, isto é, ao homem do FUTURO, *somar, diminuir, multiplicar e dividir* as terras e outros bens exemplificados na tendenciosa *Aritmética* — "sem o "T" e sem o nome do verdadeiro dono"...

Agora vejam os leitores como a interpretação que damos a êste "verdadeiro dono" se ampara noutra passagem do mesmo Lobato (para os adultos):

> "O valor da terra, que é justamente o maior de todos os valores criados no mundo, não pertence ao seu *verdadeiro dono* (o grifo é nosso), que é a sociedade, e sim aos herdeiros, ou sucessores por compra"... (*Apud* Edgard Cavalheiro, *obra citada*, pg. 649).

Verdadeiro dono, lá — verdadeiro dono, cá! Mas tudo é *coincidência*. Cá e lá...

Outra observação de suma importância é a que faz o Visconde de Sabugosa, antes de dar as suas aulas de Aritmética e depois de ouvir alguns comentários de Dona Benta, de Emília, Tia Nastácia e Narizinho:

> "— A minha viagem, respondeu êle, é um pouco diferente das outras. Em vez de irmos passear no País da Matemática, é o País da Matemática que vem passear em nós".

(Claro: é o *País* que tem que ir à produção e aos habitantes do *sítio*)...

> "— Que idéia batuta! exclamou Emília encantada. Tôdas as viagens deviam ser assim. A gente ficava em casa, no maior sossêgo, e o país vinha passear na gente. Mas como vai resolver o caso, maestro?
>
> — Da maneira mais simples, respondeu o visconde. Vou organizar um circo Sarrazani (1) para que o pessoal do País da Matemática venha representar diante de nós. Inventei êsse novo sistema porque ando reumático e não posso locomover-me".

(Segundo as teorias econômicas de Lobato, é *reumatismo* ficar a terra, com os seus produtos, em mãos de particulares).

> "Todos aceitaram a explicação do visconde, o qual tinha tido realmente uma dessas idéias que merecem um doce. Dona Benta voltou à costura, Pedrinho correu para o pomar e o grande sábio de sabugo foi dar comêço à organização do circo. Só ficaram na sala Narizinho e Emília.
>
> — Por que razão, Emília, você tratou o visconde de "maestro?" O pobre visconde dará para tudo, menos para música. Nem assobia.
>
> — É porque êle teve uma idéia *batuta*, respondeu a boneca". (*Aritmética da Emília* pg. 10).

• • •

E porque não pareça exagerarmos o sentido dessa ficção — que é uma ficção em todos os sentidos, — recorramos à *História*

(1) Êsse brinquedo de **circo**, na literatura infantil lobatiana, tem o mesmo sentido daquele plano que o Autor propõe à mocidade brasileira: armar, no Brasil, o **circo do Petróleo.**

Textualmente: — «com o amarrar-nos de pés e mãos, o govêrno nos ensinou essa maravilha de feira: trabalhar com os ombros, como os «tocos humanos» dos circos de cavalinhos...» (Reticências do Autor — Cfr. **Mensagem de Monteiro Lobato à Mocidade do Brasil sôbre o problema do Petróleo).**

Scanned with CamScanner

do mundo para as crianças, cujas páginas 309 e 310 não precisam interpretação.

Aí, lemos o seguinte:

> ..." Nisto rebentou uma revolução na Rússia, muito semelhante à célebre Revolução Francesa. O Czar Nicolau e tôda a sua família foram assassinados, os nobres foram apeados da sua nobreza e o govêrno caiu na mão dos trabalhadores. Os revolucionários russos, tendo como chefe um homem de nome Lenine, destruíram o sistema social lá existente e deram comêço a um novo sistema chamado comunismo. Neste sistema ninguém tem o direito de ter certas coisas. Quem tem essas coisas é o Estado. O Estado é quem educa as crianças, possui as fábricas, explora as minas, etc. "

E para que não haja dúvidas a respeito da oração: *" Quem tem essas coisas é o Estado "*, Monteiro Lobato censura " as grandes nações capitalistas ":

> " — A primeira Guerra Mundial provocou a Revolução Russa, com a vitória do comunismo. De mêdo ao comunismo as grandes nações capitalistas permitiram que a Alemanha se armasse, porque Hitler, o chefe da nova Alemanha, era um mortal inimigo do Comunismo " (*Ibidem*).

Ora, todos nós sabemos qual é a teoria soviética sôbre o Estado e " certas coisas "..., sôbre o capital e o trabalho. O que nem todos ainda sabiam era o motivo *econômico*, porque Lobato não desejava que a Alemanha se armasse...

Motivo que está *juridicamente* expresso nas *Histórias de tia Nastácia*:

> " — ENTÃO VOCÊ TAMBÉM É GATUNA, DISSE EMÍLIA, PORQUE FURTA AS LARANJAS DA LARANJEIRA PARA FAZER DOCE.
>
> MAS A LARANJEIRA É DA GENTE, É DA CASA — É ALI DE DONA BENTA. QUEM TIRA O QUE É SEU NÃO FURTA.
>
> — E ONDE ESTÁ A ESCRITURA DA NATUREZA QUE DEU A LARANJEIRA A DONA BENTA? GRITOU EMÍLIA PREGANDO UM SÔCO NA MESA " (pg., 83).

Pregando um sôco: não transige.

Escrevendo sôbre o georgismo, para os adultos, o mesmo Lobato chama ilegais aos donos das terras:

" Ilegais (anota Edgard Cavalheiro) diante das leis da natureza " (*obra citada*, pg. 650).

Que coincidência!...

• • •

Agora, uma lição de *Gramática*:

> " ... viram um ajuntamento na frente de certa casa.
>
> — Será alto-falante com resultados de futebol?
>
> Não era isso. Era uma curiosidade de museu que ali estava em exibição pública. Um grande letreiro dizia: *A palavra mais comprida da língua. Entrada franca.*
>
> Os meninos precipitaram-se para ver o fenômeno e de fato viram, num cercado de arame, espichada no chão que nem gibóia, a palavra ANTICONSTITUCIONALISSIMAMENTE...
>
> Um guarda ali presente deu informações a respeito daquele sucuri verbal. Era uma pobre palavra que não tinha outra ocupação na língua senão exibir-se como

Scanned with CamScanner

curiosidade. Vivia do seu tamanho" (*tamanho*...), "como certos gigantes de circo" (lá vem o *circo* outra vez)... "Uma coitada que nem andar podia, de tanta letra a pesar-lhe nas costas. Mais que o alfabeto inteiro"... (Boas reticências: tanto alfabeto a *modificar* o anticonstitucional, num país de tantos analfabetos...).

"— Inda agora esteve aqui conversando com ela um grande fidalgo de fora, que a escreveu direitinho no seu caderno de notas.

— Como era êsse fidalgo? Não reparou se usava umas palhinhas no pescoço?

— Isso mesmo.

— Sem cartolinha na cabeça?

— Sem nada na cabeça.

— Um ar de... de sabugo de milho?

— Isso mesmo.

— Um tanto embolorado?

— Isso mesmo. Verdinho de bolor.

— Pois é o grande visconde de Sabugosa que andamos catando como quem cata agulha em palheiro. E para onde se dirigiu êle?

— Depois que acabou de tomar as suas notas, disse-me: "Passe bem!" e sumiu-se"... (*Emília no País da Gramática*, pgs. 113 e 114).

Entenderam a parábola de o visconde — que é milho, produção da terra, propriedade da natureza — a "escrever *direitinho*" a palavra ANTICONSTITUCIONALÍSSIMAMENTE, que é um "sucuri... verbal", e a tomar "as suas notas" numa conversa com esta palavra, e a dizer ao *guarda* — (ao guarda!): "Passe bem!", e a *sumir-se*?...

• • •

No livro *Caçadas de Pedrinho*, encontramos também um brinquedo muito *engraçadinho*.

O rinoceronte do Sítio de Dona Benta foi roubado por seus habitantes. Era propriedade de um alemão, dono de um circo, de onde fugiu a fera domesticada.

Encontrando-a seu proprietário, no *Sítio* do Picapau Amarelo, quis recambiá-la para o Rio de Janeiro. Mas não pôde, diante das razões e providências *jurídicas* tomadas por Emília.

Vamos ao citado livro:

"Dois homens a cavalo surgiram na estrada. Mais que depressa Dona Benta pulou fora do carrinho e correu para a varanda.

Os homens pararam na porteira e pediram licença para entrar. Entraram. Apearam-se. Dirigiram-se para a varanda.

— Desejamos falar com a dona da casa, disseram.

Dona Benta adiantou-se.

— Sou eu a dona da casa. Que é que Vossas Senhorias desejam?

Um dos homens era alemão. O outro, brasileiro. Foi êste quem falou.

— Minha senhora, disse êle, quero apresentar a Vossa Excelência o senhor Fritz Mueller, proprietário do circo de cavalinhos que está no Rio de Janeiro. O senhor Mueller é dono dum rinoceronte que fugiu de lá faz uns meses. Depois de longas pesquisas descobriu que o animal estava escondido aqui e velo comigo reclamá-lo. Sou o seu advogado.

O rinoceronte reconheceu o senhor Mueller e pendurou o focinho, muito triste, já sem vontade de brincar.

Scanned with CamScanner

— Que é que há? perguntou-lhe a boneca ao ouvido.

— Aquêle homem louro é o meu dono, respondeu o paquiderme, e veio buscar-me. Estou triste porque gosto muito mais daqui do que do circo..."

(Reticências, para significar o outro *circo*, o circo do alemão...)

"Emília abespinhou-se tôda, lançando um olhar terrível para os dois intrusos. Refletiu uns intantes e depois disse ao animalão:

— Não se aborreça. Darei um jeito dêsses piratas fugirem daqui ainda mais depressa que os caçadores. Disse e desceu, dirigindo-se para a varanda, onde ficou atrás duma cadeira, escutando a conversa dos homens com a velha.

— Pois não haja dúvida, dizia Dona Benta. Se o animal é seu, pode levá-lo, apesar de que está muito acostumado aqui e não nos incomoda em nada.

— Está bem, disse o alemão. Vou levá-lo já.

Ao ouvir tais palavras Emília não se conteve. Pulou de trás da cadeira, plantou-se diante do homem, de mãozinhas na cintura, e disse:

— A coisa não vai assim, meu caro senhor! Não basta ir dizendo que o rinoceronte é seu. Tem que provar que é seu, sabe?

O alemão ficou espantadíssimo daquele prodígio: uma bonequinha falando, e falando daquele jeito, com tal arrogância.

— Quem é esta senhorrita? perguntou êle a Dona Benta.

— Pois é a Emília, marquesa de Rabicó, nunca ouviu falar dela? Foi quem descobriu o rinoceronte no capoeirão dos taquarucús. Depois o vendeu a Pedrinho. Depois o amansou e agora passa o dia a brincar com êle.

O alemão estava cada vez mais assombrado. Apesar de ser homem vivido, e de ter corrido o mundo inteiro com o seu circo, jamais observara fenômeno igual: uma bonequinha tão pernóstica. Quis continuar a falar e não pôde. Estava engasgado. Quem falou dali por diante foi o seu companheiro.

— Sim, sim, minha senhorinha, disse êste, o rinoceronte pertence aqui ao meu amigo Mueller, que o vem reclamar. Vejo que tanto a senhorinha como os outros meninos já estão acostumados com o paquiderme. Infelizmente somos obrigados a levá-lo para o circo.

Emília empertigou-se mais ainda.

— Vamos por partes, disse ela. Antes de mais nada, quero que o senhor doutor me prove que ali o senhor Mueller é mesmo o dono dêste rinoceronte. Exijo provas, sabe? Eu não uso anel de advogado no dedo, mas acho que em direito o que vale são as provas.

Foi a vez do advogado abrir a bôca, de espanto. A tal bonequinha sabia discutir como um perfeito rábula.

— Tôda gente dêste país sabe que o rinoceronte pertence ao senhor Mueller, disse êle. Os jornais deram mil notícias a respeito de sua fuga e da busca que os homens do detetive X B2 andaram fazendo pelo Brasil inteiro. É um fato de domínio público.

— Perfeitamente, replicou Emília. Não nego que êsse cara-de-cavalo-melado...

— Emília! repreendeu Dona Benta. Mais modos, hein?...

— ... seja dono dum rinoceronte. Mas quero que prove que o rinoceronte dêle é êste, está entendendo?

O advogado deu uma risadinha amarela.

— Muito fácil provar, bonequinha. No Brasil não há rinocerontes. O senhor Mueller foi o primeiro homem

Scanned with CamScanner

que trouxe um para cá. Êste um fugiu. Em seguida aparece êste rinoceronte por aqui. Logo, o presente rinoceronte é o mesmo rinoceronte do referido senhor Mueller.

— Isso nunca foi prova, nem aqui nem na casa do diabo, contestou Emília. Quero prova de verdade. Alguma marca, algum sinal de nascença...

— A marca é aquêle chifre único que êle tem na testa, disse o advogado piscando o ôlho, como se Emília não soubesse que todos os rinocerontes daquela espécie possuem sempre um chifre só.

Emília não respondeu. Achou um grande desaforo querer aquêle idiota fazê-la de bôba. Em vez de responder disse apenas:

— Espere aí.

O advogado esperou, com um sorriso nos lábios, certo de que tinha vencido na argumentação. Enquanto esperava, ia trocando olhares velhacos com o senhor Mueller.

Emília foi mexer nos guardados de Pedrinho e trouxe uma pitada de pó de pirlimpimpim num pires.

— Vamos resolver esta questão dum outro modo, disse ela ao voltar. Tenho aqui êste tabaco, que vou dividir em duas porções. O senhor toma uma pitada e ali o "cara-melada"...

— Emília!... repreendeu de novo Dona Benta.

— ... toma outra. Se não espirrarem, é que o rinoceronte é o mesmo que andam procurando.

O advogado e o alemão acharam muita graça naquilo, e sem desconfiança nenhuma resolveram tomar a pitada de pó de pirlimpimpim, certos de que não espirrariam".

E quantos brasileiros estão certos de que *neste País tradicionalmente católico e protegido pela América do Norte*, nunca é possível "espirrarem"!...

"Era dose pequena demais para fazer espirrar dois homões como êles, acostumados ao fumo forte. Tomaram a pitada, sorridentes e... *fiunnn!* — ninguém nunca soube onde foram parar! Sumiram-se no espaço..."

Eis como se resolve *juridicamente*, no "Sítio", a questão da propriedade particular: com o *super-pó*...

"A vitória da Emília foi saudada com berros e palmas. Até o rinoceronte aplaudiu com urros, contentíssimo do feliz desfecho do incidente.

Dona Benta deu um suspiro de alívio e voltou ao terreiro. Queria continuar o seu passeio no carrinho. Mas não pôde. Tia Nastácia já estava escarrapachada dentro dêle.

— Tenha paciência, dizia a boa criatura. Agora chegou minha vez. Negro também é gente, sinhá..." (pgs. 108, 109, 110, 111, 112, 113 e 114).

OS NEGROS E A BAHIA

(*Uma digressão*...)

Entenderam as reticências lobatianas? E foi, porventura, neste mesmo sentido de negro também ser "*gente*", quando chegar a *sua vez*..., que Lobato fêz aquêle *folclórico* elogio à Bahia, transcrito por *Edgar Cavalheiro*:

"— *A grande coisa da Bahia é o negro, e das manifestações da civilização negra, tão profundamente africana, o candomblé é o produto supremo*" (*Obra citada*, pg. 685).

Scanned with CamScanner

Mas isto é apenas para atirar os negros na revolução, pois a sua antipatia e falta de caridade para com êles e o seu desprêzo para com a Bahia são coisas escancaradas por Edgar Cavalheiro e pelo próprio Lobato.

Bahia, côcos, baratas e Narizinho

Tendo notícia de que, há anos passados, se estava preparando, na Cidade do Salvador, uma encenação da peça "NARIZINHO", Lobato duvidava de que o empreendimento correspondesse aos seus ideais sociológicos e artísticos.

Por que duvidava?

Vejam lá que não sou eu, é Edgard Cavalheiro quem nos revela por que:

"DUVIDAVA DE QUE DE SALVADOR PUDESSE SAIR ALGO QUE VALESSE A PENA. PARA LOBATO, O QUE A BAHIA PRODUZIA DE REALMENTE BOM ERAM "OS CÔCOS E AS BARATAS". MAS, ENFIM, O JEITO ERA AGUARDAR" (*A Tarde Infantil*, 12 de Julho de 1958 — Salvador!... Bahia).

E, enfim, Lobato aguardou, e veio assistir à encenação do pessoal do Sítio do Picapau Amarelo, e assim ficou sabendo que, além dos "côcos e baratas", a Bahia produziu alguma coisa "*de realmente bom*": NARIZINHO!

Anote-se que Edgard Cavalheiro põe "*côcos e baratas*" entre aspas. Quer dizer: as palavras são de Lobato mesmo.

Abra-se um parêntesis: dos poucos bahianos que escreveram contra a minha tese sôbre a literatura infantil do criador de *Narizinho*, nenhum, até agora, escreveu contra êsse pensamento de Lobato a respeito das produções bahianas! Feche-se o parêntesis e viva a Bahia!...

Os Negros

O tratamento que o pessoal do Sítio do Picapau Amarelo dispensa aos seres humanos que Lobato, em *Idéias de Jeca Tatú*, denomina "*pretalhada*", é como copiosamente passamos a transcrever:

"— Bem se vê que é preta e beiçuda!" critica Emília a tia Nastácia. "Não tem a menor filosofia, esta diaba... — Emília, Emília! ralhou Dona Benta. A boneca botou-lhe a língua" (*Histórias de tia Nastácia*, pg. 117).

• • •

"Pois cá comigo, disse Emília, só aturo essas histórias (de "cão" e Rosário) como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beiçuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto..." (*Ibidem*, pg. 27).

• • •

"Cale a bôca! berrou Emília. Você (tia Nastácia) só entende de cebolas e alhos e vinagres e toucinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto fada porque elas não aparecem para gente preta. Eu, se fôsse Peter Pan, enganava Wendy dizendo que uma fada morre sempre que vê uma negra beiçuda..." (*Peter Pan*, pgs. 19 e 20).

Scanned with CamScanner

• • •

"Prática como era, Emília tratou de aproveitar aquêle entusiasmo para ganhar coisas. Obteve de Dona Benta a promessa dum lindo regadorzinho verde; de Pedrinho apanhou, ali na hora, cinco tostões novos; e de Narizinho conseguiu uma mobília de boneca.

— E você, Cléo, que me dá?

— Um beijo, Emília.

A boneca fêz um muxoxo de pouco caso. Depois, voltando-se para tia Nastácia:

— E você, pretura?" (*Caçadas de Pedrinho*, pg. 59). Muita delicadeza!...

• • •

Edifiquemo-nos agora com um ato de caridade *química* e com uma falta de caridade, apenas *metereológica*:

"— Mais respeito com os velhos, Emília! advertiu Dona Benta. Não quero que trate tia Nastácia dêsse modo. Todos aqui sabem que ela é preta só por fora.

— É o pigmento, disse o visconde. Isso de brancuras e preturas não passa de maior ou menor quantidade de pigmentos nas células da pele.

Emília, que não sabia o significado de pigmento, veio logo com a sua célebre respostinha: "Pigmento é o seu nariz", mas Dona Benta apoiou o visconde, dizendo que era aquilo mesmo, que os pretos são pretos porque têm muitos pigmentos na pele.

— Mas que é êsse tal pigmento, vovó?

— Pigmento é como os sábios chamam a qualquer substância colorida que tinge os tecidos duma planta ou dum organismo animal. A rosa vermelha é vermelha por causa dos pigmentos vermelhos que possui nas pétalas e os negros são negros por causa dos pigmentos negros que possuem na pele.

— Quer dizer, observou Emília, que se os pigmentos de tia Nastácia fôssem côr de burro quando foge ela não seria negra e sim uma burra fugida...

— Chi, meu Deus do céu! exclamou Narizinho. Como a Emília está asneirenta hoje...

— É a lua, disse tia Nastácia. Já reparei que em tempo de lua cheia Emília dá para espirrar bobagem que nem torneira aberta que a gente quer tapar com a mão".

Emília botou-lhe a língua"... (*Peter Pan*, pg. 20).

A quem lê êste diálogo fora do contexto, parece que sòmente a Emília, "com o seu célebre ar de anjo de inocência", sofre *esta* influência da lua cheia. Mas adiante veremos que o próprio... Lobato e outros personagens do Sítio do Picapau Amarelo sofrem a mesmíssima influência.

Veremos também aquela frase de Dona Benta sôbre as "asneiras" da "boneca destabocada":

"— Acho injustiça viverem a chamar você de asneirenta". (*História das Invenções*, pg. 286).

E mais grave ainda, a própria confissão e inveja de Narizinho:

"Você já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar as suas asneiras...

Scanned with CamScanner

Parece que gosta mais de você do que de nós — conta tudo de jeito" (pois tudo está no jeito...) "que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília pra cá, Emília pra lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta"... (*D. Quixote das Crianças*, pg. 66).

Será possível que as crianças só não acabem gostando do que "a Emília disse" e do que "a Emília *aconteceu*"... contra os negros?

"Pois eu sou asneirenta, porque aquela burra da tia Nastácia me fêz assim. Ela foi a minha natureza. Natureza preta como carvão, e beiçuda"... (*Aritmética da Emília*, pg. 79).

• • •

"— Que adianta aquêle beiço enorme de tia Nastácia?"... (*Fábulas*, pg. 20).

• • •

"Não tenha mêdo que não é venenosa! disse a negra rindo-se com tôda a gengivada vermelha de fora" (*O Saci*, pg. 18).

Qualquer negro se sentirá muito bem tratado com a polidez dessas brincadeiras...

• • •

"Fedor! Para que uma cozinheira precisa saber a história de Peter Pan?" (*Peter Pan*, pg. 9).

• • •

(O nome Odete) "Volta e meia sai daqui correndo, a batizar meninas. Mas minha vingança é que está ficando magra que nem bacalhau de porta de venda, de tanto corre-corre... Inda agora recebeu chamado para batizar uma menina em Itaóca. Tomara que seja uma negrinha preta que nem carvão..." (*Emília no País da Gramática*, pg. 28).

"Tomara que seja uma negrinha"...

Que vingança!...

• • •

... "nada me modifica. Só tia Nastácia, às vêzes...

— Quem é essa senhora?

— Uma Advérbia preta como carvão, que mora no sítio de Dona Benta", disse Emília. "Isto é, Advérbia só para mim, porque só a mim é que ela modifica. Para os outros é uma Substantiva que faz bolinhos muito gostosos" (*Ibidem*, pg. 68).

Já vimos, no citado elogio à Bahia, que, para Lobato — oh! ia-me distraindo: para a Emília — a função *adverbial* dos negros é *folclórica*...

Mas vamos reforçar as provas:

Scanned with CamScanner

"— Na versão de Andersen, disse Narizinho, não há negro nenhum, nem nada de três cães. O povo aqui no Brasil, misturou a velha história de Joãozinho e Maria com outra qualquer, formando uma coisa diferente. A versão de Andersen é muito mais delicada e chama-se *Hansel e Gretel*.

— O tal negro entrou aí, disse Pedrinho, porque no Brasil as histórias são contadas pelas negras, que gostam de enxertar personagens pretos como elas. Lá na Dinamarca Andersen nunca se lembraria de enxertar um preto porque não há pretos. Tudo gente loura.

— Onde o tal Sílvio Romero pegaria essa história? perguntou Emília.

— No Rio de Janeiro e no Sergipe, respondeu Dona Benta. Êle fêz um trabalho muito interessante, que publicou com o nome de Contos populares do Brasil. Ouvia as histórias das negras velhas e copiava-as direitinho, com todos os erros de língua e os truncamentos. É assim que os folcloristas caçam a obra popular" (*Histórias de tia Nastácia*, pg. 64).

E é assim que tia Nastácia é "*uma Advérbia*" para Emília. Advérbia folclórica...

• • •

"Tudo bobagens de negra velha. Nessa história vejo uma fieira de negras velhas, cada qual mais bôba que a outra — que vão passando a história para diante, cada vez mais atrapalhada" (*Histórias de tia Nastácia*, pg. 32).

• • •

"Outra coisa que não me agrada, disse Pedrinho... Bem se vê que é história contada por negras velhas, cozinheiras" (*Ibidem*, pg. 43.)

• • •

Agora, uma pilheriazinha com reticências e muita *cortesia*:

"— Só tomo leite, explicou a linda princesa. Tenho mêdo de que o café me deixe morena.

— Faz muito bem, disse Emília. Foi de tomar tanto café que tia Nastácia ficou preta assim"... (*Reinações de Narizinho*, pg. 181).

A polidez é tudo nos livros de Lobato, sobretudo para com os negros...

• • •

"Emília estava sèriamente ofendida e sem dúvida nenhuma preparava-se para alguma viagem. Ia arrumando as malas, ao mesmo tempo que dialogava com o cavalinho.

— Não é à toa que ela nasceu preta como carvão" (*Ibidem*, pg. 198).

Não é *à toa*, por quê?...

Ah! sim: porque os pigmentos não têm importância...

Scanned with CamScanner

• • •

"Só lhe dava (o nome) de "senhor doutor", e depois que Narizinho lhe disse muito em segrêdo que o dr. Levingstone era protestante, a pobre preta não passava perto dêle sem fazer um pelo-sinal disfarçado e murmurar baixinho: "Credo!"

— Mas será mesmo protestante, menina?

— É, sim, Nastácia. Tanto que já arranjou a bibliazinha que vive lendo.

A negra derrubou um grande beiço" (*Viagem ao Céu,* pg. 15).

Tudo neste período, são ofensas lobatianas: ao negro, por causa da Fé; à Fé, por causa do negro...

• • •

Um detalhe importante: entre as figuras permanentes da literatura infantil de Lobato, é a mesma *negra* tia Nastácia que é honrada, carinhosamente, com a antonomásia de *"poço de ignorância"*.

À página 151 dos *Serões de Dona Benta,* confirma-se a antonomásia:

"— Como a palavra âmago é erudita, isto é, só conhecida entre as pessoas muito cultas, alguma tia Nastácia ouviu na mesa o patrão chamar o miolo da melancia de "âmago" e foi lá na cozinha dizer que o nome daquilo era "anjo". E o nome espalhou-se entre os ignorantes das redondezas e hoje até vocês falam no "anjo" da melancia..."

• • •

Mas não é sòmente à psicologia da criança que o famoso escritor sabe *adaptar-se*. Adapta-se *perfeitamente* à psicologia dos adultos. No livro *Negrinha,* por exemplo, encontramos a seguinte descrição de um trecho de viagem:

"Para lá nos dirigimos e já do terreiro gritamos o "Ó de casa!". Uma porta abriu-se, enquadrando o vulto dum negro velho, de cabelos russos. Com que alegria o saudei...

— Pai Adão, viva!

— Vassuncristo! respondeu o prêto.

Era dos legítimos..." (Reticências lobatianas. pg. 70).

Sim! Uma ofensa ao negro, se considerarmos o pensamento, ou as ofensas de Monteiro Lobato à virtude da Fé em Nosso Senhor Jesus Cristo: "Vassuncristo, respondeu o prêto. Era dos legítimos..."

A que se referem essas reticências?

À só legitimidade do sangue? Já isto não seria lá muito cortês.

À só legitimidade da Fé? Mas para Lobato a Fé não é coisa legítima. De sorte que, sendo "dos legítimos" aquêle negro — ou por ser negro ou por ter a virtude da Fé — bem podia ser "a grande coisa da Bahia"...

• • •

"Emília estava sèriamente ofendida... Essa negra não é fada nenhuma, nem nunca foi branca. Nasceu preta e ainda mais preta há de morrer" (*Reinações de Narizinho,* pg. 198).

Scanned with CamScanner

• • •

" Terminado o incidente, prosseguiram na tirada da sorte. Dona Benta meteu a mão no chapéu e pescou um dos papéis. Abriu-o e leu — TIA NASTÁCIA.

Foi um desapontamento geral. Ninguém esperou que a sorte fôsse tão burra de escolher justamente a autora do desenho mais feio" (*Ibidem,* pg. 198).

E quem esperava que Lobato escolhesse uma negra para êsse desapontamento geral, se " a grande coisa da Bahia é o negro "?...

" Beiço é de boi... "

e de negro...

Emília sempre se referiu ao " beiço " de tia Nastácia, o qual, por ser de uma negra, sempre ficou " beiço " mesmo.

Mas ao dizer que Narizinho, diante das pipocas preparadas pela mesma cozinheira,

" já está lambendo os beiços ",

a branca menina corrigiu:

—" Lábios, aliás... Beiço é de boi "... (*História das Invenções,* pg. 350).

E de negro...

• • •

E é o mesmo autor dessas mesmas finezas para com o negro, quem elogia:

" A GRANDE COISA DA BAHIA É O NEGRO "!

Mas êle apenas *faz de conta* que está dizendo o que diz... Nunca perdeu as esperanças na ingenuidade de certos brasileiros.

O Candomblé — " Produto supremo "

(Continua a digressão...)

Também o elogio do candomblé, como coisa folclórica ou popular, não podia ser menos *sincero.*

Vamos saborear as reflexões de Emília que, segundo Lobato, é *" um símbolo "*...

" Eu, francamente, *passo* essas tais histórias populares. Gosto mais é das de Andersen, das do autor de Peter Pan e das do tal Carrol, que escreveu *Alice no País das Maravilhas.* Sendo coisas do povo, eu passo... " (*Histórias de tia Nastácia,* pg. 20).

Mas *" o candomblé "*, não sendo coisas do *" povo "*, é o *" produto supremo "*...

• • •

" As tais histórias populares andam tão atrapalhadas que as contadeiras contam até o que não enten-

Scanned with CamScanner

dem... Ah! meu Deus do céu! Viva Andersen! Viva Carrol!" (*Ibidem*, pg. 26).

E viva a Bahia!, que "*o candomblé é o produto supremo*"...

• • •

"Pois cá comigo, disse Emília, só aturo essas histórias, como produto da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum... coisa mesmo de negra beiçuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto" (*Ibidem*, pg. 27).

Mas o autor da Emília gostou do "candomblé... produto supremo"!

• • •

..."Eu noto uma coisa: as histórias populares parecem que são uma só, contadas de mil maneiras diferentes. Falam tanto na tal imaginação do povo e eu não vejo nada disso. Vejo apenas uma grande pobreza" (*Ibidem*, pg. 36).

Mas "*o candomblé*" — riqueza e opulência de imaginação — "*é o produto supremo*"...

• • •

"Nesta história há uma novidade, disse Emília, mas o fim está muito atrapalhado e sem pé nem cabeça. Eu gosto de fantasia, mas de fantasia com pé e cabeça. Tudo

que não tem pé nem cabeça, me parece errado" (*Ibidem*, pg. 43).

Mas "*o candomblé*" — certeza de pé e cabeça — "*é o produto supremo*"...

• • •

"Outra coisa que não me agrada, disse Pedrinho... bem se vê que é história contada por negras velhas, cozinheiras" (*Ibidem*, pg. 43).

Mas o candomblé "agrada", *porque* "*é o produto supremo*"...

• • •

"Esta história está cheia de "popularidades", disse Emília, mas pelo menos tem o mérito de alguma coisa nova"... (*Ibidem*, pg. 48).

E o candomblé, em que não há coisas velhas nem "popularidades", tem o mérito de ser "o produto supremo"...

• • •

"É o que eu digo, ajuntou Emília. O povo, coitado, não tem delicadeza, não tem finura, não tem arte. É grosseiro, tôsco em tudo que faz" (*Ibidem*, pg. 57).

Portanto, é o que dizemos: o candomblé — que só tem *delicadeza, finura* e *arte* e não é *grosseiro* nem *tôsco*, só pode ser "*o produto supremo*"...

Scanned with CamScanner

• • •

"Êste livro vai ser só das histórias populares do Brasil, mas depois havemos de fazer um só de histórias compostas por artistas, das lindas, cheias de poesia e mimos — como aquela do *Príncipe Feliz,* do tal Oscar Wilde, que Dona Benta nos leu. Aquilo sim. Até deixa a gente leve, leve, de tanta beleza" (*Ibidem,* pg. 57).

Também o candomblé, "aquilo sim", é *"o produto supremo"*...

• • •

"Nesse caso, temos nas histórias populares o ciclo dos príncipes Joãozinhos que saem a correr mundo em procura de velhas que ensinam remédios e mais coisas milagrosas. As que tia Nastácia contou parece pertencerem ao mesmo ciclo. Já estou cansado dêsse "ciclismo"... (*Ibidem,* pg. 37).

Mas o candomblé, com todos os seus remédios e mais coisas "milagrosas", não é "ciclismo" nenhum: é *"o produto supremo"*...

Ora, viva!

Viva o folclore!

Viva a Bahia, cuja "grande coisa é o negro"!...

Viva o negro, cuja civilização tem como "produto supremo o candomblé"...

Ora, viva!

• • •

Mas a digressão... já vai longe.

Retomemos o assunto: — PROPRIEDADE PARTICULAR.

No livro das *Fábulas,* Emília filosofa: —

"— O maior prazer dêsses homens (usurários) consiste em saber que possuem tesouros.

— Pois acho que êles estão certos, disse Emília. O que é de gôsto regala a vida, como diz tia Nastácia. Se o meu gôsto é namorar o dinheiro em vez de gastá-lo, ninguém tem nada a ver com isso.

Mas o dinheiro é uma utilidade pública, Emília, e ninguém tem o direito de retirá-lo da circulação" (Vejam que o pensamento foi lançado sem restrições: *Ninguém*...) "Quem faz isso prejudica aos outros.

— Sebo para a circulação! gritou Emília, que também era avarenta" (*Agora, sim*...) "Aquêle célebre tostão novo que ela ganhou estava guardadíssimo. Sabem onde? No pomar, enterrado junto à raiz da pitangueira..." (pg. 131).

Reticências, para significar que, quando o Brasil "experimentar, com sucesso pleno... a experiência soviética", o pomar (o SÍTIO...) entrará em circulação, pois na Rússia, como adverte Monteiro Lobato, "quem tem essas coisas é o Estado".

Mas pode ser que o pensamento do escritor não tenha sido êste.

Sim, pode ser, mas o leitor que subtrair a esta nossa interpretação êsse texto, também furte dos outros leitores o contexto...

Scanned with CamScanner

• • •

Em *Emília no País da Gramática,* encontramos a seguinte maravilha de comentários a respeito dos tempos e modos do verbo TER.

Êstes modos compara-os Emília com os dos homens e das coisas:

> "Todos os verbos têm uma porção de modos. A gente também tem modos"... (*Fábulas,* pg. 184).

E anotemos que a *ex-marquesa* vai fazendo essas e outras comparações,

> *"com o seu célebre ar de anjo de inocência"...*

A ironia é do próprio Lobato, em *A Chave do Tamanho,* pg. 9.

Entretanto, porque esta comparação dos modos da gente com os modos do verbo é feita em outro lugar, sublinhemos aqui a mesma observação que destacamos antes de interpretar a "Resposta de Dona Benta" e "O plano da Emília", citados no capítulo sôbre a *Negação da Independência da Pátria.* Ali, esclarecemos o seguinte: "Admitimos — *e isto fique bem claro e bem grifado* — que "A Resposta de Dona Benta" e "O plano da Emília", por serem coisas, como observamos no prólogo dêste livro, mais não ditas do que ditas, não constituem, tècnicamente, prova do que Lobato disse, uma vez que êle mesmo não disse"...

É, pois, afixando a mesma ressalva, que fazemos desfilar agora, diante da argúcia do leitor, os seguintes *"soldadinhos"*... gramaticais:

> "Os nomes dos seis soldadinhos do Tempo Presente eram TENHO, TENS, TEM, TEMOS, TENDES e TÊM, e os Pronomes que traziam no bôlso eram EU, TU, ÊLE, NÓS, VÓS e ÊLES. Seis soldadinhos vivos e enérgicos, que marchavam muito seguros de si.

— Bravos! gritou Emília. Pelo jeito de marchar a gente vê que êles têm mesmo.

Em seguida veio o Segundo Tempo, cujo nome era Pretérito Imperfeito; tinha igual número de soldadinhos, ou Pessoas, embora menos jovens e com caras menos vivas. Chamavam-se TINHA, TINHAS, TINHA, TÍNHAMOS, TÍNHEIS e TINHAM.

— Êsses não têm — tinham!... observou Pedrinho. Por isso estão meio jururus.

Depois veio o Terceiro Tempo, chamado Pretérito Perfeito, composto igualmente de seis soldados de olhos no fundo, amarelos, magros, com expressão de mêdo na cara. Eram êles TIVE, TIVESTE, TEVE, TIVEMOS, TIVESTES e TIVERAM.

— Estou vendo! comentou Emília. Tiveram, já não têm mais nada, os bobos. Bem feito! Quem manda...

— Quem manda o quê, Emília?

— Quem manda perderem o que tinham? Agora aguentem.

Depois desfilou o Quarto Tempo, chamado Pretérito mais-que-perfeito. Eram também seis soldados — TIVERA, TIVERAS, TIVERA, TIVÉRAMOS, TIVÉREIS e TIVERAM.

Depois passou o Quinto Tempo, chamado Futuro, e foram recebidos com palmas por serem soldadinhos dos mais alegres e esperançosos — TEREI, TERÁS, TERA, TEREMOS, TEREIS, TERÃO.

Êstes são espertos, disse Pedrinho. Sabem contentar a todo mundo. Viva o Futuro!... (Reticências).

"Estava terminado o desfile do Modo Indicativo, que exprime o que é, ou a realidade do momento. Houve um pequeno descanso antes de começar o desfile do Modo Condicional, muito mais modesto que o outro, pois se compunha apenas de seis soldados — TERIA,

Scanned with CamScanner

TERIAS, TERIA, TERÍAMOS, TERÍEIS e TERIAM. Emília não gostou dêste Modo; achou-o com cara de môsca morta" (O Estado comunista não admite condições).

"Houve nova pausa, terminada a qual desfilou o Modo Imperativo, que era orgulhosíssimo. Compunha-se apenas de dois soldados carrancudos, com ar mais autoritário que o do próprio Napoleão. Eram êles o TEM e o TENDE.

— Só fazem isso, explicou Quindim. Mandam que o pessoal tenha.

— Tenha que coisa? indagou Emília.

— Tudo quanto há. Quando o Imperativo diz para você, com voz de ditador: TEM JUÍZO, EMÍLIA! êle não está pedindo nada — está mandando como quem pode, ouviu?

— Fedorento!... exclamou a boneca com um muxôxo de pouco caso.

Depois desfilou o Modo Subjuntivo, com três Tempos, de seis Pessoas cada um. O Primeiro tempo, de nome Presente, trazia os soldados TENHA, TENHAS, TENHA, TENHAMOS, TENHAIS e TENHAM.

Em seguida desfilou o Segundo Tempo, de nome Pretérito Perfeito, com os seus seis soldados — TIVESSE, TIVESSES, TIVESSE, TIVÉSSEMOS, TIVÉSSEIS e TIVESSEM. E por fim desfilou o Terceiro Tempo, ou Futuro, com os seus seis soldados — TIVER, TIVERES, TIVER, TIVERMOS, TIVERDES e TIVEREM. E pronto! Acabou o Modo Subjuntivo, que é o Modo que indica alguma coisa possível.

— Qual o que vem agora? perguntou o menino.

— Vai desfilar agora o Modo Infinitivo, respondeu Quindim. Êsse Modo só tem dois Tempos — o Presente Impessoal, com um soldado único — TER; e o Presente Pessoal, com seis soldados — TER, TERES, TER, TERMOS, TERDES e TEREM.

— Hum!... exclamou Emília quando viu passar, muito teso e cheio de si, o soldadinho TER, do Presente Impessoal. Êste é o tal Infinito, pai de todos e o que dá nome ao Verbo. Um verdadeiro general. Merece parabéns pela disciplina da sua tropa.

Fechava a marcha do Modo Infinitivo o Particípio Presente, composto do soldado TENDO, seguido logo depois do Particípio Passado, composto também dum só soldado, um veterano muito velho, com o peito cheio de medalhas — TIDO.

— Parece o Garibaldi, asneirou a boneca. Escangalhado, mas glorioso.

Estava finda a revista do Verbo TER. O rinoceronte perguntou aos meninos se queriam assistir a outras.

— Não, respondeu Narizinho. Quem vê um Verbo, vê todos" (*Emília no País da Gramática*, pgs. 56, 57, 58 e 59).

E não nos esqueçamos do que Emília disse:

> "Todos os verbos têm uma porção de modos. A gente também tem modos"... (*Lugar citado*).

O ponto alto de tôda esta lição inteligentíssima e incontestàvelmente genial, são os comentários contra o IMPERATIVO, e os aplausos à tropa do INFINITO e do FUTURO.

A expressão INFINITO — que Lobato emprega em sua filosofia da natureza, ao dizer que a matéria se vem desenvolvendo no *"Tempo Infinito"* (Confr. *O Poço do Visconde*, pg. 8), essa expressão lògicamente se transfere da filosofia para a sociologia correspondente.

Por isto, "o soldadinho TER", passou "cheio de si... É o tal Infinito... Um verdadeiro general"...

Scanned with CamScanner

Muito lógico, portanto, que num *sítio*, onde "quem manda pràticamente" é uma *ex-marquesa*, os "*soldadinhos do Futuro*" sejam "*espertos*" e recebam aquêles aplausos: "*Viva o Futuro!*"

Muito lógico também que, por ocasião da visita que o pessoal do *Sítio* fêz à Igreja de São Francisco, na Bahia, a mesma boneca exclamasse ainda:

> "Ah! meu Deus! Não sei onde estou que não furto êste anjinho para o levar ao *sítio!* Valeu a pena fazermos esta viagem só para vermos tamanha galanteza.
>
> E foi preciso que Dona Benta a agarrasse pelo braço, senão Emília furtava mesmo o anjinho de saiote" (*Geografia de Dona Benta*, pg. 68). (1)

• • •

Mas deixemos de interpretações maldosas diante de pedagogia tão angelical!...

Viva o Futuro!...

Eia, mestra e mãe brasileira! Eia, pretos e brancos da Bahia e do Brasil, mandai que os vossos filhos digam em côro com Pedrinho:

Viva o Futuro!...

O futuro da Polônia e da Hungria!

O futuro das outras nações que jamais acreditaram que seus filhos, náufragos da mesma viagem, lhes pudessem desaparecer nesse pélago dantesco de fogo, sangue, ruína e desolação!

(1) Admitimos a probabilidade de não ter espírito pròpriamente sociológico nem político, êsse brinquedo de furtar. Mas é um brinquedo que, pedagógica e moralmente, não fecha o caminho às teorias econômicas de Henry George.... as quais, por serem «indispensável ponte de transição para futuros avanços ideológicos como os sonham os comunistas», encontram, por sua vez, naquela brincadeira, a sua «indispensável ponte».

CAPÍTULO XI

NEGAÇÃO DA CULTURA CLÁSSICA, OU INSPIRADA NO CRISTIANISMO; NEGAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ

> "*A propaganda comunista se adapta, habilíssimamente, às condições dos diversos povos... penetrando pouco a pouco nas escolas e até nas Universidades; penetrando em tôdas as camadas, inclusive nos ambientes da mais alta cultura, sem que ao menos se perceba que as mentes e os corações mais e mais vão sendo envenenados*" (Pio XI — *Divini Redemptoris* — 19-3-1937).

O CLASSICISMO EM GERAL

A cultura

Entre os autores que Monteiro Lobato julgou necessário ou conveniente traduzir para os adultos brasileiros, ocupa um dos lugares mais evidentes *Will Durand* que, a respeito dos clássicos, emite as seguintes proposições que bem podiam ser da lavra do *evoluído* tradutor:

"O classicismo era contraparte da aristocracia, o romantismo foi conseqüência do erguer-se da burguesia, e o realismo foi a expressão da ciência triunfante — um esfôrço da literatura para ver o mundo com a mesma objetividade da física e da química" (*Os Grandes Pensadores*, pg. 213).

Scanned with CamScanner

Numa linguagem graciosíssima, o escritor brasileiro esmiúça para os meninos a mesma lição, pondo na bôca de Emília e de Narizinho, o seguinte diálogo e ironia, sob o comando de Dona Benta:

> "— Que mania (a de D. Quixote) de falar complicado! cochichou Emília para Narizinho.
>
> — É o estilo antigo, explicou a menina. As palavras de dantes dançavam o minueto e usavam anquinhas e saias balão. Eu não entendo lá muito, mas gosto.
>
> Dona Benta, sabidíssima que era, respondeu a D. Quixote no mesmo tom, e com muitas anquinhas nas palavras..." (*O Picapau Amarelo,* pg. 29).

CLÁSSICOS DE LÍNGUA PORTUGUÊSA

Partindo do *princípio literário* de Durand, a que poderíamos chamar *físico-químico,* Monteiro Lobato, renovador entusiasta e contraditório da "*cultura*" folclórica dos sacis e boitatás; cultura que, à semelhança do realismo, bem podia ser considerada "expressão da ciência triunfante"..., Monteiro Lobato inutiliza os nossos clássicos do seguinte modo:

Vieira, Luís de Souza, Bernardes e outros

> "— Os entendidos chamam *clássicos* aos escritores antigos, como o Padre Antônio Vieira, Frei Luís de Souza, o padre Manoel Bernardes e outros. Para os carrancas, quem não escreve como êles está errado. Mas isto é curteza de vistas. Êsses homens foram bons escritores *no seu tempo*" (no seu tempo, grifado... — *Emília no País da Gramática,* pg. 111).

Nem era preciso grifar esta expressão, pois quando se diz que alguma coisa era isto ou aquilo *no seu tempo,* quer-se dizer que já não o é mais.

Lobato, porém, não se contenta com o entendimento comum, em certas ocasiões. O que faz parte essencial do seu programa, quando não é explicado por outras palavras, é grifado (não se comprometendo, naturalmente, a habilidade no inculcar idéias muito chocantes com a mentalidade cristã da escola brasileira).

Na História das invenções, por exemplo, o mesmo adjunto circunstancial de tempo não aparece grifado, não só porque o assunto de que se trata ali é explicado com tôdas as letras, mas também porque "os fósseis encontrados", *por enquanto* valem menos, em certos museus..., do que os fósseis da Literatura:

> "... os antepassados dos lagartos e das cobras que existem hoje, ocuparam tais extensões da Terra (como sabemos pelos fósseis encontrados) que com certeza foram os reis da criação no seu tempo" (pg. 214).

Assim foram os clássicos: "bons escritores *no seu tempo*". Mas aqui era preciso grifar, uma vez que também era mais prudente não reunir tôdas as explicações na mesma página...

Ora, o que caracteriza o gênio clássico é justamente o haver sido bom escritor e mestre da língua para todos os tempos, sem que essa perenidade importe na destruição dos aspectos modernos da linguagem.

Mas a referida exposição de Lobato conserva sòmente os aspectos modernos, destruindo a perenidade. No que, aliás, não deixa êle de ser lógico: Tendo, como confessa,

> "imensas simpatias pelo comunismo russo" (*apud* Edgard Cavalheiro, *obra citada,* pg. 647),

Scanned with CamScanner

não pode admitir uma cultura que não seja continuada evolução, como evolução continuada é o próprio espírito humano (evolução no sentido darwinista e spenceriano).

• • •

As sutilezas de Monteiro Lobato são outras armas que não devem ser menosprezadas por quem se propõe a defender os baluartes que êle comete. Reparem aqui: os próprios exemplos "*dêsses homens*" que "*foram bons escritores no seu tempo*" e que êle cita nominalmente, são apresentados com grande habilidade: Vieira, Bernardes e Luís de Souza — três *sacerdotes*...

Adiante veremos que, ao referir-se aos "melhores clássicos", isto é, aos "que escreveram em estilo mais perfeito", exemplifica de outro modo: "Castilho, Herculano, Camilo e outros".

A designação — "*e outros*", — no primeiro exemplo, veio entre Vieira, Bernardes, Luís de Souza e "*os carrancas*"; e no segundo exemplo, veio depois de Castilho, Herculano e Camilo, acentuando-se que "quem quiser saber o português a fundo deve lê-lo (a Castilho)", embora os apartes de Emília, de Pedrinho e de Narizinho destruam completamente o *classicismo* da vovó.

Sutilezas...

• • •

À mesma página 111 do *Emília no País da Gramática*, encontramos o seguinte:

> "Se aparecessem (os clássicos) agora seriam os primeiros a adotar a língua de hoje, para serem entendidos".

Muito bem! Mas há grande diferença entre adotar a língua do

tempo e *só* ser escritor *no seu tempo* — bem grifado! A menos que Lobato quisesse dizer que Vieira, Luís de Souza e Bernardes escrevessem hoje, para os meninos ou para quem quer que fôsse, com a mesma *limpeza* com que êle escreve...

Camões

Em *aventuras de Hans Staden*, pg. 35, quando Pedrinho pergunta:

> "Epopéia é por exemplo, os Lusíadas, de Camões, não é vovó?",

A vovó responde:

> "Não é, meu filho. Dar exemplo não é definir. Epopéia quer dizer poema em que o poeta canta uma grande emprêsa heróica, uma alta façanha. *Os Lusíadas* são uma epopéia, mas "a epopéia não é por exemplo, *Os Lusíadas*"...

Dir-se-ia que as reticências que terminam êsse admirável jôgo de palavras não significam suspensão de sentido, mas apenas um certo tom de voz, determinado pela arrumação material da frase... Que dizermos, então, do seguinte comentário que aparece em página de outro livro?:

> "Camões diz nos *Lusíadas* que o tal Adamastor apareceu para Vasco da Gama, mas é pêta. Os poetas têm licença de inventar coisas assim". "É o que se chama "licença poética" (*História do mundo para as crianças*, pg. 232).

Scanned with CamScanner

Se licença poética é narrar histórias que não se realizaram, com que licença Monteiro Lobato narra as histórias do "País das Maravilhas" que êle não diz aos meninos que são *pêtas*, porém coisas do "*chamado* mundo de mentira"?

E quando diz que tais coisas não existem, é aproveitando a oportunidade para golpear as grandes coisas que existem, confundindo-as até com as grosserias do baixo folclore:

> "Uma coisa existe quando a gente acredita nela; e como uns acreditam em monstros e outros não acreditam, os monstros existem e não existem"... (*O Saci*, pg. 68).

Com que licença conta aos meninos que os deuses do Olimpo

> "viviam uma vida muito semelhante à dos homens, porque os deuses gregos eram humaníssimos, isto é, tinham o mesmo temperamento e as mesmas paixões das criaturas humanas?" (*História do mundo para as crianças*, pg. 35).

Com que licença *historia* que

> "Prometeu furtou o fogo do céu para dar aos homens?" (*Ibidem*).

A referência de Camões a *Adamastor* é "pêta", ou "licença poética". Mas o que afirma Lobato sôbre os deuses do Olimpo, sôbre Hércules e Prometeu, tudo é verdade, que Lobato não era homem para se submeter a licenças poéticas...

É verdade que, em *História do mundo para as crianças*, pg. 233, *reconhece* que os Lusíadas é

> "o mais célebre poema épico da língua portuguêsa",

mas destruindo, imediatamente, o valor sociológico dêste "mais célebre poema". Vejam só:

> "Mais tarde havemos de ler as aventuras de Vasco descritas por Luís de Camões e vocês verão que grande negócio é ter como amigo a um poeta de gênio".

Esta última citação, admitimo-lo, pode ser discutida. Quer dizer: tanto pode significar que as aventuras de Vasco se enriqueceram na moldura dos versos de Camões, como pode exprimir a pobreza daquelas aventuras, diante dos recursos da "Nova Ordem" que a epopéia comunista, "cantando, espalhará por tôda parte"...

Mas ao passo que reconhecemos possam estar com a razão os que preferirem divergir de nós neste ponto, fundamentamos em outro livro infantil do mesmo Lobato a procedência de nossa interpretação.

No seguinte diálogo, assim nos parece, podemos confrontar o "*grande negócio*" que foi para Vasco ter as suas aventuras "descritas por Luís de Camões", com o negócio ainda melhor que será para a "Nova Ordem" ver também as suas aventuras descritas — e sem "pêta", isto é, "*com a mesma objetividade da física e da química*"... — nas "Memórias da Emília" que, não nos esqueçamos, é uma *ex-boneca*...:

> "— Vejam, meus filhos, o que é o mundo, disse Dona Benta. Estamos exatamente no pontinho da Ásia onde já esteve há séculos o velho Camões, que naquele tempo era mocinho e namorador. Aqui, aqui... Aqui escreveu êle muitos dos seus versos...
>
> Ficou uns instantes pensativa. Depois:
>
> "— Tudo morre, tudo passa, tudo desaparece levado pelo rio do Tempo — menos a obra d'arte. Como Ca-

Scanned with CamScanner

mões produziu uma verdadeira obra d'arte, não morreu — está sempre vivo na memória dos homens — sempre lido — sempre recordado...

Emília disse" (*" com o seu célebre ar de anjo de inocência "*...):

" — Pois eu também hei de fazer companhia ao senhor Camões. Vou escrever as minhas Memórias. O diabo é não termos lá no sítio nenhuma gruta como esta..." (*Geografia de Dona Benta*, pg. 176 e 177).

Que sutileza de reticências! Que sutileza nesse "diabo" de não haver "lá no sítio nenhuma gruta como esta", onde, certamente, a *ex-marqueza* escreveria mais sossegada e sem reticências... Que sutileza da Emília, nessa oposição entre a obra de Camões e as suas Memórias, dela!...

É ***sabidíssima***, aliás, esta boneca, no jôgo das oposições:

Quando Pedrinho, certa vez, revelou que

" queria tanto ter certeza absoluta de alguma coisa "...,

Emília respondeu prontamente:

" Eu tenho certeza de uma porção de coisas. Tenho certeza, por exemplo, que tia Nastácia hoje não vem com pipocas ". (*D. Quixote das Crianças*, pg. 120)

Quando, na *Geografia de Dona Benta*, Narizinho exclamou dentro da Igreja de São Francisco, da Bahia:

" Parece um céu aberto ",

e Lobato confirmou, dizendo:

" E parecia mesmo ",

a ex-boneca tratou logo de aludir ao *" céu "* — de que verdadeiramente se tratava:

" Emília extasiou-se com os anjinhos esculpidos que viu lá, sobretudo um de saiote.

— Ah, meu Deus! exclamou ela. Não sei onde estou que não furto êste anjinho para o levar ao sítio " (pg. 68).

Todos entenderam a pilhéria, pois Emília andava com a idéia de trazer do " céu " para o Sítio, um anjinho de

"asa quebrada "...

Com essa habilidade tôda nas oposições, não encontrou ela dificuldade alguma em responder às palavras de Dona Benta sôbre o Camões que *" não morreu "*:

" Pois eu também hei de fazer companhia ao senhor Camões. Vou escrever as minhas Memórias. O diabo é não termos lá no sítio nenhuma gruta como esta... "

Tôda essa nossa interpretação do pensamento de Lobato sôbre a sociologia do poema de Camões pode ainda ser confirmada pela repulsa do Govêrno português ao livro *História do Mundo para as crianças*. Ninguém mais insuspeito que Edgard Cavalheiro para nos transmitir a notícia:

" O órgão oficial do Govêrno português pediu, e obteve, a proibição da obra em Portugal e colônias. Interpelado sôbre as razões

Scanned with CamScanner

de tal atitude, Monteiro Lobato responde que só encontrava explicação no fato de pertencer à corrente que afirma ter sido o Brasil descoberto "por acaso". Ou, hipótese mais provável, a de ter registrado a história das 1600 orelhas cortadas à marinhagem árabe por Vasco da Gama, em Calicut"... (*Obra citada*, pg. 593).

Será que Lobato aduziu estas razões também *por acaso*?...

• • •

Ainda sôbre os clássicos, recebem os meninos a seguinte instrução:

> "— Quem é êsse (Walt) Disney?
>
> — Oh, um gênio! berrou Emília. O maior gênio moderno — maior que Shakespeare, que Dante, que Homero e todos êsses cacetões que a humanidade tanto admira" (*O Picapau Amarelo*, pg. 48).

Os três viscondes: o de Castilho, o de Azevedo e o de... Sabugosa

Há, entretanto, no livro *D. Quixote das crianças*, uma passagem que, lida superficialmente, parece derribar a nossa tese:

> "O visconde de Castilho foi dos maiores escritores da língua portuguêsa. É considerado um dos melhores clássicos, isto é, um dos que escreveram em estilo mais perfeito. Quem quiser saber o português a fundo deve lê-lo — e também Herculano, Camilo e outros" (pg. 12).

Agora não se menciona Vieira, nem Bernardes, nem Luís de Souza nem nenhum dos "bons escritores no seu tempo, cujo estilo só é imitado pelos "*carrancas*"...

> "— O português perfeito é melhor que o imperfeito, vovó? indagou Narizinho.
>
> — Está claro, minha filha. Uma coisa, se é perfeita, está claro que é melhor que uma imperfeita. Essa pergunta até parece da Emília...
>
> — Então comece (a leitura do *D. Quixote*), pediu Pedrinho.
>
> E Dona Benta começou a ler:
>
> "*— Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabido, adarga antiga e galgo corredor*".
>
> — Ché! exclamou Emília. Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com Quindim. *Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor*... Não entendo essas viscondadas, não..." (*Ibidem*).

Aqui transparece a adesão de Lobato às idéias de *Will Durand*, citadas no começo dêste capítulo:

Classicismo "contraparte da aristocracia".

Realismo = "esfôrço da ciência triunfante"...

O visconde de Sabugosa é uma criação irônica: é um "sabuguinho científico", ou "esfôrço da ciência triunfante para ver o mundo com a mesma objetividade da física e da química"... É "um esfôrço" contra a aristocracia.

Daí aquela ironia da EX-MARQUESA... — contra os dois VISCONDES que traduziram a obra de Cervantes: o de Castilho e o de Azevedo:

> "Não entendo essas viscondadas, não..."

Já antes, havia ela dito:

Scanned with CamScanner

"Então foi por isso que o nosso visconde mexeu nêle (no livro) — para conhecer a linguagem dos seus colegas viscondes. Que raça abundante!" (pg. 12).

Mas voltemos às ponderações *infantis* em tôrno do citado trecho clássico:

"— Pois eu entendo, disse Pedrinho. Lança em cabido quer dizer lança pendurada em cabido; galgo corredor é cachorro magro que corre e adarga antiga é... é...

— Engasgou! disse Emília. Eu confesso que não entendo nada. Lança em cabido! Pois se lança é um pedaço de pau com um chuço na ponta, pode ser "lança atrás da porta" "lança no canto" — mas "no cabido", uma ova!"...

Sabem que mais, meus queridos amigos? Vou brincar de esconder com Quindim"... (pgs. 12 e 13).

Todos os que sabem a significação de "Quindim", o rinoceronte *gramático*, entenderão essas reticências lobatianas.

• • •

Dir-se-á que êsses apartes não têm importância, porque são da Emília, e o próprio Lobato advertiu:

"Essa pergunta até parece da Emília..."

Mas advertiu com as célebres reticências favoráveis à *"boneca"*.

Mais adiante, à pg. 66 do citado livro, o mesmo Lobato focaliza a influência da Emília entre as crianças brasileiras:

"Você já anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar as suas asneiras... Parece que gosta mais de você do que de nós — conta tudo de jeito que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília prá cá, Emília prá lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta"...

É um gênio, êsse Lobato!...

Mas não é sòmente a Emília quem atrapalha *certas* lições de Dona Benta. A própria vovó *sabe* atrapalhar-se perfeitamente.

Disse, por exemplo, aos meninos que os clássicos são assim chamados, porque "escreveram em estilo mais perfeito".

Disse ainda que "uma coisa, se é mais perfeita, está claro que é melhor que uma imperfeita".

Mas, em outro lugar, vai *preparando* os meninos para esta perfeição de linguagem:

"— Pilhei a senhora num êrro! gritou Narizinho. A senhora disse: "deixe estar que já te curo!" Começou com o Você e acabou com o Tu, coisa que os gramáticos não admitem. O "t" é do "Tu" não é do Você"...

— E como queria que eu dissesse, minha filha?

— Para estar bem com a gramática, a senhora devia dizer: "Deixa estar que eu já te curo".

— Muito bem. Gramàticalmente é assim, mas na prática não é" (imaginem: na prática!...). "Quando falamos naturalmente" (falar naturalmente é falar errado...), "o que nos sai da bôca é ora o você, ora o tu — e as frases ficam muito mais jeitosinhas quando há essa combinação do você e do tu. Não acha?

— Acho, sim, vovó, e é como falo. Mas a gramática...

Scanned with CamScanner

— A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo — e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. Se todos nós começarmos" (portanto nem todos ainda começamos...) "a usar o tu e o você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer...

— Eu sei o que ela tem a fazer, vovó! gritou Pedrinho" (com a linguagem caracteristicamente polida dos personagens de Lobato): "É pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas"...

Dona Benta aprovou". (*Fábulas*, pgs. 47 e 48).

Mais adiante, à pg. 57, Narizinho perguntou:

"Posso dizer assim, vovó — "espere que os outros te gabem?"

Dona Benta riu-se.

— Pode, minha filha, porque não há nenhuma gramática por perto..."

• • •

A única objeção que se poderia disfarçar em frente do que citamos, é que Lobato faz, simplesmente, ironia contra a *gramatiquice*.

Mas perguntamos: e corrigir solecismo é *gramatiquice?*

Eis aí como se confunde, na mais rigorosa técnica bolchevista, a natural influência do povo na formação da língua, com o falso direito dos ignorantes contra os mestres da linguagem.

Sim, "o dono da língua somos nós, o povo", como de sua pátria o povo é o mesmo dono. Mas isto não significa que os solecismos sociológicos disseminados pela Rússia, entre o povo das diversas nações, confiram aos mensageiros da anarquia o direito de fazer com os legítimos dirigentes da Pátria, o que Monteiro Lobato *figura*... e manda fazer com a gramática.

São os mestres que devem conduzir o público à boa cultura, dizia o compositor *Saint-Saens*, e não, evidentemente, o público aos mestres. E o próprio Lobato já disse:

"Uma coisa se é mais perfeita está claro que é melhor que uma imperfeita".

Aliás, nos trechos que acabamos de citar, nem se trata de *mais perfeito*: trata-se do certo e do errado.

• • •

Não há dúvida. O verdadeiro pensamento de Lobato a respeito dos clássicos é aquêle mesmo que êle atirou contra os primeiros que lhe estavam mais à mão ou *contra-mão*: — Vieira, Bernardes e Luís de Souza:

"Foram bons escritores *no seu tempo*..."

Grifado! E tão profundamente grifado, que Pedrinho já se prepara para quando tiver *aquela* "necessária cultura":

"Eu poderei admirar muito os escritores clássicos; mas, para ler, quero os modernos, como êsse tal Machado de Assis que a senhora tanto gaba.

— Bem, bem, disse Dona Benta" (*D. Quixote das crianças*, pg. 229).

Scanned with CamScanner

É importante confrontar êsse aparte de Pedrinho com aquilo a que Edgard Cavalheiro chama "pulo, de Camilo a Machado de Assis". E Lobato escreve:

> "Seu classicismo (de Machado) transparece de leve e nunca ofende os nossos narizes modernos" (*Obra citada*, de Edgard Cavalheiro, pg. 557).

É, sim, trata-se de olfato...

Adiante veremos que o ideal de Emília é destruir

> *"a tal civilização clássica"*.

> "E a humanidade (segundo Lobato) é bem isso que a Emília vive dizendo" (*D. Quixote das crianças*, pg. 120).

Ora, como negar o valor de uma civilização, sem negar o da cultura que lhe corresponde?

Em outro livro, confirma-se a nossa conclusão:

> "— Será possível? (perguntou o visconde) Então foi você, Emília, a causadora do tremendo desastre que vitimou a "humanidade clássica?" (*A chave do Tamanho*, pg. 93).

Não cremos que a ex-boneca houvesse feito exceção, na "humanidade clássica", *em favor* dos seus antigos colegas de cultura, destruindo sòmente os companheiros de civilização...

E há um comentário muito importante de Edgard Cavalheiro, à pg. 219 da citada biografia, tão acertado sôbre a evolução literária de Lobato, quanto os comentários dêste sôbre a revolução da Emília:

> "Era mais do que um simples reajustamento. Era quase uma revolução".

Êste "quase" refere-se a *Urupês*. E foi porventura êste "quase" que fêz a Rui Barbosa elogiar com prudência:

> "Não sei bem, senhores, se no tracejar dêste quadro teve o autor só em mente debuxar o piraquara do Paraíba" (lugar citado).

Continua Edgard Cavalheiro:

> "O que impedia a revolução? O ranço camiliano, que aliás irá perdendo aos poucos, até atingir a clareza, naturalidade e limpidez de estilo"...

Pobre Camilo!...

Mas Edgard Cavalheiro não deixa de ter razão, pois, segundo Lobato,

> "Antes de reformar a Natureza, Emília já havia feito várias reformas na língua"... (*A Reforma da Natureza*, pg. 203).

OUTROS AUTORES

Castro Alves

O cantor dos escravos é simplesmente ridicularizado no livro *A Chave do Tamanho*. Depois de haver dito que gente grande só faz mentir, confunde Lobato (na inteligência dos meninos) mentira com imagens poéticas:

> "Os tais poetas... Que é que fazem senão mentir? Ontem à noite a senhora nos leu aquela poesia de Castro Alves que termina assim:

Scanned with CamScanner

Andrada! Arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Tudo mentira. Como é que êsse poeta manda o Andrada, que já morreu, arrancar uma bandeira dos ares, quando não há nenhuma bandeira nos ares e, ainda que houvesse, bandeira não é dente que se arranque? Bandeira desce-se do pau pela cordinha."

Como os comunistas querem fazer com a bandeira do Brasil.

"E como é que êsse poeta, um soldado raso, se atreve a dar ordens a Colombo, um almirante? E como é que manda Colombo fechar "a porta" dos "teus" mares, se o mar não tem porta e Colombo nunca teve mares — quem tem mares é a Terra?"

Isto lembra aquêle discurso de *Reforma da Natureza*: "Meus senhores, a paz não sai, porque somos todos aqui representantes de países". Portanto, quem tem mares é a terra...

"Dona Benta suspirou.

— Modos de dizer, Emília. Sem êsses modos de dizer, aos quais chamamos "imagens poéticas", Castro Alves não podia fazer versos.

— Mas é ou não é mentira?

Dona Benta ia abrindo a bôca para a resposta, quando um homem a cavalo apontou na curva da estrada" (pgs. 10 e 11).

• • •

"Um homem a cavalo apontou na curva da estrada"! Quem era êste cavaleiro?...

"Era o estafeta que, um dia sim, um dia não, portava ali para entregar a correspondência. Todos tiraram os olhos do pôr-do-sol para pô-los no estafeta" (pg. 11).

Que oposição sutil, depois de haver ridicularizado a Castro Alves, entre "o pôr-do-sol" e o *estafeta,* homem montado a cavalo...

Esta oposição lembra a "inocência da Emília" na primeira página do mesmo livro:

"— Que maravilhoso fenômeno é o pôr-do-sol!" (disse Dona Benta).

"Emília deu um pisco para o visconde por causa daquêle "fenômeno", e resolveu encrencar.

— Por que é que se diz "pôr-do-sol", Dona Benta? perguntou com o seu célebre ar de anjo de inocência. Que é que o sol põe? Algum ôvo?"

Dona Benta percebeu que aquilo era uma pergunta armadilha das que forçavam certa resposta e preparavam o terreno para o famoso "então" da Emília (pgs. 9 e 10).

Mesmo assim não se livrou da armadilha. E não só a pergunta, mas o próprio "*então*" da ex-marquesa foi indo, foi indo, tão inocente, tão inocente, que nem esperou mudar de página, para denunciar as "mentiras" do cantor dos escravos... (1)

"O homem (estafeta) chegou. Deu boa tarde. Apeou, com ar de eterno descadeirado e abriu o encardido saco de lona para tirar os jornais de Dona Benta.

(1) Entretanto fazemos aqui a mesma observação que temos ajuntado a outras citações em que o pensamento de Lobato está mais no que não diz do que no que diz: admitimos a probabilidade de serem mais adequadas outras interpretações que divirjam da nossa. Só não admitimos que «o célebre ar de anjo de inocência», que caracteriza a Emília, inspire qualquer cuidado aos «inocentes úteis» ou aos que vêem qualquer utilidade na «inocência»...

Scanned with CamScanner

— Há também uma carta para o sr. visconde de Sabugosa, disse êle entregando o pacote.

Emília atirou-se para cima da carta como um gato se atira a uma cabeça de sardinha, e arrancou-a das mãos de Dona Benta, como o poeta queria que o Andrada arrancasse a bandeira dos ares" (*Ibidem,* pg. 11).

Que sofreguidão!...

• • •

Eis o que se pode chamar crítica literária construtiva e pedagógica... Aliás, o próprio Lobato confessa, no livro para adultos — *A Barca de Gleyre,* 2º vol., pg. 216:

"Como amaldiçoado das musas eu nunca sei se um verso presta ou não".

Edgard Cavalheiro não interpreta isto como modéstia. Pelo contrário, reconhece que o seu biografado era *"insensível à grande poesia".*

Mas não cremos em Monteiro Lobato. Acreditamos antes que, por ser a grande poesia, como a grande música, as duas asas com que o espírito ascende às regiões do Eterno e do Sagrado, preferiu êsse apóstolo da degradação materialista sufocar as nobres tendências — que não podiam deixar de ser profundas numa inteligência e imaginação admiráveis, como eram, incontestàvelmente, as suas. A êsse respeito, acreditamos sòmente numa coisa: enquanto as imagens de Castro Alves não passam de mentira, as imagens com que Lobato enche todos os seus livros infantis, estas é que são pura verdade...

Assenta Edgard Cavalheiro que "Lobato poeta é um desastre". E acrescenta que "há casos de escritores que embora não sabendo ou não conseguindo poetar, estão, contudo, aptos a entender, analisar e explicar a poesia. Possuem, enfim, sensibilidade, ou "dom" para a compreensão do fenômeno poético. Com Monteiro Lobato não sucedia tal coisa"... (*Obra citada,* pg. 124).

Pois vão ver: é mesmissimamente o mesmo, como diria Rui Barbosa, é mesmissimamente o mesmo Edgard Cavalheiro quem a si próprio se vai contradizer:

"E ao lado (do aspecto didático dos livros infantis de Lobato), outro aspecto nos chama a atenção. O sentido poético com que êle envolve a vida... E o anjinho de asa quebrada, que Emília traz do céu, não é também uma concepção poética das mais altas? O sítio do Picapau Amarelo não é todo êle um mundo de beleza construído por êsse grande poeta que se chama José Bento Monteiro Lobato?" (*Urupês* — "Notas biográficas e críticas", pgs. 31 e 32).

Como é? "Lobato poeta é um desastre" ou é "um grande poeta?"

A nosso ver, não é nem uma coisa nem outra.

Mas é "apto a entender... o *fenômeno* poético" de Castro Alves, o *cantor dos escravos*...

• • •

Numa prova mais concreta e mais *ad hominem,* das boas razões de nossa descrença naquela *"insensibilidade"* de Lobato, apresentemos a seguinte explicação que êle dá a Juquinha.

Juquinha não podia compreender como era que o mar corria para as nuvens. E "o grande poeta", não vendo *dificuldades* sociológicas nem peculiaridades cristãs no fenômeno das chuvas, evoca — e agora sem ironia — o nome do outro poeta que "mandou o Andrada arrancar a bandeira dos ares, quando não há nenhuma bandeira nos ares e, ainda que houvesse, bandeira não é dente que se arranque":

"— São modos de falar, Juquinha. Se você lesse o poeta Castro Alves, compreenderia. Realmente, o mar não corre para as nuvens; mas a água do mar evapora-se

Scanned with CamScanner

e sobe ao céu, onde forma as nuvens, e depois essas nuvens viram chuva e a água da chuva corre de novo pelas estradas. Entendeu?" (*A chave do Tamanho*, pg. 85).

Entendemos...

Gonçalves Dias

Os nobres pensamentos de Gonçalves Dias sôbre a virtude da fortaleza contra a pusilanimidade são rebatidos materialisticamente. E Lobato ainda *faz de conta* que não está dizendo nada:

"Emília explicou" (a um pastor dos campos da Tessália):

— Êle (o visconde) é um sábio, e os sábios só gostam de carregar coisas na cabeça. São assim porque as coisas que a gente carrega na cabeça não pesam. É a preguiça. Mas nestas expedições eu gosto de ter comigo certos "apreparos" que nos momentos de apuros nos são preciosos e porisso viajo com a minha canastrinha — e quem tem de carregá-la é êle, porque é o mais fraco de todos, e a lei do mundo, é o forte desapertar para a esquerda, isto é, abusar do fraco. E a culpa, senhor pastor, é do visconde mesmo, que nos andou ensinando as teorias dum Darwin, que disse que a vida é um combate que aos fracos abate e aos fortes e aos bravos só pode exaltar...

"— Pare, Emília! gritou Pedrinho (apaixonado de Darwin...). "Parece que o pó embebedou você. Isso não é Darwin, é um verso do poeta Gonçalves Dias. Pare de falar" (*O Minotauro*, pg. 92).

É isto! Mate-se o homem: não se lhe mude o nome...

Pois é êste *"grito"* dos Pedrinhos contra a nossa *"grande poesia"* — a que Lobato "é insensível"... — que vai determinando

a vergonhosa substituição dos versos de Castro Alves, Gonçalves, Dias, Arthur de Sales, Amélia Rodrigues, Roberto Correia e outros que exaltaram a glória de Deus e a grandeza dos nossos heróis, por cantigas escolares como esta:

"Lá no pântano, lá no pântano,
Um sapinho quis pular
no ar.
Quari qui, qua qui, qua qui,
Quari qua, qua, qua, qua, qua.
O sapinho caiu nos braços
Da sapinha do seu coração.
Quari qui, qua qui, qua qui,
Quari qua, qua, qua, qua, qua".

• • •

Quem se lembra da sublimidade de hinos escolares como êste:

Salve, lindo pendão da esperança!
Salve, símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença a lembrança
Da grandeza da Pátria nos traz.

Ou então:

"Comecemos o trabalho,
Invocando o nosso Deus"...

Mas agora, não! Agora, até a poesia tem que perder o *"tamanho"*...

E assim compreendemos melhor o sentido total daquela frase lobatiana:

Scanned with CamScanner

...“ das manifestações da civilização negra, tão profundamente africana, o candomblé é o produto supremo ”.

Se conhecesse o MACULELÊ, teria o escritor paulista mais esta prova de que a Bahia é realmente culta e até civilizada...

CLÁSSICOS E OUTROS AUTORES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Os clássicos e outros autores de língua estrangeira são ainda mais remotos da curiosidade de nossas crianças, porém Monteiro Lobato não deixa de honrá-los, não tanto quanto aos nossos que, afinal, como o petróleo, são nossos...

Shakespeare

Depois de haver Dona Benta elogiado muito ao “ grande “ *Shakespeare* ”, Narizinho perguntou:

“ — O tal de *Romeu e Julieta*?

— Sim. Foi um poeta e teatrólogo que a crítica mundial põe nas nuvens como autor de grande número de obras primas.

— Primas de quem? perguntou Emília reaparecendo e sentando-se bem longe de Narizinho ”.

Mas esta pergunta de Emília foi sòmente para “ atrapalhar ”... A expressão é do mesmo Lobato:

“ A menina protestou contra a presença da “ atrapalhadeira ”.

“ — Emília finge-se de bôba, vovó, e agora deu para fazer graças — e que graças sem graça, meu Deus! Ela bem sabe o que é obra prima, porque tem o exemplo consigo. Emília é uma obra prima de bobagens ”... (*História do mundo para as crianças*, pgs. 253 e 254).

“ Bobagens ”, aqui, é uma simples ironia: Para Monteiro Lobato, Emília é uma obra prima da evolução e o classicismo inglês, no seu conteúdo filosófico, sociológico e, principalmente, cristão, é que é uma obra-prima de *bobagens* (1):

“ Ora, a mudança do tamanho da humanidade, escreve êle em *A Chave do Tamanho*, vinha tornar as idéias tão inúteis como um tostão furado ” (pg. 18).

Daí, talvez, a conhecida frase da bonequinha materialista que, *històricamente...*, veio evoluindo:

“ — Quem é êsse (Walt) Disney?

— Oh, um gênio! berrou Emília. O maior gênio moderno — maior que Shakespeare... e todos êsses cacetões que a humanidade tanto admira ” (*O Picapau Amarelo*, pg. 48).

De modo que certos elogios ao “ grande Shakespeare ” são como certas arrancadas “ *em defesa da Constituição brasileira* ”... Aquêle, por exemplo:

“ — Êsse título é a primeira parte dum verso de Shakespeare: “ E isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo ”. Bonito, não?

(1) Havemos de ler, adiante, o seguinte testemunho de Dona Benta: « Acho injustiça viverem a chamar você (Emília) de asneirenta... Você o que é, é muito independente de idéias, muito corajosa » (**História das Invenções**, pgs. 286 e 287).

Scanned with CamScanner

— Lindo, vovó, exclamou Pedrinho entusiasmado. E vou adotar êsse verso como lema da minha vida. Quero ser fiel a mim mesmo — e o mundo que se fomente"... (*Fábulas*, pg. 30).

Mas o alegado poeta, sôbre ter sido tal, era clássico, *inglês* e *cristão* fervoroso. De modo que o seu verso tem um sentido completamente oposto ao que Lobato lhe quis emprestar.

É verdade que à pg. 253 da *História do mundo para as crianças*, lamenta Narizinho, com a "meiguice" característica do lobatismo:

— "Com que facilidade cortavam cabeça de gente na Europa antiga!" (Isto é o que se chama espírito *europeu* moderno...). "Fôsse lá de quem fôsse, as cabeças nunca estavam seguras no pescoço"...

— "Sim", respondeu dona Benta, "os costumes ainda eram muito brutais. Eram tempos de grande crueza — e apesar disso foi o tempo do grande Shakespeare".

Sim, "grande", pois Emília ainda não tinha descoberto *"a chave do tamanho"*...

Era o tempo das bonecas...

Sim, "grande", pois ainda não era chegado o tempo de Walt Disney —

"maior que Shakespeare... e todos êsses cacetões que a humanidade tanto admira"...

Miguel Ângelo, Rafael e Da Vinci

No capítulo sôbre a Renascença, em *História do mundo para as crianças*, pgs. 242 e seguintes, elogia, sempre com aquêle seu estilo graciosissimo, o gênio de Miguel Ângelo, mas ridicularizando o papa que aproveitou êste gênio, e acentuando:

"Seu gôsto (de Miguel Ângelo) era estar no meio dos deuses e anjos por êle esculpidos, ou entre os blocos de mármore donde tais deuses e anjos brotavam".

Esta frase não é mais do que uma lamentação, pois escrita pelo mesmo homem que também escreveu:

— "Sempre me impressionei com a feiura que trouxe para a humanidade a religião"... "As religiões e os deuses nasceram das trevas". (*Apud* Edgard Cavalheiro — *obra citada*, pgs. 493 e 494).

Sim! É uma lamentação de que o gênio de Miguel Ângelo se tenha inspirado nas "trevas". Aqui podemos perguntar com Emília: "É ou não é?"...

Ou será que Lobato *"virou"* católico, escrevendo sôbre Miguel Ângelo?...

• • •

Enaltece, mais adiante, o gênio de Rafael, que se celebrizou principalmente com as MADONAS, ou quadros da *Virgem Maria*. Enaltece. Mas não se esquecendo de chamar a atenção dos meninos para o choque entre a luz e as *"trevas"*:

"Naquele tempo quase que a única coisa que os pintores pintavam eram retratos de santos" (*História do mundo para as crianças*, pg. 242).

Será que esta advertência não tem ligação nenhuma com aquela *sentença*: *"as religiões e os deuses nasceram das trevas?"* Nenhuma ligação com o mesmo sentido em que tece elogios a grandes pintores espanhóis, como Velasquez, Murilo, Zurbaram e El Greco? Elogios antecipados da seguinte lição de *arte pura:*

Scanned with CamScanner

"O fanatismo religioso prejudicou os espanhóis em tudo — até na arte" (*Ibidem*, pg. 265).

Será que êste "*fanatismo*" só não prejudicou os artistas italianos?...

• • •

A Leonardo da Vinci parece que não faz restrições, nos grandes elogios que tece ao "escultor, pintor, engenheiro, cientista, e poeta". Mas apenas parece, porque se, de um lado, lamenta que a *Ceia de Cristo*, pintada numa parede, se houvesse deteriorado com o tempo, (pg. 243), de outro lado, sabemos que para Monteiro Lobato é o cristianismo que deteriora "a parede" operária, em que os gênios do materialismo prometem pintar o quadro da *ceia* ou comunhão universal... Edgard Cavalheiro diz, e nem o precisava dizer, que Lobato "era tomado de horror pelo espírito cristão".

Palestrina

No capítulo intitulado "Um pouco de música", o autor de *História do mundo para as crianças*, canta loas *a Haendel, Bach, Mozart, Beethoven e Wagner*, mas êstes elogios já foram precedidos de uma advertência contra "*o chamado Pai da Música*" — o grande PALESTRINA, autor de músicas religiosas e incomparàvelmente sublimes:

> — "O povo não as apreciou muito".
>
> "Não era o que se chamava música popular. Só muito mais tarde, alí por 1.700, o primeiro grande músico apareceu — isto é, o primeiro que compôs músicas que encantaram os homens" (pg. 292).

Quanta atrapalhação! O estilo de Palestrina era renascentista, e Monteiro Lobato, que lança a renascença contra o espírito medieval, chegando ao ponto de elogiar a Miguel Ângelo, Rafael e Da Vinci, — Monteiro Lobato não se refere à grande revolução, ou "nova aurora", produzida pelo "Pai da Música", nos antigos conceitos de tonalidade.

PROSKE, por exemplo, grande autoridade nesses assuntos, compara uma das *Missas de Palestrina*, com uma das MADONAS de Rafael (confr. Rohden — *Esplendores da Fé*, pg. 75).

Mas isto não tem importância. Monteiro Lobato *instrui* simplesmente os meninos:

> — "Uma das Madonas de Rafael está na lista das doze mais famosas pinturas do mundo: a Madona da Capela Sixtina" (*História do mundo para as crianças*, pg. 242).

Mas ao falar sôbre "*o chamado Pai da Música*", silencia completamente a respeito de qualquer semelhança entre as composições musicais de Palestrina e os quadros de Rafael.

E por coincidência... é exatamente a *Madona* da Capela Sixtina o quadro que, segundo a autoridade de PROSKE, mais se parece com uma das Missas de Palestrina.

Mas o quadro de Rafael "*está na lista das doze mais famosas pinturas do mundo*", ao passo que as músicas de Palestrina "o povo não as apreciou muito. Não era o que se chamava música popular"...

Mas a razão desta barafunda não deixa de estar subordinada à conhecida prudência dos filhos das trevas: Exercendo a música religiosa, no coração dos homens, uma influência muito mais penetrante do que a de tôdas as artes reunidas, nada mais natural a um autor comunista do que desprestigiar uma polifonia, como a de Palestrina, que mereceu do chefe da Igreja, Pio IV, êste imenso elogio:

— "ESSAS SÃO AS HARMONIAS DO CÂNTICO NOVO QUE O APÓSTOLO JOÃO OUVIU NA JERUSALÉM CELESTE

Scanned with CamScanner

E QUE, AGORA, UM JOÃO TERRESTRE NOS LEVA A OUVIR NA TERRESTE JERUSALÉM" (*APUD* LUIZ DE SOUZA RODRIGUES — *MÚSICA SACRA*, PG. 45 — PÔRTO — 1943).

O mais interessante é que o mesmo Lobato, elogiando a *Wagner* e *Schubert*, sem dizer que eram compositores de alto estilo *romântico*, e não popular; elogiando a *Haendel* e *Bach*, sem dizer também que o estilo dêstes era *barroco*, elogia a *Mozart* e *Beethoven*, ambos compositores clássicos.

Quanta atrapalhação!

Atrapalhação nenhuma, porque os meninos, em capítulo sôbre a literatura, já foram bem prevenidos a respeito dos clássicos.

E mais interessante ainda é saber que o próprio Lobato, segundo Edgard Cavalheiro,

"diversas vêzes afirmou ser um cretino, um cavalo em música... Não entendia nem tinha paciência para ficar meia hora ouvindo qualquer peça clássica" (*Obra citada*, pg. 689).

> "Sessenta anos de vida na terra só serviram para acentuar a cavalência" *(Ibidem)*.

A esta confissão de Lobato acrescenta Edgard Cavalheiro: ..."tinha alergia aos concertos; suportava quando muito" (imaginem, agora, quando pouco...) "o *Luar do Sertão*, única melodia que seu ouvido conseguira captar. Sempre que o assunto vinha à baila, cortava logo a conversa..." — *Ibidem* — (1)

Vejam só!: é êsse mesmo homem *renascentista* quem critica *Mozart* e *Beethoven* contra Palestrina!...

Mas, aqui e ali, é preciso *fazer de conta*... E, assim, o capítulo sôbre a música termina disfarçadamente:

(1) No fim da vida, quando já não podia nem ler nem escrever, extasiou-se com músicas de Wagner, de Schubert e de Beethoven. Grande artista que era, chegou mesmo a lamentar o descaso que sempre teve pela mais sublime das artes: «Que besta fui não ter acordado antes»... (Ibidem).
Portanto...

> "Dona Benta parou aí e mandou pôr na vitrola o disco da Serenata de Schubert, a música predileta de Narizinho" (*História do mundo para as crianças*, pg. 294).

Música que não é clássica nem religiosa. O essencial é inutilizar a inspiração religiosa e o clássico, mesmo com elogios a alguns compositores dêsse estilo. O essencial é que tenha precedência "o que se chama música popular", mesmo com elogios a compositores da altura ou "*tamanho*" de *Bach* — príncipe da mais erudita polifonia..., como para os fariseus o essencial era condenar a Cristo, mesmo com elogios a profetas de Cristo, bem como para o comunismo o que importa é bloquear o Cristianismo, ainda que seja preciso salvar o Salvador — o "meigo, como diz José Bento Monteiro Lobato!, o meigo e infinitamente bom Jesus"...

• • •

Dir-se-á que os *Serões de dona Benta* e *Os doze trabalhos de Hércules* são livros de completa exaltação à cultura e civilização da Grécia antiga. Perfeitamente. Mas disto Edgard Cavalheiro nos dá a verdadeira razão:

"tomado de horror pelo espírito medieval e CRISTÃO (Monteiro Lobato) passa a suspirar... pelo sadio *PAGANISMO* da velha Grécia (o grifo é nosso. — *Obra citada*, pg. 493).

Aliás, em *História do mundo para as crianças*, encontramos, abertamente, a mesma razão:

> — "O fanatismo religioso prejudicou os espanhóis em tudo — até na arte. Se houvesse na Espanha aquela mesma liberdade de pensamento que fêz do século de Péricles na Grécia o período mais luminoso da História, a Espanha teria sido outra Grécia"... (Pg. 265).

Scanned with CamScanner

Portanto é o que dizemos: na literatura infantil de Lobato, nega-se o valor da cultura inspirada no Cristianismo.

• • •

Esclarecemos, entretanto (e os leitores mais esclarecidos hão de reconhecer que o fazemos supèrfluamente), esclarecemos que, afirmando a existência de tamanha negação nesses livros do genial brasileiro, estamos longe de insinuar que êle negue talento e gênio aos grandes artistas do classicismo e de outras escolas cristãs, ou simplesmente não bolchevistas.

Temos repetido, aliás, durante êste capítulo inteiro, que Lobato " elogia ", " enaltece ", " canta loas " ao gênio de tais artistas.

Mas ao passo que vínhamos repetindo isto, lembrávamo-nos também de que, numa crítica literária, não basta ir caminhando pelo chão dos livros; muito mais importante é sentir-lhes o clima e e o ar...

A Civilização

Quanto à civilização cristã, não podemos encontrar melhor exposição do pensamento de Lobato do que a seguinte: Depois que Emília diminuiu o tamanho dos homens, disse-lhe o Visconde de Sabugosa, nêste diálogo que é uma perfeição de ironia:

> — " Pois o que você fêz passa de tôdas as contas, Emília! Se os homens souberem, não perdoam. Agarram-na e assam-na viva na maior das fogueiras. Incrível! Destruir o tamanho das criaturas!... Sabe que isso corresponde a destruir tôda a civilização humana? Desde que o mundo é mundo, os homens, com as maiores dificuldades, foram construindo essa civilização feita de casas, máquinas, estradas, veículos, idéias. Tudo estava em relação com o tamanho natural dos homens. Mas agora, com a redução do tamanho, nada mais serve e, portanto, o que você fêz, Emília, foi destruir a civilização! Destru-ir a ci-vi-li-za-ção!... Do tamanhinho que os homens ficaram, êles têm de criar outra civilização muito diferente — isso na hipótese de subsistirem.

O visconde gostava muito da palavra " subsistir ".

— Pois podem subsistir muito bem, resolveu Emília. Eu estou subsistindo perfeitamente. Já escapei de vários perigos — duma " paquinha " feroz, do Manchinha, da aranha caranguejeira, do beija-flor, do vento, da tempestade — e posso ir escapando de mil outros. Juro que vou subsistir. Apliquei em meu corpo êste mimetismo do algodão e pronto.

— Mas, Emília, lembre-se que você é você e os outros são os outros. Quantos homens já não pereceram? Só os que não puderam sair de dentro das roupas, quantos e quantos, Emília!... E os milhões de soldados em guerra lá na Rússia, em pleno inverno, que terá acontecido com êles?

— Ah, êsses viraram picolé — juro!....

— E não se horroriza com isso? Ainda caçoa?

— Por que horrorizar-me? Êles não estavam se matando uns aos outros? Eu até lhes poupei o horrível trabalho da matança a tiros de canhão.

— E pelas cidades e roças do mundo inteiro! Quando imagino o que deve ter acontecido nas cidades e nos campos " (isto faz lembrar o diálogo com *Zé-Brasil*), " meus cabelos ficam de pé. E agora venho a saber que a causadora de tudo foi você, a Emília — a Emilinha lá do sítio de dona Benta!... Evidentemente você se excedeu, Emília.

Scanned with CamScanner

O visconde estava tão tonto com os acontecimentos, e ficou tão bravo com ela, que Emília danou e sustentou o que havia feito.

— Pois acabei com o Tamanho e fiz muito bem! disse ela. Para que êsse trambôlho de Tamanho? Não há tantos e tantos milhões de sêres que vivem sem tamanho? Tamanho é atraso. Quer uma coisa mais atrasada que um brontossauro ou um mastodonte? Tão atrasados que levaram a breca, não aguentaram a "glaciação", como o Walt Disney mostrou na *Fantasia*. Compare a estupidez dêsses monstros tamanhudos com a leveza inteligente duma abelha ou formiga — e por isso os brontossauros e mastodontes só existem hoje nos museus enquanto as abelhas e as formigas andam por tôda parte aos bilhões. Eu acabei com o Tamanho entre os homens e fiz muito bem. Um dia a humanidade nova me há de agradecer o presente, depois que a raça nova dos "homitos" se adaptar.

O visconde suspirou.

— *Adaptar-se!* Você usa das palavras da ciência, mas não sabe. Repete-as como papagaio. Isso de adaptação é certo, mas é coisa de milhares de milhões de anos, Emília. Pensa então que do dia para a noite essa enorme população humana, que você apequenou e está nos maiores apuros, vai ter tempo de adaptar-se? Morre tudo antes disso, como peixe fóra d'água — e adeus *Homo sapiens!*

— *Homo sapiens* duma figa! Morrem muitos, bem sei. Morrem milhões, mas basta que fique um casal de Adão e Eva para que tudo recomece. O mundo já andava muito cheio de gente. A verdadeira causa das guerras estava nisso — gente demais, como dona Benta vivia dizendo. O que eu fiz foi uma limpeza. Aliviei o mundo. A vida agora vai começar de novo — e muito mais

interessante. Acabaram-se os canhões e tanques, e pólvora, e bombas incendiárias". *(Por isto vivem os comunistas procurando assinaturas contra a bomba atômica e a guerra mundial...)* "Vamos ter coisas muito superiores — besouros para voar, tropas de formiga para o transporte de cargas, o problema da alimentação resolvido, porque com uma isca de qualquer coisa um estômago se enche, *et coetera* e tal.

— **Mas...**

O visconde, como bom sábio que era, engasgou e começou a achar razãozinha nas idéias da Emília.

— Pense bem, visconde. A tal "civilização clássica" estava chegando ao fim. Os homens não viam outra solução além da guerra — isto é, matar, matar, matar, destruir tôdas as coisas criadas pela própria civilização — as cidades, as fábricas, os navios, tudo. Pense bem, visconde. Essa tal civilização havia falhado. Havia enveredado por um bêco sem saída — e a saída que achava qual era? Suicidar-se a tiros de canhão. Ora bolas! Eu até me admiro de ver um sábio com um cartolão dêsse tamanho defender um mundo de ditadores, cada qual pior que o outro". (E cada qual melhor...).

"O visconde começava a concordar.

— Além disso, continuou Emília, se os homens querem regressar à tal besteira do tamanho, nada mais fácil. Sua alma, sua palma" *(A Chave do Tamanho,* pgs. 94, 95, 96 e 97).

Palmas!...

Palmas, Família Brasileira e cristã!
Palmas, ó responsáveis pelo ensino primário no Brasil!

Palmas para Emília!!!...

Scanned with CamScanner

• • •

O livro *D. Quixote das crianças* termina com a seguinte ironia que, situada no conjunto das idéias de Monteiro Lobato, não oferece dificuldades de interpretação:

> " Por várias vêzes Narizinho tentou contar a Emília a morte do cavaleiro da Mancha. Emília tapava os ouvidos. — Morreu, nada! dizia ela. Como morreu, se D. Queixote é imortal? Dona Benta ouvia aquilo e ficava pensativa ".

Esta comparação ainda é mais clara no livro das *Fábulas*:

> — (Emília) " Vai dizendo as verdades mais duras na cara de tôda gente e um dia estrepa-se. Lembra-se, vovó, do que ela disse para D. Quixote, naquela vez em que o herói montou no Conselheiro por engano e ao perceber isso pôs-se a insultar o nosso burro? — E se D. Quixote a espetasse com a lança?
>
> — Emília sabe o que faz, observou dona Benta. A esperteza chegou ali e parou. Ela sabe muito bem que o cavaleiro da Mancha era incapaz de ofender uma " dama " e por isso abusou...
>
> — Emília rebolou-se tôda ao ouvir-se classificada de dama... " (pg. 52).

E com razão: muita honra para uma pobre ex-marquesa...

• • •

Mas há um trecho, em *A Chave do Tamanho*, que, de uma só vez, e em poucas palavras, resume as duas negações lobatianas provadas neste capítulo.

Encontrou-se Emília com um tal Robinson, nos Estados Unidos, muito apavorado com o tamanho do visconde de Sabugosa.

Ao perguntar o americano quem era aquêle *" gigante "* (a produção material é o gigante da " humanidade " comunista),

> " Emília riu-se e respondeu:
>
> — A melhor e maior criatura do mundo, meu caro senhor inseto " (inseto pela redução do tamanho). " Dêle não vem mal a ninguém. É milho. E eu? Ah, ah, ah! Eu sou a " mãe da criança ".
>
> O homenzinho ficou na mesma. Emília queria dizer que era ela a autora da prodigiosa transformção da humanidade.
>
> Depois de alguma prosa, Emília pediu ao visconde que depusesse a cartola na calçada pois queria conhecer de perto a vidinha dos habitantes do balde ". (Um grupo de homens tão " reduzidos ", que podiam viver dentro de um balde...).
>
> " O visconde assim fêz. Depôs a cartola na calçada. Emília saiu pela porta e, dando a mão ao chefe, encaminhou-se para o talude.
>
> — E o senhor quem é? perguntou pelo caminho.
>
> — Eu era o Dr. Barnes, professor de antropologia na Universidade de Princenton; hoje sou o dirigente dêste grupo humano. Elegeram-me chefe, porque acham que tenho muito boa cabeça ". (Escolha que não distrói a negação da *hierarquia* social, pois os chefes comunistas têm *" muito boa cabeça "...).*
>
> — " E tem?

Scanned with CamScanner

O doutor Barnes riu-se.

— Sei que tenho a cabeça no lugar, e vou conduzindo como posso êste curioso trabalho de adaptação dum grupo de pessoas altamente civilizadas. Perdemos o tamanho e...

— *Perderam o tamanho?* Ótimo! exclamou Emília com entusiasmo. Estou encantada de ouvir um sábio como o senhor falar assim, porque os ignorantes pensam de modo contrário. Acham que se conservam tamanhudos como sempre e que as coisas em redor é que aumentaram.

— Absurdo! exclamou o sábio Princenton, depois de rir-se do "tamanhudo". Um aumento de tôdas as *coisas* é uma idéia que a ciência não pode aceitar, mas a ciência pode perfeitamente aceitar a idéia da redução do tamanho *duma espécie* de animais" (Grifado: *"uma espécie* de animais", figura de *uma espécie* de gente, que deve ser *"reduzida"...*).

— "Eu *sei* que é assim, declarou Emília, mas quando quís provar isso àquela tia Febronia do major Apolinário" (tia de Major...) "confesso que engasguei.

— É que você não é bem científica, minha menina. Qualquer sábio sabe que as espécies animais têm variado de tamanho no curso da evolução. Os cavalos já foram do tamanho de cães e cresceram. Os tatús já foram enormes e hoje estão pequenininhos" (Como se a cultura e civilização cristãs fôssem produtos de cavalos, cães e tatús...)

"— Eu vi no museu uma casa de tatú fóssil dentro da qual todos lá no sítio podíamos nos esconder da chuva.

— Perfeitamente. Ora, isso quer dizer que a redução do tamanho de uma espécie não é fenômeno desconhecido — é até bem vulgar. A novidade, porém, é que, nos casos de redução de tamanho que a ciência verificou o fenômeno foi acontecendo aos poucos no decorrer de milhares de anos; e neste caso da humanidade o fenômeno correu de um momento para outro. Tôdas as teorias da evolução que eu conheço não previram esta hipótese da redução instantânea.

— Nem eu, quanto mais as teorias! Quando abaixei a chave, pensei em tudo, menos nisso.

O doutor não entendeu aquela história de chave..." (Pgs. 161 e 162).

E quantos doutores continuam não entendendo...

• • •

— "Plebiscito! Plebiscito! Aproximem-se todos para votar...

— Quem quiser a volta do Tamanho, levante a mão.

Os adultos ali presentes levantaram a mão. Eram conservadores, com idéias emperradas na cabeça e preferiam que tudo voltasse a ser como antigamente. Emília contou os votos. Dona Benta, Tia Nastácia, o coronel. Três votos tamanhudos.

— E agora, continuou Emília, quem não quiser o Tamanho levante o pé.

A criançada inteira levantou o pé. Eram radicais"... (*Ibidem,* pgs. 189 e 190).

Radicais e muito polidos...

Aí está, cidadãos brasileiros, o que ensina Monteiro Lobato aos meninos: luta de classes e guerra materialista contra a nossa cultura e civilização!

Mas esta luta deve ser feita com "adaptação", isto é, com "mimetismo", "esperteza", "muita manha" ou "faz-de-conta"

Scanned with CamScanner

— palavras estas (de Lobato) que confirmam tudo aquilo que Pio XI denunciou a tantas nações que, por não acreditarem na clarividência do Papa, experimentaram a surprêsa de sucumbirem tão espetacular e dolorosamente:

"O comunismo, no princípio, se mostrou como na realidade é, com tôda a sua perversidade, mas logo se convenceu de que dessa forma afastava de si os povos, e por isto mudou de tática e procura atrair as multidões com vários enganos, escondendo seus verdadeiros planos atrás de idéias que, em si, são boas e sugestivas. Assim, observando nos homens um profundo desejo de paz, fingem os chefes comunistas ser os mais zelosos fautores e propagandistas do movimento pela paz mundial. Por outro lado, e ao mesmo tempo, incitam a luta de classes, que faz correr rios de sangue, e sentindo que não contam com a interna garantia da paz, recorrem aos ilimitados armamentos. Assim, sob diversos nomes que nem sequer aludem ao comunismo, fundam associações e jornais — que servem depois, ùnicamente, para fazer penetrar suas idéias em ambientes que, de outra maneira, não lhes seriam fàcilmente acessíveis; procuram até, mediante a perfídia, infiltrar-se em associações católicas e religiosas. Dêste modo, em outras partes — e sem renunciar, um instante sequer, a seus perversos princípios — convidam os católicos a colaborar com êles no campo que denominam humanitário e caritativo (1), propondo, às vêzes, coisas de todo conformes ao espírito cristão e à doutrina da Igreja. Em outras, ainda, levam a hipocrisia até ao ponto de fazer crer que o comunismo, em países de maior fé e maior cultura, assumirá um aspecto mais brando, não impedirá o culto religioso e respeitará a liberdade de consciência. Alguns até, referindo-se às mudanças introduzidas recentemente na legislação soviética, inferem daí que o comunismo está em caminho de abandonar seu programa de luta contra Deus.

Cuidai, Veneráveis Irmãos, de que os fiéis não se deixem enganar. O comunismo é intrìnsecamente perverso e não se pode admitir, em campo algum, a colaboração com êle, por parte de quem deseja salvar a civilização cristã" *(Divini Redemptoris).*

(1) E quantos católicos, ingênuamente, estão colaborando!...

CAPÍTULO XII

NEGAÇÃO DO RESPEITO DEVIDO AOS PAIS, SUPERIORES E PESSOAS IDOSAS; NEGAÇÃO DA POLIDEZ E BOAS MANEIRAS

"Quanto às relações dos homens entre si, o Comunismo sustenta o princípio da absoluta igualdade, negando tôda hierarquia e tôda autoridade estabelecida por Deus, inclusive a dos Pais" (Pio XI — *Divini Redemptoris* — 19-3-1937).

"Nenhum membro do Partido pode manter relações pessoais, familiares ou políticas com trotzkistas ou com outros inimigos do Partido, da classe operária e do povo" (Artigo 13 do Programa do extinto Partido Comunista do Brasil. No artigo 8º juram a êsse Programa). (*).

É coisa por demais sabida que, em disciplina comunista, a vitória do partido está acima de qualquer consideração; acima de qualquer dever para com a sociedade ou a família, ainda que se trate de Pai ou de Mãe.

O infeliz Paulinho, ou PAVLIK MOROSOV, é o símbolo de tôdas as crianças devoradas pelo dragão vermelho que já entrou as portas do Ocidente.

Quem era êsse PAVLIK MOROSOV?

(*) Apud Arruda Câmara — Contra o Comunismo, pg. 8.

Scanned with CamScanner

Era *uma verdadeira Emília masculina* — para empregarmos a expressão de Lobato sôbre o americano (da ficção) que perdeu o tamanho...

Filho de pobres camponeses da aldeia Gerasimovka, situada nos Urais, Pavlik Morosov de tal modo assimilou a doutrina comunista, que, aos doze anos, já era líder de um grupo de meninos delatores e considerado *"herói pioneiro"*, pelas autoridades soviéticas.

Um dia, conversando muito confidencialmente com os membros de sua família, o pai daquele menino (que a educação estatal já havia pervertido completamente) reprovou as atrocidades do govêrno comunista e declarou que, sendo impossível atender, sem grave perigo para o sustento de sua casa, às exigências dos coletores de gêneros alimentícios, havia reservado uma pequena quantidade de trigo que, realmente, lhe pertencia.

Longe estava de imaginar o velho Morosov que Paulino escutava tudo com o mesmo ânimo com que Emília abriu a carta de Dona Benta:

> *"Para ver se vovó não nos traiu..."* (Ver êsse episódio, mais adiante, com o sub-título: AVÓS).

Mas ao passo que Emília nunca vislumbrou em Dona Benta a menor sombra de infidelidade..., o menino russo achou que o seu pai o traiu. E denunciou essa *traição* às autoridades soviéticas — que condenaram o pobre camponês a dez anos de trabalho forçado (Emília diria: mandaram-no para a PAPOLANDIA... — Ver, mais adiante, com o sub-título: PAI, êsse brinquedo de Papolandia).

Hoje, PAVLIK MOROSOV tem uma estátua no Parque Infantil de KRASNOPRESNENSK, em Moscou. Estátua que os líderes da juventude comunista fazem as crianças visitar, para que aprendam a monstruosa lição do "HERÓI"!

O hoje maldiçoado ditador José Stalin, ou melhor, o ditador que os russos podem hoje amaldiçoar pùblicamente, foi, então, homenageado por uma assembléia daqueles líderes, com a seguinte declaração:

"O monumento ao herói pioneiro PAVLIK MOROSOV far-nos-á lembrar sempre que devemos viver, estudar e trabalhar para que sejamos construtores hábeis do comunismo" (*Apud* Richard M. Ketchum: — QUE É COMUNISMO, pg. 105).

Nos países que, segundo a aspiração de Lobato, "experimentaram em sua carne a experiência soviética", — ensina-se, abertamente, o que os professores russos ensinaram àquela infeliz criança detratora do próprio pai.

Mas em terras como o Brasil, ainda não é prudente nem necessário ensinar aquêles extremos. Basta que a escola do *Picapau Amarelo* vá inculcando *liberdade:*

> "— Ninguém me segura, ninguém me bota coleira, ninguém me governa, ninguém me...
>
> — Chega de "mes", Emília. Vovó está com cara de querer falar sôbre a liberdade", interrompeu Narizinho.
>
> — "Talvez não seja preciso minha filha. Vocês sabem tão bem o que é liberdade que nunca me lembro de falar disso" (*Fábulas*, pg. 86).

(Esta liberdade, que os meninos do *Sítio* "sabem tão bem o que é", *talvez* coincida com a mesma liberdade de Lobato, quando escreve para os adultos:

> "...não dou contas ao Govêrno, nem à Igreja, nem à Opinião Pública, nem aos Jornais, nem a Deus, nem ao Diabo". — (*Apud Edgard Cavalheiro, obra citada*, pg. 643).
>
> "— Nada mais certo, vovó, gritou Pedrinho. Êste seu sítio é o suco da liberdade; e se eu fôsse refazer

Scanned with CamScanner

a natureza, igualava o mundo a isto aqui. Vida boa, vida certa, só no Picapau Amarelo.

— Pois o segrêdo, meu filho, é um só: liberdade" *(Fábulas,* pg. 86).

Aí, a liberdade consiste em desobedecer ou desrespeitar a todos os graus e espécies de hierarquia:

Pai

"Pão duro"

"Papolândia"...

— "Na Grécia houve um tal Pégaso que voava maravilhosamente. O Walt Disney pintou o retrato dêle, da Pégasa e dos pégazinhos, naquela fita a *Fantasia.* Não viu?

— Eu bem quís ver, mas papai não deixou. Disse que era muito caro.

— "Pão duro!" Por isso mesmo está empapado.

— Que?

— Está dormindo na Papolândia" *(A Chave do Tamanho,* pgs. 62 e 63).

Esta *brincadeira* da Papolândia exige, aqui, um explicação.

Quando os homens perderam o antigo tamanho, a ponto de virarem "insetos descascados" e poderem ser comidos pelas aves ou bichos de *papo,* Emília teve a idéia de revestir-se de algodão, ou mimetismo, para que pudesse agir sem o perigo de que a reconhecessem.

Os pais de Juquinha não adotaram essas precauções e foram engulidos por algum *bicho* maior do que êles...

Preocupado, o menino perguntou a Emília:

"— Para onde foram?

Emília demorou na resposta. Estava pensando. Isso de falar a verdade nem sempre dá certo. Muitas vêzes a coisa boa é a mentira. "Se a mentira fizer menos mal do que a verdade, viva a mentira!" era uma das idéias emilianas... Logo não devo contar a verdade. Poderei inventar uma mentirinha benéfica. Dizer, por exemplo, uma coisa que êle não compreenda bem, mas que o sossegue". E respondeu:

— Seus pais, Juquinha, foram obrigados a mudar-se para a Papolândia.

— Onde é isso?

— É uma terra em tôda parte, onde só há *papapopos* (palavra do idioma vopôcêpê, inventado pelos meninos). "É a terra dos *papapupudospos* que voam, ou andam pelo chão miando como gato. E sabe o que é papapopo?

É uma espécie de colo. Antigamente as mães punham os filhinhos no colo; hoje" (depois que elas perderam o tamanho) " os *papapupudospos* põem todo mundo no papapopo.

— E é bom lugar êsse papapopo?

— Ótimo. Quentinho como cama. Quem adormece nesse colo, gosta tanto que não acorda mais.

A explicação deixou Juquinha na mesma, mas o sossegou. Sentia muito que seus pais fôssem dormir um sono tão comprido numa terra tão exquisita; mas se era no quente, então bem. A expressão "quentinho como cama", agradou o menino, que estava nú e com frio". (*Ibidem,* pgs. 53 e 54).

Esta é a habilidade com que o regime comunista vai *consolando* os meninos, cujos pais não tomaram precauções...

Scanned with CamScanner

Consolando e *protegendo*, para que também os filhos não sejam *engulidos*... Daí, aquelas advertências de Emília:

> "Juquinha, Juquinha. Papapopo era coisa que antigamente não preocupava a ninguém" (quando os homens eram maiores do que os *papos*). "Mas agora o papapopo é tudo. O grande perigo da humanidade nova, meu amor, é o Senhor Dom Papapopo. Saiba disso.
>
> O menino não entendia. Quis explicações. Ela tapeou.
>
> — O Senhor Dom Papapopo, Juquinha, deve ser filho daquêle Papão que outrora assustava as crianças. O tal papão, porém, era mentira. Nunca existiu. Começou a existir desde quando alguém mexeu na Chave do Tamanho. Está entendendo? Desde êsse instante o Papapopo, ou o Senhor Dom Papão — pois tudo é a mesma coisa — apareceu no mundo e anda por tôda parte nos rondando. Felizmente eu não sou bôba. Percebo as coisas muito bem. Penso em tudo e "adapto-me", como diz o visconde. Por isso estou certa de que o grande remédio contra o Papão é o algodão. Juquinha amigo, toca a procurar o senhor Dom Algodão por causa do senhor Dom Papão" (*Ibidem* pgs. 57 e 58).

Em outro lugar, o aspecto sociológico desta *brincadeira* é ainda mais evidente:

> "Hoje qualquer gato vagabundo come um rei, um general, um sábio, um prefeito, com a mesma facilidade com que antigamente o Manchinha comia baratas. Temos, pois, de nos defender.
>
> — Mas como, assim pequeninos?
>
> — Com a inteligência ou a astúcia, como fazem tantos insetos dêste mundo. O visconde, já me explicou isso muito bem. Uma das melhores defesas, por exemplo, se chama mimetismo.
>
> — Mime o que?
>
> — Tismo. Mi-me-tis-mo. Quer dizer imitação. Uns imitam a côr dos lugares onde moram" (que descrição perfeita!...) "Se moram em pedra, imitam a côr da pedra. Se moram na grama, como os gafanhotos, imitam a côr da grama. Por que? Porque dêsse modo os inimigos os confundem com a grama. E há os que imitam a forma das fôlhas das árvores ou dos galhinhos secos" (*Ibidem*, pgs. 74 e 75).

Explicada essa história da Papolândia e do Algodão, vejamos agora como se ensina às crianças defenderem-se da própria

Mãe

"Sua mãe não há de querer que você venha".

É "adulta" e os tais adultos...

"Mas você vem assim mesmo".

"Querida Rã" (carta de Emília. *Rã*, nesta carta, não é bicho. É uma revolucionária menina do Rio de Janeiro, a quem a maléfica ditadora do *Sítio* escreve o seguinte):

"Estou só... Todos foram para a Europa arrumar aquêles paises mais amarrotados do que latas velhas e agora preciso que você venha passar uma temporada aqui. Você é das minhas: das que não concordam. Podemos realizar aquêle nosso plano de reforma da Natureza... Primeiro reformamos as coisas aqui do Sítio. Se der certo, o mundo inteiro adotará as nossas reformas. *Sua mãe não há de querer que você venha. É "adulta"*

Scanned with CamScanner

> *e os tais adultos são uns Américos Pisca-Piscas"* (o Américo Pisca-Pisca foi o que não soube reformar a Natureza...). *"Mas você vem assim mesmo"* (o grifo é nosso. — A *Reforma da Natureza*, pg. 202).

Vamos aproximar de novo as duas oposições:

> "SUA MÃE NÃO HÁ DE QUERER QUE VOCÊ VENHA".
>
> "MAS VOCÊ VEM ASSIM MESMO".
>
> Que tal?

Dirão que isto é brincadeira da Emília.

Porém Lobato já deu esclarecimentos aos meninos, com outro tipo de *brincadeira*, que é sempre bom irmos repetindo aos nossos educadores:

> "Você anda bem famosinha no Brasil inteiro, Emília, de tanto o Lobato contar as suas asneiras... Parece que gosta mais de você do que de nós — conta tudo de geito que as crianças acabam gostando mais de você do que de nós. É só Emília pra cá, Emília pra lá, porque a Emília disse, porque a Emília aconteceu. Fedorenta"... *(D. Quixote das crianças*, pg. 66).

Dirão ainda que, à pg. 150 de *O Picapau Amarelo*, a Rãzinha foi muito *pedagógica, ensinando* (coisa que, aliás, não é preciso ensinar) amor filial aos meninos:

> "Bolas para o mundo! O que para nós tem importância são as nossas mamães e papais — não é o tal mundo de uma figa".

Também não é assim. Nem tanto nem tão pouco...

Além disso a Rãzinha era uma pobre discípula da Emília — professora que andava ensinando a palavra "absolutamente"...:

> "A Rã, assim chamada por causa da sua magreza de menina de onze anos, era emilíssima, das que não concordam mesmo. Assim que leu a carta, deu dez pinotes e tratou de dividir o pó do saquinho" (que a boneca lhe havia mandado) "em duas partes "bissolutamente" iguais. Por influência da Emília ela andava usando a palavra "absolutamente" dita dessa maneira. Antes de reformar a Natureza Emília já havia feito várias reformas na língua.
>
> — Que está fazendo aí, menina? perguntou a mãe da Rã, ao vê-la dividindo o misterioso pó.
>
> — Estou "bi" o que leva e traz para que me leve e traga, respondeu ela em linguagem da pitonisa de Delfos (na linguagem emiliana "bi" queria dizer "dividir em dois").
>
> A boa senhora está claro que não entendeu coisa nenhuma, mas como já estava acostumada às respostas enigmáticas da filha, deu um suspiro e foi cuidar de outra coisa.

Quantas mães vivem dando o mesmo suspiro, indo cuidar de outra coisa...

> "A Rãzinha cheirou o pó, de acôrdo com as instruções da carta: Imediatamente seus olhos se fecharam e em seus ouvidos cantou o célebre *fiunn!* Instantes depois sentiu-se largada no chão. Abriu os olhos: um terreiro! Só podia ser o terreiro do Sítio" *(A Reforma da Natureza*, pg. 203).

Depois de tantos "enigmas" e tanto desprêzo à autoridade materna, é claro: só podia ser o terreiro do "Sítio"...

Scanned with CamScanner

Avós

" Vá, mas escondido de mim "...

" Confio desconfiando "...

" Dobre a língua, vovó! "...

Todos os meninos dêsse " Paraíso " portam-se diante da vovó, com o *narizinho arrebitado*...

> " Pedrinho danava com aquêles mêdos da vovó. Sempre que êle sugeria alguma idéia nova, lá vinha ela com o tal mêdo e a tal pontada no coração. Resultado: êle metia-se nas aventuras do mesmo modo, mas escondido, sem licença dela. " Os velhos não entendem os novos, dizia Pedrinho. " Querem nos governar, querem nos obrigar a fazer exatinho o que êles fazem. Esquecem-se de que se fôsse assim, o mundo parava — não havia nada novo... " (Importantes reticências... — *" Os Doze trabalhos de Hércules,* 1º vol., pg. 4).

Mas o pior de tudo é que, no Sítio, não sòmente os netos desrespeitam a vovó, mas ela mesma se desrespeita diante dos netos:

> "E note-se que vovó não é como as outras velhas. No começo não quer, se opõe; mas se realizamos às escondidas alguma aventura, assim que vovó sabe faz uma cara de espanto e de zanga, mas esquece logo a zanga e gosta e às vêzes ainda fica mais entusiasmada do que nós mesmos". E Narizinho acrescentou: "Vovó diz que não, só por dizer, porque o tal "não" sai da bôca dos velhos por fôrça do hábito. Mas o "não" de vovó quer quasi sempre dizer " sim "... Vá, mas escondido de mim... "
>
> — " Falei como vovó, foi (Pedrinho) correndo dizer a Narizinho, e ela veio com aquêle " não " de sempre, que nós traduzimos por " sim " (*Ibidem,* pgs. 4 e 6).

Trata-se, incontestàvelmente, de uma literatura sadia e pedagógica. Enfim: Brasilidade...

> — Li (a carta ao Pequeno Polegar) para ver se vovó não nos traiu.
>
> — Emília, Emília! gritou Narizinho com severidade. Como se atreve a fazer semelhante juízo de vovó?!
>
> — Minha cara, já virei uma Floriana Peixota: confio *desconfiando*...
>
> — Já se viu que diabinha? murmurou dona Benta filosòficamente " (*O Picapau Amarelo,* pg. 13).

Mas aquela severidade de Narizinho contra a Emília, vira, em outro lugar, *reinação* contra a vovó:

> — " Fui pedida em casamento e aceitei. Vou casar-me com o príncipe Escamado.
>
> Tia Nastácia arregalou os olhos para dona Benta, que por sua vez tinha os olhos arregalados para a menina.
>
> Narizinho riu-se de tanto ôlho arregalado e continuou:
>
> — De que é que se espantam? Se tôda a gente se casa, por que não posso casar-me também?
>
> — Sim, minha filha, respondeu dona Benta com pachorra. Todos se casam, não há dúvida. Eu me casei, sua mãe se casou. Mas todos se casam com gente da mesma iguala. É muito diverso disso de casar com um peixe...
>
> — Dobre a língua, vovó!... " (*Reinações de Narizinho,* pg. 102).

As avós *antipedagógicas* de hoje, coitadas, vivem mesmo dobrando a língua, enquanto as *bonecas evoluídas* a desdobram com autoridade:

Scanned with CamScanner

— "Emília, Emília! ralhou dona Benta.

A boneca botou-lhe a língua" (*Histórias de Tia Nastácia*, pg. 117).

• • •

"E que tem isso? animou Emília. Você bem sabe que nas ocasiões difíceis dona Benta não vale nada, até atrapalha. Ela que fique cocando... Eu quero façanhas. Sou quixótica..." (*O Minotauro*, pg. 74).

• • •

— "Não adianta correr, menino, disse dona Benta. Êles" (o pessoal do mundo da Fábula...) "vão ficar morando em nossas terras tôda a vida. Coma sossegado, mastigue bem.

Mas quem ouve conselhos numa ocasião dessas? Pedrinho continuou a engulir sem mastigar, e por fim saiu correndo, com uma perna de frango assado na mão. Nem esperou pela sobremesa. Os outros o imitaram. Correram todos para a cêrca, deixando dona Benta sòzinha" (*O Picapau Amarelo*, pg. 25).

Todos os meninos dessa escola, quando se trata de atender ao Pessoal do mundo da Fábula, vão deixando a vovó sòzinha...

Madrasta

"Madrasta boa não é madrasta"...

"Eu, se pilhar alguma por aqui furo-lhe os olhos"

..."Tôda madrasta" (nas histórias populares) "tem que ser má. O povo não admite a possibilidade de madrasta boa.

— E não há, disse Narizinho...

Sim, disse dona Benta. Talvez a regra seja a madrasta má, embora as haja excelentes. Sei dois casos de madrastas bonissimas, quasi como mães. Tudo depende da criatura, e não do fato de ser mãe ou madrasta. Há mães tão perversas como as piores madrastas".

Lobato podia muito bem fazer com que essas palavras incontestàvelmente sensatas de Dona Benta fôssem as últimas do comentário sôbre a "história" das madrastas.

Mas porque a última impressão é a que fica, achou melhor o habilíssimo escritor que a derradeira lição partisse da divorciada Marquesa de Rabicó:

"Mas o povo assentou que as madrastas não prestam e não prestam mesmo, concluiu Emília. O coitado do povo sofre tanto que há de saber alguma coisa. Êsse ponto da madrasta má o povo sabe. São más como canianas — embora haja alguma degenerada que seja boa. Madrasta boa não é madrasta. Para ser madrasta tem que ser uma bisca das completas. Eu, se pilhar alguma por aqui furo-lhe os olhos" (*Histórias de Tia Nastácia*, pg. 51).

E a autora dêsses comentários é divorcista, com certeza para que, entre os filhos de divorciados, diminua o número de madrastas...

Mestres e Educadores

"Digo o que me vem à cabeça"...

"Não sou boneca ensinada".

"Você não parece gente, Emília. Você já é na verdade uma gentinha — e das boas. Acho injustiça viverem a chamar você de asneirenta... Você o que é, é muito independente de idéias, muito corajosa. Diz sempre o que pensa, sem escolher ocasião ou palavras. Se certas pessoas condenam êsse modo de falar sem papas na lingua, achan-

Scanned with CamScanner

do-o " impróprio ", é porque elas não passam de " bichos ensinados ". Como lhes ensinaram que isto ou aquilo não se deve dizer " (mas Lobato não está ensinando a ninguém o que se deve dizer...) "aceitam o mandamento como coisa infalível e passam a vida a respeitar o que lhes ensinaram, sem nunca examinarem por si mesmas se o tal ensino tem ou não tem razão " (como fazem certos discípulos até de Lobato...). " Com você dá-se o contrário. Você é rebelde a tais imposições. Com essa cabecinha sua você vai pensando com uma liberdade que espanta a gente " (espanta, sim: para a determinista boneca o homem não é *livre*...). "Por isso andam todos curiosos por ler as tais " Memórias da Emília " que não saem nunca. Como vão elas? " (Já sairam...).

... "Vão indo bem, muito obrigada. Mas devagar. Meu secretário (o visconde) briga muito comigo e faz greves. Eu ordeno: "Escreva isto ". Êle, que é um "sabugo ensinado ", escandaliza-se: "Oh! isso não! É impróprio ". E vem o "fecha " e o livro vai se atrazando...

— E que diz você nesse livro?

— Digo o que me vem à cabeça. Vou dizendo o que quero, sem dar satisfação a ninguém, porque não sou "boneca ensinada... " (*História das Invenções*, pgs. 286 e 287).

Todo êste período corresponde exatamente àquilo que Edgard Cavalheiro escreve do mesmo Lobato:

" Não apreciava os seguidores, os que se diziam discípulos "(*Obra citada*, pg. 219).

Realmente, os próprios discípulos e seguidores mais apreciados de Lobato nunca seguiram a ninguém...

Os próprios ensinamentos dêsse mestre que não apreciava os discípulos, foram todos criação de sua própria cabeça...

Conselheiros

(Acredito) " no meu miolo ".

" Eu, quando me dão algum conselho, fico pensando comigo mesma: " Onde é que está o gato? " Porque há sempre um gato escondido dentro de cada conselho.

Dona Benta arregalou os olhos. Como estava ficando sabida aquela diabinha!

— E em que você acredita, então? perguntou o visconde.

Emília respondeu:

No meu miolo. Não vou em onda nenhuma, nem de inimigo, nem de amigo. Cá comigo é ali na batata do cálculo... " (*Fábulas*, pg. 169).

Boa lição para os meninos!

• • •

Govêrno eclesiástico

No capítulo sôbre a *Negação da Superioridade do Cristianismo*, transcrevemos uma aula de dona Benta sôbre os Pastôres da Igreja. Aula que pode ser resumida naquele aparte *pedagógico* e *educadíssimo* da Emília:

GRANDES BURROS QUE É O QUE ÊLES SÃO

Já conhecemos também outra lição de dona Benta, para quem

" era o papa quem estava torto... " (*História do mundo para as crianças*, pg. 245).

Scanned with CamScanner

Govêrno civil

"Impossibilitar a existência do Govêrno"

Vimos também que para Emília seria melhor que na História houvesse havido

> "um burro só: SUA MAJESTADE BURRÍSSIMO I..." *(Fábulas,* pg. 142).

Em nossos tempos democráticos, *a chave do tamanho* fará com que se estabeleça, não "um burro só", mas várias *Repúblicas Socialistas*... só:

> "O govêrno já não existe" (informa um dos ministros americanos, depois que a humanidade foi reduzida) "pela simples razão de que já não existe o que governar. O extraordinário fenômeno que destruiu o tamanho dos homens desta grande nação veio alterar completamente as antigas condições de vida — e impossibilitar a existência do govêrno. O govêrno americano que era o mais poderoso do mundo, está hoje nú, com frio, sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo" (sombra de povo...), "sem fôrça, sem a menor idéia na cabeça" *(A Chave do Tamanho,* pg. 178).

Sem a menor idéia na cabeça, e sem cabeça: a tal *Confederação Universal* que dona Benta quer instituir fará com que a cabeça dos Estados Unidos tenha que se governar com a mesma *independência* da cabeça de seus próprios estados...

A essência desta comparação é feita pelo mesmo Lobato (vide capítulo: *Negação da Independência da Pátria).*

E se isto vai acontecer com o govêrno "mais poderoso do mundo", o que não acontecerá com o Brasil?...

Autoridades militares

"Come um general"...

"Hoje" (vamos lembrando sempre: depois que os homens perderam *o tamanho)* "qualquer gato vagabundo come... um general... com a mesma facilidade com que antigamente o Manchinha comia baratas. Temos, pois, de nos defender" (*Ibidem,* pg. 74).

Mas é claro: se os Países vão depender todos da Confederação Universal, *"como os estados dos Estados Unidos"*, e, se todos desejam *"experimentar em sua carne a experiência soviética"*; e se esta experiência é "a princípio feita com dor, mas finalmente com *sucesso pleno"*, é claro: "qualquer gato vagabundo come um general".

Temos, pois, de nos defender...

"Nada mais agradável, recorda Edgard Cavalheiro, do que ver (a Lobato) fustigar os políticos, militares e clero, para os quais reservava o melhor da sua sátira, as críticas mais ferinas, o desprêzo mais agressivo" (*Obra citada,* pg. 654).

Que os que pensam com Lobato achem tudo isto coisa "agradável", menos mal. Porém que amigos da Religião e do "poder que deriva de Deus" também se agradem com tanto desrespeito — e em páginas infantis! — não acreditamos que os haja...

• • •

Pessoas idosas

"Isso de respeito nada tem com a idade".

Tia Nastácia, como vimos, é uma cozinheira chegada na velhice, que conta histórias para os meninos. Um dia, desrespeitando Emília a esta ignorante mulher e criticando-a, sem piedade, pelo fato de ser esta uma negra, dona Benta ralhou:

Scanned with CamScanner

— "Emília, respeite os mais velhos!

— A senhora me perdoe, disse a pestinha; mas, cá para mim, isso de respeito nada tem com a idade. Eu respeito uma abelha de um mês de idade que me diga coisinhas sensatas.

Mas se Matusalém " (não nos distraiamos: *Matusalém...*) "vier para cima de mim com bobagens, pensa que não boto fogo na barba dêle? Ora, se boto!... " (*Histórias de Tia Nastácia,* pg. 32).

Dona Benta não teve mais o que censurar.
E que linguagem!

• • •

— "Estou velha e só vi fadas nas histórias.

— Cale a bôca! berrou Emília. Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e toucinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto fada porque elas não aparecem para gente preta" *(Peter Pan,* pgs. 19 e 20).

• • •

"Chega! berrou Emília. Não enjoe. Vá cuidar das suas panelas — e foi empurrando a negra até a porta da cozinha" *(D. Quixote das Crianças,* pg. 7).

• • •

"Emília! gritou dona Benta. Mais respeito para com os velhos. Mas Emília não quis saber de nada. Botou meio palmo de língua para o almirante e lá se foi pisando duro.

Dona Benta suspirou" (*Memórias da Emília,* pg. 64).

Isto é que é autoridade moral!

• • •

"E quando o chefe dos astrônomos, já no terreiro, olhou para trás, ela botou-lhe uma língua dêste tamanho.

— Ahn...

O maioral, furiosíssimo, perdeu a compostura e também botou para ela um palmo de língua" (*Viagem ao Céu,* pg. 146).

Mas Lobato tem confiança na psicologia dos meninos: sabe que êles não perderão *"a compostura"*, apesar de ter escrito aquela frase:

> *"A gente quando é criança presta atenção a tudo e imita" (Serões de dona Benta,* pg. 12).

"Botar a língua" é coisa que Emília faz a cada passo. Não satisfeito com o polido e respeitoso gesto da ex-marquesa, Monteiro Lobato ainda faz questão de frisá-lo *pedagògicamente,* como na seguinte altercação da "gentinha" com o visconde:

— "Eu não exagero, disse Emília. Apenas enfeito.

— "Pois então exagera, porque enfeitar é exagerar, explicou o visconde. E voltando-se para Emília: "pode botar a língua..." *(Fábulas,* pg. 152).

Os exemplos até aqui apresentados poderiam também figurar na segunda parte dêste capítulo: negação da

POLIDEZ E BOAS MANEIRAS

A primeira coisa que se elogia em *O Poço do Visconde,* antes mesmo do elogio do petróleo, são os maus modos de Pedrinho. O prólogo dêsse livro começa assim:

Scanned with CamScanner

"Ao receber o jornal, Pedrinho sentou-se na varanda com os pés em cima da grade. Narizinho... disse:

— Vovó, eu acho uma grande falta de educação essa mania que Pedrinho pegou dos americanos, de sentar-se com os pés na cara da gente. Olhe o jeito dele...

Dona Benta suspendeu os óculos para a testa e olhou.

— Certos sábios afirmam, minha filha, que quando uma pessoa se senta com as extremidades niveladas, a circulação do sangue agradece, e a cabeça pensa melhor...

— E é verdade?

— Os negócios de lá (da América) prosperam melhor que os de qualquer outro país: se o tal nivelamento dos pés com a cabeça contribue para isso, não sei. É problema para os fisiologistas resolverem".

COMENTÁRIOS

Se todos os problemas de educação fôssem resolvidos pela fisiologia, esta só podia ser a veterinária.

Se todos os problemas de educação fôssem resolvidos pela fisiologia, nem sábios fisiologistas podia haver, porque as longas pesquizas requerem sacrifícios que a fisiologia é a primeira a condenar. Nem Monteiro Lobato se havia sacrificado tanto para completar a sua obra materialista.

Completou-a, sem descanso fisiológico...

De tal modo a completou, que nem do combate à educação doméstica brasileira êle se esqueceu. Todos os seus livros são borrados, também de expressões como estas:

"Emília fêz um muchocho de pouco caso e enfiou a carta no nariz do visconde, dizendo:

— Coma, beba o seu sigilo" *(A chave do tamanho,* pg. 12).

• • •

— "Tudo quanto você faz e diz, Emília, é logo espalhado, porque aquêle tal sujeito" (Lobato mesmo) "vive tomando nota de tudo para botar em livros. Lembre-se.

— Pois eu não mudo, teimou a boneca. Sou como sou, gostem ou não gostem. E se o Palmeiras perder outra vez e o visconde der nova risadinha, arrumo-lhe outra colherada nas ventas". *(Geografia de dona Benta,* pg. 152).

É preciso não nos esquecermos de que se trata de uma literatura "*altamente pedagógica*"...

• • •

"Emília deu um salto para cima da mesa, com tal estabanamento que caiu abraçada a um perú recheado sujando-se tôda de gordura. Mas não fêz caso, tal era a sua gana de falar". (*O Poço do Visconde,* pg. 240).

• • •

— "Pois eu não gostei, berrou Emília" (*Fábulas,* pg. 70).

• • •

— "Gostei, berrou Emília". (*Ibidem,* pg. 142).

• • •

A cada passo, um dos meninos interrompe a vovó, berrando. A própria dona Benta berra:

Scanned with CamScanner

"Dona Benta, então, nos chamou para baixo com um bom berro". (*Memórias da Emília,* pg. 16).

• • •

"Mas que peste é a tal fricção, vovó?" (*Serões de Dona Benta,* pg. 89).

Os professores primáros deviam copiar esta frase, para modêdo de perguntas na escola...

• • •

"Dona Benta esperou que a negra chegasse, apesar do pretexto da Emília, que disse: "Fedor! para que uma cozinheira precisa saber a história de Peter Pan?" (*Peter Pan,* pg. 9)

• • •

"Quando o Imperativo diz para você, com voz de ditador: TEM JUIZO EMÍLIA! êle não está pedindo nada — está mandando como quem pode, ouviu?

— Fedorento!... exclamou a boneca com um muchocho de pouco caso" (*Emília no País da Gramática,* pg. 58).

• • •

"Lá no sítio, dona Benta e tia Nastácia, quando não há gente grande perto para espiar, não saem do lombo de Quindim (o Rinoceronte). Venha. Deixe-se de fedorências..." (*Ibidem,* pg. 101).

• • •

"A velha Ortografia Etimológica, juntando as saias, trepou que nem uma macaca, por uma árvore acima. (*Ibidem,* pg. 165).

Aí está, professôres, outro modêlo de linguagem pedagógica...

• • •

— "Não mexa, Emília! gritou Narizinho. Não mexa na lingua, que vovó fica danada..." (*Ibidem,* pg. 131).

• • •

— É uma danada, esta vovó!" (*Hans Staden,* pg. 18).

• • •

"Dona Benta (a mesma vovó) é uma criatura boa até ali... E como sabe coisas a diaba!" (*Memórias da Emília,* pg. 118).

• • •

"Acho que nem vovó, que é danada, seria capaz de escrever uma cartinha tão cheia de gramáticas..." (*Reinações de Narizinho,* pgs. 100 e 102).

• • •

"Emília fêz o seu focinho de pouco caso, murmurando: "Fedor!" (*O Minotauro,* pg. 15).

Scanned with CamScanner

• • •

"Depois de nosso passeio pelo País da Gramática vim entupida de gramática até aqui..." (*Aritmética da Emília*, pg. 8).

Será que alguém vai achar que isto não é contra a polidez e boas maneiras?...

• • •

"Tamanho homem e tão burro...

— Se não é redonda, coronel, que forma tem? perguntou a diabinha.

— A terra é montanhosa, não está vendo? respondeu o camelão". (*Serões de dona Benta*, pg. 219).

• • •

— "Está enganado! berrou Emília...

Ahn!.... concluiu Emília botando-lhe um palmo de língua". (*Aritmética da Emília*, pg. 163).

• • •

"Emília atirou-se para cima da carta como um gato se atira a uma cabeça de sardinha, e arrancou-a das mãos de dona Benta, como o poeta queria que o Andrada arrancasse a bandeira dos ares". (*A Chave do Tamanho*, pg. 11).

A escola é esta...

• • •

"Emília teve uma idéia. Berrou" (sempre berrando):

"Lincha! Lincha essa fábula indecente!" (a fábula: *O ôlho do dono...*)

"Os outros acompanharam-na:

"Lincha! Lincha!...

E os três lincharam a fábula... (*Fábulas*, pg. 129).

• • •

"Bem feito! berrou Emília. Uma burrinha dessas o melhor que podia fazer era o que fêz: entrar na bôca do lôbo. E, além disso, ovelha eu nem considero como bicho...

Não se defende, não arranha, não morde — é só bé, bé, bé... Bem feito! Eu gosto das feras... São Batatais. Urram, e é cada unhaço que arranca lanhos de carne do inimigo" (*Fábulas*, pg. 133).

É importante não nos esquecermos de que se trata de uma fábula...

• • •

— "Voto pelo Tamanho!

— Miserável! berrou Emília, e em seu desespêro caiu do alto da cartola machucando o nariz. A criançada protestou:

— O voto dele não vale! Êle é milho! Milho não vota!" (*A Chave do Tamanho*, pg. 192).

Scanned with CamScanner

COMÍCIO MONSTRO...

• • •

— "Bolas para o mundo! disse a Rãzinha. O que para nós tem importância são as nossas mamães e papais — não é o tal mundo duma figa" (*O Picapau Amarelo*, pg. 150).

• • •

"Cachorro! Ladrão! Marquês de uma figa!" (*Reinações de Narizinho*, pg. 94).

• • •

"Êsse marquês de uma figa está precisando mas é de ir para o forno..." (*Caçadas de Pedrinho*, pg. 80).

• • •

"Uma ova! Pensou lá consigo Rabicó" (*Ibidem*, pg. 15).

Até o porco é *pedagógico*...

• • •

"Lembre-se da Alemanha em 1914. Estava certíssima de vencer — e venceu? Uma ova" (*O Picapau Amarelo*, pg. 150).

• • •

"Pois se lança é um pedaço de pau com um chuço na ponta, pode ser "lança atrás da porta", "lança no canto" — mas "no cabido", uma ova!" (*D. Quixote das Crianças*, pg. 13).

• • •

"O rinoceronte andava adoentado, queixando-se de nostalgia...

— "Nostalgia uma ova!... disse o menino" (*Aritmética da Emília*, pg. 40).

• • •

Queiram os leitores relevar a transcrição de tantas inconveniências. Foi a obrigação de não deixar sem provas nenhum dos pontos de nossa tese, que nos impeliu a transcrever palavras que nem num círculo mais reduzido de pessoas educadas se admitiriam, e que, ainda que só se encontrassem, como realmente se encontram — e muito piores — em certas expressões de Lobato para os adultos, mereceriam a mais completa desaprovação de qualquer educador que não desmerecesse dêste nome.

Incrível!

Incrível!

Scanned with CamScanner

CONCLUSÃO

BRASILIDADE

> *"De nossa parte, como Chefe da Igreja, temos evitado no presente, como em anos anteriores, chamar a Cristandade a uma cruzada. Agora, entretanto, podemos exigir plena compreensão de que, onde a religião é um vivo legado dos antepassados, considerem os homens como verdadeira cruzada a luta que injustamente lhes é imposta pelo inimigo".* (Pio XII — Mensagem de Natal — 1956).

Pois bem! Garante-nos Miroel Silveira, defensor ilustre da literatura do genial escritor, que êste apóstolo da Rússia comunista se caracteriza pela "BRASILIDADE". E lamenta que

"o Brasil tão brasileiro do "Picapau Amarelo" já esteja ficando para trás e ameaçado de perder as suas côres na invasão dos quadrinhos americanos" (A TARDE INFANTIL, 20 de outubro de 1956 — Salvador — Bahia).

Ora, os quadrinhos! Êstes podem ser americanos, ou brasileiros, ou o que quer que forem. Podem ser bons ou maus. Ao passo que o comunismo jamais pode ser *bom*: — é *"intrìnsecamente perversa"*.

E que há aí, nessas revistas de quadrinhos, que há nelas de mal, que não se encontre *aperfeiçoado* nos livros de Monteiro Lobato?

Scanned with CamScanner

" Nada mais autênticamente brasileiro do que o sítio ",

dizem os defensores do PICAPAU AMARELO.

Então, a brasilidade está, principalmente no solo, ou no espírito brasileiro?

• • •

Brasilidade é a doutrina que recebemos de nossos avós, e a que aderimos por investigação de nossa inteligência e por necessidade de nosso coração; doutrina, segundo a qual Deus é a causa eficiente e final do Homem e do Universo.

Brasilidade é aquêle harmonioso espiritualismo que, na abençoada Terra de Santa Cruz, foi definitivamente plantado pela Igreja Católica, Apostólica e Romana:

Brasilidade é a fé ardente na Divindade de Cristo, que, anunciado pelos Profetas, viveu e padeceu segundo as profecias. E, como disse, ressuscitou por onipotência própria, " deixando vazios ", na bela comparação de Rui Barbosa, " vazios os argumentos que O negavam, como o túmulo, onde dormiu outrora um instante para reviver dentre os finados " (Coletânea Literária, pg. 202).

Brasilidade é a popularíssima devoção a Nossa Senhora, cujo Nome e cujos mistérios estão gravados com o batismo da maior parte das mulheres brasileiras; gravados em nossos templos e colégios; gravados em nossas cidades e aldeias, e gravados, principalmente, em nosso coração.

Brasilidade é a eterna gratidão para com a Igreja de Cristo, que foi quem ensinou, desenvolveu e salvou o Brasil.

Brasilidade é a devoção aos Santos que, por seus nomes, suas imagens, suas festas e seus milagres, abençoam e confortam êsse rebanho de Deus.

Brasilidade é a gratidão para com os sacerdotes que, consoante o insuspeito Gilberto Freire, promoveram sempre no Brasil as grandes ascensões do espírito.

Brasilidade é a crença na espiritualidade de nossa alma e na existência dos Anjos que Deus criou — para a sua glória e para a nossa guarda.

Brasilidade é dar testemunho da justiça e da verdade. É dar combate ao êrro e à mentira. É defender, como temos defendido — na imprensa, nas Assembléias e nas eleições — a união, a indissolubilidade e o pudor da Família Brasileira.

Brasilidade é respeitar as autoridades constituídas, o direito de propriedade privada, o direito e dever da participação nos lucros e a obrigação de socorrer aos menos favorecidos.

Brasilidade é conservar o patrimônio que nos legou a cultura clássica e inspirada no Cristianismo. Cultura em que se exercitaram os maiores atletas do Direito, da Política, das Artes e da Religião em nossa Pátria.

Brasilidade é honrar carinhosamente pai e mãe — preceito que exige das crianças inteira obediência, à qual estão obrigadas também para com os avós, mestres e legítimos representantes da autoridade paterna, seja esta do Pai do Céu ou dos Pais da terra.

Brasilidade é o carinho e veneração para com os velhos; é a polidez e boas maneiras — que caracterizam a educação que recebemos de nossos Pais.

Brasilidade é amor ao Brasil — negação ao despotismo que, se dormimos, enquanto velam os inimigos, *" regerá nossa Nação "*.

• • •

Quando o partido comunista venceu politicamente na Rússia, mandou esta ordem para os *" camaradas "* do mundo inteiro: deixar que a Religião trabalhasse nas Igrejas e fizesse procissões pela rua. Mas atacar, sistemàticamente, a Família e a Escola, começando a atear o fogo da revolução na alma dos meninos.

E Monteiro Lobato, confessando " imensas simpatias pelo Comunismo russo ", olhou para a criança — e chamando a atenção dos adultos:

Scanned with CamScanner

"A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar num axioma — não dos repetidos decoradamente, mas dos *sentidos* no fundo dalma — a arte de educar as crianças passará a ser a mais intensa preocupação do homem" (*A Criança e a Humanidade de Amanhã*, pg. 5).

Esta "preocupação"... é inoculada também na mente dos meninos:

— "Nós precisamos endireitar o mundo, Pedrinho.

— Nós quem, Emília?

— Nós, as crianças; nós que temos imaginação. Dos "adultos" nada há que esperar..." (*História do mundo para as crianças*, pg. 281).

E quantas famílias deixaram que a nossa literatura infantil pudesse hoje ser dividida em "*Antes de Lobato e depois de Lobato*", preparando assim uma sociedade sem esperanças, como o *Insensato* da "Ciência Alegre", que a si mesmo se maldizia, maldizendo os que lhe arrancaram a Fé:

"ONDE ESTÁ DEUS?... EU VO-LO DIREI: NÓS O MATAMOS, VÓS E EU. SOMOS TODOS ASSASSINOS! COMO PUDEMOS PRATICAR ÊSTE ABSURDO? COMO PUDEMOS ABSORVER O MAR? QUEM NOS DEU A ESPONJA PARA APAGAR TODO O HORIZONTE? QUE FAZIAMOS, QUANDO DESPRENDÍAMOS ESTA TERRA DO SEU SOL? PARA ONDE SE DIRIGE AGORA A TERRA? PARA ONDE VAMOS NÓS AGORA, LONGE DE TODOS OS SÓIS? NÃO ESTAMOS A CAIR CONTINUAMENTE, PARA TRÁS, PARA DIANTE, DE TODOS OS LADOS?... NÃO ESTAMOS A VAGAR EM UM NADA INFINITO? NÃO SENTIMOS O ESPAÇO VAZIO? NÃO VAI AUMENTANDO O FRIO CADA VEZ MAIS? NÃO É NOITE E CADA VEZ MAIS NOITE? NÃO DEVEMOS ACENDER AS LANTERNAS EM PLENO DIA?... NUNCA MAIS HAVEIS DE REZAR, NUNCA MAIS; NÃO DESCANSAREIS NUNCA MAIS NUMA CONFIANÇA ILIMITADA; — TEREIS QUE RENUNCIAR A DETER-VOS DIANTE DE UMA SABEDORIA SUPREMA, DE UMA SUPREMA BONDADE E DE UM SUPREMO PODER; — NÃO TEREIS UM GUARDA NEM UM AMIGO DE TÔDAS AS HORAS PARA AS VOSSAS SETE SOLIDÕES; — VIVEREIS SEM UM OLHAR PARA ESTA MONTANHA QUE TEM NEVE NOS SEUS CIMOS E CHAMA NOS SEUS FLANCOS; — PARA VÓS JÁ NÃO HAVERÁ REMUNERADOR NEM CORRETOR DE DERRADEIRA MÃO; — NÃO HAVERÁ RAZÃO EM TUDO O QUE PASSA NEM AMOR EM TUDO O QUE VOS ACONTECE; — O VOSSO CORAÇÃO NÃO TERÁ UM ASILO ONDE SÓ ENCONTRARÁ REPOUSO SEM TER QUE PROCURAR; — TEREIS QUE DEFENDER-VOS CONTRA UMA PAZ SUPREMA PARA QUERER A VOLTA ETERNA DA GUERRA E DA PAZ: — HOMEM DE RENÚNCIA, RENUNCIAREIS A TUDO ISTO? QUEM VOS DARÁ FÔRÇAS PARA TANTO? ATÉ HOJE NINGUÉM AINDA TEVE ESTA FÔRÇA" (*NIETZSCHE, DIE FROEHLICHE WISSENSCHAFT — WERKE*, VI, 189, 242, 243).

• • •

Mas o gênero de literatura infantil criado, entre nós, por Lobato, apesar dêsse desespêro nietzscheano já verificado em muitas camadas de nossa sociedade,

"vai penetrando", como dizem os editores de *Narizinho*,

"*com a firmeza e segurança de um tanque*"...

A comparação não podia ser mais clara nem mais ameaçadora.

É urgente, pois, que de todos os recantos onde se repete a dominação moscovita — de todos os recantos da Brasilidade — se alevante um clamor!

Clamor cheio de respeito, sem dúvida, mas com a liberdade de que gozam os cidadãos de uma verdadeira democracia.

Clamor enquanto é tempo de clamar, porque não venha tarde demais o reconhecimento de que temos razão.

"Ai de nós", clamava Rui Barbosa, "quando o ateísmo de fusil e baioneta se inflamar nas explosões da crueldade! (*Discurso no Colégio Anchieta*).

Clamor para que se salve a criança das favelas materialistas.

Scanned with CamScanner

Clamor mais alto que o que se vem clamando contra as favelas materiais, porquanto são estas muito menos degradantes do que aquelas — e na mesma proporção em que a matéria vale menos do que o espírito.

Clamor dirigido ao Govêrno, aos jornalistas, radialistas, editores e livreiros, para que observem a direção dêsse "TANQUE" ou literatura vermelha que — transportando idéias disfarçadas em boneca, e sabugo de milho, e estrelinhas, e insetos, e Pedrinhos e Narizinhos — vai bombardeando além: as resistências do futuro.

Clamor aos responsáveis pela tranqüilidade do Brasil, para que — imitando o exemplo que, a êsse respeito, nos dá o glorioso e por nós tão venerado Portugal — tenham mão nesses revolucionários de brinquedo. Nesse "pessoalzinho" que, dizendo-se habitar no "chamado mundo de mentira", vai emigrando de verdade para o mundo das almas; pixando a inocência das crianças — o muro mais limpo, entre os que protegem e exornam a cidadela de nossas tradições. (1)

(1) Na REVISTA BRASILIENSE (Janeiro e Fevereiro de 1958, pgs. 205 e 206), escreve o sr. Edgar Cavalheiro, entre uma infinidade de erros e contradições contra o meu livro, o seguinte comentário sôbre a parte por êle mesmo chamada «peroração final»: — «E para coroar tudo isso, a peroração final, um modêlo de lugares-comuns, de tolices e infantilidades em tôrno do vocábulo «brasilidade», que qualquer dicionário explica ser «propriedade distintiva de brasileiro e do Brasil», e por extensão, «amor ao Brasil». Isso é o que todos nós aprendemos. Mas, para o padre, brasilidade é a «doutrina, segundo a qual, Deus é a causa eficiente e final do Homem e do Universo» (sic!), é o «culto da cultura e da civilização cristã» (sic!), é o «carinho e a devoção para com os velhos» (sic!) é «a Fé ardente na Divindade de Cristo» (sic!), é a «eterna gratidão para com sua Igreja que ensinou, desenvolveu e salvou o Brasil» (sic!), é «a devoção a Nossa Senhora» (sic!), é a «devoção aos Santos» (sic!), é a «gratidão para com os sacerdotes» (sic!), é a «crença na espiritualidade da alma» e «na existência dos Anjos» (sic!) E se pensam que é pouco, há mais. Brasilidade é também «o direito de participação nos lucros», é «honrar pai e mãe» é... melhor parar. Brasilidade só não é amor ao solo natal, pois o padre nega que isso tenha importância. Democracia também não é brasilidade, e por isso êle combate vigorosamente», etc.

Contradição do sr. Edgard Cavalheiro: se êle acha mesmo que aquelas coisas que são distintivas de outros povos não podem caber no depósito da brasilidade (porque brasilidade «qualquer dicionário explica ser «propriedade distintiva de brasileiro e do Brasil»), pergunto: — por que atirou contra a peroração do meu livro aquela ironia contraditória: «Brasilidade só não é amor ao solo natal... Democracia também não é brasilidade»?!

Evidentemente, o contraditório defensor de Lobato, da democracia e do dicionário, quis dizer que brasilidade é amor ao solo natal e que democracia também é brasilidade — coisa que nenhum dicionário explica...

Muito claro, portanto, que o snr. Edgar Cavalheiro, sabendo que brasilidade é «propriedade distintiva de brasileiro e do Brasil» e que democracia é distintiva não sòmente do Brasil, mas de outros povos, é claro que teve a intenção de dizer que o amor àquela forma de govêrno, é uma das manifestações de amor ao Brasil.

Pois, então, para que nos vem citar dicionário, cometendo a contradição de apontar como «lugares — comuns» o que êle nunca viu em nenhum lugar senão nas minhas «tolices e infantilidades»? Para que apontar essa «tolice» de haver dito eu das doutrinas e tradições espiritualistas — que distinguem outros povos — o mesmo que êle disse da democracia — que não é «distintiva (sòmente) de brasileiro e do Brasil»?

Juntamente com o dicionário, o snr. Edgard Cavalheiro devia ter consultado a Lógica, e teria evitado contradições e pleonasmo contra uma «peroração final»...

E ter-se-ia livrado de dizer que, com «tolices e infantilidades», o padre combate vigorosamente»...

Scanned with CamScanner

APÊNDICE

OBJEÇÕES E RESPOSTAS

"O cristão nasceu para a luta — que quanto mais encarniçada fôr, tanto mais certa há de ser a vitória: "Confiai (disse Jesus), eu venci o mundo"... Mas esta vitória sôbre os inimigos requer antes de tudo aquela concórdia de parecêres, que S. Paulo pediu aos Coríntios com tanto encarecimento e com palavras de tanto pêso: "Eu vos rogo, irmãos, pelo nome de Nosso senhor Jesus Cristo, que todos digais a mesma coisa" (1ª Cor. I, 10. — Leão XIII — Sapientiae Christianae — 10-1-1890).

1

Objeção: — *A MARCHA de 17 de maio de 1957 reporta, sem ambages, a Plínio Salgado os seguintes pensamentos a respeito de Lobato, revelados numa conferência que o pensador católico pronunciara, em Taubaté:*

"Entra o conferencista a estudar os livros produzidos por Lobato. Estuda a figura do Jeca Tatu... De livro em livro de Monteiro Lobato, Plínio vai passando e fazendo o comentário, para concluir afirmando ter sido o autor de "Urupês", um dos maiores nacionalistas do Brasil... Estranha, em seguida como podem os comunistas pretender que Lobato fôsse um dos seus. No livro só-

Scanned with CamScanner

bre o petróleo, o autor de "Cidades Mortas" e das "Idéias de Jeca Tatu" mostra-se apaixonadamente contrário ao monopólio do Estado, ao analisar a Lei de Minas que êle chama de "lei matapau". Diz (Monteiro Lobato) claramente que, pretendendo-se defender o Brasil contra a exploração estrangeira, ferem-se igualmente os brasileiros, inibidos de explorar as riquezas do seu país".

Resposta: — *Vamos por partes, como diz a Emília:*

1) *A reportagem de A MARCHA, referindo-se à "figura do Jeca Tatu" e nada dizendo do que disse Plínio sôbre a figura de* Zé Brasil, *deixa caminho aberto para concluirmos que, quando o profundo conhecedor da* doutrina e tática comunistas *tiver conhecimento do opúsculo* Zé Brasil, *não mais "estranhará como possam os comunistas pretender que Lobato fôsse um dos seus".*

2) *Quanto à afirmação de ser "o autor de "Urupês" um dos maiores nacionalistas do Brasil" e "mostrar-se apaixonadamente contrário ao monopólio do Estado" e favorável à exploração nacionalista das "riquezas de seu país", também ainda resta caminho para concluirmos que, quando Plínio Salgado examinar detidamente a posição de Lobato no "Incidente Brasil-Rússia" e o desejo dêste brasileiro agalardoado em Moscou, de "dar petróleo a essa (nossa) infame terra" que tem resistido à política de Prestes — "o único homem que quer o nosso bem!" — e de "fazer uma fogueira imensa e assar êsses tribunais de exceção", — ah!, sim, resta-nos o caminho para concluir que o pensador católico não quebrará sua linha de pensamento.*

A propósito daquela espécie de "nacionalismo", êle mesmo, que, no esplêndido livro: "Doutrina e Tática Comunistas", discorre magistralmente sôbre a "Guerra regular e a guerra de guerrilhas", há de saber aplicar ao "nacionalismo" de Lobato, as mesmas citações que faz, de Clausewitz:

"Despertar, organizar e consolidar politicamente as grandes massas populares; unir politicamente as fôrças internas, desintegrar politicamente o inimigo, destruir o seu poder político; estabelecer um poder político anti-imperialista... cooperar com tôdas as fôrças armadas anti-imperialistas a lutar pela conquista definitiva de objetivo político final — a emancipação nacional".

A nosso ver, era essa "a emancipação nacional" por que suspirava Lobato.

3) *Se, por hipótese, Plínio Salgado discordasse de nós — no que se refere aos elogios do comunismo feitos pelo autor de* Zé Brasil *e de tantos outros livros — já não discordaria pròpriamente de nós, mas do próprio Lobato.*

2

Objeção: — *Os tipos que Lobato criou em sua Literatura infantil não repercutem na alma tão ingênua das crianças.*
Resposta: — *A esta ingenuidade de objeção preferimos que o próprio Lobato responda:*

1º) — *Com a psicologia:*

> "A gente quando é criança presta atenção a tudo e imita" (*Serões de Dona Benta*, pg. 12)

Perfeitamente.

2º) — *Com a mensagem trazida por Emília, mensagem que nem sempre vem disfarçada, como na seguinte ponderação e elogio feitos pelo mesmo Lobato:*

> "Você tem dito tantas heresias, Emília, que êles (os pastôres da Igreja) a queimavam numa vela até ficar reduzida a carvão, depois moiam êsse carvão e o assopravam aos ventos, de mêdo que a poeirinha se juntasse e vivesse outra vez (*Viagem ao Céu*, pg. 23).

Scanned with CamScanner

E Edgard Cavalheiro, com entusiasmo e absoluta razão apregoa:

"EMILIA, A GRANDE PERSONAGEM DOS LIVROS INFANTIS" (*Obra citada*, 549).

Concordem agora os lobatistas, senão conosco, ao menos com Lobato...

3

Objeção: — *"Mas os meninos não compreendem aquela filosofia tôda de marxismos e leninismos e evolucionismos", etc., etc.*

Resposta: — *Não só os meninos. Também os operários e a quase totalidade dos adultos comunistas não a compreendem. Mas para que uma doutrina possa influir nos espíritos não é mistér que que seja cientìficamente apercebida. Que entendem de Direito certos democratas que, por influência do esquerdismo, se fazem patronos da Constituição brasileira?... Que entende de vitaminas tôda essa população que já começa a escolher alimentos vitaminados? Que ciência musical possuia Lobato para pulverizar as composições religiosas de Palestrina e afirmar que não eram "o que se chamava música popular", elogiando, com maior assombro, compositores clássicos, como Beethoven e Mozart?...*

Não, não era Lobato: era a influência da escola musical antireligiosa que, dispensando no seu defensor qualquer conhecimento técnico, influia de tal modo no seu espírito que êle pôde até lançar músicos contra músicos.

Era do materialismo que êle entendia, podendo compor, com uma habilidade prodigiosa, uma nova espécie de CONTRA-CATECISMO ou CONTRA-TUDO. E do mesmo modo que ensinamos aos meninos os mistérios harmoniosos da Fé, que, embora não compreendidos, como para darmos um só exemplo, o da transubstanciação, enchem da verdade os seus limpos corações, ensinou-lhes

nem por serem tais, deixam de repercutir na vida da criança que, ainda para citarmos o mesmo autor comunista, "é a humanidade de amanhã".

4

Objeção: — *Os meninos devem ler Monteiro Lobato, porque é um êrro a formação* unilateralista.

Resposta:

1º) — *Lobato não está* de lado *nenhum?*
2º) — *Quem não está de nenhum lado?*

Quanta sinceridade!...

5

Objeção: — *O estilo de Lobato é encantador para as crianças.*

Resposta: — *E quem disse que não é? Só dizemos que o estilo não vale mais do que as idéias, nem a arte literária, mais do que a filosofia da vida, como nem a roupa nem os enfeites valem mais do que a pessoa. Só dizemos que quando o Mal vem recoberto por um estilo bom, tanto pior!*

O lobo que "faz de conta" que é cordeiro, muito mais fàcilmente pode devorar o rebanho.

6

Objeção: — *Fulano disse que as obras infantis de Lobato merecem todo o apôio dos brasileiros.*

Resposta: — *Mas é preciso saber quem é êste fulano. É comunista? É socialista? Pensa com Monteiro Lobato?*

Scanned with CamScanner

Pois está muito lógico... desde quando partiu de princípios ilógicos. De modo que, ao menos na essência, a discussão a respeito da nossa tese só pode ser uma: quem tem razão? Os materialistas ou os espiritualistas? "A experiência soviética" ou a experiência cristã? O imperialismo russo ou a democracia brasileira?

Portanto, se aparecer algum católico (escrevo principalmente para os católicos) defensor do lobatismo, — ou será ignorante (e já está perdoado, porque não sabe o que faz), ou faz de conta que é católico, sendo pior do que os inimigos declarados, porque êstes têm uma qualidade incontestàvelmente admirável: são sinceros.

7

Objeção: — *Melhor fôra termos imitado a caridade de Cristo, "o doce Rabi da Galiléia" — que veio para unir, para ser* a favor, *e não para ser* contra...

Resposta: *Gostaríamos de, com os autores desta objeção* caridosa, *ser contemporâneo de Cristo, para ouvir-lhes o comentário àquelas expressões da mesma divina Caridade*:

"A QUEM ESCANDALIZAR A ALGUM DÊSSES MENINOS QUE CRÊEM EM MIM, FÔRA MELHOR PENDURAR-LHE NO PESCOÇO UMA PEDRA DE MOINHO E SUBMERGÍ-LO NO FUNDO DO MAR!" ***(EVANGELHO DE SÃO MATEUS,*** **CAPÍTULO XXIII, V, 14).**

8

Objeção: — *Acaso pensamos, ao escrever êste livro, na importância literária, e* pedagógica, *e política, e social, e internacional de Monteiro Lobato?*

Resposta: — *Não. Só pensamos na importância de Deus, na Divindade de Cristo, na defêsa da Virgem Maria, na veneração aos Anjos e aos Santos, na independência do Brasil, na verdadeira Ordem Social, na verdadeira Cultura, na tranqüilidade da Família e na salvação da Criança.*

Nisto, sòmente nisto que pensamos.
E há mais em que pensar?...

9

Objeção: — *Mas quem se mete nessas lutas, em geral fica sòzinho.*

Resposta: — *Protestamos! Quem está com Deus e conta com a proteção da Santíssima Virgem, nunca está sòzinho.*

10

Objeção: — *Monteiro Lobato já morreu, sendo por isto que lhe atacamos, agora, os ataques que desfechou em sua literatura infantil.*

Resposta: — *Mas, pelo amor de Deus, que era que Lobato nos iria responder, se estivesse vivo?*

Que não negou, nessa mesma literatura, a existência do Criador, a Divindade de Cristo, a superioridade do Cristianismo, a espiritualidade da alma e a existência de outros espíritos?

Que teve aquilo que Edgard Cavalheiro também proclama que êle não teve: "intuito moralizador?"

Que não pregou a destruição da Hierarquia e da ordem social vigente?

Scanned with CamScanner

Que defendeu a Pátria da "experiência soviética" — experiência que êle defende, garantindo ser "a princípio feita com dor, mas finalmente com sucesso pleno?"...

Que não negou o direito à propriedade particular, como a entendem os socialistas?

Nem o valor da cultura clássica, ou inspirada no Cristianismo, nem o valor da civilização cristã?

Que não ensinou palavras, modos e atitudes considerados pela educação tradicional de nossa gente, desrespeito e anarquia?

Que era que Lobato nos iria responder?

Que não disse o que disse?

Não! Assim também seria demais...

Nem se trata, pròpriamente, de Monteiro Lobato, mas do materialismo, do comunismo — que podia ser ensinado às crianças por êle ou por outro qualquer.

Além disto, não acreditamos que o grande escritor haja sido o único adversário competente. De modo que aquela exausta objeção, a que estamos respondendo, é uma ofensa dos adversários aos seus próprios camaradas de ideologia. E uma ofensa, principalmente, ao próprio Lobato que, atacando a Filosofia perene e desfigurando o verdadeiro sentido das leis da natureza, atacou pelo mesmo fato, gênios muito maiores do que êle, como Tomás de Aquino, Lavoisier e outros... que já tinham morrido.

Mas Lobato, em nome da tolerância materialista, em nome da "liberdade de pensar" e em nome de outras coisas sem nome, é inatacável...

Pode sòmente atacar, e a nossa obrigação de homens prudentes é deixar que Deus vá sendo esquecido e renegado, Cristo diminuído, a Igreja desfigurada, a Pátria entregue, a Família desfeita, as crianças devoradas...

Esta é a nossa obrigação de homens equilibrados, e mansos, e pacíficos, e prudentes...

Entretanto pertencemos a uma Igreja que só deixará de ser militante quando entrar na Glória! Nascemos para a luta. Não para luta de brinquedo ou de comédia. Não para luta de desfiles ou de simples comemorização do que ficou na História, mas para aquelas batalhas contemporâneas nossas e reais, no campo da Verdade — cuja vitória, apesar dos tambores e trombetas com que o inimigo sabe disfarçar a própria derrota, é sempre infalível.

Mas não estamos iludidos: contra a idéia de qualquer luta e, pois, contra a nossa tese, hão de se levantar — quem sabe? — filhos da própria Luz, que ingratos e menos prudentes do que os filhos das trevas, e medrosos, e nem sempre tão mansos nem pacíficos — quando defendem seus interêsses pessoais, andam esquecidos de que devem tudo o que são às grandes batalhas que, com as trevas, trava — empolgando os séculos — a mesma, sempre a mesma Luz!

Scanned with CamScanner

RESPOSTA AO PROF. ALCEU AMOROSO LIMA (TRISTÃO DE ATAIDE)

"A ciência como substituta da religião, jamais seria aceita se viesse de cara ... Tem que vir disfarçada, com pés de lã, como gato ladrão" (*Monteiro Lobato* — América, pgs. 105 e 106).

A "O Globo" de 26/8/57 o Prof. Alceu Amoroso Lima concedeu a seguinte entrevista:

«Conheço os originais e o padre-autor. Até me foi proposto prefaciar a obra, mas não aceitei porque discordei um pouco do trabalho. Em Monteiro Lobato temos que separar duas coisas: primeiro, a sua filosofia da vida, não católica, ao contrário do que eu penso; é uma filosofia errada. Em segundo lugar não podemos deixar de louvar vivamente a técnica. Sem dúvida alguma êle foi o primeiro escritor que compreendeu o modo de tornar interessante o livro infantil, criando personagens, atraindo o pequeno leitor.

Monteiro Lobato torna-se pernicioso, por exemplo, no livro «A História do Mundo», quando êle quer introduzir suas idéias filosóficas. Mas, eu me separo do Padre Sales Brasil, quando êle condena Monteiro Lobato indistintamente. Não aceito sua condenação radical como não aceito a radical glorificação dêste escritor. O que é preciso é fazer uma distinção e mostrar às crianças os livros que são bons, evitando-lhes os que não o são».

RESPOSTA

Pelo mesmo jornal carioca, enviamos a seguinte resposta ao Sr. Tristão de Ataide:

"Cidade do Salvador, 27 de agôsto de 1957.

Eminente escritor católico,
Prof. Alceu Amoroso Lima.
Louvado seja Deus!

A primeira surprêsa que me causou a sua entrevista com "O GLOBO" de 26 de agôsto p.p., a respeito do meu livro: "*A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*",

Scanned with CamScanner

foi haver dito que conhecia os originais dêsse livro e haver estabelecido — para discordar, *em parte*, das minhas idéias — a mesma distinção *de partes*, que, desde as primeiras palavras da minha tese, eu mesmo estabeleço. A saber: distinção entre a "*filosofia da vida*", que informou as obras de Monteiro Lobato, e "*a técnica*" dêste maravilhoso escritor "que compreendeu o modo de tornar interessante o livro infantil, criando personagens, atraindo o pequeno leitor".

Mas acontece que reconheço de tal modo a "técnica" dos livros infantis de Lobato, que o maior esfôrço da minha tese é justamente demonstrar que a arte do grande escritor paulista chegou ao ponto de esconder o bem distribuido veneno dêsses livros até a intelectuais do porte de V. S. que ainda distingue os (livros infantis lobatianos) "que são bons e os que não o são".

Ilustre Prof. Alceu: as primeiras palavras da minha tese são as seguintes: "Traços ideológicos do GRANDE ARTISTA". Reconheço, portanto, em Lobato, a sua grande arte, que outra coisa não é senão aquilo a que V. S. chama "*técnica*", ou "modo de tornar interessante o livro infantil".

Êste pensamento inicial da minha tese vai repetido ao longo de suas páginas.

À literatura infantil de Lobato, sem fazer nenhum favor, dou o nome de "*mimosos vergéis*" (pág. 28). Reconheço que "*o sutilissimo escritor*" soube distribuir em seus livros infantis, "*uma dosagem psicológica verdadeiramente assombrosa*" (pág. 28). Enalteço-o, ao mesmo Lobato, como "*profundo conhecedor da psicologia infantil*" (pág. 28). Enlevo-me com seu "*encanto e flexibilidade literária*" (pág. 45). Proclamo o seu "*incontestável gênio que soube tornar acessível ao entendimento da criança as coisas mais complicadas*" (pág. 82). Admiro "*aquela sutileza e graça que ninguém lhe pode negar*" (pág. 195). E assim por diante (1).

O que digo no meu trabalho contra a literatura infantil de Monteiro Lobato é o que V. S., como escritor católico, também há de

(1) Tôdas as páginas da minha tese que indico nesta resposta são da 1ª edição.

dizer: "que o estilo não vale mais do que as idéias, nem a arte literária, mais do que a filosofia da vida, como nem a roupa nem os enfeites valem mais do que a pessoa. O que digo é que quando o Mal vem recoberto por um estilo bom, tanto pior!" (vide págs. 313 e 314).

Não é isto o que V. S. também diz, meu caro e ilustre Prof. Alceu?

Será interessante estabelecermos analogia entre o que V. S. escreve sôbre a "*Técnica*", em seu próprio livro "*Mitos do nosso tempo*" — e o que escreve na entrevista com "*O Globo*", a respeito da minha tese.

Em "*Mitos do nosso tempo*", depois da criteriosa divisão dos mitos "*em capitais e acidentais; universais e locais; de ordem geral e de ordem política*", está dito muito claro: "A primeira divisão quanto à importância" (pág. 47). E, na página 48, V. S. declara que a "*Técnica*" está entre "*os mitos capitais*", acrescentando que ela "*corresponde àquela fase socialista do fenômeno do predomínio do econômico*" (pág. 60). E dizendo, ainda mais, que ao "*mito da Técnica*" se deve opôr "*o ideal do Espírito*" (pág. 145).

Pergunto agora: — V. S. que, na entrevista com "*O Globo*", usurpou a mesma palavra — "*Técnica*", — não mais no sentido de arte da produção econômica, mas no sentido de arte da produção literária, V. S., pergunto, não dirá, também neste caso, que ao "*Mito da Técnica*" se deve opôr "*o ideal do Espírito?*" E não o dirá com muito mais ênfase, uma vez que a arte literária é o veículo mais penetrante da "filosofia da vida?"

Em que consiste, pois, aquela "distinção" em que V. S. "se separa do Padre Sales Brasil?"

Em que consiste a minha "*condenação radical*", senão nos pontos pacíficos de doutrina e disciplina, que são os mesmos pontos em que um *líder* católico não se deve "separar" do Padre?

Em "mostrar às crianças os livros que são bons, evitando-lhes os que não o são?"

Scanned with CamScanner

Mas no meu livro eu citei todos os livros de Lobato, com indicação da página e do ano da edição. Citei pontos de doutrina, de disciplina e de indisciplina comunistas, com os quais V. S. não concordará.

Citei aquêles "personagens" a quem V. S. se refere com tanto encantamento: a mal-educada Emília — que anda "botando a lingua" para tôda a gente e que proclama que "isso de respeito nada tem com a idade" (pág. 289); boneca divorciada — que "andava com mania de coisas russas" (pág. 183) e que, por meio da chave do tamanho, "reduziu" a estatura de tôda a humanidade (cap. VIII); e que humilha, crudelissimamente, a raça negra (págs. 210 e 225); e que, pelo fato de haver diminuido a estatura dos homens, praticou uma façanha que, na expressão *"científica"* do visconde de Sabugosa, "corresponde a destruir tôda a civilização humana" (pág. 64); e que, se houvesse nascido "gente grande", pergunta: "Sabem o que fazia? Suicidava-me..." (pág. 101).

E é dessa mesma "personagem", Dr. Alceu, que Monteiro Lobato faz o seguinte elogio: "Você tem dito tantas heresias, Emília, que êles (os pastôres da Igreja, a quem o "técnico" escritor chama *"grandes burros"*), a queimavam numa vela até ficar reduzida a carvão, e depois moiam êsse carvão e o assopravam aos ventos, de mêdo que a poeirinha se juntasse e vivesse outra vez" (pág. 312).

Citei Narizinho, Dr. Alceu, a menina também materialista — que manda a vovó *"dobrar a língua"* (pág. 282) e que, em "Serões de Dona Benta" proclama para todos os meninos do Brasil: *"Matéria é tudo que existe"* (pág. 43).

Citei Pedrinho, "darwinista, como diz Lobato, levado da breca", para o qual serem "os deuses" (e o próprio Deus) criados ou "feitos à nossa imagem e semelhança" é "uma beleza!" (pág. 54).

Citei o visconde de Sabugosa, também darwinista e spenceriano com todo o rigor da filosofia de Carlos Marx (pág. 140).

Citei Dona Benta, para quem Deus não existe (caps. 1º e 2º) e Jesus é homem que *"virou Deus"* (cap. 2º). Vovó que dá o seguinte conselho, quando os netos querem "realizar alguma aventura...: *"Vá, mas escondido de mim"* (pág. 281). E que quer "transformar o mundo numa Confederação Universal", com todo o rigor da sociologia de Bukarine, a ponto de declarar que *"todos os países ficarão fazendo parte dessa Confederação como os estados dos Estados Unidos"* (pág. 171). E o autor dêsses personagens, meu caro Dr. Alceu, é o mesmo que escreveu para os adultos não haver país que "vagamente não quisesse experimentar em sua carne a experiência soviética, feita a princípio com dôr, mas finalmente com sucesso pleno", e que disse aos meninos que "a paz não sai porque somos todos aqui representantes de países" e que, certamente por isto, é festejado em Moscou (vide Introdução e o 9º capítulo do livro, com clichê que antecede a êste capítulo).

Citei, ainda, Tia Nastácia que, no Sítio do Picapau Amarelo, é a única criatura que tem fé e que, na admirável "técnica de Monteiro Lobato", é também *"um pôço de ignorância"* (pág. 88).

Citei o porco Rabicó que se casou com Emília e dela se divorciou, oferecendo às crianças de nossa Pátria, em tudo por tudo, o mais belo exemplo de moralidade conjugal (cap .VI).

Citei os insetos que, na "técnica" de Monteiro Lobato, "o primeiro escritor que compreendeu o modo de tornar interessante o livro infantil", ensinam às crianças a teoria marxista-leninista da luta de classes e das relações de produção — Productionsverhaeltnisse — (cap. VIII).

E êsses personagens e sêres personificados, Dr. Alceu, não figuram apenas na *"História do mundo para as crianças"*, o único exemplo de livro dado por V. S. que, por outro lado, não deu nenhum exemplo de livros *"que são bons"*. Êsses personagens percorrem todos *e cada um* dos livros infantis de Lobato, que, segundo o próprio autor, são "na essência uma história só, em muitos episódios..."

Cumpri, simplesmente, a minha obrigação de brasileiro, de cristão e de sacerdote.

Scanned with CamScanner

Resta-me agora aguardar, com todo o público brasileiro, que o Dr. Alceu Amoroso Lima:

1º — nos aponte alguma página do meu livro, na qual estabeleço confusão entre "a filosofia da vida" e a "Técnica" ou "modo de tornar interessante o livro infantil";

2º — aponte-nos, principalmente, os livros infantis de Lobato, "que são bons" (no sentido, é claro, em que os católicos julgamos que um livro é bom. A saber: Livro que não ofenda nem pontos de doutrina religiosa, nem pontos de filosofia e sociologia cristãs, nem pontos da educação social e doméstica do povo brasileiro. Não só não os ofenda (seria livro indiferente), mas exponha e defenda êsses pontos em que a Igreja não cede).

Mas admitamos que V. S. não chegue ao "*radicalismo*" de exigir que um livro para crianças defenda aquêles assuntos. Dar-nos-emos por satisfeitos, se o Dr. Alceu Amoroso Lima nos apontar os livros infantis lobatianos que simplesmente não ofendam algum dos citados pontos.

E esta declaração que esperamos de V. S. não se vai equiparar à de certos *homens de letras* analfabetos. Há de ser feita, sem dúvida, com a tremenda responsabilidade da altura em que se colocou — e para falar ao Brasil na perigosa situação, em que os "*mãos estendidas*" o colocaram.

PRONUNCIAMENTO DO EPISCOPADO BRASILEIRO

CARTA DO CARDEAL-ARCEBISPO DA BAHIA E PRIMAZ DO BRASIL

"Mons. Sales Brasil — Com a aprovação eclesiástica foi publicado seu livro "*A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*". Após a divulgação de tão vibrante defesa dos princípios católicos — *pro aris et focis* — e a exposição concomitante dos erros ensinados aos meninos brasileiros contra a verdade eterna, queremos abençoar o autor dessa obra elucidativa pelos benefícios que já fêz aos leitores e pelo bem que há de fazer, principalmente, aos pais de família.

A reação provocada nos meios hostis ao catolicismo nenhuma surprêsa nos causa; demonstra que o trabalho crítico do Mons. Sales Brasil saiu oportunamente à luz da publicidade.

Nesta hora decisiva para a civilização cristã não podemos silenciar com os inocentes úteis: *non possumus non loqui*.

Ainda não é do silêncio a Igreja no Brasil. Nem será jamais.

À nova edição, mais uma bênção paternal. - (a.) † Augusto, Cardeal da Silva. Bahia, 30-8-57".

DO CARDEAL-ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO

"Muito grato pelo exemplar de seu livro sôbre a literatura infantil de Monteiro Lobato. Sua tese está certa, e sôbre ela manifestar-me-ei na palestra radiofônica semanal. Confesso que, de Monteiro Lobato, tendo lido só trechos esparsos, não havia percebido a malícia que encerram seus livros. Faltava-me uma visão geral. Discordo, pois, dos que atacaram seu livro. - (a.) † Jaime Cardeal Câmara. Rio de Janeiro, 11-10-57"

Scanned with CamScanner

DO CARDEAL-ARCEBISPO DE SÃO PAULO

"Homologamos, *in totum*, a aprovação e as bênçãos outorgadas ao livro do benemérito Mons. Sales Brasil sôbre a literatura infantil de Monteiro Lobato". (a.) † A. Card. Motta.

DO NÚNCIO APOSTÓLICO

"Queira aceitar os meus sinceros e cordiais agradecimentos pela homenagem dêste interessante livro, em boa hora escrito pela pena autorizada de V. Revma. com a finalidade de alertar aos pais católicos contra o perigo que representa para seus filhos a literatura infantil de Monteiro Lobato.

O exemplar para Sua Santidade o Papa Pio XII será enviado a Roma na primeira oportunidade. (a.) † Armando Lombardi, Núncio Apostólico. Rio de Janeiro, 27-9-57".

DO ARCEBISPO DE PÔRTO ALEGRE

"A obra infantil de Monteiro Lobato estava exigindo um bisturí firme para examiná-la; para mostrar a todos os que de algum modo têm responsabilidades educativas no Brasil os elementos negativos, perniciosos mesmo, que ela contém.

Hoje, felizmente, êsse bisturí apareceu; sendo motivo de especial satisfação para o clero o fato de ter sido um eclesiástico que o empunhou. E empunhou com louvável eqüilíbrio, sem se deixar dominar pelo mau-humor, pela paixão, por irritações bastante comuns em quem faz crítica nesse terreno. Os adjetivos aplicados "ao incontestável gênio literário de Monteiro Lobato", funcionando como premissas colaterais ao lado de premissas centrais que acusam o demolidor, o recalcado, o anarquista, o anticristão, em nada comprometem o vigor das conclusões desfavoráveis ao festejado escritor. Pelo contrário.

Aliás, êsse detalhe de sua obra contém uma preciosa pedagogia para sacerdotes que queiram fazer trabalhos semelhantes em tôrno de outros problemas que estão a exigir nova revisão e novos revisores. Olhei seu esfôrço também sob êsse prisma. Não só sob o prisma do bem que fará ao magistério leigo e à infância brasileira. Mas sob o prisma do bem que fará ao clero, testemunhando mais uma vez a competência do padre brasileiro, quando o padre brasileiro quer fazer apostolado científico, atualizado e respeitável. Sua obra é mais um desmentido àqueles, Lobato inclusive, que acusam o clero brasileiro de empírico e improvisador.

Aconselho-o, Mons. Brasil, a divulgar seu livro o mais possível. Faça-o chegar às mãos de honestos líderes da educação no Brasil, a fim de que salvem dessa ameaça a nossa infância. - (a.) † Vicente Scherer, Arcebispo de Pôrto Alegre. 25-10-1957".

DO ARCEBISPO DE OLINDA E RECIFE

"V. Revma. prestou um grande e valioso serviço à Pátria e à Igreja, esclarecendo, com uma crítica serena e segura, os erros que o grande escritor procurava insinuar na mentalidade desarmada de capacidade crítica das nossas crianças. Teve V. Revma. de atacar o ídolo, nesta época de inconseqüências em que a inteligência aceita, com máxima tolerância, o êrro, se êste vem acobertado com a magia do estilo perfeito e atraente. Se mais não fêz o livro precioso de V. Revma., pelo menos alertou o espírito despreocupado de tantos pais sôbre a leitura destinada aos seus filhinhos. Que Deus abençôe o seu admirável trabalho! Afetuosamente, servo e amigo † Dom Antônio, Arcebispo de Olinda e Recife - 7-10-57".

DO ARCEBISPO DE FORTALEZA (CEARÁ)

"Muito penhorado agradeço o exemplar do grande livro "A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças". Queira Deus abençoar a sua pena a serviço da boa causa - (a.) † Antônio de Almeida Lustosa - Fortaleza, 23-11-57".

DO ARCEBISPO DE BELÉM DO PARÁ

"Agradeço a delicada oferta de seu oportuno e corajoso livro, tão necessário para pulverizar um dos mais perigosos e aliciantes tabus nacionais. - (a.) † Alberto Gaudêncio Ramos. - 23-8-57".

Scanned with CamScanner

DO ARCEBISPO DE NATAL (RIO GRANDE DO NORTE)

"Os livros de Monteiro Lobato, que ensinam o comunismo e outros erros, são a maconha literária do Brasil. Veneno sutil e, por isso mesmo, perigosíssimo.

Cuidado, educadores, cuidado! E se alguém tiver dúvidas sôbre êsse grave assunto, leia o livro do Mons. Sales Brasil, que, quanto ao berço, é da Bahia, mas, quanto à campanha que, valentemente, sustenta contra os erros de Monteiro Lobato, é de todo o Brasil.

É urgente a profilaxia dêsse mal. É melhor prevenir do que corrigir. Mãos à obra! Aqui, eclesiásticos e leigos estão gostando imenso de seu livro, achando-o bem feito, corajoso e oportuno. (a.) † Marcolino Dantas - Natal, 13-9-57".

DO ARCEBISPO DE MARIANA

"Agradeço a preciosa dádiva, aplaudindo o brilho e valor das armas com que deu por terra mais um dos pseudo-"gigantes" da incredulidade. - (a.) † Helvécio G. de Oliveira. - Mariana, 20-9-57".

DO ARCEBISPO DE FLORIANÓPOLIS

"Que mais poderão desejar os leitores honestos, ou que haverá de melhor para prevenir a alma inocente das crianças? - † Arceb. de Florianópolis. 21-1-58".

DO ARCEBISPO-COADJUTOR DA BAHIA

"Tomei parte na cerimônia do lançamento de seu grande livro "A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças".

Disse-lhe, no momento, algumas palavras de aplauso. Só agora, porém, consegui terminar a leitura por inteiro do livro. E o que já sabia antecipadamente, a leitura o confirmou: — sua dedicação e esfôrço estiveram à altura da importância e oportunidade do tema.

Seu livro fazia falta. O renome de Monteiro Lobato, a beleza do estilo que o senhor ressalta com tanta isenção, tudo concorria para um lamentável alheamento nosso em face ao sentido desagregador de uma literatura para crianças. O senhor focalizou o perigo e o denunciou à consciência cristã de pais e educadores. A denúncia é flagrante, porém sempre caridosa, como convém a quem faz o apostolado da Verdade e do Amor. Seu coração de sacerdote e de brasileiro está recompensado com o grande serviço prestado à Fé e à Pátria.

O Brasil e a Igreja, desfigurados na obra de Monteiro Lobato, foram desagravados na dialética serena e forte do Mons. Brasil. Esta carta vai no dia 7 de setembro. Neste dia, homenageando a Pátria, saúdo e abençôo o grande sacerdote brasileiro. - (a.) † Mário de Miranda Vilas-Boas - Salvador, 7-9-57".

DO ARCEBISPO-COADJUTOR DE SÃO PAULO
(Dom Antônio Maria Alves de Siqueira)

"Os conceitos de Monteiro Lobato ferem a crença católica e criam um clima de menosprézo em tôrno das coisas mais santas da Religião, chegando mesmo a torná-las ridículas. E precisamente por isso, os livros infantis dêsse festejado autor brasileiro não podem representar um alimento sadio para a inteligência e a formação das crianças. Embora lamentando essa condenação, não podemos deixar de fazê-la, como uma defesa da fé católica no coração dos nossos pequeninos". (Confr. O GLOBO de 2-9-57 - Rio de Janeiro).

DO ARCEBISPO COADJUTOR DE BELO HORIZONTE

"Minha palavra de aplauso sôbre seu oportuno e corajoso livro a respeito da literatura infantil de Monteiro Lobato. O renome nacional dêsse escritor e sua inegável capacidade de escrever de maneira atraente e persuasiva para as crianças concorrem para deixar a maior parte dos leitores sem visão nítida do perigo que representa o veneno materialista e anticristão que destila sutilmente de suas páginas, particularmente da "História do mundo para as crianças" que reputo o mais pernicioso de todos.

Seu livro, portanto, prestará um grande benefício à Igreja e ao Brasil e alertará as consciências dos pais e dos mestres, que, embora muitas

Scanned with CamScanner

vêzes católicos e até de notável valor intelectual, não tiveram a oportunidade de uma análise detida dessas obras. Essa análise, feita com serenidade e objetividade, levará a todos as conclusões que o meu amigo aponta em seu lúcido livro. Deus abençoe sua meritória tarefa. In. C. Jesu. (a.) † João, Arc. Coadjutor. Belo Horizonte, 26-12-57 ".

DO ARCEBISPO COADJUTOR DE MACEIÓ

" Li, com admiração crescente de sua inteligência e zêlo de apóstolo da boa e sã literatura infantil, o seu livro: " A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças ".

É um grande livro de crítica objetiva à luz da razão e da fé; livro de quem vê e ama as crianças com esperanças de um mundo melhor e do céu.

Pela leitura de sua tese, confirma-se o conceito de que a literatura infantil de Monteiro Lobato é, de fato, a negação, às vêzes, sutil e solerte, outras vêzes aberta, ostensiva até ao ridículo soez, dos princípios cristãos que, segundo a nossa Santa Igreja, devem informar a educação da criança. A família católica está a dever-lhe um preito de gratidão pela demonstração, fundamentada em textos inteligentemente coligidos das próprias obras de Monteiro Lobato, de que a literatura infantil, dêsse escritor a quem, aliás, se devem tantas páginas belas da literatura brasileira, é frontalmente contrária aos princípios da pedagogia cristã e favorece ao espírito de rebeldia aos tradicionais valores da família e da sociedade.

Minha bênção ex-corde ao autor e votos a Deus para que o seu livro realize a missão de FAZER VER e de despertar responsabilidades. - (a.) † Adelmo Machado. 29-10-57 ".

DO BISPO DE PETRÓPOLIS

" Meus sinceros aplausos pelo livro oportuno e claro sôbre Monteiro Lobato ". - (a.) † Manuel P. C. Cintra - Petrópolis, 8-11-57 ".

DO BISPO DE CAMPOS (ESTADO DO RIO)

" O mal que fazem as obras de Monteiro Lobato, especialmente as destinadas às crianças, é imenso, quer pela arte e habilidade do escritor

para dirigir-se às crianças e inocular o veneno de sua filosofia materialista, quer pela propaganda que dêle fazem até escritores católicos. Seu livro, assim, se tornou uma obra de apostolado necessária e inadiável. Há em seu livro uma análise séria das obras de Monteiro Lobato, que demonstra a intenção maléfica do autor, beneficiada por uma arte incomparável de penetrar na alma infantil e aí realizar sua obra demolidora.

Dou graças a Deus que lhe inspirou assumir o encargo apostólico de premunir os católicos contra autor tão nefasto, e o assistiu até seu feliz têrmo. - (a.) † Antônio de Castro Mayer. - Campos, 15-9-57 ".

DO BISPO DE NITERÓI

" Recomendarei aos meus diocesanos o livro de esclarecimento aos católicos sôbre a Literatura Infantil de Monteiro Lobato, do Padre Sales Brasil que tem tido tamanha repercussão em todos os meios. - (a.) † Carlos, Bispo de Niterói. 17-1-58 ".

DO BISPO DE AMARGOSA (BAHIA)

" Que Nosso Senhor abençoe o grande batalhador pela causa de Cristo, para continuar a escrever livros como êste, de alerta à consciência católica brasileira, mormente dos pais e educadores, contra o veneno sutil e perigosíssimo da Literatura Infantil de Monteiro Lobato ". - (a.) † Florêncio Vieira. - Amargosa, 10-11-57 ".

DO BISPO DE BARRA DO PIRAÍ

" Acabo de ler seu estupendo livro: " A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças ". Nem paira a menor sombra de dúvida de que sua tese está firmada sôbre sólidos fundamentos. Prossiga na defesa da Verdade, em favor de Deus e da Pátria. Com minhas bênçãos, (a.) † Agnelo, Bispo de Barra do Piraí - 24-4-58 ".

DO BISPO DE TAUBATÉ

" Vem agora o seu livro, com análise completa, imparcial, mostrando o perigo dos livros infantis dêste autor. O trabalho de V. Revcia. é de

Scanned with CamScanner

grande valor porque abre os olhos de muitos incautos. Envio uma grande bênção e felicitações pelo seu utilíssimo trabalho. - (a.) † Francisco, Bispo de Taubaté. - 23-5-58 ".

DO BISPO DE OLIVEIRA (MINAS)

" Através de a " Gazeta de Minas ", jornal diocesano, já recomendamos a nossos fiéis êste meritório livro do Pe. Sales Brasil, acêrca da Literatura Infantil de Monteiro Lobato. - (a.) † José, Bispo de Oliveira. - 24-1-58 ".

DO BISPO DE CRATO (CEARÁ)

" Agradeço a distinção da oferta, que V. Revma. se dignou fazer-me, do seu livro sôbre a literatura infantil de Monteiro Lobato. Minhas felicitações pela meritória iniciativa, pelo valor do seu trabalho. - (a.) † Francisco de Assis Pires. - Crato, 3-10-57 ".

DO BISPO DE LEOPOLDINA (MINAS)

" Abençôo e agradeço a oferta de seu oportuno livro " A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ", no qual os educadores católicos encontrarão resposta a angustiosas perguntas que fazem sôbre o valor dos escritos dêsse conhecido homem de letras - (a.) † Delfim - Leopoldina, 1-10-57 ".

DO BISPO DE PENEDO (ALAGOAS)

" O livro do Pe. Sales Brasil não é, apenas, uma opinião. É uma tese irrefutável. A vitória dêsse livro é intrínseca e objetiva. Não depende de apressadas críticas literárias subjetivas. É um livro que marcará época. O tempo o dirá. - (a.) † José Terceiro de Souza - Salvador, 10-9-57 ".

DO BISPO DE ARASSUAÍ (MINAS)

" Prometo recomendar, por palavra e pelo jornal diocesano, o livro de Mons. Sales Brasil. - (a.) † José Maria - Bispo de Arassuaí, 3-2-58 ".

DO BISPO-PRELADO DO SENHOR BOM JESUS DO PIAUÍ

" Êste livro representa um estudo verdadeiramente extraordinário. Não sòmente o louvamos, senão que recomendamos a todos os nossos diretores de escolas que tomem providências para que não se difundam as obras de Monteiro Lobato. Felicitações, Pe. Sales Brasil, pela coragem com que defendeu a sua tese, sobretudo, nesse tempo em que se precisa tanto de caráter e de integridade na Fé. - (a). † Inocêncio Lopes Santamaria. - 27-12-57 ".

DO BISPO DE BRAGANÇA (SÃO PAULO)

" V. R., em boa hora, teve a inspiração de fazer êste livro. E fê-lo com muita felicidade. Sòmente quem não queira enxergar deixará de reconhecer o serviço que V. R. prestou ao Brasil, em matéria de tanta relevância.

As incompreensões, em casos como o seu, são inevitáveis.

Congratulo-me com V. R. e formulo os melhores êxitos pela difusão do seu ótimo livro. - (a.) † José, Bispo de Bragança ".

DO BISPO DE CORUMBÁ

" Louvo êsse trabalho tão necessário, oportuno e tão esperado pelos educadores católicos, que ouviam censuras vagas e reticentes sôbre essas obras, sem poderem alcançar o espírito de impiedade dêsse homem de letras. Agora, com seu livro, fruto de paciente e perseverante estudo por amor de uma causa tão santa, terão um código para consultar e se certificar do mal espalhado por êsse escritor que, debaixo da roupagem atraente do seu estilo, tanto mal fêz às almas infantis e não infantis patrícias. - (a.) † Ladislau, Bispo de Corumbá - 11-3-58 ".

BISPO DE SANTA MARIA

" Seu livro " A Literatura Infantil de Monteiro Lobato " é um tão verdadeiro quão necessário brado de alerta aos responsáveis pela educação da infância e da juventude. Sim, é absolutamente necessário defender

Scanned with CamScanner

o Reino de Deus, na expressão de V. Revma., contra os que subvertem a ordem social cristã, tanto mais perigosos, quanto mais disfarçadamente se apresentam.

Tenho o prazer de cumprimentar mui sinceramente V. Revma. e, ao mesmo tempo, faço ardentes votos de que seu livro tenha a divulgação que merece. - (a.) † Antônio, Bispo de S. Maria ".

DO BISPO DE PARNAÍBA (PIAUÍ)

" Oportuníssimo livro: " A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças. - (a.) † Felipe Condurú Pacheco - Parnaíba, 4-11-57.

DO BISPO DE JUIZ DE FORA

" Dou-lhe vivos parabéns pela publicação. Não podemos mais, narcotizados e tolerantes, deixar de clamar, de esclarecer, de alertar, de protestar. O fato é, que nós, brasileiros, vínhamos deglutindo qualquer pílula que nos fôsse jogada. Engoliamos com indiferença, quando não com sofreguidão e com entusiasmo. Isto acontece, ainda, sobretudo nos meios oficiais, em que o naturalismo pedagógico vem norteando tôdas as iniciativas, tôdas as reformas, todos os atos. O Ministério da Educação não está sob a orientação (quase diria: as garras) de um homem que, com orgulho, se apregoa materialista? E devemos nós, católicos, engulir as pílulas vermelhas do Snr. Anísio Teixeira? Gosto de penas corajosas como a de V. Revma. Não teme enfrentar a tolerância de um punhado de católicos irenistas e acomodados, como não duvida em defrontar meios hostis à Igreja declarados ou não, oficiais ou não. Parabéns! Conte V. Revma. com minha simpatia e com meu apoio entusiasta. - (a.) † Geraldo Penido. Belo Horizonte, 15-9-57 ".

DO BISPO DE CHAPADA DOS GUIMARÃES (MATO-GROSSO)

" Meu reconhecimento a V. R. por se ocupar tão decididamente com um assunto de tamanha importância. É pena ver como a propaganda conseguiu espalhar os livros infantis de Monteiro Lobato, até em sertão distante. - (a.) † Vunibaldo Talleur, O.F.M.

DE D. PAULO R. LOUREIRO, BISPO AUXILIAR DO CARDEAL DE SÃO PAULO

" Sensibilizado, agradeço a V. Revma. o exemplar do seu apostólico trabalho *" A Literatura Infantil de Monteiro Lobato "*, que, estou certo, virá alertar a consciência de todos os que se dão à divina tarefa de bem formar cristã e intelectualmente a infância e a juventude brasileiras.

" Trata-se de um livro que analiza, minuciosamente, a obra inteira de Monteiro Lobato, mostrando, ao vivo, o que esta possui de errado, de blasfemo e, portanto, condenável.

Felicito a V. R. pela publicação dêsse bom livro, verdadeiro grito de alarme contra a perniciosa literatura infantil. - (a). † Paulo. 30-11-57 ".

DE D. ANTÔNIO MACEDO, C.S.S.R., BISPO-AUXILIAR DO CARDEAL DE SÃO PAULO

" Pude tirar a conclusão, com a leitura do seu livro, de que se trata de uma obra providencial, destinada a diagnosticar um grande mal e apontar, ao mesmo tempo, o devido antídoto no intúito de preservar a nossa juventude e seus educadores de um veneno sutil perniciosíssimo.

Meus parabéns com votos da mais ampla divulgação e benévola aceitação. Tudo para a maior glória de Deus e para a salvação da nossa juventude. - (a.) † Antônio Macedo - São Paulo, 19-10-57 ".

DO BISPO COADJUTOR DE FORTALEZA

" V. Revda. presta grande serviço às crianças do Brasil com êste brado de alerta. É mesmo o " Livro que devia vir ". A par das minhas felicitações, receba, também, meus agradecimentos, pela parte de bem que tocará ao nosso Ceará. Permita Deus que o seu Livro circule entre nós com a mesma aceitação de outros Estados.

Desejo às outras edições o mesmo sucesso da primeira. - (a) † D. Expedito. Fortaleza 19-2-58 ".

Scanned with CamScanner

OUTROS DEPOIMENTOS

DO ARQUIABADE DOS BENEDITINOS (SALVADOR)

"O seu livro é de um grande e real valor: corresponde a uma orientação crítica segura, com uma análise perfeita e muito bem esclarecida da obra perigosa de Monteiro Lobato. Presta relevantes e inestimáveis serviços aos pais e mestres católicos, orientando-os com segurança e esclarecendo-os, numa abundância de citações bem pesquizadas, sôbre o veneno sutil, tão inteligentemente infiltrado naquelas páginas atraentes e, por isso mesmo, mais perigosas.

O valor da sua contribuição, já por outros livros publicados sôbre assuntos de alto descortino no campo da moral e da religião, tornaram-no, indubitàvelmente, uma das nossas personalidades literárias, na defesa dos sãos princípios da Fé e da Moral cristãs. - (a.) † Plácido Staeb. Salvador, 10-9-57".

DO ABADE BENEDITINO DO RIO DE JANEIRO

"É com vivo prazer que vejo o denodo de V. Revma. no serviço da causa sagrada da fé, não temendo enfrentar os setores mais obscuros e complexos em que se faça necessária a palavra do sacerdote. V. Revma., no seu estudo sôbre Monteiro Lobato, dá provas de exato conhecimento de causa, e é meticuloso nas suas citações fazendo obra de caráter muito leal e objetivo. Permita Deus que êsse trabalho possa derramar nos meios educacionais do nosso Brasil as luzes que todo o amigo da verdade só pode saudar com vivo contentamento. - (a.) † Martinh Michler. - Rio, 3-10-57".

DO CÔNSUL DE PORTUGAL NA BAHIA

"Permita que lhe dê um grande abraço, um muito sincero abraço, pelo que acaba de me ser dado ler.

Acuso-o de me ter interrompido um dia inteiro de trabalho! Tanto quanto lhe agradeço o prazer espiritual que me proporcionou. O livro ultrapassou o que eu esperava. Chega a parecer impossível que tanta coisa tenha saído das mãos de um homem a quem uma inspiração verdadeiramente diabólica lançou na mais miserável das aliciações: a das crianças, indefesas por si próprias e pela ignorância dos pais.

Agradeço-lhe como pai e como católico. E continue, Padre Brasil, porque terrenos como êste precisam de muitos bandeirantes como o senhor. - (a) João Pereira Bastos. - Salvador, 23-8-57".

DO LÍDER CATÓLICO E DEPUTADO FEDERAL EURÍPEDES CARDOSO DE MENEZES

"Meus agradecimentos e meus parabéns pelo seu magnífico e oportunissimo trabalho sôbre a Literatura Infantil de Monteiro Lobato, sôbre o qual fiz três palestras na Rádio Nacional repetidas na Meditação Vesperal e que a Rêde Difusora da Voz do Brasil transmitiu". (*Telegrama*).

DO SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DA BAHIA, DR. ALOISIO SHORT

"Já tive oportunidade de dizer, pùblicamente, que, com êste livro, um repto estava lançado, e que cabia aos defensores da obra de Monteiro Lobato vir a campo para destruir os argumentos do Pe. Sales Brasil, porque, se isso não fizessem, proclamavam, de logo, com o silêncio, a vitória do ilustre sacerdote. Que surjam em campo, não para as diatribes, para as ofensas, para os insultos, para as injúrias que se costumam assacar contra aquêles cujos argumentos vencem e convencem. Que venham a campo para destruir argumento com argumento, documentando, se puderem, as inverdades que, porventura, existam na crítica que o Pe. Sales Brasil corajosamente oferece ao público brasileiro". - (*Do discurso pronunciado por ocasião do lançamento do livro*, a 15-8-57).

DO ESCRITOR E SOCIÓLOGO TALES DE AZEVEDO

Louvável é o método de um Pe. Sales Brasil, levantando protestos dos admiradores da pessoa de Monteiro Lobato, mas fazendo-o com a interpretação da obra de literatura infantil dêsse grande escritor, refutando os seus erros históricos e filosóficos, mostrando os reais perigos que

Scanned with CamScanner

a sua leitura representa para a nossa infância. O estilo que usa, a consistência das provas com que argumenta, lança-o sôbre a mesa com a responsabilidade do seu nome, num ato de inteligência, para quem queira discuti-los e refutá-los, porque não será por outro modo que há de fazer-se o julgamento de uma literatura". - (A TARDE, 24-9-58).

DO ESCRITOR E DEPUTADO RUBEM NOGUEIRA

" O Padre Sales Brasil acabou com o mito. O seu livro não é uma polêmica. É um julgamento irrecorrível". (*Do discurso na solenidade do lançamento do livro*).

DO JORNALISTA GERMANO MACHADO

" Aí estão mais de trezentas páginas, em doze guarnecidos capítulos, de dialética fechada, provando que Lobato, embora escritor consagrado, inoculou materialismo e impôs essa filosofia à infância, desrespeitando a formação cristã da nacionalidade. Pouco importou ao Pe. Sales Brasil que Lobato fôsse tabu; pouco se lhe importou que Lobato tivesse discípulos; pouco se incomodou com que tôda uma poderosa máquina se mobilizasse contra êle, em todo o país; pouco caso fêz de que a "prudência" de uns recomendasse o silêncio e de que o pilatismo de outros lhe viesse pregar "prudência" e comedimento. Provou, argumentou, demonstrou — e só lhe replicaram com insultos, a que deu de ombros, reptando ao combate limpo, à altura". (A TARDE, 30-8-58).

DA REVISTA ECLESIÁSTICA BRASILEIRA (4-12-1957)

"Muito bem, Pe. Sales Brasil: continue na luta e conte com o nosso apôio; não deixe "que Deus vá sendo esquecido e renegado, Cristo diminuido, a Igreja desfigurada, a Pátria entregue, a Família desfeita e as crianças devoradas..." (*Frei Boaventura Kloppenburg, O.F.M.*).

DE A. M., EM "O NORDESTE", DE FORTALEZA, (11-9-1957)

"Lembramo-nos, nesse particular, de que, ainda seminarista, com permissão especial dos seus superiores, Dom Helder Câmara, àquele tempo apenas Alceu da Silveira, escrevendo para a imprensa, provava isso mesmo, quer dizer, a prevenção e a animosidade de Lobato contra a Religião, nas obras que compôs para a criançada".

CRÍTICA DA IMPRENSA BAHIANA

"REPERCUSSÃO DE UMA CONFERÊNCIA — Dando-se um balanço das primeiras repercussões da conferência do Pe. Sales Brasil sôbre a Literatura Infantil de Monteiro Lobato, verificamos saldo favorável de resultado para o orador.

Não nos surpreenderam as contraditas diretas e indiretas até agora. Nem julgamos novidade o humorismo triste dos opositores mais adstritos à disciplina comunista. Estão em seu papel.

Mesmo que o Pe. Sales Brasil não aliasse à sua fé as credenciais de cultura geral e especializada, bastava-lhe um mínimo de bom senso e espírito observador para chegar às conclusões a que chegou...

Levar a ridículo, conceder cultura e eloqüência, ou satirizar baixamente e insultar ao Pe. Sales Brasil, não resolvem a situação. Nem também focalizar Monteiro Lobato sob outros ângulos resolverá.

Teremos de discutir debaixo da fôrça da Contraditória, senão não se discute, blatera-se em parlapatices, mas não se argumenta.

Quanto ao fato de se dizer que Monteiro Lobato vivo reduziria a pó as acusações às suas idéias materialistas e que outros vivos atualmente o farão com o Pe. Sales Brasil e seus confrades de credo e pedagogia, também é bobagem.

A Cultura Cristã e Católica existe também na Bahia. Com ela e por ela, esperamos serenamente na arena.

Mas que venham debater idéias e não insultar pessoas. Debater idéias revela atitude mental.

Monteiro Lobato foi um errado na Literatura Infantil. Êste é o tema".

(Semana Católica, 18 - 11 - 56)

Scanned with CamScanner

"O conferencista, pesquisador erudito, durante duas horas dominou o auditório, fazendo verdadeiro diagnóstico da intoxicação da infância pelos livros que lhes destinou o grande escritor, Monteiro Lobato; grande, mas ímpio, faccioso e retintamente comunista".

(A Tarde, 8 - 11 - 56)

"O conferencista, com exuberância de argumentos "ad hominem", revelou-se estudioso e severo na apreciação da Literatura Infantil de Lobato, advertindo os católicos e, de modo geral, os cristãos, sôbre os perigos a que se expõem as nossas crianças no contato com essa literatura.

...O trabalho do Pe. Sales Brasil pode ser considerado talvez a primeira tentativa de apreciação da obra total de Lobato, nos seus pressupostos marxistas.

...Daí por que há quem chegue a afirmar ser muito possível que a conferência do Pe. Sales Brasil tenha repercussão inclusive para uma atitude oficial da Arquidiocese bahiana e possa inspirar de outras tantas autoridades da Igreja, iguais manifestações".

(Diário de Notícias, 9 - 11 - 56)

"É bem conhecido o talento e a cultura do Pe. Sales Brasil...

Coube a êsse erudito homem de letras e brilhante escritor a ousadia, no momento em que se alastra por êsse Brasil afora a disseminação de uma literatura de duvidosa finalidade, principalmente para a infância, investir, com dados os mais preciosos, análise a mais objetiva e bem fundamentada, contra a obra perigosa de Monteiro Lobato...

Precisávamos, no combate a essa malévola literatura, de outros tantos brasileiros como o Pe. Sales Brasil, para mostrar aos pais de família em que ilusão se encontram, incentivando seus filhinhos a adotar livros prejudiciais à formação do caráter dêsses inocentes que terão de ser, amanhã, os homens do Brasil".

(Revista "Unica" — Nov. e Dez. de 1956)

BIBLIOGRAFIA

Tôdas as citações contidas neste livro foram tiradas de edições com as seguintes datas:

MONTEIRO LOBATO

a) — **Literatura Infantil**

(Editôra Brasiliense Limitada — Rua Barão de Itapetininga, 98 — São Paulo)

A Chave do Tamanho	4ª Edição	1949
A Reforma da Natureza	Obras completas, vol. 13	1947
Aritmética da Emília	6ª Edição	1948
Aventuras de Hans Staden	7ª Edição	1948
Caçadas de Pedrinho	Obras Completas, vol. 3	1947
D. Quixote das Crianças	Obras Completas, vol. 9	1947
Emília no País da Gramática	6ª Edição	1947
Fábulas	12ª Edição	1949
Geografia de D. Benta	Obras Completas, vol. 7	1947
História das Invenções	Obras Completas, vol. 3	1947
Histórias de Tia Nastácia	6ª Edição	1949
História do Mundo para as Crianças	Obras Completas, vol. 4	1947
Memórias da Emília	5ª Edição	1947
O Minotauro	4ª Edição	1949
O Picapau Amarelo	5ª Edição	1948
O Poço do Visconde	Obras Completas, vol. 10	1947
O Saci	10ª Edição	1948
Os doze trabalhos de Hércules	Obras Completas, vol. 16	1947
Os doze trabalhos de Hércules	Obras Completas, vol. 17	1947
Peter Pan	5ª Edição	1947
Reinações de Narizinho	13ª Edição	1949
Serões de D. Benta	4ª Edição	1949
Viagem ao Céu	8ª Edição	1948

b) — **Para adultos**

A Criança e a Humanidade de amanhã	Publicação da Secretaria de Educação e Saúde — Salvador — Bahia	1950
América	Editôra Brasiliense Ltda.	1946
Idéias de Jeca Tatú	Editôra Brasiliense Ltda.	1956
Mensagem de Monteiro Lobato à Mocidade do Brasil sôbre o Petróleo	Sem o nome da Editôra, sem data	
Mr. Slang e o Brasil	Editôra Brasiliense Ltda.	1948
Negrinha	Editôra Brasiliense Ltda.	1948
Urupês	Editôra Brasiliense Ltda.	1949

Scanned with CamScanner

Zé-Brasil	«Livraria Popular» — Praça da Sé nº 2 — Salvador — Bahia	1948

Traduções

História da Filosofia (Will Durand)	Comp. Editôra Nacional	1956
O Nazareno (Sholem Asch)	Comp. Editôra Nacional	1956
Os Grandes Pensadores (Will Durand)	Comp. Editôra Nacional	

OUTROS AUTORES

A Igreja, a Reforma e a Civilização	Pe. Leonel Franca, S. J. — 6ª Edição — Agir — Rua México, 92-B — Rio de Janeiro	1952
Bibel-Lexikon	Herausgegeben von Haag — Benziger Verlag Einsideln — Zuerich Koeln	1951
Coletânea Literária	Rui Barbosa — 6ª Edição — Com. Editôra Nacional	1952
Contra o Comunismo	Mons. Arruda Câmara — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro	1946
Die Briefe des heiligen Paulus	Franz Griese — Koeln	1923
Die heilige Schrift des Neuen Bundes	Herausgegeben von Pius Parsch — Dr. Jacob Schaefer — Klosterneuburg	1934
Discurso no Colégio Anchieta	Rui Barbosa	
Doutrina e Tática Comunistas	Plinio Salgado — Livraria Clássica Brasileira S/A — Rio de Janeiro	1956
Esplendores da Fé	Rohden — 3ª Edição	1941
Galileu Galilei à luz da História da Astronomia	José Bertrand, S. J. — Editôra VOZES Ltda. — Petrópolis — Rio	1955
Histoire de l'Église	L. Marion — Paris	1928
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal	Alexandre Herculano — Livraria Bertrand — Rua Garret, 75 — Lisboa	
História de Monteiro Lobato	Jorge Rizzini — Gráfica Linotype Rua Mem de Sá, 172 — São Paulo	
L'Ami du Clergé (30-10-1938)	Langres — 4, Rue Claude Gillot	
L'Église des temps barbares	Daniel Rops — Librairie Arthême Fayard — Paris	1956
La Filosofia del Comunismo	Tradução do inglês por Lope Cilleruelo — Editôra S. EVE. R. — — Cuesta — Valladolid	
Le Docteur Angélique	Jacques Maritain — Desclée de Brouwer et Cie. — Paris	1930
Manifeste du Parti Communiste	Karl Marx et Friederich Engels (suivi de la **Contribution** à l'histoire de la Ligue des Comunistes par F. Engels) — Editions Sociales — 64, Boulevard Auguste — Blanqui — **Paris**	1947

Materialismo Dialético	Publicação da Academia de Ciências da URSS — Moscou (1954) — Tradução portuguêsa da Editorial Vitória Ltda. — 2ª Edição — Rio de Janeiro	1956
Mitos de nosso Tempo	Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) — Livraria José Olimpio Editôra — Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro	1943
Monteiro Lobato — Vida e Obra	Edgard Cavalheiro — Edição da Companhia distribuidora de livros especialmente para a companhia Editôra Nacional — 1º e 2º vols.	1955
Música Sacra	Luís de Souza Rodrigues — Pôrto	1943
O Novo Testamento	Mons. Dr. José Basílio Pereira — Tipografia de São Francisco — Salvador — Bahia	1938
Que é Comunismo	Organizado por Richard M. Ketchum — Edição Saráiva	1957
Réplica	Rui Barbosa — Obras Completas, vol. XXIX — Tomo II — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro	1953
Revista do Brasil (Março e Abril. — Vol. X)		1919
Verbum (Junho e Setembro)	Revista da Universidade Católica do Rio de Janeiro	1956

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS

Leão XIII

Carta ao Arcebispo de Viena	30-8-1883
Carta aos Bispos da Itália	15-10-1890
Carta aos bispos dos Estados Unidos	6-1-1885
Carta Apostólica aos Bispos do Brasil	18-9-1889

Pio XI

Encíclica Divini illius Magistri	30-12-1929
Encíclica Divini Redemptoris	19-3-1937

Pio XII

Mensagem de Natal	1956

Scanned with CamScanner

ÍNDICE ANALÍTICO

	Pgs.
Bênção do Papa Pio XII	9.
Carta da Rádio Vaticano	11.
Prefácio do Mons. Álvaro Negromonte	13.
TRAÇOS IDEOLÓGICOS DO GRANDE ARTISTA	
Mimetismo e revelações de Lobato	15-20.
Objeções contraditórias	22-24.
O elogio de Rui Barbosa	24-25.
O georgismo de Lobato	25-26.
Admissão de hipóteses	26.
A LITERATURA INFANTIL	
O mesmo rumo comunista	27-28.
Dosagem psicológica	28.
Relação ou lista das negações	28-30.
Método a seguir	31.
CAPÍTULO I	
NEGAÇÃO DE UMA CAUSA SUPERIOR À MATÉRIA	
Teorias irreconciliáveis	33-34.
Teoria lobatiana das origens	34-38.
Falsificação do verdadeiro sentido da Lei de Lavoisier	38-39.
A Lei da entropia	39-40.
" Faz-de-conta "	40-41.
Materialismo de Narizinho, Pedrinho e Emília	42-43.
Ironia contra o Criador	43-44.
Unidade da literatura infantil lobatiana	45.
CAPÍTULO II	
NEGAÇÃO DA DIVINDADE DE CRISTO E DA EXISTÊNCIA DE DEUS	
O verbo *virar*	47-49.
Êrro histórico de Lobato	50-51.
Novas negações da existência de Deus	52-54.
O " Terror teogônico " e Pedrinho, menino sem medos...	53-54.
Verdadeira posição da Família brasileira	54.

Scanned with CamScanner

CAPITULO III

NEGAÇÃO DA SUPERIORIDADE DO CRISTIANISMO, ETC.

	Pgs.
Cristo e Confúcio	55-56.
Moisés comparado a Maomé	56-57.
A religião grega e a dos hebreus	57-58.
Contradições de Lobato	58.
O Antigo Testamento	58.
O Catolicismo comparado com o Protestantismo. Lutero e o Papa. Henrique VIII e o Papa	59-60.
O Espiritismo comparado com a Religião e com as religiões	66-68.
Preocupação especial contra o catolicismo	68-113.
Resumo da ideologia lobatiana	113.

CAPITULO IV

NEGAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE DA ALMA E DA EXISTÊNCIA DE OUTROS ESPÍRITOS

A alma humana	115-119.
Os Anjos	119-121.
Anjo bom e Anjo mau	122.
Emília escarnece o "respeitável público"	123.

CAPITULO V

NEGAÇÃO DA VERDADE LÓGICA, ONTOLÓGICA E DA CERTEZA ABSOLUTA; NEGAÇÃO DA IMORALIDADE DA MENTIRA E DA FORÇA DO DIREITO

Verdade lógica e ontológica	125-130.
Certeza absoluta	130-132.
Verdade moral	132-136.
A fôrça do direito e o direito da fôrça	136-138.

CAPITULO VI

NEGAÇÃO DO VINCULO MATRIMONIAL INDISSOLÚVEL

Boneca divorciada	139.
O divórcio de Henrique VIII	140.
Ainda o divórcio de Emília	141.
A poligamia entre os árabes	142-143.

CAPITULO VII

NEGAÇÃO DA MORALIDADE DO PUDOR E NEGAÇÃO DO IMPUDOR DAS OBSCENIDADES

Pudor	145-148.
Obscenidades	148-150.

CAPITULO VIII

NEGAÇÃO DA HIERARQUIA SOCIAL

Sociologia do livro A CHAVE DO TAMANHO	151.
O Super-pó	151-152.
Emília vai à "Casa das Chaves"	152.
Tôdas as criaturas ficaram pequeninas	152.
A *Nova Ordem* social e os revolucionários russos	153-154.
Monarquia	155-156.
Democracia	156-161.
Classes sociais	161-164.
A Reforma da Natureza	164.

CAPITULO IX

NEGAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DA PÁTRIA

A "Federação", segundo Bukarine	167.
A "Confederação Universal", segundo Dona Benta	167.
A "Conferência"	168-169.
Paz Universal	170-171.
Os ingleses, os russos, a Índia e os "países-tampões": babau!	172-173.
A carta do Pequeno Polegar	173-178.
O sítio do Picapau Amarelo	174.
A resposta de Dona Benta	175-177.
O Plano da Emília	178-183.
Emília "com mania de coisas russas"	184-185.
Sibéria	186-187.
Confronto com a teoria de Lobato para os adultos	187-188.
"O incidente Brasil-Rússia"	188.
Carta de Lobato a Prestes	188-189.

Scanned with CamScanner

Pgs.

Carta de Prestes a Lobato 189.
Pais e educadores enganados e ridicularizados 190.
Católicos e patriotas bonzinhos 191.
O govêrno americano 191-192.
Mimetismo 192.

CAPITULO X

NEGAÇÃO DO DIREITO À PROPRIEDADE PARTICULAR

"O verdadeiro dono" 193-194.
Viagem diferente 194-195.
A Rússia e o "direito de ter certas coisas" 196.
As grandes nações capitalistas e a Alemanha 196.
A *escritura* da Natureza 197.
A palavra *Anticonstitucionalissimamente* 197-198.
O rinoceronte furtado 199-202.
Os Negros e a Bahia 203-204.
Bahia, cocos, baratas e Narizinho 204.
Os Negros 205-215.
O candomblé 215-218.
A circulação, o tostão e o pomar 219.
Modos da gente e dos verbos 220-223.
O Infinito e o Futuro 223-224.
Viva o Futuro 224.

CAPITULO XI

NEGAÇÃO DA CULTURA CLASSICA OU INSPIRADA NO CRISTIANISMO; NEGAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO CRISTA

Idéias de Will Durand confrontadas com a do seu tradutor Monteiro Lobato 225-226.
Vieira, Luís de Souza, Bernardes e outros 226-228.
Sutileza de Lobato 228.
Camões 229-233.
Os três viscondes: o Castilho, o de Azevedo e de Sabugosa 234.
Perfeição, solecismo e gramatiquice 235-238.
Castro Alves 241-245.
Gonçalves Dias 246.
A poesia perde "o tamanho" 247.
Shakespeare 248-249.
Miguel Ângelo, Rafael e Da Vinci 250-252.
Palestrina 252-255.

Pgs.

A civilização cristã 256-263.
Palavras de Pio XI sôbre a colaboração de católicos com o Comunismo 264.

CAPITULO XII

NEGAÇÃO DO RESPEITO DEVIDO AOS PAIS, SUPERIORES E PESSOAS IDOSAS; NEGAÇÃO DA POLIDEZ E BOAS MANEIRAS

Partido comunista e Família 265-266.
O exemplo de Paulinho (Pavlik Morosov) 265-267.
A "liberdade" no Sítio do Pica-pau Amarelo e a "liberdade" de Lobato 267-268.
Pai 268-271.
Mãe 271-274.
Avós 274-276.
Madrasta 276-277.
Mestres e educadores 277-278.
Conselheiros 279.
Govêrno eclesiástico 279.
Govêrno civil 280.
Autoridades militares 281.
Pessoas idosas 281-283.
Polidez e boas maneiras 283-291.

CONCLUSAO

O Sítio do Picapau Amarelo e a Brasilidade 293.
Revistas de quadrinhos e literatura infantil de Monteiro Lobato 293.
A verdadeira Brasilidade 294-295.
Preocupação da Rússia e de Lobato com as crianças 295-296.
"O Insensato", de Frederico Nietzsche, ou a sociedade dos sem Deus 296-297.
Clamor 297-298.

APÊNDICE

Objeções e respostas 301-309.
Resposta ao Prof. Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) 311.
Pronunciamento do Episcopado brasileiro 317-327.
Outros depoimentos 329.
Bibliografia 335.

Scanned with CamScanner

CENTROS DE DIFUSÃO
DAS EDIÇÕES PAULINAS

SÃO PAULO	**Pç. da Sé, 124 — 1º andar** **Rua Domingos de Morais, 648** **(Centro Internacional Catequético):** **Pç. Clóvis Bevilacqua, 45**
RIO DE JANEIRO	**Rua 7 de Setembro, 65-A** **Rua Aguiar, 50**
BELO HORIZONTE	**Avenida Alvares Cabral, 51**
CAXIAS DO SUL	**Rua Visconde de Pelotas, 714**
CURITIBA	**Rua Saldanha Marinho, 23**
LINS	**Pç. Coronel Pinto, 389**
NITERÓI	**Tr. Alberto Vitor, 8**
PELOTAS	**Rua 15 de Novembro, 672-A**
PÔRTO ALEGRE	**Rua Dr. Flôres, 252**
RECIFE	**Rua da Concórdia, 167**
SALVADOR	**Av. 7 de Setembro, 215**
URUGUAIANA	**Rua Santana (ao lado da Catedral)**
MARINGÁ	**Pç. Napoleão Moreira da Silva, 439**

Scanned with CamScanner